

**Valores do Olimpismo: um estudo centrado nos Jogos  
Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018**

**PORTO  
2021**

## Índice Geral

<b>Índice de figuras</b> .....	<b>IV</b>
<b>Índice de quadros</b> .....	<b>V</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>VI</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>VII</b>
<b>Lista de abreviaturas</b> .....	<b>VIII</b>
<b>I. Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>II. Referencial teórico de análise</b> .....	<b>13</b>
2.1 Filosofia dos valores .....	15
2.1.1 <i>Quadro axiológico referencial</i> .....	20
2.1.2 <i>Os valores na contemporaneidade</i> .....	25
2.2 Axiologia desportiva .....	33
2.2.1 <i>Um fenômeno cultural global</i> .....	35
2.2.2 <i>Um caleidoscópio de valores</i> .....	41
2.2.3 <i>O desporto e a atual conjuntura axiológica</i> .....	49
2.3 Valores do Olimpismo .....	54
2.3.1 <i>A construção do Olimpismo como paradigma da transcendência humana</i> .....	57
2.3.2 <i>Valores Olímpicos nos Jogos Olímpicos da Juventude</i> .....	70
2.4 A juventude na contemporaneidade.....	85
2.4.1 <i>Um breve panorama epistemológico da juventude</i> .....	86
2.4.2 <i>O que é ser jovem, hoje?</i> .....	94
2.4.3 <i>Ser jovem atleta e suas ambivalências</i> .....	104
<b>III. Delineamento metodológico</b> .....	<b>111</b>
3.1 Contexto.....	114
3.2 Participantes .....	114
3.3 Processo de recolha da informação.....	114
3.3.1 <i>Observação</i> .....	115
3.3.2 <i>Diário de campo</i> .....	117
3.3.3 <i>Entrevistas</i> .....	118
3.3.4 <i>Documentos oficiais</i> .....	119
3.4 Processo analítico .....	120

3.5 Implicações éticas do estudo .....	121
<b>IV. Tarefa descritiva .....</b>	<b>123</b>
4.1 Os documentos .....	125
4.2 As observações.....	135
4.3 As entrevistas.....	139
<b>V. Tarefa interpretativa .....</b>	<b>143</b>
5.1 O discurso oficial acerca dos valores .....	145
5.1.1 <i>A tradição axiológica do Olimpismo</i> .....	145
5.1.2 <i>Os valores dos Jogos Olímpicos da Juventude</i> .....	153
5.1.3 <i>Identidades em jogo</i> .....	162
5.2 Os valores nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 .....	173
5.2.1 <i>Os valores, os sentidos e significados do desporto</i> .....	173
5.2.2 <i>Os valores do Olimpismo e seus contextos de aprendizagem e vivência</i> .....	188
5.2.3 <i>As significações dos atletas acerca dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018</i> .....	211
<b>VI. Considerações finais .....</b>	<b>233</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>249</b>

## Índice de figuras

Figura 1. Estruturação do BAYOGOC.....	128
Figura 2. Selo dos Jogos Olímpicos da Juventude .....	161
Figura 3. Construção do emblema dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.....	164
Figura 4. Estudantes participando de uma atividade desportiva .....	179
Figura 5. Estudantes assistindo uma disputa do handebol de praia .....	179
Figura 6. Valores Olímpicos estampados num espaço de atividades recreativas para crianças .....	202
Figura 7. Jogo interativo sobre os valores Olímpicos .....	203
Figura 8. Cerimônia de premiação da competição de judô por times mistos .....	205

## Índice de quadros

Quadro 1. Problema Fundamentais da Axiologia.....	19
Quadro 2. Identificação dos artigos analisados.....	72
Quadro 3. Identificação dos documentos oficiais analisados .....	129
Quadro 4. Locais de competição dos JOJ BA 2018.....	137
Quadro 5. Caracterização dos jovens atletas entrevistados .....	141
Quadro 6. Aprendizagens proporcionadas pelo desporto na visão dos atletas .....	184
Quadro 7. Os valores do Olimpismo segundo os jovens atletas .....	191

## Resumo

Diante da centralidade que o Olimpismo assume nos Jogos Olímpicos da Juventude, somada a escassez de produções científicas que tematizem os valores neste evento, buscou-se, com esta pesquisa, compreender representações e manifestações dos valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada no paradigma interpretativo, sob a forma de pesquisa de campo, com diversificados métodos de recolha de dados, nomeadamente entrevistas, observação, diário de campo e análise de documentos oficiais. Os resultados revelaram que as representações e manifestações dos valores do Olimpismo no âmbito dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 foram plurais, alocadas em um *continuum* de sentidos e significados interdependentes com polaridades pessoais e institucionais, no qual se deslocavam os diversos atores envolvidos. Com efeito, o evento juvenil, a partir dos esforços do Comitê Organizador, potencializou os aprendizados, as vivências e manifestações dos valores humanos assentes na ideologia Olímpica, sobretudo através dos dois programas que o enformam: o Programa Desportivo e o Programa de Educação e Cultura. Por sua vez, os atletas demonstraram compreensão acerca dos valores que compõem o Olimpismo e alegaram que os Jogos Olímpicos da Juventude se configuraram como um palco para a prática destes valores. Além disso, os jovens atletas relataram que os valores do Olimpismo fundamentam suas atitudes e comportamentos dentro e fora do campo desportivo, representando, portanto, uma filosofia de vida. Isto posto, constatou-se que a prática desportiva, ancorada em valores, pode se configurar como uma bússola axiológica para a vida, orientando uma hierarquização de valores, tão necessária diante do atual relativismo axiológico.

**Palavras-chave:** AXIOLOGIA, EDUCAÇÃO, DESPORTO, JOVENS, OLIMPISMO.

## Abstract

Given the centrality that Olympism assumes in the Youth Olympic Games, added to the scarcity of scientific productions that discuss the values in this event, this research aimed to understand representations and manifestations of the values of Olympism in the Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games. To this end, we adopted a qualitative approach, based in the interpretive paradigm, in the form of field research, with diverse methods of data collection, including interviews, observation, field notes and analysis of official documents. The results revealed that the representations and manifestations of the values of Olympism in the Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games were diversified, allocated in a *continuum* of interdependent senses and meanings with personal and institutional polarities, in which the several participating actors moved. Indeed, the youth event, through the efforts of the Organising Committee, enhanced learnings, experiences and manifestations of human values based on the Olympic ideology, especially through the programs that inform it: the Sports Programme and the Culture and Education Programme. In turn, the athletes demonstrated to understand the values of Olympism and claimed that the Youth Olympic Games were a stage for the practice of these values. Furthermore, young athletes reported that the values of Olympism underlie their attitudes and behavior both inside and outside the sports field, representing a philosophy of life. Thus, it was found that the practice of sports, anchored in values, can be configured as an axiological compass for life, guiding a hierarchy of values, so necessary in face the current axiological relativism.

**Keywords:** AXIOLOGY, EDUCATION, SPORT, YOUNG, OLYMPISM.

## Lista de Abreviaturas

BAYOGOC - *Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee*

COA – Comitê Olímpico Argentino

COI – Comitê Olímpico Internacional

CON – Comitê Olímpico Nacional

FI – Federação Internacional

GCBA – Governo da Cidade de Buenos Aires

IOC – *International Olympic Committee*

JO – Jogos Olímpicos

JOJ – Jogos Olímpicos da Juventude

JOJ BA 2018 – Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018

MO – Movimento Olímpico

OCOG – *Organising Committee of Olympic Games*

PEC – Programa de Educação e Cultura

## I. Introdução

---



A existência humana permeia um conjunto de categorias, classificações, costumes e valores, que é relativamente definido e compartilhado. Compreende-se que os valores são intrínsecos à vida do homem, em que valorar compõe a essência humana, tanto quanto conhecer e querer (Hessen, 1980; Patrício, 1993). Sendo assim, os valores regem as atitudes e comportamentos de indivíduos dentro de uma comunidade e representam características da dinâmica social na qual são fomentados.

Contudo, é difícil determinar rigorosamente uma conceituação sobre valor, pelo que esse termo é transversal a diversas áreas, permeando desde o domínio da economia à teologia, assumindo assim um caráter polissêmico (Resweber, 2002). No campo filosófico, a Axiologia, isto é, a filosofia dos valores, tem se debruçado sobre o conhecimento das características gerais dos valores. Dentre essas características é válido enfatizar a classificação, a polaridade e a hierarquização dos valores.

No que tange a classificação, observa-se que, embora haja uma diversidade de agrupamentos, as ordens mais correntes são dos valores vitais, éticos, estéticos e espirituais/religiosos. A polaridade compreende a existência de valores positivos e negativos dentro das classes estabelecidas. Por sua vez, a hierarquização pressupõe a disposição das ordens de valores em diferentes níveis a partir do grau de relevância (Resweber, 2002; Patrício, 1993). Com isso, torna-se possível refletir e orientar o ser, o pensar e o agir, individual e coletivo.

Na esteira das produções axiológicas, nos deparamos com a teorização robusta do professor Manuel Patrício, o qual coadunou os estudos axiológicos e pedagógicos para estruturar uma Axiologia Educacional. Em que pese a formulação de Patrício estar direcionada para o campo educacional, ela abrange toda e qualquer atividade formativa, caracterizando-se como uma Axiologia Geral aplicada à totalidade do humano (Patrício, 1993). Nesse sentido, pode-se adotá-la para estudos relativos ao desporto, como realizado por Queirós (2004), Moura (2011) e Baía (2017). Portanto, a elaboração teórica do professor Manuel Patrício se constitui como uma referência axiológica de análise neste trabalho.

De acordo com Patrício (1993), a vida do ser humano é, em essência, uma práxis axiológica. Portanto, o autor institui a praxiologia dos valores como

uma das questões fundamentais da Axiologia, orientada para um processo permanente de aprendizagem e aperfeiçoamento da humanidade do homem. Neste escopo, destaca-se a sua proposta de hierarquização, apresentada com uma profundidade explicativa, histórica e filosófica, sendo composta pelas seguintes ordens de valores: vitais, práticos, hedonísticos, estéticos, lógicos, éticos e sagrados.

Cabe salientar que cada uma dessas ordens engloba uma generalidade profunda de valores, que se organiza a partir das subjetividades canalizadas pelos pressupostos culturais. Assim, assume-se o entendimento de que cada indivíduo hierarquiza os valores de maneira diversa, o que implica, até mesmo, a não adesão a alguma classe de valores em certos momentos de sua trajetória.

Entretanto, como assevera Patrício (1993), a existência do homem só se realiza na sua plenitude se for conduzida sob um referencial axiológico fincado na dignidade humana. Para tanto, o meio social contribui sobremaneira para a construção e experimentação da hierarquização dos valores.

Isto posto, as diversas transformações ocorridas no último século, especialmente nos âmbitos econômico, político, científico e tecnológico, impactaram as instituições sociais fundamentais para a promoção da normatividade. Por conseguinte, os alicerces axiológicos foram desestabilizados, abalando as bases existências dos indivíduos. Concomitantemente, identifica-se na contemporaneidade a coexistência de uma gama diversificada de valores concorrentes que torna complexa a identificação e a orientação axiológica.

Conforme descreve Patrício (1993, p. 26),

o que se constituiu o solo sobre o qual se aprendeu a andar e se considerava eterno dissolveu-se no ar. O que era deixou de ser. O que valia deixou de valer. O que não se imaginava que se pudesse vir a ser, é. O que não se imaginava que pudesse vir a valer, vale.

Diante desta crise de valores, em que os referenciais sólidos foram destituídos e uma pluralidade de princípios foi encetada, emerge o relativismo axiológico, no qual todos os valores são equivalentes, incumbindo assim o indivíduo de ser a sua própria fundamentação. Neste cenário, o subjetivismo, a frivolidade e o hedonismo são radicalmente afirmados, construindo uma genuína Torre de Babel axiológica (Gervilla, 1993).

Todavia, há de se ratificar que as classes de valores e sua escala de valia fundam o sentido de organização e relação (comunicativa), representando um elo para a intersubjetividade. Nas palavras de Resweber (2002, p. 29) “os valores indicam o meio possível de uma travessia, mas também os limites, que os sujeitos desejosos de entrar em relação uns com os outros, devem respeitar”. Logo, torna-se fulcral a abordagem dos valores nas sociedades contemporâneas direcionada para uma regeneração prospectiva de um quadro de valores (mínimos) universais, salvaguardando a liberdade, a autonomia e a responsabilidade dos indivíduos.

Nesse contexto, direcionamos nossa atenção para um fenômeno cultural que parece ainda manter um horizonte de valores partilhados universalmente: o desporto. Reconhecidamente o desporto se constitui como uma prática social de alcance global circunscrita por um conjunto de valores, que é assimilado, vivenciado e (trans)formado a partir dos sentidos e significados que seus praticantes lhes atribuem (Galatti, Paes, Collet e Seoane, 2018). Assim, o desporto se configura como uma práxis axiológica, cuja dimensão universal possibilita que seus valores sejam propagados e produzidos através do tempo e das sociedades.

Embora concentre uma pluralidade de cenários, práticas e praticantes, o que legitima o desporto é o homem, enquanto um ser essencialmente cultural, ou seja, capaz de atenuar suas limitações e expandir a sua natureza, transcendendo-a (Kröeber, 1993; Garcia, 2015). Portanto, ancorados na concepção de Garcia (2015), compreendemos a prática desportiva como uma atividade cultural constituída por uma leitura axiológica de elementos motores, a qual é determinada na inter-relação entre indivíduo e sociedade (Garcia, 2015).

De tal modo, evidencia-se uma estreita vinculação entre desporto, valores e sociedade, em que os valores mais sublimes da condição humana encontram-se expressos no desporto, ao mesmo tempo que ultrapassam as quatro linhas do campo. Sendo assim, o aprendizado de valores como respeito, cooperação, justiça, amizade, *fair play*, disciplina, perseverança, dedicação etc., adquirido na prática desportiva, pode ser transposto para a vida social.

Segundo Monteiro e Garcia (2012, p. 311),

o desporto ensina a viver, não exercendo uma influência apenas na dimensão da técnica, da tática, do físico ou do psicológico, mas edificando e estimulando o praticante através da experiência em valores, a buscar uma vida de ideais e de compromisso com o bem viver.

Nesse sentido, o desporto possui uma potencialidade pedagógica, que se torna imprescindível para uma formação humana em valores, sobretudo diante de um panorama de fragmentação das cosmovisões. Contudo, faz-se necessário que a sua prática seja dirigida para o desenvolvimento e aprimoramento do ser humano.

Imbuído neste propósito, em 1894, o pedagogo e historiador francês Pierre de Frédy, também conhecido por Barão de Coubertin, propôs a realização dos Jogos Olímpicos (JO) da era moderna. Entretanto, os Jogos seriam a celebração do verdadeiro projeto de Coubertin, que vislumbrava aliar desporto, educação e cultura, para atingir o desenvolvimento balanceado das qualidades intelectuais, morais e físicas do ser humano (Müller e Todt, 2015).

Para tanto, o barão concebeu o Olimpismo, uma filosofia de vida que incorpora um arcabouço de valores mediado pela prática desportiva, cuja finalidade é maximizar as virtudes humanas. Acima de tudo, o Olimpismo visa, através do desporto, promover uma educação para a paz, para a coexistência, para o respeito, para o entendimento mútuo e para a preservação da dignidade humana. Nas palavras do Comitê Olímpico Internacional (COI) isto significa “colocar o desporto a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade” (International Olympic Committee [IOC], 2017, p. 11).

Contudo, Coubertin não estabeleceu uma definição clara e precisa para sua filosofia Olímpica, o que tem suscitado no decorrer dos anos diversas reflexões na área dos Estudos Olímpicos (Loland, 1995; Parry, 1994; DaCosta, 2006). Desta forma, o Olimpismo permeou um processo de construção de consenso em torno dos valores, dada a necessidade de universalização e continuidade do Movimento Olímpico (MO) (Chatziefstathiou, 2005). Assim, uma gama de valores humanos (pretensamente) universais foram associados ao Olimpismo, de tal maneira que, em diferentes períodos históricos, diversas culturas ao redor do mundo se apropriaram dos valores Olímpicos.

No entanto, no ano de 2007, o Comitê Olímpico Internacional decidiu sintetizar os valores do Olimpismo em três: excelência, amizade e respeito. Em seus documentos, o COI esclarece a compreensão destes valores:

- Excelência: fazer o melhor que podemos, no campo de jogo ou na vida profissional. O importante não é vencer, mas participar, progredindo e desfrutando da combinação saudável do corpo, da mente e da vontade;
- Respeito: inclui o respeito por você e pelo seu corpo, pelas outras pessoas, pelas regras e regulamentos, pelo desporto e pelo meio ambiente;
- Amizade: este valor está no cerne do Movimento Olímpico. Isso nos incentiva a ver o desporto como um instrumento de compreensão mútua entre todas as pessoas (IOC, 2018a)<sup>1</sup>.

Vale ressaltar que os valores do Olimpismo devem nortear todas as ações dentro do Movimento Olímpico, atuando como um código de conduta para todos os entes envolvidos nas atividades olímpicas, sejam elas desportivas, burocráticas, voluntárias, dentre outras.

Com efeito, a concepção do Olimpismo demarcou a ligação entre desporto, educação e valores, de modo que o entendimento contemporâneo sobre a função pedagógica da prática desportiva advém, em grande parte, da influência do Movimento Olímpico (Tavares, 2007). Somado a isto, a filosofia Olímpica igualmente contribuiu para a difusão e magnitude dos Jogos Olímpicos no contexto internacional. Atualmente, o evento corresponde a uma proeminente referência de competição, em que o termo “Olimpíada” denomina, até mesmo, competições fora do contexto desportivo, a exemplo das Olimpíadas de Matemática.

Nesse ínterim, o Movimento Olímpico teve de se adequar a novas demandas socioeconômicas e políticas, e com isso, algumas mudanças foram adaptadas e incorporadas aos Jogos Olímpicos, transformando, sobremaneira, a organização e representação do evento. Durante as décadas de 1970 e 1980, os JO passaram por um processo de profissionalização, tanto do evento em si quanto dos atletas, o que culminou na comercialização e na espetacularização dos Jogos, dentre outras consequências. Gradualmente, os JO se

---

<sup>1</sup> Informamos que todas as traduções citadas foram realizadas pela autoria deste trabalho.

transformaram em um grande negócio, requisitando cifras exorbitantes para sediar o evento, e sendo, muitas vezes, mal utilizadas. Agrega-se a este fato, as denúncias de corrupção envolvendo membros do MO, que abarcam desde a eleição da cidade-sede até a realização do evento, afetando assim a integralização dos valores do Olimpismo (Rubio, 2019).

Sabe-se que os Jogos Olímpicos modernos foram inspirados nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, entretanto, as competições já não são as mesmas, tampouco o local e o sentido (mítico-religioso), logo, reiteramos que a ponte entre passado e presente – e, provavelmente, o futuro – é de natureza axiológica, expressa pelo compromisso de renovar, celebrar e compartilhar os mais altos valores da humanidade (Monteiro e Garcia, 2016).

Nesse sentido, o COI tem buscado reorientar os rumos do MO, atentando para as questões nevrálgicas que permeiam o mundo Olímpico e se empenhando para resgatar o seu quadro axiológico fundamental (IOC, 2014a). Diante disto, os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ) emergem como o mais recente evento chancelado pelo Movimento Olímpico, planejado para disseminar o Olimpismo entre os jovens, assim como expandir a participação desportiva neste grupo (IOC, 2015).

Para isto, a estrutura do evento engloba duas programações essenciais: o Programa Desportivo (PD), que trata das competições atléticas, e o Programa de Educação e Cultura (PEC), que aborda temas relacionados ao Olimpismo, ao estilo de vida saudável, a carreira desportiva e pessoal dos atletas, a responsabilidade social e a expressividade, especialmente no que concerne as mídias sociais digitais (IOC, 2015). Nesse enquadramento, o Comitê Olímpico Internacional revela o intento para com a formação dos jovens atletas, oportunizando a participação numa competição de elite, aliada a uma educação em valores.

Além disso, a introdução de novas modalidades nos JOJ, o uso de aparatos tecnológicos para comunicação entre os jovens atletas, bem como a presença do Movimento Olímpico nas redes sociais digitais, demonstram um apelo à juventude.

Sendo este grupo o público-alvo da restauração do Olimpismo, cumpre-nos tecer algumas considerações sobre ele. Pese embora haja uma diversidade de fatores que impacta a forma de se viver a juventude<sup>2</sup>, existe uma condição juvenil que é, relativamente, partilhada pelos jovens, a qual, segundo Groppo (2004), se manifesta na relação experimental com os valores e com a realidade social. Significa dizer que os jovens tendem a priorizar a vivência espontânea das estruturas sociais em detrimento da racionalização do curso da vida, o que pode gerar uma apropriação, adaptação ou rejeição de ideias, valores, comportamentos e instituições (Groppo, 2004; Pais, 2016).

Nesse escopo, cabe acentuar que a prática do desporto de alto rendimento se constitui como um elemento que distingue os jovens atletas de seus semelhantes, fazendo com que a juventude assuma contornos peculiares (Valle, 2003). Posto isto, enfatiza-se a imprescindibilidade da reflexão acerca da tríade valores, desporto e jovens, relação esta que fundamenta os Jogos Olímpicos da Juventude.

Desde a proposta de criação dos JOJ, estudos têm sido realizados na área acadêmica, retratando o evento a partir de diversas perspectivas. No que tange a análise de valores no referido evento, Medeiros, Garcia, Santos e Valente (2020) identificaram uma escassez que pesquisas, principalmente em língua portuguesa. A partir de um estudo de revisão, os autores identificaram cinco produções científicas, em formato de artigo, que versavam sobre esta temática. Dentre eles, apenas um trabalho teve como foco examinar a percepção dos jovens atletas sobre os valores Olímpicos (Derwent e Çotuk, 2013).

Se considerarmos a recente história dos Jogos Olímpicos da Juventude, contabilizando apenas seis edições desde a sua criação em 2007, torna-se compreensível a pouca quantidade de trabalhos produzidos até então, nomeadamente no que concerne a abordagem axiológica. No entanto, ao observar os objetivos propostos para o evento percebe-se a centralidade dos valores do Olimpismo, especificados nos seguintes propósitos: “oferecer uma exclusiva e poderosa introdução ao Olimpismo; inovar em educação e debate

---

<sup>2</sup> Que tem levado, inclusive, a abordagem do termo no plural: juventudes (Ver tópico 2.4).

dos valores Olímpicos e desafios da sociedade; alcançar comunidades jovens do mundo para promover valores Olímpicos” (IOC, 2015, p. 1).

Assim, as problemáticas que motivam este trabalho são: como são representados e manifestados os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018? Qual a concepção dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo? Qual a representação discursiva difundida pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 acerca dos valores do Olimpismo? Em que/quais circunstâncias e de que modo os valores do Olimpismo são manifestados nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018?

Justifica-se a escolha de Buenos Aires 2018 em decorrência de ser uma edição de verão, a qual tem uma abrangência maior em relação a edição de inverno, e, conseqüentemente, por ser a mais recente. De todo modo, tendo em conta que o universo axiológico simboliza uma condição para a existência dos Jogos Olímpicos da Juventude, julgamos que os achados deste trabalho podem ser relativizados para a compreensão dos valores do Olimpismo no seio do evento juvenil. Com isso, vislumbramos com esta tese contribuir com a literatura e impulsionar as produções acerca dos JOJ, especificamente em seu aspecto axiológico.

Para tanto, estabelecemos como objetivo geral desta investigação compreender representações e manifestações dos valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 (JOJ BA 2018). Neste intento, delimitou-se como objetivos específicos: identificar e analisar a representação discursiva difundida pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 acerca dos valores do Olimpismo; compreender as concepções dos atletas sobre os valores do Olimpismo; analisar as significações dos atletas sobre os Jogos Olímpicos da Juventude, centradas em sua participação em Buenos Aires 2018; e compreender de que modo e em que/quais circunstâncias os valores do Olimpismo são manifestados nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

Deliberamos, então, por adotar uma abordagem qualitativa, ancorada no paradigma interpretativo, sob a forma de pesquisa de campo, com diversificados

métodos de recolha de dados: observação, entrevistas, diário de campo e análise de documentos oficiais. Para a tarefa interpretativa, definiu-se as seguintes etapas: (1) análise exploratória dos textos e falas; (2) análise comparativa dos dados oriundos dos diferentes métodos; por fim, (3) a interpretação dos dados a partir do campo teórico de análise.

Diante do exposto nessa introdução, o presente estudo se estrutura a partir de seis partes. No ponto seguinte (II. Referencial teórico de análise) estão apresentados os principais subsídios teóricos para a compreensão do nosso tema de investigação, divididos em quatro tópicos. No tópico 2.1 discorremos sobre as características da teorização dos valores, a Axiologia, evidenciando o quadro axiológico do professor Manuel Patrício (Patrício, 1993), e finalizamos debatendo os valores na contemporaneidade. A axiologia desportiva tem lugar no segundo tópico, no qual enquadrámos nossa perspectiva sobre o desporto e sua relação com os valores, adicionalmente, aludimos as transformações do contexto desportivo diante da atual conjuntura axiológica. O tópico 2.3 refere-se à construção histórico-filosófica do Olimpismo, enfatizando seu apelo à transcendência humana, e é encerrado com a exposição de produções científicas que analisam os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude, sobretudo a partir do estudo de Medeiros, Garcia, Santos e Valente (2020). O último tópico do nosso referencial teórico comporta a discussão sobre a juventude, intentando delimitar o que configura ser jovem nos dias de hoje, conduzindo para o reconhecimento das ambivalências que circundam os jovens atletas.

No item III, demarcamos o nosso delineamento metodológico, descrevendo o contexto da pesquisa, os participantes, os métodos de coleta dos dados e o processo analítico. O tópico subsequente trata da tarefa descritiva das informações recolhidas (IV. Tarefa descritiva), em que as observações, as entrevistas e os documentos analisados são detalhadamente apresentados.

A tarefa interpretativa está situada na quinta parte (V. Tarefa interpretativa), onde analisamos, inicialmente, os documentos produzidos pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, constatando a existência de três núcleos axiológicos, a saber: (1) a tradição

axiológica do Olimpismo; (2) os valores dos Jogos Olímpicos da Juventude e (3) identidades em jogo. Posteriormente, nos debruçamos sobre a interpretação dos dados oriundos das entrevistas, do diário de campo e dos documentos publicados pelo Comitê após os Jogos de Buenos Aires 2018, que está sistematizada em três eixos temáticos: (5.2.1) Os valores, os sentidos e significados do desporto; (5.2.2) os valores do Olimpismo e seus contextos de aprendizado e vivência; (5.2.3) As representações dos atletas sobre os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

Por fim, nas considerações finais (tópico VI) estão sintetizados os principais resultados obtidos, em articulação com os objetivos propostos para este trabalho. Apresentamos também algumas implicações do nosso estudo e possíveis desdobramentos para futuras pesquisas no âmbito da triangulação entre valores, desporto e juventude.

## **II. Referencial teórico de análise**

---



## 2.1 Filosofia dos valores

A filosofia dos valores, também denominada de Axiologia, teve origem entre os meados do século XIX e início do século XX, imbricada numa tarefa de estabelecer uma ética sobre a constituição da vida humana. Esta teoria autônoma no campo da filosofia é oriunda do utilitarismo anglo-saxônico, sendo, portanto, orientada pela intencionalidade da razão ocidental (Resweber, 2002).

O estudo dos valores não compreende uma tarefa simples, exige, sobretudo, a análise de reflexões por vezes influenciadas por correntes filosóficas divergentes. Como salienta Resweber (2002, p. 103), o próprio conceito de valor concentra muitas ambiguidades: “as do idealismo platônico, da visão medieval do mundo cristão, da filosofia do sujeito, da reflexão transcendental, do liberalismo econômico, da teologia do mérito...”. Sendo assim, tal conceituação não pode ser definida em termos rígidos, tendo em vista a polissemia deste termo. Contudo, embora com certas limitações, é possível clarificar a compreensão acerca dos valores.

Isto posto, duas escolas são identificadas como pioneiras nos estudos axiológicos: a Escola Austríaca e a Escola de Baden. Para a Escola Austríaca, “o valor corresponde ao desejo despertado pelas coisas e é mediado pela intensidade desse desejo” (Patrício, 1993, p. 33). Em outras palavras, pode-se dizer que os valores são genuinamente subjetivos, pois estão circunscritos ao sujeito que valora.

Em contrapartida, a Escola de Baden enfatizou a existência exterior dos valores, sendo estes normativos e absolutos. Para os objetivistas, “é o valor que reside na esfera da cultura e dá a esta o caráter absoluto e válido para além das contingências dos tempos” (Patrício, 1993, p. 236-237). O caráter dualista (subjetivo-objetivo) esteve presente nas primeiras investigações axiológicas, e persiste até hoje no campo da reflexão filosófica dos valores.

Não obstante, Lucas e Passos (2015) ponderam que não há contradição entre a objetividade e a subjetividade, pois a condição objetiva e/ou subjetiva do valor sofre variações na hierarquia de valores. Além disso, o valor possui um caráter relacional que exige a presença do sujeito e do objeto, e é afetado

---

diretamente por fatores dinâmicos. Portanto, embora esta seja uma questão epistemologicamente complexa, tais perspectivas podem ser compreendidas como complementares em detrimento de posições insulares.

Para além desta questão, podemos ressaltar também algumas características gerais dos valores, tais como classificação, polaridade e hierarquização. Segundo Resweber (2002, p. 105), “os valores estão organizados e estruturados em níveis, que se explicam uns pelos outros. Estes são conscientes, mas também complementares, de tal modo que, ao visar um valor particular, visa-se implicitamente a totalidade da ordem, na qual aquele se encontra inscrito”.

É perceptível nas teorias axiológicas o agrupamento dos valores em classes ou ordens, existindo uma diversidade de classificações ou tipologias de valores de acordo com cada corrente teórica. As classificações mais comuns apresentam, por exemplo, as classes dos valores éticos, estéticos, vitais e espirituais/religiosos (Resweber, 2002; Patrício, 1993). Contudo, cabe ressaltar a incomensurabilidade dos valores inseridos nestas classificações.

Dentro da ordem dos valores há também um sistema de polaridade, que consiste na oposição entre os valores positivos e negativos, entre valor e desvalor/antivalor. Embora a palavra valor seja frequentemente utilizada em uma condição de positividade, a designação valorativa também ocorre no sentido negativo. Entretanto, o desvalor não extingue o valor, apenas elimina a condição de positividade do valor. Sendo assim, o valor negativo também está inserido na ordem dos valores, em sua estrutura polar.

Observa-se na literatura axiológica a estruturação hierárquica dos valores como uma das suas características essenciais. “O valor não apenas é valor; ao mesmo tempo, o valor tem valor. Alguns valores têm mais valor do que os outros [...]” (Patrício, 1993, p. 66). Esta condição dos valores escalona-os tanto entre as diferentes classes quanto dentro da mesma classe, organizando-os em níveis hierárquicos.

Um dos filósofos que se dedicou a esta problemática foi Max Scheler, o qual elencou cinco critérios para determinar a superioridade e inferioridade dos valores. O primeiro critério refere-se à duração: os valores mais elevados são

---

aqueles que permanecem ao decorrer do tempo. Em seguida, aplica-se o critério da divisibilidade: os valores mais elevados são aqueles que podem ser possuídos de maneira indivisa por uma pluralidade de sujeitos, ou seja, quanto menos divisível for mais alto é o valor. O terceiro critério relaciona-se com a satisfação: os valores mais altos trazem maior satisfação àqueles que os experimentam. Em quarto lugar está a fundamentação: os valores que servem de fundamento a outros são mais elevados que os que se fundam nele. E, por fim, o critério da relatividade: os valores superiores encontram-se mais próximos aos valores absolutos (como é o valor vital, por exemplo) (Patrício, 1993).

Embora de grande relevância para a área da Axiologia, esta sistematização de Scheler foi alvo de críticas por apresentar uma escala muito rudimentar, em que as distâncias entre os valores foram esboçadas de maneira lacônica.

De todo modo, a subordinação dos valores incide sobre a positividade e a negatividade de um comportamento axiológico, ainda que cada sujeito possua sua própria hierarquia de valores, a qual pode, inclusive, ser modificada ao longo da vida. No entanto, isto não significa que os sujeitos são a medida dos valores, em outras palavras, que os valores valham para este ou aquele sujeito. Há, sobretudo, uma validade absoluta dos valores que se encontra atribuída ao sujeito humano (Hessen, 1980).

Nesse sentido, Reale (1991) defende a tese da necessidade de invariantes axiológicas, ou seja, valores fundamentais e fundantes da ordem cultural que guiem os homens e sejam mantenedores do diálogo e da mútua compreensão entre seres humanos.

No entanto, para se estabelecer uma escala hierárquica de valores é preciso ponderar alguns fatores limitantes, como a instabilidade axiológica e as circunstâncias de realização dos valores. Além disso, é preciso elucidar qual ou quais são os referenciais teóricos do campo da Filosofia dos Valores que serão utilizados para nortear uma pirâmide axiológica.

Dentro desta perspectiva, Patrício (1993) apresenta algumas obras fulcrais da Axiologia para o desenvolvimento da sua teorização acerca da Axiologia Educacional, e especialmente para a elaboração do seu

---

enquadramento das ordens de valores. Refere-se, principalmente, às conceituações de Hessen, Mora e Lavelle.

A obra de Johannes Hessen, *Filosofia dos Valores* (1967), apresenta quatro áreas em que se enquadram os problemas axiológicos, são estas: (1) ontologia dos valores, que pauta-se na essência dos valores e, por conseguinte, na sua validade, classificação e hierarquia; (2) gnoseologia dos valores, que teoriza o conhecimento dos valores; (3) antropologia dos valores, que relaciona os valores e o homem; e (4) teologia dos valores, que aborda a relação entre os valores e Deus.

A sistematização criada por José Ferrater Mora definiu as seguintes características dos valores: (1) o valer, que se refere ao caráter real do valor, ou seja, "o valor é valente, não é ente nem é válido"; (2) a objetividade, pois, identifica-se que o valor é independente às preferências pessoais; (3) a não-independência, visto que, embora o valor seja independente das subjetividades, existe uma dependência ontológica dos valores; (4) a polaridade, ou seja, são positivos ou negativos; (5) a qualidade e (6) a hierarquia, que permite comparar os valores qualitativamente e subordinadamente (Patrício, 1993, p. 43).

Louis Lavelle, por sua vez, buscou em sua obra, *Tratado dos Valores* (1951), explicar o êxito da *Filosofia dos Valores*, tendo em vista que a investigação do valor é tão remota quanto a reflexão. No entanto, na modernidade, as preocupações com o significado da vida juntamente com o processo científico reconfiguraram a problemática dos valores. Contudo, para Lavelle, a *Filosofia dos Valores* não é uma ciência autônoma, esta se configura como metafísica, uma vez que se constitui como uma consciência restaurada de que "o problema do sentido – da vida, do mundo, da acção – é o problema fundamental" (Patrício, 1993, p. 45).

A partir destas teorizações de Hessen, Mora e Lavelle, Patrício (1993) elabora uma esquematização da Axiologia Educacional como uma Axiologia geral aplicada à totalidade do humano, e inaugura mais uma ordem de problemas axiológicos: a praxiologia dos valores, partindo da concepção que a vida axiológica do homem é, essencialmente, uma prática. Deste modo, a praxiologia dos valores é acrescentada ao quadro de problemas fundamentais

da Axiologia Geral (Hessen), identificando também suas temáticas, como apresentado no quadro a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1.** Problemas Fundamentais da Axiologia

CLASSES DE PROBLEMAS	PROBLEMAS
Ontologia dos Valores	O ser dos valores O valer dos valores Ordens de valores Classificação dos valores Hierarquia dos valores Estrutura dinâmica global dos valores
Gnoseologia dos Valores	Como se conhecem os valores Os valores e os sentidos Os valores e o intelecto Os valores e a razão Os valores e o sentimento Os valores e o desejo Os valores e a vontade Os valores e o hábito Os valores e a educação Os valores e a cultura
Antropologia dos Valores	Biologia dos valores Psicologia dos valores Sociologia dos valores Antropologia Cultural dos valores História dos valores Personologia dos valores
Teologia dos Valores	Deus e os valores: Deus como o princípio dos valores Deus como "obstáculo" à realização axiológica do homem Deus como "estímulo" à realização axiológica do homem Deus como "meta" axiológica do homem A realização dos valores, passiva e activa, como participação na vida divina
Praxiologia dos Valores	Definição da práxis axiológica Momentos da práxis axiológica Condições da práxis axiológica Metodologia indutória da práxis axiológica Tipos personológicos e formas de vida

Fonte: Patrício (1993, p. 47).

O primeiro problema enunciado por Patrício (1993) é a definição da práxis axiológica, que por sua vez refere-se à realização dos valores. No entanto, esta realização dos valores pressupõe vivenciá-los integralmente nos diversos

momentos da práxis axiológica, os quais são: percepção ou identificação do valor; fruição, que se relaciona a com-prazer-se com o valor; criação ou incorporação do valor; e promoção/difusão, que consiste na indução no outro da experiência do valor.

Posteriormente, são explanadas as condições da práxis axiológica, representadas pelos bens (objeto ou ação), pela situação axiológica-educativa, pelos indutores axiológicos (educadores), e pela disponibilidade do sujeito axiológico (educando).

A partir da compreensão de Patrício (1993, p. 60) que "contribuir para a edificação do humano no homem é a tarefa e a missão do educador", exige-se do indutor axiológico o domínio e o conhecimento da metodologia mais adequada e necessária à práxis axiológica.

Por fim, incluem-se na praxiologia dos valores os tipos personológicos, pautados no respeito a individualidade de cada educando, e a configuração de formas de vida concebidas a partir de uma hierarquia de valores.

Para Patrício (1993), a educação deve pautar-se nas seguintes ordens de valores: utilidade, prazer, verdade, beleza, bem e sagrado ou divino. Dentro destas ordens há um número indefinível de valores, que se organizam conforme ideais sociais dominantes e aspectos subjetivos, gerando uma multiplicidade estruturada de valores.

### **2.1.1 Quadro axiológico referencial**

A teorização da Axiologia Educacional organizada pelo autor Manuel Patrício é extensível a diversas atividades que permeiam a formação humana, sobretudo, onde existe um caráter pedagógico implícito, a exemplo do desporto. A concepção axiológica de Patrício tem sido referenciada em diversos estudos do gênero nas Ciências do Desporto<sup>3</sup>, asseverando a excelência e a atualidade do pensamento do referido autor. Deste modo, temos por objetivo, neste tópico,

---

<sup>3</sup> Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Queirós (2004), Couto (2006), Reis (2009), Moura (2011), Baía (2017) e A. M. Pereira (2021).

---

apresentar o quadro axiológico do professor Manuel Patrício, o qual adotamos como referência para as nossas análises.

Dadas as similitudes, dissensões e multiplicidade dos valores, demanda-se um sistema de classificação, agrupando-os a partir de uma escala de valia das ordens de valores. Contudo, adverte-nos Patrício (1993) sobre a imprudência em determinar os valores a serem promovidos, arriscando-se numa classificação inconsistente e lábil. Sendo assim, estabelece as seguintes classes fundamentais dos valores: vitais, práticos, hedonísticos, estéticos, lógicos, éticos e sagrados.

O valor vital corresponde ao sustentáculo de todos os valores que envolvem o ser humano. Sendo assim, é considerado o valor primário da existência humana, que busca garantir e preservar a vida. "O valor da vida reside neste impulso vital que se situa entre a vontade de viver, a qualidade e a continuidade da vida" (Baía, 2017, p. 16).

Para definir os valores práticos, Patrício (1993) analisa criticamente relevantes concepções modernas de prática a partir de Auguste Comte, John Dewey, Benedetto Croce, Henri Bergson e da filosofia marxista. No positivismo comteano, a prática tem o intuito de regenerar a sociedade humana, entretanto, o excesso de cientificismo nesta teoria obstou uma compreensão do homem em sua totalidade, e por conseguinte, o próprio sentido da prática. No pragmatismo, evidencia-se a subordinação da teoria à prática, em outras palavras, o conhecimento só é verdadeiro na exata medida em que é capaz de transformar e melhorar a realidade, ou seja, se for útil.

Por sua vez, em Croce e Bergson ressalta-se a indissociabilidade entre pensamento e ação (ação-volição) para constituição da realidade. "A prática humana estende-se para além das chamadas necessidades vitais [...] e a inteligência humana estende-se para além das actividades puramente práticas" (Patrício, 1993, p. 94). Podemos depreender que o "fazer teórico" e o "fazer prático" estabelecem uma relação de interdependência aspirando uma produção (*poiesis*). Por fim, no marxismo encontra-se a centralidade da ação transformadora, assim, "a prática é a totalidade dialéctica da actividade humana" (Patrício, 1993, p. 98).

---

No decurso destas reflexões, Patrício (1993, p. 101) distingue o pensar teórico do pensar prático, sendo o primeiro impulsionado pela verdade e o segundo para a transformação da realidade, contudo, "toda prática eficaz repousa numa teoria mínima". Nesse sentido, a prática é mutuamente inerente a teoria, constituindo-se como uma prática instrumental que serve para realizar as atividades e concretizar todos os valores do homem (prática culminante).

Em suma, "os valores práticos são, pois, os valores de serviço: são instrumentos de realização dos outros valores" (Patrício, 1993, p. 107). Logo, os valores práticos juntamente com o valor vital formam a base da hierarquia de valores, sendo o primeiro nível da vida axiológica.

Os valores hedonísticos, embora não assumam uma classificação independente na ordem de valores da Axiologia Geral, adquirem autonomia no quadro axiológico de Manuel Patrício. Destarte, o hedonismo categorizado por Patrício coaduna as noções de prazer cunhadas por Epicuro e por Aristóteles. Na ética epicurista, os prazeres, sobretudo os da alma, associados a virtude da temperança são os alicerces para o desenvolvimento do bem estar físico e espiritual do homem. Já na ética aristotélica, acrescenta-se a relação entre os prazeres e os atos, em quem os atos nobres conduzidos pela virtude correspondem aos prazeres mais nobres do indivíduo.

Isto posto, Patrício (1993, p. 115) ressalva que "os prazeres do corpo não são, necessariamente, eticamente maus. Não há vida humana sem corpo. O que é preciso é saber viver eticamente o corpo". E, nesse sentido, elenca três grandes princípios para esta vivência: o equilíbrio, a globalidade axiológica e a hierarquia dos valores. Diante disto, e levando em consideração a centralidade do prazer no contexto contemporâneo, o autor destaca a imprescindibilidade de uma educação para os prazeres, sejam eles lúdicos ou dos sentidos (físicos), e superiormente os prazeres espirituais relativos à beleza (estéticos), a verdade (lógicos), ao bem (éticos) e ao sagrado (religiosos).

No que concerne aos valores estéticos, sabe-se que, historicamente, o homem cultua a beleza, sendo esta uma necessidade essencial. Assim, os valores estéticos expressam-se na experiência sensível da beleza. Segundo Patrício (1993), esta experiência sensível é composta por dois níveis distintos: a

---

sensorialidade, que anuncia a beleza, ou seja, fornece a sensação de que há algo passível a um juízo de valor – estético; e a sensibilidade, a qual permite aceder ao valor estético que foi despertado pela sensação.

Desta forma, tal experiência sensível deve-se pautar a partir da triangulação entre a fruição, a criação e a reflexão, onde a educação estética suscita pensar a beleza e a educação artística prepara para a fruição e realização da beleza. Entretanto, embora haja uma relação visceral entre estas duas áreas, "a educação estética é algo mais amplo que a educação artística. É, talvez, a coroa desta" (Patrício, 1993, p. 126).

Portanto, os valores estéticos são de suma importância para a educação integral da pessoa humana. Todavia, estes valores são subvalorizados e subcultivados em um contexto atual que está orientado para o prático utilitário e para o racional intelectualista. Convém então, como nos apresenta Patrício (1993, p. 117), ampararmo-nos na concepção hegeliana, em que "o Belo é a expressão sensível da Ideia", sendo assim, toda experiência estética possui um teor sentimental, bem como toda experiência filosófica tem um teor racional e especulativo. E na definição platônica de que "a Beleza é o esplendor da Verdade" (p. 118). Há, pois, uma relação interdependente e profunda entre as ordens de valores estéticos, práticos e lógicos.

Os valores lógicos, por sua vez, são os valores de conhecimento ou de verdade, no entanto, estes valores estão circunscritos em uma gama diversificada de perspectivas para o seu entendimento. Patrício (1993) inicia sua compreensão a partir da "Crítica da Razão Pura" de Kant, o qual evidencia que todo conhecimento perpassa pela esfera sensível, intelectual e chega a esfera racional. Com isso, torna-se claro que nem todo conhecimento é lógico, assente na razão e na demonstração. Há o conhecimento intuitivo, que é mostrativo e, epistemologicamente, assente na irracionalidade.

Contudo, ontologicamente, o conhecimento intuitivo não é irracional, visto que "o 'logos', que é o que o conhecimento lógico pretensamente nos dá, é a razão de ser de cada coisa conhecida" (Patrício, 1993, p. 131). Assim, o autor assume uma "leitura ontológica" para os valores lógicos, os quais podem ser

---

apreendidos pela razão demonstrativa, pela intuição mostrativa ou até mesmo pela intuição racional.

É preciso considerar, sobretudo, que não há vida humana sem a referência da verdade, o que conduz a uma pergunta capital: "o que é a verdade?". Patrício (1993) fundamenta sua resposta a partir de uma análise etimológica do termo, em que verdade corresponde à realidade. Esse entendimento é ratificado através da abordagem filosófica contemporânea, especialmente a de Heidegger, que assume uma interpretação ontológica-personológica, interligando a verdade e a experiência pessoal e íntima da verdade. Deste modo, "só o aperfeiçoamento contínuo do homem lhe permite o acesso contínuo à verdade" (Patrício, 1993, p. 135).

Neste escopo, a verdade também se constitui como um valor ético. "Os valores éticos são os valores constitutivos da Ética" (Patrício, 1993, p. 155), para aclará-los recorreremos aos seus sentidos fundamentais. Etimologicamente, o vocábulo "ética" deriva do grego *êthos*, que a partir de Aristóteles adquiriu o significado comum de "caráter", "modo de ser" ou "costume".

É recorrente a ligação entre os termos ética e moral, que, por vezes, são tidos como sinônimos, por isso, vale aqui a distinção entre eles. "O vocábulo 'ética' deve ser reservado para o reino dos valores éticos, incluindo os princípios, as categorias e as normas. O vocábulo moral deve ser reservado para o comportamento concreto e a vivência que os homens têm dos valores éticos" (Patrício, 1993, p. 157). A ética é, portanto, usualmente mais utilizada em contextos filosóficos ou racionais, enquanto a moral é utilizada em acepções religiosas ou sociológicas.

Hodiernamente, a palavra ética possui três sentidos fundamentais, que embora sejam distintos, não são excludentes em sua relação, são eles: (1) o sentido de ordem moral ou ordem ética, que consiste na totalidade do dever moral; (2) o sentido das ideias éticas ou morais, que representam a ética como disciplina do pensamento; e (3) o sentido de conduta moral efetiva, referente à ação moral concreta (Patrício, 1993). Consequentemente, a reflexão sobre os valores éticos deve se balizar por estes sentidos.

A postura ética é a que funda qualquer outra postura axiológica do homem, convergindo para o núcleo axiológico central: o Bem. Deste modo, "o referencial de ato ou comportamento ético é o bem, o correto, o certo", assumindo a base que permeia todas as relações humanas (Patrício, 1993, p. 140). Nesse sentido, a relação ética é, essencialmente, uma relação altruísta, em que o cuidado de si torna-se, invariavelmente, um cuidado ético do outro. É neste postulado que também se radicam os valores religiosos.

Os valores religiosos referem-se ao Santo, que para Rudolf Otto é uma categoria explicativa e valorativa oriunda da esfera religiosa, e é "completamente inacessível à compreensão por conceitos" (Patrício, 1993, p. 168). Deve-se, contudo, fomentá-lo, sugestioná-lo, avivá-lo, visto que o culto a Deus desempenha um papel significativo no cumprimento do dever moral que condiciona o homem durante toda sua vida. É sabido, pois, que o sentido axiológico da religião decorre da referência a Deus, concebido por Kierkegaard como princípio moral supremo, fundamental para a existência humana.

Há, porém, uma crise da consciência ocidental contemporânea, por conseguinte da consciência religiosa, que polariza radicalmente a questão de Deus. Esta problemática religiosa é, em seu cerne, uma problemática axiológica, a qual carece uma abordagem acerca dos valores nos tempos atuais.

Cabe salientar que cada vida se desenvolve a partir de diferentes hierarquias, sendo possível até mesmo viver sem que algumas ordens de valores apareçam, ou então que isto ocorra em períodos diversos do desenvolvimento humano, caracterizando uma progressão, regressão ou ruptura axiológica, segundo Patrício (1993).

### ***2.1.2 Os valores na contemporaneidade***

Com o passar do século XIX e início do século XX foram percebidas mudanças em diversos aspectos da sociedade, provenientes de um conjunto de fatores que modificaram, essencialmente, as crenças e princípios em que se

apoiavam o mundo moderno. Surgiram então, as buscas pela compreensão deste momento, resultando nas mais diversas definições.

No sentido de evolução da modernidade, alguns autores, a exemplo de Gilles Lipovetsky e Jean-François Lyotard, denominaram o período de "pós-modernidade", expressão que é alvo de grandes controvérsias entre os teóricos, visto que defende uma ruptura entre os tempos. Todavia, consideramos que as abordagens mais maduras e sofisticadas sobre o tema superam a ideia de ruptura e entendem a situação contemporânea como uma radicalização da modernidade ou como a incompletude do seu projeto (Anthony Giddens). De acordo com Giddens (1998), antes de emergir a pós-modernidade, vive-se as consequências da modernidade, mais radicalizadas e universalizadas. Em outras palavras, pode-se dizer que vivemos numa época em que o que está para nascer ainda não se consolidou, e o que era posto ainda não morreu.

Destacamos que, independente da terminologia, interessa-nos discutir como as características que pautam as sociedades contemporâneas retratam os valores, e, posteriormente, como estes são apropriados e influenciam as práticas desportivas, sobretudo para os jovens.

Cabe-nos demarcar que adotamos a noção de contemporaneidade, a qual abarca a coexistência de diversas camadas de tempo numa mesma sociedade, referencialmente, a ocidental. Não obstante, existe uma condição social generalizada que tem impacto nas relações axiológicas, sobre a qual nos debruçaremos neste tópico.

Giddens (1998) caracteriza a "modernidade tardia" a partir de um conjunto de discontinuidades, as quais empregam uma dinamicidade às instituições. Especificamente três fatores conduziram a esta característica, são eles: (1) a separação do tempo e do espaço, que gerou a padronização dos calendários em escala mundial<sup>4</sup> e a ordenação de "zonas" do dia; (2) a descontextualização, compreendida como o desencaixe das relações sociais de contextos locais, impulsionado por fichas simbólicas (dinheiro) e sistemas periciais (conhecimentos e competências técnicas e profissionais); e (3) a reflexividade,

---

<sup>4</sup> Curiosamente, os Jogos Olímpicos da Antiguidade auxiliaram o estabelecimento de um calendário supranacional, como apresentam Garcia e Cunha (2016, p. 65).

---

ou seja, a constante análise e reformulação das práticas sociais a partir da razão, convergindo com um afastamento em relação à tradição.

Estes motes da razão repercutiram na fundamentação da sociedade exclusivamente em si mesma. Contudo, a reflexividade, neste contexto, conduz a certa labilidade advinda da incessante atualização do conhecimento. Consequentemente, “estamos desorientados num mundo que é totalmente constituído através do conhecimento aplicado reflexivamente, mas onde, ao mesmo tempo, nunca podemos ter a certeza de que qualquer elemento dado desse conhecimento não será revisto” (Giddens, 1998, p. 32).

Podemos associar este panorama aos fundamentos identificados por Gervilla (1993) referentes ao que ele denomina pós-modernidade. O primeiro fundamento é o desencanto e a debilidade da razão. A confiança depositada na racionalidade converteu-se em desconfiança e decepção, visto que a razão se mostrou insuficiente para concretizar as promessas iluministas e explicar as barbáries da humanidade. Deste modo, a razão perdeu credibilidade para assegurar o que é a realidade e/ou o que é o homem. Consequentemente, observa-se a perda do fundamento (segundo ponto característico da pós-modernidade). Com isso, há uma pluralidade de referências e cosmovisões fragmentadas, em que cada indivíduo possui um reino de subjetividade autônomo.

O terceiro fundamento refere-se à incredulidade ante aos grandes relatos da Humanidade. Sabe-se que as narrativas culturais exercem múltiplas funções como dar coesão ao grupo, legitimar valores e tornar aceitáveis normas que regem uma coletividade. Entretanto, na pós-modernidade vive-se um agnosticismo que repele toda pretensão de verdade absoluta, pois se compreende a complexidade da sociedade e do homem. A partir desta aceção identifica-se o quarto ponto: a dissolução do sentido da história. Cada indivíduo é tanto uma história quanto um historiador, sendo assim, não há uma história única, e sim um processo com sentido diversificado. O último fundamento é consequência dos quatro anteriores: a fragmentação moral. Com a perda da razão, do fundamento, do ser e da história resta apenas o Eu como base referencial e orientação normativa, originando um individualismo narcisista.

Este cenário se reverte numa mudança na autonomia do indivíduo em relação ao coletivo, sobretudo, nas concepções de verdade e nos valores. Como adverte Morin (2006), a ordem não vem mais de Deus, nem da religião, nem do Estado, nem da sociedade, mas do próprio indivíduo. Cabe ao sujeito se definir por ele mesmo, criar e determinar os referenciais que irão orientar sua vida. O crescimento da autonomia e da responsabilidade individual suscitou o triunfo da autorreferência, autojustificada.

Contudo, é preciso retomar a consciência de que o humano não é apenas o indivíduo, a sociedade ou a espécie biológica, mas “a trindade que estes três termos constituem, na sua interdependência” (Morin, 2006, p. 91). Nesse sentido, as formulações normativas e axiológicas são relativas ao indivíduo, mediadas por suas condições, sua responsabilidade, dignidade e felicidade, mas, ao mesmo tempo, relativas ao grupo social e seu contexto histórico. Com isso, temos um indivíduo e uma sociedade que buscam referências em um sistema em crise.

Para Gervilla (1993, p. 17) vivemos uma permanente crise, ou melhor, “la crisis de la crisis”, em decorrência da velocidade e da intensidade das transformações que ocorrem nesta época. Para o referido autor, as mudanças são tantas que se pode dizer que a cada década inaugura-se um novo século. Convergentemente, o historiador Yuval Noah Harari (2015) infere que se a existência da humanidade na Terra fosse contada nas horas de um dia, as civilizações teriam surgido às 23 horas e 57 minutos e o desenvolvimento das sociedades modernas dar-se-ia apenas às 23 horas 59 minutos e 30 segundos. No entanto, é possível que se tenham dado tantas mudanças nos últimos trinta segundos deste “dia de história humana” como no tempo precedente.

A miscelânea de transformações econômicas, geopolíticas, científicas e tecnológicas, associadas ao processo de globalização, modificou consideravelmente as estruturas basilares da sociedade, vinculadas especialmente ao trabalho, a cultura, a educação, a religião, dentre outras esferas responsáveis pela produção da normatividade social. Há, contudo, uma relação tênue e complexa entre todas estas esferas sociais, que impede a

---

elaboração de explicações e interpretações singulares acerca das transformações percebidas no cenário atual.

De acordo com Gervilla (1993, p. 17), “o pluralismo, a carência de ideologias sólidas, a debilidade das crenças, a insegurança e o relativismo moral, junto a rapidez das investigações científicas e tecnológicas são algumas das razões que explicam e justificam a permanente crise”.

No entanto, compreendemos que o ponto nevrálgico desta questão é, sobretudo, a crise axiológica. Como alega Barata-Moura (1997, p. 110),

A crise emerge, sim – e com uma veemência tanto mais acusada quanto mais funda é a instância de radicalidade em que se coloca – quando a perturbação atinge e põe frontalmente em causa, o próprio dispositivo de enquadramento, à luz do qual decisões, posturas, intervenções no viver, são aclaradas, medidas, materializadas.

Isto posto, por ser essencial à vida humana, os valores refletem, acompanham e constituem um devir histórico, e, assim, integram e dinamizam a estrutura social em cada momento. Portanto, a desvalorização de valores supremos<sup>5</sup>, e concomitantemente, o relativismo axiológico fazem com que a existência humana caminhe sob uma areia movediça, afetando assim a própria segurança ontológica.

A crise de valores parece então estabelecer uma via de mão dupla com as diversas crises vivenciadas na contemporaneidade, tais como a crise de identidade, a crise da educação e a crise de entendimento do mundo. Para Patrício (1993, p. 24), “não há consciência axiológica, nem vida axiológica real e autêntica, sem consciência da sua identidade”. Contudo, a vivência de conflitos no sistema básico de referências tem desestabilizado a ancoragem existencial dos indivíduos, especialmente, no que concerne à constituição das identidades pessoais.

Sabe-se que as concepções de sujeito, bem como de identidade, enquadram-se nos moldes e nas características de determinada época. A partir da sistematização do contexto teórico, Hall (2006, p. 25) alega que estas

---

<sup>5</sup> Esta acepção, também concebida como Niilismo, surge primordialmente a partir de Nietzsche, ao argumentar sobre a morte de Deus, associada à desvalorização dos valores supremos, tais como Bem, Verdade, Razão e Dever. Cf. Araldi, C. L. (1998). Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, (5), 75-94.

---

concepções foram tornando-se descentradas e cada vez mais complexas, uma vez que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo dos seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”.

Com isso, os cenários, outrora sólidos, de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, fragmentaram-se, causando um duplo deslocamento dos indivíduos, tanto do seu lugar no âmbito social e cultural quanto de si mesmos. Esses processos de deslocamento são impulsionados, dentre outros fatores, pelo fenômeno da globalização, que possibilita e potencializa uma variedade de significações e representações culturais.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas imagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, – desalojadas –, de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (Hall, 2006, p.75).

Assim, as identidades plenamente unificadas, completas, seguras e coerentes sucumbem às identidades abertas, contraditórias, fracionadas e impermanentes. No entanto, isto não implica numa pulverização de identidades, segundo Hall (2006), a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, tornando-as mais posicionais, políticas e diversas.

Paralelamente, há um caráter dialético da globalização que estabelece uma tensão entre o local e o global na transformação de identidades. Sobre esta questão, Hall (2006) sugere que existem pontos de intersecção e que emergiram novas formas de articulação ou negociação dos aspectos particulares e dos aspectos universais. Estes aspectos “costuram” as diferenças culturais criando novas identidades (híbridas).

De todo modo, é perceptível nas sociedades contemporâneas a coexistência de diversas forças na constituição das identidades, tornando-as multifacetadas e estratégicas, logo, um fenômeno sempre em processo. Barata-Moura (1997, p. 111), lembrando Ortega y Gasset, sinaliza que “viver é sempre, quer queira ou não, ter alguma convicção, crer em algo acerca do mundo e de si mesmo”. Sendo assim, é imperativo encontrar um princípio agregador para este mundo fragmentado, sobretudo, axiologicamente.

---

Cabe ressaltar que o termo crise permeia diversos significados, tais como “fase grave, complicada, difícil; momento de tensão ou de impasse na vida de uma pessoa, um grupo social, na evolução de determinadas situações; falta ou deficiência, em alto grau ou em larga escala, de uma determinada coisa” (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, 2001).

Ao nos referirmos à crise de valores compreendemos que não se trata da falta ou escassez dos mesmos, pois isto acarretaria o fenecimento das sociedades. Em contrapartida, há uma gama imensa de valores que torna complicado identificá-los e diferenciá-los, e, por conseguinte, se estabelece uma inaptidão para geri-los. Como afirma Matsuura (2006, p. 19), “poderemos mesmo dizer que nunca, na história da humanidade, alguma vez estiveram em presença de tantos valores. [...] A questão premente é, portanto, o sabermos orientarmos no meio deles”.

Tal conjuntura é diretamente afetada pelas características da contemporaneidade, como a supremacia do subjetivismo, a pluralidade ideológica, a fragmentação das cosmovisões e, especialmente, a diversidade de referenciais que permeiam a vida hodierna. É neste contexto que emerge o relativismo axiológico, alicerçado na centralidade do Eu, em que “nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio e as suas vontades” (Papa Bento XVI, 2010, p. 58). Logo, todos os valores fundamentam-se no próprio sujeito e são mutuamente equivalentes, dificultando, assim, uma hierarquização. Deste modo, a vivência e a aplicabilidade dos valores tornam-se completamente circunstanciais, sem parâmetros ou bússolas.

Contudo, pela própria necessidade de manter e demarcar as condições da sociedade atual, alguns valores se sobressaem. Segundo Gervilla (1993, p. 67), os valores contemporâneos enquadram-se em três núcleos fundamentais: o Relativismo (do ser, da razão e do valor), o Presente (momentâneo, cotidiano) e o Esteticismo (individualismo hedonista/narcisista). Estes núcleos estão em constante interação e transposição de valores.

De maneira geral, observa-se que o conjunto de valores predominantes na atualidade está centrado fundamentalmente na pessoa, orientado para a

---

liberdade pessoal e para a autorrealização. O relativismo, o subjetivismo, o efêmero e o hedonismo estão fortemente presentes neste cenário.

Diante disso, valores fundamentais, outrora adotados como guias do comportamento humano, já não são reconhecidos como alicerces das relações interpessoais. Observamos a desinstitucionalização da família tradicional, o desenvolvimento do individualismo narcísico, a supremacia do dinheiro, a massificação dos estilos de vida, a superexposição da intimidade nas redes sociais digitais, a dependência das novas tecnologias e sua obsolescência programada, uma demanda insaciável por um corpo belo e saudável, as interrogações múltiplas sobre a identidade de gênero e sobre a identidade humana, o desprendimento em relação a política, a diminuição do papel do Estado e a privatização do domínio público.

Verifica-se a ausência de valores (mínimos) universais, associada à presença de valores cada vez mais autônomos, que coaduna fissuras nas relações sociais, pois todos os valores pairam num vasto mercado em que suas cotações sobem ou descem de acordo com as apostas mais subjetivas. Contudo, em meio a este politeísmo de valores, é crucial a necessidade de um referencial axiológico, uma base de valores calcada na convergência entre liberdade e responsabilidade, que garanta a elevação e o respeito da dignidade humana.

Nesta perspectiva, Queirós (2002, p. 31), ao conjecturar um projeto de clarificação dos valores para o contexto europeu, ressalta dois aspectos que devem ser considerados: (1) a complementaridade, que permeia o "pluralismo como valor" e o "respeito a diversidade" como princípio; e (2) a convergência de valores comuns, "quais sejam o respeito pela autonomia e liberdade individual dos cidadãos, na legitimidade democrática, no primado do direito e dos direitos e deveres de cidadania, na solidariedade e no humanismo".

Ademais, existe uma hierarquia no campo dos valores que precisa ser (re)estruturada, como salienta Patrício (1993, p. 27) "perante a vertigem da mudança deste tempo, perante o turbilhão axiológico que se apoderou de nós, é mais do que nunca necessário conservar, ou recuperar, o equilíbrio da consciência que julga. Sinal seguro desse equilíbrio é o sentido da hierarquia axiológica".

Diante do exposto, devemos ponderar que os valores não passam por muitas alterações no decorrer do tempo, apenas alteram suas posições dentro da hierarquia de valores. Logo, os estudos da hierarquização dos valores auxiliam a compreensão de determinada sociedade, identificando o que concebem valer mais e como se manifestam (Garcia e Lemos, 2011).

Com isso, o presente trabalho, circunscrito neste contexto de pluralismo e relativismo de valores vivenciados demasiadamente pelos jovens, busca refletir acerca de uma atividade humana que parece ter ainda uma unidade axiológica: o desporto.

Diante da abordagem dos valores na sociedade contemporânea, podemos situar que os discursos em torno de práticas desportivas, com frequência, se configuram como referenciais axiológicos que se pretendem universais. Se contextualizados em cenários dotados de fundamentação filosófica e ideológica, como no caso do Movimento Olímpico (MO), as práticas desportivas se ancoram em uma longevidade histórica a fim de legitimar-se como patrimônio a partir da visão de tradição, inclusive de valores (Loland, 1995). Nesse sentido, problematizar a apropriação e hierarquia de valores no cenário de práticas desportivas oferece uma possibilidade de justaposição entre referenciais axiológicos que se pretendem universais e a hierarquia e apropriação de valores pelos sujeitos nesta dinâmica social pluralizada.

## **2.2 Axiologia desportiva**

No contexto desportivo, a vivência da competição, do risco, da comunicação e cooperação, da convivialidade e sociabilidade, possibilita a problematização de aspectos inerentes à conduta humana. De tal modo, o desporto se apresenta como um meio na busca pela formação do homem, visto que permite refletir as tensões e contradições da vida, tornando os indivíduos aptos para intervir sobre as tais.

Essas observações têm lugar pelo fato de compreendermos que o desporto é uma prática potencialmente envolta por valores, com cunho

---

educativo, tanto como ação em si mesma, quanto como objeto de reflexão (Gaya, Marques e Tani, 2004). Cabe-nos então, neste tópico, discorrer sobre a axiologia do desporto, enfatizando o seu papel e sua eficácia como um dos elementos que contribui para a construção da condição humana, tendo em consideração os desafios e as necessidades do mundo contemporâneo.

O desporto é um fenômeno sociocultural, como tal reflete e contribui para a (trans)formação da sociedade, estabelecendo uma relação complexa de interdependência. De acordo com Garcia e Lemos (2011), o desporto se constitui como um microcosmo da sociedade, e, portanto, integra e propaga os valores a cada período da humanidade.

No entanto, reconhecidamente, o desporto distingue-se dos demais sistemas culturais, pois possui uma dimensão universal que extrapola as barreiras existentes entre os sujeitos e as nações, com jurisdição, linguagem e organização próprias. Nesse sentido, "os valores do desporto elevam-se acima da sua especificidade, alcançando uma ordem superior que urge realçar" (Garcia, 2015, p. 185). Porquanto que, independente da sua diversidade de manifestação, a centralidade do desporto é sempre o homem, e este compõe todo sistema social, tornando assim impossível dissociar desporto, homem e sociedade.

Neste escopo, entendemos que, como nos aponta Garcia (2015), o desenvolvimento da condição humana é o que legitima o desporto, sendo este processo ancorado na práxis axiológica (Patrício, 1993). A prática do desporto propicia a vivência, o confronto, a experimentação e realização de valores fundamentais, que, por vezes, são inatingíveis em outros âmbitos sociais. Contudo, cabe salientar que para fomentar este potencial axiológico do desporto é preciso que sua prática esteja circunscrita por uma intencionalidade pedagógica, direcionada para a formação humana em valores.

O treino e a competição estão na essência do desporto, que em diferentes sociedades ao longo da história, têm sido vislumbrados como fatores de humanização e progresso. Associado a estes elementos temos a vitória, o vencer, que "diferentemente do ganhar, é algo construído a partir de um processo impoluto e que tende à perfeição" (Garcia e Monteiro, 2018b, p. 5). Sob

---

a égide dos valores, estes elementos constitutivos do desporto promovem a busca da excelência (*areté*) através do esforço, paciência, persistência, coragem, inteligência etc.

Contudo, é preciso conhecer as mudanças de sentido, de entendimento, de valores e de motivos que determinam o desenvolvimento do desporto, frente à atual conjuntura social axiológica, em que o estável e o duradouro foram suprimidos pelo efêmero e transitório. Em face disso, podemos citar o trabalho de Queirós (2004) que evidenciou que os principais valores entre os jovens que praticam desporto são de teor individualista e hedonista, marcados pela lógica da experimentação. Essencialmente,

Há uma ânsia de liberdade nas actividades dos indivíduos, de fazer desporto como querem, quando querem, sem estarem limitados a certos lugares, a uma disciplina rígida e coletiva imposta do exterior. Cada um faz desporto acima de tudo para si, seja para manter a forma e a linha, seja para se ultrapassar no esforço, seja para progredir a título pessoal, ou seja simplesmente por prazer (Queirós, 2004, p. 192).

Para Tavares (2007, p. 193) pode estar ocorrendo uma “atomização dos valores das práticas esportivas e a predileção dos esportes individuais e alternativos em detrimento dos esportes coletivos tradicionais”. Assim, nota-se a emergência de novos sentidos e significados atribuídos às práticas desportivas, e, por conseguinte, uma nova hierarquização axiológica, que, a nosso ver, carece de análises.

### **2.2.1 Um fenômeno cultural global**

O desporto é um elemento crucial na história da humanidade, e embora seja um objeto relativamente recente para a comunidade acadêmica, suas manifestações vão além do que pode ser lido nas publicações científicas. O desporto se inter-relaciona com todas as esferas da vida social, tais como política, educação, saúde, economia e meios de comunicação. Porém, isto não ocorre por acaso, o desporto é, de fato, um fenômeno complexo e cada vez mais integrado às dinâmicas sociais.

Para evidenciar esta complexidade do desporto contemporâneo, Galatti, Paes, Collet e Seoane (2018) discorrem sobre a diversidade de cenários, práticas e praticantes, bem como a pluralidade de sentidos e significados atribuídos ao mesmo. Quanto aos cenários, os autores explicitam as escolas, os espaços comerciais (ginásios/academias), clubes desportivos e os desportos desinstitucionalizados praticados nos mais diversos espaços. Associado a estes cenários, observa-se atualmente o surgimento de uma gama de novas modalidades, concomitante ao fortalecimento de modalidades tradicionais.

Os autores ressaltam ainda a capacidade do desporto em gerar grandes lucros para o mercado internacional, e, ao mesmo tempo, ser um elemento que congrega pessoas em cada lugar em que é praticado. “Esse é o esporte contemporâneo, um fenômeno plural, de grandeza mundial e particularidades regionais, espaço em que as pessoas de todo o mundo oscilam entre o econômico e racional e as relações humanas mais profundas e sensíveis” (Galatti, Paes, Collet, & Seoane, 2018, p. 118).

Estes autores arriscam dizer que o desporto vive seu apogeu na história da vida do homem, sendo, possivelmente, o fenômeno de maior alcance global. Apontam ainda a necessidade de compreender a complexidade e a diversidade deste fenômeno sociocultural. No entanto, esbarra-se na dificuldade de definição deste objeto tão multifacetado, embora haja uma infinidade de iniciativas nesse sentido.

Frequentemente observamos a conceituação de desporto vinculada aos termos “sociocultural” ou apenas “cultural”, indistintamente. De todo modo, é imperioso elucidar o que se entende objetivamente por cultura, a fim de clarificar a compreensão acerca do desporto.

Destaca-se, sobretudo, que não se trata do desporto em si, visto que o desporto se realiza em um ser, portanto, lidamos com o ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento. Corroboramos Daolio (2004, p. 9), ao afirmar que “todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos”.

---

Ao analisar o conceito de cultura nas principais obras do campo da Educação Física brasileira, Daolio (2004) identifica um uso reducionista, superficial e, por vezes, inconsequente da expressão “cultura”. Fato que também pode ser observado em algumas acepções acerca do desporto.

Indubitavelmente, o conceito de cultura é fulcral para o campo do desporto como um todo. No entanto, como advoga Kröeber (1993, p. 40), “parece que ainda não atingimos uma definição concisa, inequívoca, inclusiva e exclusiva de cultura”<sup>6</sup>. Para chegar a esta afirmação, o referido autor, em conjunto com Clyde Kluckhohn<sup>7</sup>, analisou centenas de definições diferentes de cultura e fundamentou sua “teoria da cultura”.

Kröeber defende que para se ter uma perspectiva abrangente acerca da cultura é preciso aceitá-la como parte da natureza, porém, como uma ordem distinta de fenômenos inorgânicos e orgânicos. Para ele, a cultura é um fenômeno superorgânico, que, no âmbito das suas análises, os aspectos mais importantes são as associações qualitativas e contextuais. Ressalta ainda que a cultura é essencialmente relativa ao homem, sendo mais distintiva do que a sociedade e a mente; ela é o aspecto dele mais significativo na determinação e compreensão do seu lugar na natureza.

Destarte, Kröeber compreende cultura como um acréscimo que o homem faz à natureza, que, de certa forma, ameniza suas limitações orgânicas, indo além da sua herança genética, e o expande para uma dimensão superior. Sendo assim, ela é produto das ações humanas, do gênio criativo do homem, bem como é o processo contínuo pelo qual os indivíduos atribuem sentido aos seus comportamentos.

Nesse sentido, embasado nas teorias de Kröeber e Kluckhohn acerca da cultura, Garcia (2015) sustenta que o desporto é uma das realizações humanas, tendo seu fundamento e sua finalidade no homem, portanto, constitui-se como uma atividade cultural, que demanda um olhar a partir das lentes antropológicas.

Isto posto, Garcia (2007; 2015) buscou formular uma definição (antropológica) do desporto. Para isto, o autor identificou duas componentes

---

<sup>6</sup> Cremos que a mesma afirmação pode ser feita em relação ao desporto.

<sup>7</sup> Kröeber, A. L., & Kluckhohn, C. (1952). *Culture: a critical review of concepts and definitions*. Papers. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology, Harvard University, 47(1), VIII, 223.

---

fulcrais: os elementos motores e os elementos humanos. Os deslocamentos (correr, caminhar, nadar), os saltos, os lançamentos/arremessos e as lutas (simbólicas e/ou reais) constituem o patrimônio natural do homem, e quando combinados permeiam as mais diversas práticas desportivas. Evidentemente estes elementos não se encontram em todas as modalidades simultaneamente, nem são enfatizados com mesmo grau de determinação quando estão presentes<sup>8</sup>. Ademais, estas ações não são exclusividade do homem, consistem em atividades naturais de qualquer animal, logo, por si só não definem desporto.

De tal modo, concomitantemente, têm-se os elementos humanos, que se apresentam como categorias fundamentais do desporto, são eles: o lúdico, enquanto satisfação associada ao prazer; o rendimento, evidenciado sobretudo através da competição; e a superação, na qualidade da incessante busca da transcendência humana. Estes elementos vetorizam todas as práticas desportivas, sendo devidamente contextualizadas a partir dos quadros axiológicos de cada sociedade e seu tempo (Garcia, 2015).

Portanto, o que legitima o desporto é o sentido cultural que o homem acrescenta aos elementos motores naturais. Pelo que correr para chegar a uma sala porque se está atrasado não configura desporto. Ao passo que, correr imbuído dos sentidos culturais (que são axiológicos), ou seja, radicalmente humanos, pode caracterizar-se como desporto. Cabe ressaltar, no entanto, que a condição para que uma atividade adquira esse *status* desportivo é a sua aceitação social, e não apenas uma vontade individual (Garcia, 2015).

Embora sem relações estreitas com o campo das Ciências do Desporto, o pensador francês Barthes (2009)<sup>9</sup> elaborou uma valiosa análise semiológica sobre o desporto que também pode contribuir com a nossa discussão. O autor, que inicia seu texto questionando: “o que é desporto?”, buscou a resposta investigando cinco práticas pelo mundo: a tourada na Espanha, o automobilismo

---

<sup>8</sup> Por exemplo, algumas modalidades desportivas enfatizam mais os deslocamentos, enquanto outras podem enfatizar mais as lutas. Contudo, observa-se que no futebol estes elementos aparecem com certo equilíbrio, sendo improvável imaginá-lo sem a presença destas estruturas motoras (Garcia, 2015).

<sup>9</sup> O texto original foi escrito em 1961 a pedido do cineasta canadense Hubert Aquin para subsidiar a produção do documentário *Le Sport et les hommes*.

---

nos Estados Unidos, o ciclismo na França (especificamente, o *Tour de France*), o hóquei no gelo no Canadá e o futebol na Inglaterra.

Ao iniciar, o autor se depara com o dilema de abordar ou não a tourada como um desporto, contudo, avança em sua análise alegando que “embora a tourada seja quase um não esporte, talvez seja um modelo e o extremo de todos os esportes; a elegância da cerimônia, as regras de combate, a força do adversário, a ciência e a coragem do homem” (Barthes, 2009, p. 97). Em seguida, ao se debruçar sobre o automobilismo o autor alega que, assim como na tourada, a vitória não é de um homem sobre outro, mas sobre a natureza; neste caso, sobre a inércia e a gravidade. Assim, para o pensador francês a cada prova de automobilismo o esforço do motor revela, na verdade, o esforço humano, que formula, testa e pilota, almejando equacionar potência, resistência, peso e tempo.

Na análise da tradicional prova do ciclismo, o *Tour de France*, Barthes (2009) apreende que não são os músculos que determinam a vitória no desporto, mas o que está no seu cerne é uma certa concepção de homem e de mundo, e do homem no mundo, cujo ímpeto é o domínio sobre todas as coisas. Ao descrever o hóquei no gelo, Barthes (2009) discorre como o homem consegue driblar as limitações da natureza e a letargia do inverno criando um desporto nacional, vigoroso e cativante. Por fim, observando um dia de jogo no estádio londrino de Wembley, o autor resume: há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias, que são expressas no desporto, gerando um ato comunicativo.

Ao longo do seu texto, Barthes (2009, p. 105) elucida questões que são abarcadas no desporto, seus significados e sentidos, exaltando sobremaneira a relação do homem com a natureza, numa representação genuína da cultura. Isto posto, a questão crucial é respondida ao final da produção: “o que, então, o homem coloca no esporte? Ele mesmo, seu universo humano.” E conclui atestando que o desporto se assume como uma cláusula do contrato humano.

Sendo assim, reiteramos que “desporto, por este conjunto de argumentos, é uma estrutura de sentidos proporcionados pela cultura que atribui determinados significados e valores aos diferentes movimentos humanos, numa clara inter-relação entre os planos individual e social” (Garcia, 2015, p. 165).

---

Acima de tudo, o desporto se expressa como uma cultura global, transcendendo as barreiras existentes entre as diversas comunidades. Inegavelmente, vivemos num mundo densamente fragmentado por aspectos políticos, econômicos, históricos, culturais, dentre outros, que afetam as comunidades e as pessoas que as integram em suas relações. Até mesmo em países territorialmente pequenos podemos identificar diferenças, especialmente, culturais.

Contudo, o desporto consegue ultrapassar as diferenças entre os grupos, revivendo, por vezes, a trégua olímpica. Vimos recentemente os países Coreia do Norte e Coreia do Sul, que formalmente encontravam-se em conflito, unirem-se nos Jogos Olímpicos de Inverno 2018 em Pyeongchang, na Coreia do Sul. As duas Coreias desfilaram em conjunto sob uma bandeira da península coreana unificada, além disso, tiveram uma equipe com atletas dos dois países no hóquei feminino. Esta unificação tende a ser repetida nos próximos Jogos e expandida para mais modalidades, o que tem sido estimulado pelo Comitê Olímpico Internacional vislumbrando o fim das tensões entre os países<sup>10</sup>.

Difícilmente encontraremos outra atividade com tal potencialidade para conciliar os contrários e concretizar os ideais (emergidos na revolução francesa) de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. Como apregoa Garcia (2015, p. 187), “o desporto assume-se como uma utopia realizável, aquela que possibilita o diálogo entre todos nesta verdadeira Torre de Babel [axiológica, acrescentamos nós] em que nos encontramos”.

Devido a sua simbólica linguagem universal, o desporto é compreendido por todos, independentemente do país de origem e do idioma nativo. A exemplo, podemos citar as equipes de diversas modalidades coletivas, notadamente as de futebol, que possuem atletas oriundos de diferentes regiões do planeta, com sistemas culturais, por vezes, antagônicos, mas que conseguem coadunar as idiosincrasias e construir uma identidade.

Por isso, ousa-se dizer que “o desporto é, talvez, o maior fenômeno cultural global que alguma vez existiu” (Garcia, 2015, p. 188). Seu caráter

---

<sup>10</sup> [Coreias do Sul e do Norte terão times unificados em três esportes nos Jogos Olímpicos de Tóquio | olimpíadas | ge \(globo.com\)](#). Consultado em 24 de junho de 2019.

ecumênico possibilita uma alusiva reconstituição do supercontinente Pangeia, assumindo uma ordem superior a todas as culturas que paira sobre as diversas sociedades. Assim, o desporto evidencia-se genuinamente como uma atividade “transcultural”, que difunde valores universais<sup>11</sup>.

Retomando as ideias de Kröeber (1993, p. 197), os valores são elementos essenciais e caracterizadores das culturas, e “ao apreender culturas, a coisa mais essencial a apreender são os seus valores, porque sem estes não poderá saber para onde as culturas se inclinam, nem em torno de quê elas se encontram organizadas”.

O desporto, enquanto um fenómeno cultural de escala planetária, evidencia valores inexoráveis do homem, que, por vezes, ultrapassam as próprias fronteiras desportivas. Nesta perspectiva, abordaremos em seguida o manancial de valores que circunda esta atividade e conduz os indivíduos para a construção da condição humana.

### ***2.2.2 Um caleidoscópio de valores***

Reconhecidamente, o desporto propicia o cultivo e florescimento dos mais variados e distintos valores, sendo para estes um habitat natural. Diversos estudos elencam um conjunto de valores que pode ser adquirido a partir da prática desportiva. Sanmartín (1995) destaca alguns valores sociais como o respeito, a cooperação, a justiça, a competitividade, e valores pessoais, tais como a criatividade, a autodisciplina, o autoconhecimento, o sacrifício e a autorrealização, enquanto valores facilmente desenvolvidos no desporto.

Decerto que os valores adquiridos no campo desportivo atingem um âmbito mais abrangente, tendo valimento também para outros aspectos da vida, como o social e o profissional, pelo que se diz que o desporto ensina a viver. Compreendemos que o desporto, para além das dimensões técnica, tática, física

---

<sup>11</sup> No entanto, faz-se necessário expor que, neste contexto global, há uma hegemonia de práticas desportivas ocidentais, e como consequência, a disseminação de valores das sociedades ocidentais como pretensamente universais.

---

e psicológica, contribui, sobremaneira, para a socialização, para a transmissão cultural e a partilha dos seus valores.

O desporto é uma atividade de excelência humana que goza de maior credibilidade e respeito universais. [...] Somente uma atividade essencialmente humana do quilate do desporto, pode inspirar naturalmente todos os sentimentos e expectativas do ser humano; ninguém fica indiferente ao que acontece nesse microcosmo da vida. Daí o desporto ser um fenómeno social total, intervindo não apenas ao nível pessoal, mas também das instituições sociais (Monteiro e Garcia, 2012, p. 294-295).

Entretanto, não é apenas o seu papel social, muitas vezes de cunho utilitário, que torna o desporto indispensável para o homem, e sim a sua função de humanização, ou seja, de construir, formar e aperfeiçoar o ser humano. Moura (2011, p. 101) é audacioso ao dizer que, pelo visto, “o desporto parece ter nascido por uma necessidade de completude na educação do homem”. Dado que, independente de seu surgimento ser remetido a Antiga Grécia ou a sociedade inglesa do século XVIII, suas razões e finalidades são essencialmente pedagógicas.

No entanto, esta formação não ocorre ao acaso. Mais uma vez ressaltamos que é preciso que a prática desportiva seja orientada pela busca da concretização dos mais nobres objetivos do homem. Nesse sentido, estudos têm demonstrado a necessidade de intervenções educativas na formação desportiva, sobretudo de jovens. Em uma pesquisa desenvolvida com jovens futebolistas entre 10 e 12 anos, Prieto, Caro, Delgado e Preciado (2015) implementaram um programa de intervenção para o desenvolvimento de valores. Após cinco semanas de intervenção os autores constataram que os jogadores que participaram do programa melhoraram suas atitudes frente a derrota, bem como evitaram a tendência decrescente de componentes da desportividade<sup>12</sup>, tais como: esforço, honestidade, concentração, capacidade de admitir erros, busca da excelência e responsabilidade ante a derrota.

Portanto, “não temos receio de comunicar que o desporto só deve ser praticado, quando se exaltam os valores que edificam a formação e a dignidade humana” (Monteiro e Garcia, 2012, p. 296). Neste escopo, o desporto torna-se

---

<sup>12</sup> Fato identificado no grupo controle.

---

educativo e pedagógico quando oportuniza o engrandecimento da experiência humana através de desafios, obstáculos e exigências, respeitando as regras e fomentando o rendimento alinhado ao treino.

A competição e o rendimento são os aspectos mais cismáticos entre estudiosos das Ciências do Desporto. Para alguns autores estes elementos promovem a exacerbação da concorrência, do individualismo, e da busca pela vitória, às vezes a qualquer custo, o que tende a tornar o desporto um fim em si mesmo (Bracht, 2005; Vaz, 2005; Torri e Vaz, 2006). Contrariamente, ao analisar antropológica e filosoficamente o sentido da competição observa-se que ela se caracteriza como agente de humanização e de evolução.

Compreende-se a competição como uma das características do desporto com grande potencial para a educação. Marques (2004, p. 76) alega que “a competição é a essência do desporto, sem a qual este próprio deixa de o ser, de existir”. Completa ainda que são, principalmente, “os princípios e valores associados à competição, a forma como esta é utilizada e as experiências vividas durante a atividade que conferem, ou não, às práticas desportivas o seu valor educativo. Mas este valor pode, indiscutivelmente, ser associado às atividades competitivas” (Marques, 2004, p. 77).

Da mesma maneira, para Gaya e Torres (2004) a competição é uma categoria indispensável e presente em todas as manifestações do desporto. Há, sobretudo, um desígnio de adequá-la aos anseios e necessidades dos mais diversos praticantes, a fim de qualificar a competição a serviço da formação.

Cabe ressaltar que estas características agônicas não surgiram com o desporto moderno, muito menos com a revolução industrial. Na sociedade helênica já se manifestava o *agôn* em diversas áreas, pois os gregos estimulavam as disputas para alcançar, além da elevação física e moral, o êxito na vida, a sublimidade. Nesse contexto, a competição, com o intento de se fazer o melhor possível, era fundamental nos modos de vida dos gregos, contribuindo para o desenvolvimento da *polis* (Garcia e Monteiro, 2018a).

Observa-se, muitas vezes, uma valorização do aspecto lúdico do desporto, em detrimento do ideal agônico, que se reflete, notadamente, nas aceções de treino, esforço e superação. Contudo, associar os elementos

axiológicos do lúdico e do *agôn* torna-se muito mais vantajoso para o desenvolvimento do homem, especialmente no âmbito das práticas desportivas.

De acordo com Garcia e Monteiro (2018a, p. 3),

o espírito agônico, por ser um agente motivador e que desencadeia a ação humana, é bem mais do que a luta que se observa em várias áreas da sociedade (política, religiosa, ideológica, filosófica, acadêmica, desportiva e outros) podendo ser entendido como o garante da sobrevivência pessoal e coletiva.

Existem diversas formas de se competir, em alguns casos os meios utilizados para se conseguir a vitória desvirtuam o sentido da disputa e maculam o próprio competidor. O desporto é uma das poucas atividades que preza por uma competição boa e justa. As regras universais, o combate ao doping e a atitudes antidesportivas fazem do desporto um paladino da justiça, um exemplo de honestidade.

Embora atualmente muitos casos de doping ocupem as manchetes dos jornais, e o *fair play* tenha perdido espaço para as atitudes desleais, essa não é a lógica que prevalece no campo desportivo<sup>13</sup>. O desporto segue impávido na preservação do seu projeto axiológico, priorizando a ética e a justiça em suas competições (Garcia e Cunha, 2016).

Não é plausível que se participe de uma competição sem o firme propósito de a vencer, neste intento haverá sempre um vencedor, o qual deve manter o comedimento e o respeito. Ao que foi derrotado cabe a assimilação e o aprendizado para se fortalecer e persistir no propósito de melhorar-se.

Contudo, há de se distinguir ganhar de vencer. Sob uma perspectiva mitológica, Garcia e Monteiro (2018b) apontam que ganhar não exige necessariamente um processo justo e laborioso, podendo permear inclusive métodos desonestos. Portanto, fala-se em ganhar na loteria ou ganhar num jogo de dados, por exemplo. A vitória, por sua vez, requer um aparato axiológico que fundamenta o caminho em direção à transcendência.

Vitória, portanto, é o resultado de um processo de busca da perfeição dos deuses! À luz dos valores, seria a arte de

---

<sup>13</sup> Certamente a profissionalização do desporto tem grande influência nestes aspectos, pelo que concedeu exclusividade a vitória dentre os outros valores, dando azo ao doping, a corrupção e a deslealdade.

---

exposição de esforço, paciência, paixão, persistência, coragem e inteligência entre outros, com vistas à perfeição, ou areté. Aquele que não aprende e nada apreende (sabedoria) durante esse processo pode até ganhar, mas vencer... (Garcia e Monteiro, 2018b, p. 5).

Sendo assim, no campo desportivo compete-se para atingir a honra, o mérito, a excelência, assim como o prazer, a superação, a exaltação do *eu*.

Para os gregos, a excelência da pessoa (*aretê*) consistia num conjunto de qualidades (virtudes) que ela deveria ir adquirindo, manifestando-se em hábitos e atitudes éticas, para se chegar a ser uma pessoa esplêndida, plena. A busca por essa elevação divina do homem exige, para além das características agônicas, muito treinamento. Não são apenas os aspectos motores que podem ser treinados, “mas acontece com a ética o mesmo que com qualquer outra atividade, por exemplo, a aprendizagem de um instrumento musical: é preciso, sem dúvida, exercício para alguém se tornar o melhor, o excelente” (Ferry, 2010, p. 122).

Assim como assevera Garcia (2017, p. 99), “o treino, como tantas outras realidades da vida, possui uma pluralidade de formas e de sentidos, não deixando nunca de ser treino”. O ensaiar de um artista e o treinar de um atleta possuem o mesmo sentido singular de se chegar à excelência da pessoa. Nesta perspectiva, as virtudes também podem ser exercitadas até se alcançar a plenitude. “Mais ainda, é só pelo treino que atingimos a virtude!” (Garcia, 2017, p. 105).

O desporto consiste então numa expressão exemplar desta *aretê* grega, coadunando os mais altivos valores humanos aos processos constantes de treinamento objetivando a superação e a transcendência. Podemos observar no desporto a universalidade da essência humana em um processo humanizante que é exteriorizado e concretizado sob as mais diversas formas.

Inegavelmente, o desporto comporta elementos incomensuráveis para o desenvolvimento integral das pessoas, especialmente por seus princípios e objetivos axiológicos. Em verdade, desporto e axiologia andam sempre de mãos dadas.

Patrício (1993) salienta que o verdadeiro sentido da vida é a realização prática dos valores. Por sua vez, Monteiro e Pereira (2008, p. 421) afirmam que

“o sentido do desporto é, precisamente, a vivência dos valores”. Com efeito, não caberia assumir que o sentido da vida seja a prática desportiva, contudo, há de se reconhecer que o desporto é capaz de desenvolver e aprimorar o sentido da vida, sobretudo, de uma vida que vale a pena ser vivida.

Para tanto, faz-se necessário preservar o arcabouço de valores para que o desporto não tenha um fim em si mesmo. Pois, “o compromisso educativo não é possível fora do compromisso com os valores” (Patrício, 1993, p. 20). Sendo assim, enquanto uma atividade com referência intrínseca aos mais elevados valores humanos, o desporto está circunscrito no plano pedagógico.

A partir da potencialidade de desenvolvimento da condição humana e da formação integral do homem, o desporto estabelece uma efetiva relação com o modelo de educação incutido na Escola Cultural difundida pelo professor Manuel Patrício. Ao apresentar a proposta da Escola Cultural, cujos fundamentos podem ser replicados para o desporto, Patrício (1997) delineia um modelo de escola integralmente axiológica, um projeto de escola mais humana, fundamentada em valores, em que a autonomia e a liberdade incorporam a intencionalidade cultural.

Neste contexto, o autor elucida que tudo que intente o pleno aperfeiçoamento das capacidades constitutivas da humanidade do homem é educativo, sendo desenvolvido ou não nos espaços formais de ensino e aprendizagem. Há, portanto, uma educação contida nas práticas desportivas que urge ser realçada, uma educação em e com valores que humaniza, civiliza, liberta e encoraja cada ser humano.

Assim, uma educação que queira respeitar a estrutura íntima, profunda e completa do homem tem de se ordenar para a promoção do quadro integral dos valores que se dão ao homem e que já delineámos como integrando as seguintes ordens axiológicas: a dos valores vitais; a dos valores práticos; a dos valores hedonísticos; a dos valores estéticos; a dos valores lógicos; a dos valores éticos; a dos valores religiosos (Patrício, 1993, p. 306).

Diante do exposto, pesquisadores tem se debruçado a analisar e compreender as relações e expressões do quadro axiológico apresentado pelo referido autor nas diversas esferas do campo desportivo. Seja com uma maior, moderada ou menor intensidade, o desporto pode ser apreendido por toda ordem

---

de valor, apresentando diferentes nuances a partir dos diversos atores desportivos.

No que concerne ao valor vital, o desporto se apresenta relacionado com a saúde, com o estilo de vida ativo, sobretudo nos discursos do senso comum essa relação aparece de forma indissociável. Porém, esta relação, quase automática, deve ser estabelecida com cautela, pois, nem sempre a prática desportiva conduz para a preservação de um corpo saudável<sup>14</sup>. Contudo, as respostas fisiológicas ao organismo que pratica desporto podem manter o valor da vida, da sobrevivência.

No estudo desenvolvido por Baía (2017), que analisou o discurso do treinador da seleção portuguesa antes, durante e após a conquista do Campeonato Europeu 2016, o valor vital foi atribuído ao sentido de sobrevivência na competição. “Os valores vitais estiveram permanentemente presentes devido à necessidade de Portugal vencer para continuar em prova e alcançar o grande objetivo” (Baía, 2017, p. 114). Com isso, é preciso destacar que as ordens de valores devem ser ponderadas de acordo com as circunstâncias analisadas.

A prática de qualquer desporto exige o domínio de técnicas para que o jogo transcorra, neste quesito se integram os valores práticos, que se associam também com o sentido da performance e da excelência (Baía, 2017; Couto, 2006). No âmbito desta ordem de valores podemos identificar um dos pilares da educação que consiste em aprender a fazer. Segundo Patrício (1993, p. 106) “todas as práticas o são dentro da vida e o são, no fim de contas, para a vida”. Deste modo, o valor prático do desporto privilegia uma aprendizagem para a vida, para a atuação e transformação da realidade.

Os valores hedonísticos estão diretamente ligados ao prazer. E no contexto desportivo eles podem estar relacionados ao corpo, em termos físicos (superação) e dos sentidos (vertigem), como também sob a condição da ludicidade, em termos de diversão e satisfação. Esta ordem de valores pode ser exaltada principalmente após uma vitória, como demonstrou o estudo de Baía (2017), ou durante o próprio processo de aprendizagem e do jogo, como apontou

---

<sup>14</sup> Podemos citar como exemplo os diversos atletas que convivem com frequentes dores e sérias lesões. E, como casos mais críticos, o doping no desporto de alto rendimento.

---

a pesquisa de Reis (2009). Decerto, o desporto está categoricamente associado ao prazer, especialmente na contemporaneidade, em que o hedonismo se tornou um axioma.

O valor estético, por sua vez, encontra-se intrinsecamente ligado ao corpo e, conseqüentemente, ao desporto. A questão da imagem, da projeção do corpo belo e saudável, bem como a beleza relacionada à execução dos gestos desportivos enquadra esta ordem axiológica. Cabe ressaltar que o valor estético encontra-se aliado ao aprender a conviver (Patrício, 1993), e desta maneira deve permear o desporto com o intuito de contribuir com a ampliação e o fortalecimento do respeito as diversas expressões da beleza.

Uma vez que os valores lógicos representam os valores do conhecimento e da verdade, no âmbito desportivo, eles podem figurar, por vezes, o domínio tático e dos sistemas de jogo (Baía, 2017), ou o conhecimento e respeito as regras (Reis, 2009). Contudo, a ordem de valores lógicos estabelece um estreito vínculo com a ordem de valores éticos, podendo, circunstancialmente, exprimir os valores da sinceridade e da justiça na avaliação dos comportamentos e resultados das partidas, bem como da honestidade, como indicam as pesquisas de H. Santos (2005) e Castro (2006), respectivamente.

Dentre as ordens de valores do quadro referencial por nós utilizado (Patrício, 1993), a ordem de valores éticos é o que representa uma postura altruísta, que eleva o *outro* ao mesmo nível do *eu*. Não obstante, o desporto e o valor ético possuem um elo íntimo, indestrutível e imprescindível (Garcia e Lemos, 2011). Isto posto, os valores éticos assumem grande relevância no mundo desportivo, e se manifestam com uma rica diversidade, a partir de valores como: responsabilidade, sacrifício, trabalho em equipe (Baía, 2017); inclusão, socialização, respeito, cooperação (Reis, 2009); obediência, autodeterminação, *fair play* (H. Santos, 2005); desportivismo, não discriminação, não doping, não violência (Castro, 2006); e convivência (Couto, 2006).

Os valores religiosos, ou sagrados, reportam ora a um Ser supremo e suas práticas de fé presentes em diversas religiões, ora a situações de superação e transcendentalidade, quando se busca a plenitude da realização individual. Sob a lente da primeira perspectiva, esta ordem axiológica pode ser

percebida para além dos discursos e gestos, ela pode ser observada sobretudo nas vestimentas dos atletas. Entretanto, há uma dificuldade em encontrar referências a este valor fora do desporto de alto rendimento. Em pesquisas realizadas com o desporto em ambiente escolar (Reis, 2009; H. Santos, 2005) e em um projeto social (Couto, 2006) não foram identificadas alusões aos valores religiosos. Em contrapartida, no estudo de Baía (2017), o valor sagrado foi evidenciado no discurso do treinador da seleção portuguesa, especialmente após a conquista do campeonato, em que ele aludiu explicitamente a Deus.

De todo modo, é relevante reconhecer que o desporto reflete as exigências de uma certa hierarquização axiológica do tempo e do contexto ao qual está inserido. Sendo assim, torna-se relevante compreender os sentidos e significados atribuídos ao desporto na atual conjuntura axiológica, bem como suas manifestações e expressões, particularmente, a partir da visão dos jovens.

### ***2.2.3 O desporto e a atual conjuntura axiológica***

Há algumas décadas a estrutura axiológica das sociedades tem sido modificada em decorrência de diversos fatores, como já apontamos no tópico 2.1.2 (Os valores na contemporaneidade). Partindo da concepção de que o desporto é um microcosmo da sociedade, ele está condicionado ao que ocorre no sistema social como um todo.

O desporto vive dos e em valores, sendo simultaneamente agregador e disseminador, pois, ao mesmo tempo que absorve e adequa-se aos valores inerentes às sociedades, incute e difunde entre seus praticantes os seus referenciais axiológicos. De todo modo, atualmente, o desporto deslocou-se dos pilares da modernidade, conseqüentemente das normas da sociedade industrial, e caminha junto aos novos moldes da contemporaneidade, em que predominam características como o hedonismo, o relativismo e o individualismo (Gervilla, 1993).

Temos testemunhado o surgimento de uma multiplicidade de formas de desporto, sobretudo em função dos objetivos dos praticantes. Por conseguinte,

---

expandem-se os termos para adjetivá-lo, a partir de seus elementos constitutivos e identificadores, nomeadamente: educacional, de lazer, radical, alternativo, de rendimento, representativo, profissional, dentre outros. Tais aspectos evidenciam o processo de diversificação, como um meio de autorrealização, que foi apontado por Puig e Heinemann (1991) como a principal tendência do sistema desportivo contemporâneo.

De acordo com Galatti, Paes, Collet e Seoane (2018), dois termos caracterizam o desporto contemporâneo: pluralidade e ampliação, que abrangem cenários, práticas, personagens, sentidos e significados. Decerto que o fenômeno desportivo é caracterizado pela polissemia e pela polimorfia, no entanto, o estatuto axiológico atual prolifera e pulveriza estes aspectos. Identifica-se uma sociedade mais flexível com relação às singularidades subjetivas, visto que as necessidades individuais e a realização pessoal tornaram-se centrais.

No âmbito desportivo, esta realidade tem reverberado na crescente adesão as modalidades individuais e na adaptação de modalidades tradicionais aos objetivos da prática informal. Prost e Vincent (1992, p. 101) já mencionavam o êxito gradativo das modalidades individuais: os praticantes de tênis passaram de 50 mil em 1950 para 133 mil em 1968, os de judô passaram de 200 mil para 600 mil no decorrer de 1966 a 1977; ao passo que o número de praticantes de futebol ou rúgbi mantinha-se estável.

Podemos citar também a difusão das corridas de rua enquanto uma adaptação do atletismo. Num estudo realizado por Salgado e Mikahil (2006), foi constatado um aumento significativo no número de provas de corrida de rua e de participantes. O trabalho evidencia que na cidade de São Paulo, Brasil, as provas passaram de 11 no ano de 2001 para 174 no ano de 2005, demonstrando uma profissionalização da corrida de rua, com o apoio de assessorias desportivas e clubes de corrida. A busca por esta prática desportiva decorre por diversos interesses, que envolvem desde questões de saúde, estética e socialização, até o rendimento e a competição, sendo a adesão facilitada por não exigir nem equipamento nem instalações específicas (Truccolo, Maduro e Feijó, 2008).

Haja vista que o desporto não pode ser analisado independente de quem o pratica, este fenômeno cultural se reveste de características que variam e derivam da complexidade do sujeito praticante, que se caracteriza por uma pluralidade de motivos, interesses, necessidades e objetivos.

Queirós (2004) expõe que as mudanças axiológicas impulsionaram a passagem de perspectivas materialistas para perspectivas pós-materialistas, e cita que, como consequência, vivemos numa sociedade em que o tempo livre assumiu tanta relevância quanto o trabalho. De tal modo,

o desporto tornou-se neste quadro um grande meio desta cultura do tempo livre, o que fez com que o modelo tradicional caracterizado em primeiro lugar pelo treino e competição (e inspirado no trabalho) começasse a dar lugar a outros valores, ligados a uma forte acentuação de comportamentos hedonistas, já que os valores tradicionais não são mais suficientes para colmatar todas as necessidades e exigências do contexto actual (Queirós, 2004, p. 193-194).

Com isso, tem-se estabelecido um *continuum* entre os aspectos mais tradicionais do desporto como sacrifício, esforço, disciplina e aspectos mais subjetivos como prazer, expressão e satisfação, em que os sujeitos transitam de acordo com seus objetivos de um polo a outro.

Neste escopo, uma pesquisa desenvolvida por Seippel (2006) buscou identificar os significados atribuídos a prática desportiva por participantes de associações desportivas voluntárias. Baseado em argumentos filosóficos, históricos e sociológicos, o autor partiu de sete significados para atividades desportivas: diversão/alegria, expressividade, manutenção da forma física, recreação mental, imagem corporal, competição e integração social. Na análise, as razões mais relevantes aparecem na seguinte ordem: diversão, manutenção da forma, recreação mental, integração social, imagem corporal, expressividade e competição.

Seippel (2006) apresenta também que os mais jovens indicaram mais significados para sua prática desportiva comparativamente aos mais velhos, e que a única dimensão em que os mais velhos obtiveram uma maior pontuação foi na recreação mental. Embora a pesquisa tenha restringido as possibilidades de respostas dos participantes, nota-se uma diversificação dentre os significados

---

associados a prática desportiva, sobretudo pelos jovens, e uma predileção por valores hedonísticos e estéticos.

De fato, os sentidos e significados do desporto adquiriram múltiplos contornos, em que é possível identificar a convergência de diversos valores numa mesma prática desportiva. Para Marques, Almeida e Gutierrez (2007), o sentido advém das condições sociais, culturais e históricas dos praticantes envolvidos, que influenciam diretamente a construção e a execução da modalidade desportiva. E os valores, por sua vez, ainda que não sejam determinados pelos sentidos, encontram-se associados aos mesmos.

Cabe salientar que ao mesmo tempo que temos observado diversos sentidos e significados orientando as práticas desportivas, como autorrealização, diversão, corporalidade, saúde, aventura, identifica-se também a profissionalização e a desportivização (federações, regras universais, campeonatos mundiais) de práticas corporais, tais como a capoeira, a dança e as artes marciais (Rios, 2006; Alves e Montagner, 2008).

Concomitantemente, nota-se a emergência das atividades desportivas na natureza, os chamados desportos de aventura, e os desportos radicais. De acordo com Schwartz (2002), estas práticas coadunam com os novos estilos de vida, em que a busca pela excitação, pelo risco e pelo novo é uma constante. Para a autora, ao realizar desporto ao ar livre, em contato com o meio ambiente, os indivíduos concretizam ideais de liberdade, satisfação e superação, exaltando valores da convivialidade, sensibilidade, solidariedade, respeito e compromisso ético.

Dentro dessa mesma perspectiva dos novos desportos, não podemos deixar de mencionar os *e-sports* (jogos eletrônicos competitivos) e os ciberatletas. Longe de permear as discussões se estas novas práticas configuram-se ou não como desporto<sup>15</sup>, destacamos o fato de que, a cada dia, estes jogos ganham novos adeptos e já contam com diversos campeonatos, com premiações por volta de dezenas de milhões de dólares e uma audiência que congrega mais de 500 milhões de pessoas, acentuadamente os jovens.

---

<sup>15</sup> Para tal intento sugerimos a leitura de Constantino, J.M. & Machado, M. (2020). *e-Sports: o desporto em mudança?* Lisboa: Visão & Contextos.

---

Ademais, dados econômicos revelam que a indústria dos *e-sports* assume uma das mais importantes movimentações financeiras mundiais (Jensen, 2017).

De todo modo, convém aludir que estes jogos eletrônicos correspondem as novas maneiras de socialização e vivência de valores vinculados à prática desportiva, bem como uma forma de catarse, possibilitando ao jogador sentir emoções que dificilmente poderiam ser vivenciadas no mundo real. Jensen (2017) acrescenta que, no contexto de alguns jogos, o indivíduo encontra-se provido de forças e habilidades sobre-humanas, aproximando-se do mito do herói, ainda que virtualmente.

A flexibilidade para a mudança é um fator imprescindível nas sociedades contemporâneas, pautadas sobremaneira pelo efêmero e pelo transitório. Inserido neste contexto, o desporto, enquanto um fenômeno cultural global, incorpora esta capacidade de adequação às novas demandas. Todavia, reavendo as acepções de Kroëber (1993), a cultura é marcada por um processo de acumulação, no qual o antigo é preservado, apesar da chegada do novo; o que podemos também assumir para o desporto.

No âmbito dos Jogos Olímpicos, a introdução de modalidades como *mountain bike*, *snowboard*, surfe, *skate* e escalada, demonstram o anseio em atender essas novas exigências. Assim como, recentemente, o Comitê Olímpico Internacional tem estudado a possibilidade de incluir os *e-sports* no programa olímpico<sup>16</sup>.

Isto posto, torna-se perceptível que o fenômeno desportivo no cenário atual é caracterizado por uma heterogeneidade, no que concerne as suas manifestações, formas, sentidos e valores. Com efeito, podemos constatar em todas as ações desportivas referências constantes a valores, que as justificam e as fundam, explicitando a dimensão fundamentalmente axiológica do desporto. Queirós (2004) destaca que o desporto contemporâneo é um espaço de expressão, de estética, de realização, de tensão, de criação, de sensações e experimentações, de comunicação, de interação e de cooperação.

---

<sup>16</sup> [2018: o ano em que os eSports e os Jogos Olímpicos se aproximaram | e-sportv | Sportv \(globo.com\)](#) Consultado 13 de julho de 2019.

Em uma reflexão acerca do corpo, Garcia e Medeiros (2019, p. 144) alegam que “o corpo, enquanto expressão temporal, renova a necessidade de leituras contextualizadas que respondam aos novos desafios que o tempo vai criando”. De maneira análoga podemos nos referir ao desporto, compreendendo-o como um epifenômeno, visto que não é essencial para a existência humana, mas atua como um complemento que lhe é fundamental. O ser humano, por seu lado, intervém na construção e na execução da prática desportiva, do mesmo modo que é formado por ela, através da sua natureza pedagógica e axiológica.

Portanto, é imperioso refletir acerca de uma (re)configuração axiológica frente ao relativismo e labilidade apregoados atualmente, em virtude do enquadramento hierárquico dos valores se encontrar sob a “jurisdição idiossincrática” (Moura, 2011, p. 232).

De todo modo, concordamos com Queirós (2004) ao afirmar que, neste contexto de incertezas e mudanças, anseia-se orientar o desporto por um modelo coexistencial, inculcando valores humanos universais, enquanto respeita o diferente e complementar, ou seja, a identidade de cada um. Pois, os sujeitos que praticam desporto na contemporaneidade caracterizam-se pela diversidade, associada a uma complexidade de fatores. A este respeito, destacamos a necessidade de uma visão abrangente para todos os tipos de desportistas e seus diversos contextos de prática.

### **2.3 Valores do Olimpismo**

A realização de eventos competitivos, sejam atléticos ou não, permeia as diferentes sociedades e períodos históricos, adaptando-se as finalidades, sentidos e significados dos contextos em que são desenvolvidos. No âmbito desportivo, os Jogos Olímpicos (JO) se constituem como uma referência de competição, sendo um dos eventos de maior dimensão mundial.

Contudo, para atingir este patamar de reconhecimento e influência no cenário global, o idealizador dos JO modernos, Pierre de Coubertin, empenhou-se em reconstruí-los como um projeto desportivo-pedagógico, cujo

---

caráter educativo e axiológico formaram os pilares essenciais. Tal impávida tarefa requiritava um suporte humano e material, exigindo um árduo trabalho de articulação internacional.

Cabe ressaltar que a iniciativa do Barão de Coubertin foi influenciada por algumas competições que ocorreram entre as décadas de 1850 e 1870, em Much Wenlock - Inglaterra e em algumas cidades da Grécia, inspiradas nos Jogos Olímpicos da Antiguidade (MacAloon, 1981). No entanto, estes jogos foram locais e transitórios, o que demonstrou a necessidade de esforços para que os novos JO se tornassem um evento universal e duradouro. Neste âmbito, no final do século XIX observava-se a difusão de atividades desportivas em diversas regiões do globo.

Juntamente com isso, os grandes inventos, a estrada de ferro e o telégrafo, encurtaram as distâncias e os homens começaram uma nova forma de existência; as raças se interpenetraram, aprenderam a se conhecer melhor e em seguida gostaram de se comparar entre si. [...] Pouco a pouco o internacionalismo foi introduzido no esporte, avivando seu interesse e ampliando seu raio de ação (Müller e Todt, 2015, p. 300).

Com isso, obteve-se um ambiente propício para a realização dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, no ano de 1894, Coubertin reuniu diversas associações desportivas durante um congresso da *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA), a fim de unificar as normas para as competições amadoras nacionais e internacionais. Neste mesmo congresso foi apreciada a proposta de restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Com efeito, na última sessão do evento (dia 23 de junho<sup>17</sup>), os 79 representantes desportivos de 13 países aprovaram o renascimento dos Jogos, bem como as regras para a sua realização e acataram a lista de 14 membros apresentada por Coubertin para compor o Comitê Olímpico Internacional (COI) (Müller e Todt, 2015).

Como afirmam Giglio e Rubio (2017, p. 293), “embora nesse primeiro Congresso tenha sido discutida a unificação das regras para o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, ele representou um

---

<sup>17</sup> Data em que é comemorado internacionalmente o Dia Olímpico.

---

marco para a história do esporte pelo fato do COI ter sido criado naquele momento”. O COI tem como missão promover mundialmente o Olimpismo e liderar o Movimento Olímpico (MO). Os seus congressos extrapolam os debates sobre a organização dos JO, abrangendo temas contemporâneos na sociedade, como sustentabilidade, equidade de gênero e revolução digital. Não por acaso, o COI foi integrado como membro observador da Assembleia Geral das Nações Unidas, posição que reconhece os esforços empenhados pelo Comitê para a construção de um mundo melhor e mais pacífico.

As sessões e congressos olímpicos se constituem em reuniões para definição de políticas da instituição. Em uma dessas oportunidades, no ano de 1908, foi criada a Carta Olímpica<sup>18</sup>, documento que orientava a organização e a operação do MO, estipulava as leis e regulamentos adotados pelo COI, bem como as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos. Embora tenha passado por diversas reformulações no decorrer dos anos, a Carta Olímpica permanece em vigência, sendo atualizada periodicamente para orientação do MO (Müller e Todt, 2015).

Neste documento também está contido o conjunto de valores que é a referência fundamental do MO. A este conjunto de valores, Pierre de Coubertin chamou de Olimpismo. Este *corpus* axiológico encontra-se definido na Carta Olímpica em seu primeiro princípio fundamental, como

uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, da vontade e da mente, aliando o desporto à cultura e educação. O Olimpismo visa criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais (IOC, 2017, p.11).

Convém-nos neste ponto discutir os sentidos e valores do Olimpismo, almejando compreendê-lo enquanto uma ideologia da transcendência humana. Posteriormente, abordaremos a partir de um estudo de revisão de produções científicas os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ).

---

<sup>18</sup> Embora atualmente este título remeta a todas as edições anteriores, ele surge oficialmente a partir de 1978.

### **2.3.1 A construção do Olimpismo como paradigma da transcendência humana**

Desde o início da concretização dos Jogos Olímpicos da era moderna, Coubertin ambicionava reviver a instituição Olímpica em sua forma e conteúdo, embora de maneira fundamentalmente universal e secular. Para tanto, era necessário superar as hostilidades e incompreensões que permeavam o Movimento Olímpico em seus primeiros anos.

Muitos políticos e dirigentes desportivos descreditavam na potencialidade do novo evento, que em algumas edições (Paris 1900 e Saint Louis 1904) aconteceram sem muito destaque, associados a Exposições Universais<sup>19</sup>. Além disso, Coubertin precisou lidar com alguns inconvenientes protagonizados pela Grécia, que após a realização dos Jogos em 1896 formulou uma petição para ter o direito de sediar permanentemente o evento<sup>20</sup>, e em 1906 quando decidiu realizar os Jogos Olímpicos Intermediários<sup>21</sup>, em comemoração aos dez anos de renascimento dos JO (Müller e Todt, 2015).

Isto posto, nos momentos iniciais, as resoluções burocráticas, negociações, concessões e, por vezes, imposições foram prioridade para o mentor do MO, que presidia o Comitê Olímpico Internacional. No entanto, seu anseio de que os Jogos aliassem a prática desportiva com a formação em valores não foi extraviado. Sendo assim, após os Jogos da IV<sup>a</sup> Olimpíada, com as questões de organização relativamente estabelecidas, Coubertin passou a se dedicar a estruturação e desenvolvimento do Olimpismo.

A filosofia Olímpica a ser difundida estava amparada na concepção transcendental do homem/atleta da antiguidade clássica, sendo, por isso, difícil sua apreensão pelo público da modernidade. Deste modo, Coubertin precisou adequar seu “filohelenismo”<sup>22</sup> as elaborações teóricas do século XX para que sua construção filosófica e pedagógica fosse assimilada e propagada por todos.

---

<sup>19</sup> Uma feira internacional para exibição de trabalhos industriais realizada em diferentes países.

<sup>20</sup> Que foi veementemente negado, pois os JO deveriam ser universais e, para tanto, deveriam percorrer o mundo inteiro.

<sup>21</sup> Coubertin não se ocupou com este evento, embora tenha reconhecido posteriormente que estes Jogos tiveram uma melhor organização do que os primeiros (Müller e Todt, 2015).

<sup>22</sup> Estima a cultura grega.

---

Logo, podemos encontrar em suas obras definições diversas para o termo Olimpismo, qualificando-o ora como uma doutrina, ora como uma filosofia e, por vezes, até como um estado de espírito (Müller e Todt, 2015).

As publicações conceituais introdutórias sobre o tema apresentam uma forte relação com os aspectos religiosos presentes nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Em 1918, Coubertin definiu Olimpismo como uma doutrina filosófico-religiosa: “é a religião da energia, o cultivo de intensa vontade desenvolvido através da prática de esportes masculinos, com base na higiene adequada e espírito público, rodeado de arte e pensamento...” (Müller e Todt, 2015, p. 35). A adoção de uma linguagem mítica e as referências ao “espírito Olímpico” enfatizam esse sentimento religioso.

Contudo, essa ideia de uma “*religio athletae*” limitava a aceitação pública da filosofia Olímpica, e aos poucos, esse sentido religioso renovado foi adquirindo contornos mais pedagógicos e axiológicos. De fato, como indica Chatziefstathiou (2005), o conteúdo filosófico Olímpico sempre esteve relacionado com uma perspectiva educativa. Logo, para Coubertin, o Olimpismo tinha como objetivo estimular o desenvolvimento físico, moral e intelectual do indivíduo através da competição desportiva.

Assim, o Olimpismo conferiu um sentido à prática desportiva, que consistia em “[...] buscar no esporte a maravilhosa consolidação da máquina humana, o delicado equilíbrio entre a alma e o corpo, a alegria de uma vida mais vigorosa e intensa, a harmonia das faculdades, a força tranquila e feliz” (Müller e Todt, 2015, p. 527). Neste escopo, cabe ressaltar que esta dimensão ideológica se caracteriza como uma das razões pela qual os Jogos Olímpicos se distinguem de outros campeonatos e festivais desportivos, conforme aponta Loland (1995). Ademais, com o decorrer das edições, foram agregados diversos elementos, tais como símbolos, bandeira, hino, tocha, juramentos, dentre outros, que contribuíram para a significação do evento em grande magnitude no contexto internacional. Sendo assim, os JO configuram-se como um palco privilegiado para o Olimpismo.

No entanto, a abrangência do Olimpismo vai além, uma vez que, amparado em valores humanos, apresenta-se também como um modelo para a

---

vida cívica cotidiana. Nesse sentido, a filosofia Olímpica intenta orientar o papel do desporto no aperfeiçoamento do ser humano e no desenvolvimento do mundo como um todo, promovendo a paz, a coexistência, o entendimento internacional e a educação moral e social, como encontra-se expresso no Princípio Fundamental 2 da Carta Olímpica: “O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana, em vista de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana” (IOC, 2017, p. 11).

Contudo, a Carta Olímpica, cujo um dos objetivos é “estabelecer e evocar os Princípios Fundamentais e valores essenciais do Olimpismo”, fornece informações vagas e limitadas sobre o efetivo significado do Olimpismo e como seus ideais olímpicos podem ser concretizados na vida das pessoas (IOC, 2017, p. 9). Para muitos autores, tais como Loland (1995), Tavares (1999), Chatziefstathiou (2005), DaCosta (2006) e Rubio (2007), a definição apresentada é pouco precisa para a compreensão do Olimpismo como uma construção ideológica e axiológica, o que tem levado a demasiadas discussões na área dos estudos olímpicos.

Segundo Loland (1995), o Olimpismo consiste numa ideologia, pelo que se apresenta como um conjunto de premissas e valores que fundamentam uma ordem social. Todavia, essa ideologia não foi sistematicamente organizada (sobretudo por seu fundador, Pierre de Coubertin) como um corpo específico e claro de normas e princípios, o que incide em contradições e inconsistências.

De tal modo, Loland (1995) sugere, a partir da abordagem da história das ideias, uma análise das concepções mais importantes do Olimpismo, a fim de identificar a ideia-base que alicerça a ideologia olímpica. Assim, o autor sintetiza os quatro principais objetivos do Olimpismo: (1) educar o homem através do desporto; (2) desenvolver o respeito mútuo entre os indivíduos na sociedade; (3) promover o entendimento internacional e a paz; e (4) cultivar o potencial humano.

Estes objetivos indicam a unidade fulcral que constitui a ideologia do Olimpismo, que é o humanismo. Logo, para Loland (1995), o Olimpismo é o humanismo, que tem como pressuposto básico o aperfeiçoamento do homem

através da educação, em outras palavras, advoga-se que o ser humano possui um potencial de autorrealização que deve ser efetivado pelo aprendizado.

Esta concepção é compartilhada por diversos autores do campo dos estudos olímpicos, que reconhecem as influências da perspectiva humanista nas obras de Coubertin. Parry (1994) afirma que os valores do Olimpismo são, basicamente, os principais valores do humanismo. Entretanto, Parry (1994) aborda o Olimpismo como uma filosofia social, cuja generalidade e universalidade são características que permitem que seus valores sejam assimilados por diversas nações, ao mesmo tempo que “encontram para a ideia geral uma forma de expressão única de si, gerada por sua própria cultura, localização, história, tradição e futuro” (Parry, 1994, p. 182).

Ademais, Parry (1994, p. 182) argumenta que “se a prática do desporto deve ser seguida e desenvolvida de acordo com os valores Olímpicos, a teoria deve buscar uma concepção do Olimpismo que apoie essa prática”, assim, o Olimpismo deve ser visto como um conjunto de ideias vivas, as quais inseridas num mundo de rápidas mudanças apresentam respostas flexíveis construídas a partir de uma base sólida.

Nesse mesmo sentido, DaCosta (2006) propõe que o Olimpismo seja analisado como uma "filosofia em processo", ou seja, como uma construção especulativa de direções ou posições filosóficas, entretanto, desprovida de uma coerência interna, em face das constantes mudanças do mundo. Para fundamentar sua proposta, DaCosta (2006) salienta que Coubertin foi fortemente influenciado pelo ecletismo<sup>23</sup> do filósofo Victor Cousin, sendo assim, unificou seus conhecimentos de história, pedagogia, sociologia, antropologia, filosofia e concepções doutrinárias numa nova estrutura. Isto pode explicar as diversas perspectivas que o Olimpismo assume na produção Coubertiniana, em que o termo era utilizado por vezes com conotações prescritivas (filosofia de vida), e outras, com conotações descritivas (realização institucional e de grupo).

---

<sup>23</sup> De acordo com Japiassú e Marcondes (2001, p. 59), "o ecletismo é um método histórico que supõe uma filosofia avançada capaz de discernir o que há de verdadeiro e o que há de falso nas diversas doutrinas, e, após tê-las extraído e depurado pela análise e pela dialética, de dar a todas uma parte legítima numa doutrina melhor e mais ampla."

Portanto, para DaCosta (2006) não há uma filosofia específica subjacente ao Olimpismo, visto que não existe proposições sistemáticas, e sim discursos filosóficos, que frequentemente se apresentam como uma metanarrativa para preservar a ideia Olímpica. Isto posto, o Olimpismo deve ser compreendido como uma “filosofia em processo”, em permanente reconstrução de seu texto conforme seu contexto.

Em sua tese de doutoramento, Dikaia Chatziefstathiou (2005) analisou a natureza mutável da ideologia do Olimpismo, considerando os contextos históricos, sociopolíticos e econômicos contemporâneos. A partir de escritos dos principais autores Olímpicos, como Pierre de Coubertin, Carl Diem e palestrantes da Academia Olímpica Internacional, a autora identificou no decorrer de 11 anos (1887-1998) os significados culturalmente diversos e os valores circunstancialmente associados ao Olimpismo.

Como é sabido, a abordagem eclética de Coubertin combinou elementos de diferentes culturas na construção do Olimpismo, sobretudo da sociedade moderna Anglo-saxã e da civilização Helênica, de tal modo que a filosofia olímpica compartilhava valores das práticas gregas antigas e dos ideais desportivos britânicos do século XIX. Contudo, a criação do Olimpismo estava vinculada a uma agenda sociopolítica que buscava garantir a promoção e o êxito do Movimento Olímpico. Por isso, a filosofia Olímpica permeava uma rede de ideias abertas e uma gama de valores genéricos que possibilitaria diferentes interpretações e aplicações em contextos variados (Chatziefstathiou, 2005; Mota, 2020).

Conforme Chatziefstathiou (2005), os principais valores associados ao Olimpismo foram: excelência, igualdade, amadorismo/profissionalismo, *fair play*, cavalheirismo, universalismo, internacionalismo, multiculturalismo e, o mais recente, ambientalismo. Por sua vez, Preuss, Schütte, Könecke e DaCosta (2014) alegam que Pierre de Coubertin introduziu os seguintes valores ao Movimento Olímpico: igualdade, *fair play*, equidade, racionalidade e entendimento, respeito, autonomia e excelência. Contudo, considerando que o Olimpismo não dispõe de um corpo de valores absolutos, os referidos autores conduziram uma investigação com cerca de 1500 pesquisadores da área dos

---

Estudos Olímpicos, a fim de identificar a percepção sobre os valores Olímpicos na contemporaneidade. Como resultado foram mencionados, sobremaneira, o *fair play*, a excelência, a igualdade, a amizade, o entendimento mútuo, a paz, o respeito, a tolerância, o internacionalismo e a universalidade.

Diante disso, torna-se perceptível que os valores associados ao Olimpismo abarcam uma generalidade que os tornam capazes de serem assimilados por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos, mantendo assim a continuidade do Movimento Olímpico. No entanto, desde o ano de 2007, o COI deliberou por resumir seus pressupostos axiológicos em três valores essenciais: excelência, amizade e respeito, e a cada atividade desenvolvida, direta ou indiretamente, pelo MO esses valores são reafirmados, celebrados e compartilhados (Mota, 2020).

Embora o Olimpismo incorpore valores pretensamente universais, ele é circunscrito por condições temporais e contextuais, que o altera ao longo do tempo e das transformações políticas, econômicas e sociais. Ancorada nessa perspectiva, Chatziefstathiou (2005) pondera algumas mudanças que foram adaptadas e incorporadas ao Olimpismo. Duas dessas alterações foram veementemente de encontro aos princípios do criador dos JO, o qual se manteve irredutível até o final de sua vida sobre a não participação das mulheres e o profissionalismo nos Jogos Olímpicos.

Consoante ao contexto histórico e as influências gregas, os Jogos Olímpicos foram concebidos para a glorificação de atletas individuais masculinos, e a estes deveriam ser reservados. Coubertin alegava questões organizacionais e condições físicas para a não inclusão das mulheres nos Jogos (Müller e Todt, 2015). Decerto, o sexismo estava marcadamente presente nas estruturas sociais europeias do século XIX.

Entretanto, paulatinamente as resistências e lutas das mulheres, associadas ao processo de modernização, foram abrindo espaços nas diferentes esferas da vida, dentre as quais o desporto não se manteve imune. Assim, as mulheres conquistaram o direito de participar dos Jogos Olímpicos e, gradualmente, tem aumentado sua presença e legitimidade dentro do MO (Devide, 2002; Francisco, 2012).

---

Cabe ressaltar que a busca pelo equilíbrio entre homens e mulheres tem sido impulsionada pelo Movimento Olímpico. Dentre as recomendações da Agenda Olímpica 2020<sup>24</sup> pode-se ler no quesito 11:

1. O COI deve trabalhar com as Federações Internacionais para alcançar 50% de participação feminina nos Jogos Olímpicos e estimular a participação e o envolvimento das mulheres no desporto, criando mais oportunidades de participação nos Jogos Olímpicos.
2. O COI deve incentivar a inclusão de eventos de equipes de gênero misto. (IOC, 2014a, p. 15).

Nesse sentido, destaca-se que a primeira vez em que uma edição dos Jogos dispôs de total igualdade de participação de homens e mulheres foi em Buenos Aires 2018, na ocasião do III Jogos Olímpicos da Juventude de Verão<sup>25</sup>. Ao que tudo indica, esta meta tem sido assegurada, ao menos nos Jogos da Juventude, pelo que a edição de inverno realizada em Lausanne 2020 também usufruiu da paridade entre meninos e meninas<sup>26</sup>. De todo modo, a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos tem crescido significativamente, de 34% nos Jogos de Atlanta 1996 para cerca de 49% nos Jogos de Tóquio 2020 (realizados em 2021)<sup>27</sup>.

Contudo, para além da paridade entre atletas nos Jogos, o COI estabeleceu como objetivo aumentar a representação feminina nos cargos executivos do Movimento Olímpico, que tem sido alcançado sobretudo nos Conselhos dos Comitês Olímpicos Nacionais. Atualmente, 36% dos membros do COI e 47,7% dos membros das Comissões do COI são mulheres, estes são alguns resultados alcançados a partir da Agenda Olímpica 2020 (IOC, 2020). Não obstante, no ano de 2018 o COI apresentou um projeto com 25 recomendações para igualdade de gênero no Movimento Olímpico, abrangendo seis grandes temas: desporto, representatividade, governança, comunicação,

---

<sup>24</sup> Um documento contendo 40 propostas (20+20) para o futuro do Movimento Olímpico.

<sup>25</sup> [Buenos Aires 2018 in numbers - Olympic News \(olympics.com\)](#) Consultado em 26 de fevereiro de 2021.

<sup>26</sup> [Lausanne 2020 in numbers - Olympic News \(olympics.com\)](#) Consultado em 26 de fevereiro de 2021.

<sup>27</sup> [Tokyo 2020 first ever gender-balanced Olympic Games in history, record number of female competitors at Paralympic Games - Olympic News \(olympics.com\)](#)

Consultado em 26 de março de 2021.

---

financiamento e monitoramento (IOC, 2018b). As ações do COI para a promoção da equidade impulsionam a legitimação das mulheres na sociedade como um todo, ampliando as oportunidades de participação e intervenção na vida social, com possibilidade de efetivar mudanças concretas no contexto mundial.

Entretanto, convém-nos elucidar pontos importantes acerca deste assunto. A tradução do equilíbrio entre o quantitativo de homens e mulheres como igualdade de gênero, feita pelo discurso Olímpico, demonstra uma concepção limitada sobre o tema, diante dos avanços e da pluralidade das teorias sobre gênero na contemporaneidade (Camargo e Kessler, 2017; Costa e Santos, 2018). Ademais, no desporto as dinâmicas são baseadas no binarismo sexual. Portanto, é preciso tensionar as compreensões e usos do termo gênero no campo desportivo, pelo que as construções de gênero vão além do binômio masculino/feminino e o desporto é um ambiente de generificação por sexo.

Em sentido contrário ao aumento da atuação feminina, o ideal do amadorismo foi perdendo seu potencial de ação dentro do contexto Olímpico. O amadorismo era para o Barão de Coubertin uma condição inexorável a prática do desporto e, conseqüentemente, para os JO:

Pessoalmente, convencido como estou de que o amadorismo é uma das primeiras condições para o progresso e a prosperidade do esporte, nunca deixei de trabalhar por ele; e quando, em 1894, propus reviver os Jogos Olímpicos, foi com o propósito de que estariam sempre reservados unicamente a amadores (Müller e Todt, 2015, p. 377).

De todo modo, Chatziefstathiou (2005) alega que o princípio do amadorismo estava umbilicalmente ligado a origem aristocrática do Olimpismo, que destinava a prática desportiva aos homens das classes economicamente privilegiadas. Com o passar dos anos, diversos fatores pressionaram a perda de prestígio do atleta amador como critério para participação nos JO, dentre eles destacam-se as transformações ocorridas nas condições socioeconômicas das nações, o aumento das práticas desportivas pelos trabalhadores e o advento das transmissões televisivas que culminou na comercialização dos Jogos. Com isso, entre as décadas de 1970 e 1980, o ideal amador foi se tornando obsoleto, até ser completamente retirado da Carta Olímpica.

Todavia, se por um lado a mudança do amadorismo para o profissionalismo promoveu uma democratização do desporto Olímpico, por outro, trouxe à tona os casos de doping, bem como à espetacularização e comercialização dos JO. No entanto, não nos debruçaremos especificamente sobre estas questões. Fato é que as mudanças ocorridas nas sociedades desafiaram o sentido do Olimpismo, tornando defasados alguns de seus valores e integralizando outros que surgiram, a fim de manter a popularidade e continuidade da filosofia. “A sobrevivência do Movimento [Olímpico] dependia, até certo ponto, de sua capacidade de lidar e responder às novas demandas globais, muitas vezes expressas por meio de movimentos emergentes” (Chatziefstathiou, 2005, p. 374).

Um exemplo de tema emergente incorporado ao Olimpismo foi o ambientalismo. As preocupações acerca dos impactos ambientais dos Jogos despontaram a partir das décadas de 1970 e 1980, sem que, no entanto, o COI tivesse adotado direcionamentos para a questão. Apenas no decorrer da década de 1990, com as problemáticas ambientais evidentes na mídia e, em especial, após os Jogos de Inverno em Albertville 1992<sup>28</sup>, é que o COI emprega ações efetivas. Deste então, o COI passou a adotar uma política de desenvolvimento sustentável e a considerar o meio ambiente como um terceiro pilar do Olimpismo, ao lado do desporto e da cultura (IOC, 2014b).

Para tanto, diversas iniciativas foram criadas, como a Agenda 21 e programas com implementações concretas, direcionadas a sustentabilidade. Ademais, o COI anexou à Carta Olímpica, dentre as suas funções: “encorajar e apoiar uma preocupação responsável com as questões do ambiente, promover o desenvolvimento sustentável no desporto e exigir que os Jogos Olímpicos sejam organizados em conformidade” (IOC, 2017, p.17). Cabe ressaltar que os Jogos Olímpicos de Inverno foram precursores e têm sido mais atentos às questões relativas ao meio ambiente do que seus homólogos de Verão (Araújo, 2016).

---

<sup>28</sup> Ocasão em que moradores protestaram contra as danificações causadas pelas infraestruturas construídas para os Jogos.

---

Embora o MO tenha sido vagaroso em superar os elementos anacrônicos do Olimpismo (como o amadorismo), as transformações aqui exemplificadas fornecem evidências de que o Movimento busca se adaptar às pressões e novas condições sociopolíticas. Não obstante, Chatziefstathiou (2005, p. 360) pontua que “embora o Olimpismo, mais cedo ou mais tarde, esteja sendo gradualmente adaptado aos valores sociopolíticos e culturais emergentes, seus paradoxos e contrastes inerentes ainda precisam ser resolvidos”.

Indubitavelmente, o Olimpismo é um dos responsáveis pelo sucesso dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico. No entanto, parece haver lacunas entre os valores do Olimpismo e a conduta do MO, sobretudo no que concerne a organização dos JO. Uma das grandes incongruências refere-se à capacidade dos JO, determinados atualmente pela comercialização e espetacularização, em continuar sendo um meio propício para disseminação dos valores mais nobres do Olimpismo.

Mais especificamente, as críticas endereçadas ao Olimpismo expõem que seus princípios fundamentais possuem pouca força para impulsionar ações, que suas inconsistências e contradições reduzem seu valor filosófico, e que as disputas políticas e nacionalistas no âmbito dos JO depreciam os valores do internacionalismo e da paz (Loland, 1995; Cardoso, 2013). Essas e outras críticas oriundas ora do discurso midiático, ora do campo acadêmico e de instituições sociais, em raras oportunidades, são propositivas quanto a superação das contradições internas do Olimpismo e do MO. Entretanto, essas mesmas críticas, muitas vezes, abrem debates que, a *posteriori*, orientam reformulações de ordem operacional, política e filosófica dentro do próprio MO.

De certa maneira, as controvérsias que circundam o Olimpismo permeiam a tentativa de compreendê-lo como um instrumento de aplicação social, negligenciando sua eficácia simbólica e ideológica. Decerto que, devido a sua complexidade, o Olimpismo carece de constantes apreciações críticas e redefinições, de modo que alguns autores sugerem a atualização do termo para Pós-Olimpismo ou Neo-Olimpismo (Bale e Christensen, 2004; Wamsley, 2004; Rubio, 2002; Rubio, 2019).

Os estudiosos que defendem o conceito de Pós-Olimpismo alegam que o resultado das transformações sociopolíticas e econômicas alteraram radicalmente o sentido do Olimpismo, a ponto de o mesmo não ser mais entendido e praticado a partir de sua essência. Para Rubio (2002, p. 140),

o pós-olimpismo poderia ser caracterizado não como a prática esportiva que busca reviver o passado olímpico grego, mas refeito e reformulado apresenta-se como simulacro de um ideal onde elementos fundamentais à sua organização e prática são desprezados em detrimento da satisfação de interesses econômicos e políticos, que nem sempre estão diretamente relacionados com o fenômeno esportivo.

Recentemente, esta mesma autora organizou um livro chamado “Do Pós ao Neo Olimpismo: esporte e Movimento Olímpico no século XXI” (2019), em que reúne reflexões de diversos pesquisadores do campo dos estudos olímpicos acerca de temas atualmente nevrálgicos, buscando apresentar perspectivas para uma reconexão com os valores Olímpicos basilares.

Contudo, como indicam Nista-Piccolo e Nunomura (2014, p. 180) “podemos enfatizar que as propostas de Coubertin sobre o princípio básico do Olimpismo, que são os seus valores humanistas os quais sustentam a prática esportiva como meio de educação, estão ainda hoje atuais e relevantes para nossa época”. Portanto, apesar da conceituação sobre Olimpismo esbarrar em algumas controvérsias, os valores que o fundamentam são consistentes, ainda que possam ser apropriados idiossincraticamente. Com isso, o Olimpismo persiste como a sistematização mais coerente dos valores humanos subjacentes à prática do desporto.

Independentemente de sua designação – seja uma filosofia de vida, uma filosofia social, uma filosofia em processo, uma antropologia filosófica, uma posição filosófica pluralista, ou mesmo uma ideologia –, o Olimpismo é um ímpeto pedagógico, que atravessa pessoas, nações e períodos.

Sendo assim, baseado no apelo educacional do Olimpismo, Nobeit Müller cunhou, na década de 1970, a Educação Olímpica, com o intuito de promover uma educação pautada nos princípios do Olimpismo, idealizados por Coubertin. Em termos gerais, Müller ambicionava combater a perspectiva escolar dicotomizada, formulando uma filosofia pedagógica fincada nos valores do

---

Olimpismo que considerava o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade (Müller, 2004; Futada, 2007).

Desde o ano de 1994, a implementação de programas de Educação Olímpica se tornou imprescindível para o processo de candidatura e realização dos Jogos Olímpicos. Com isso, a Educação Olímpica tem sido estudada e expandida, por conseguinte, sistematizada e institucionalizada, suscitando diversos projetos ao redor do mundo (Naul, Binder, Rychtecky e Culpan, 2017). Embora haja divergências entre os autores sobre as abordagens pedagógicas e métodos utilizados, é consensual a compreensão de que a Educação Olímpica contempla uma formação humana em valores com centralidade no esporte, ratificando o anseio do Olimpismo de aperfeiçoar o ser humano com vista a sua transcendência.

Como afirmou em 1984, o então presidente da Academia Olímpica Internacional, Nikolaos Nissiotis,

A ideia Olímpica é, portanto, um convite permanente a todos os esportistas para transcenderem – incessantemente! – seus próprios limites físicos e intelectuais, em prol de uma conquista dos seres humanos pela realização física, intelectual e ética cada vez mais alta em direção à perfeição (Nissiotis, 1984, p. 66).

A busca da transcendência, enquanto realização de algo que não está determinado na matriz biológica humana, é inerente a vida do homem, sendo representada em suas diversas atividades: na arte, na religião, na ciência, no esporte, dentre outras (Garcia, 2006). O Olimpismo configura-se então como uma tradução, originalmente de Pierre de Coubertin, desta ideia da procura da excelência humana no esporte.

De acordo com Garcia (2006), o esporte evocado pelo ideal olímpico e sua ética fundamental conduz o homem à busca da transposição dos limites da sua condição humana, elevando-se à dignidade de um herói mítico. Monteiro e Garcia (2016, p. 38) reiteram que “deuses, heróis e antepassados míticos são modelos pedagógicos que ensinam pelas ações, atitudes e valores”. Assim, o legado axiológico dos Jogos Olímpicos inspira atletas de todos os níveis a ultrapassarem seus desafios existenciais para alcançarem a condição de

“heróis” e “deuses”. Desta maneira, o recordista olímpico é um símbolo da dimensão transcendental do homem.

Em concordância, Futada (2007) elucida que a propagação dos JO vinculados a um caráter de transcendência ocorreu devido a aproximação das manifestações desportivas com um imaginário heróico e agonístico. Decerto, na construção do Olimpismo, Coubertin identificou a relevância da criação e identificação de um ritual agonístico. Remetendo-nos a uma origem grega, o sentido agônico refere-se a toda forma de disputa leal e honesta (seja desportiva, jurídica, poética ou outras), em que se mantém o respeito ao competidor e a dignidade da competição, pois o próprio desempenho associa-se às virtudes do adversário.

Nesse sentido, as competições olímpicas foram pautadas nos princípios agônicos, subscritos no lema *Citius, Altius, Fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte), que nada mais é do que um apelo à transcendência humana, e que se concretiza num exercício existencial ético-moral por excelência (Garcia, 2006). De fato, este lema deve ser compreendido para além do âmbito desportivo, como evidenciam Müller e Todt (2015, p. 578), ao interpretar as ideias de Coubertin:

*Citius*: não somente mais rápido na corrida, mas também no sentido da rapidez de compreensão, da vivacidade, da inteligência.

*Altius*: mais alto não somente em relação a uma desejada meta, mas também para o aperfeiçoamento moral do indivíduo.

*Fortius*: não somente mais ousado nas lutas dentro do âmbito esportivo, mas também na luta vital.

Esta ávida realização humana alicerçada nos valores do Olimpismo nos remete a ideia apresentada por Garcia (2006) do atleta como um escultor, que vai se esculpindo através do treino, do esforço, do prazer, do progresso, em busca da obra perfeita. Assim, parafraseando Brás (2013, p. 77), "a *poiética* do ser [atleta olímpico] está encerrada neste processo existencial marcado pela procura de mais ser, isto é, fazer o que ainda não é".

Este cenário também enaltece o desporto, visto que, assim como a razão da existência do herói é a luta, a do desportista é a competição. Nesse sentido, o desporto, enquanto uma das expressões da transcendência, e o Olimpismo,

---

enquanto seu arcabouço axiológico, representam nossos compromissos, ideais e esperanças para com o futuro. Portanto, podemos ponderar que os valores Olímpicos nos fornecem as referências fundamentais para a busca da excelência seja na vida desportiva ou cívica.

Como assevera Garcia (2006, p. 31), “há 29 séculos que o desporto [olímpico] do mais elevado nível convida o homem a buscar o infinito”, e por ter em seu âmago um conjunto de valores perenes “perdurará pelo menos por tantos séculos como aqueles que já tem”. Neste escopo, o Movimento Olímpico, responsável por manter essa “chama” acesa, idealizou uma nova forma de promover e expandir o Olimpismo: os Jogos Olímpicos da Juventude. Diante disso, apresenta-se a seguir uma análise de referências que abordam os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude.

### ***2.3.2 Valores Olímpicos nos Jogos Olímpicos da Juventude<sup>29</sup>***

A expansão do Movimento Olímpico, inspirado pela ideia do humanismo, conectou o papel educativo do desporto aos valores da sociedade ocidental moderna. Nesse sentido, os valores Olímpicos se relacionam diretamente com aspectos culturais e históricos. De tal modo, ao longo dos anos, o MO passou por transformações em suas concepções e práticas, acolhendo mudanças socioculturais, sobretudo de sociedades progressistas ocidentais. Como exemplo, podemos identificar nos JO o aumento gradual da participação de mulheres, a profissionalização de atletas a partir da segunda metade do século XX e a abertura do evento para a comercialização (Chatziefstathiou, 2005).

Após mais de 100 anos de existência, no ano de 2007 o Comitê Olímpico Internacional aprovou a proposta de criação dos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), que teve sua primeira edição em Cingapura, no ano de 2010. Os Jogos Olímpicos da Juventude seguem a periodicidade dos Jogos Olímpicos, ocorrendo, portanto, a cada 4 anos, intercalando de 2 em 2 anos as edições de

---

<sup>29</sup> Esta seção é proveniente do artigo de nossa autoria publicado no periódico *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*, v. 4, 2020, pp 96-112. Disponível em [Olympic values and Youth Olympic Games: a review study of scientific publications | Olimpianos - Journal of Olympic Studies](#)

Verão e Inverno. Os primeiros JOJ de Inverno ocorreram em 2012 na cidade de Innsbruck, Áustria, e as edições subsequentes ocorreram em Nanjing, China, 2014, Lillehammer, Noruega, em 2016, Buenos Aires, Argentina, em 2018 e Lausanne, Suíça em 2020.

Embora os JOJ sejam o mais novo evento cancelado pelo MO desde 1924, quando foram instituídos os Jogos Olímpicos de Inverno, eles possuem suas especificidades e não se configuram como uma miniatura dos JO, como defendeu Jacques Rogge, o então presidente do COI, recentemente falecido (agosto de 2021), que propôs a criação do evento. Os JOJ são direcionados para jovens atletas com faixa etária dos 15 aos 18 anos, os quais disputam diversas modalidades olímpicas, coletivas, individuais e algumas mistas. Além disso, os JOJ proporcionam aos atletas experiências educativas e de partilha através do Programa de Educação e Cultura, que ocorre de modo concomitante às competições esportivas.

Os principais objetivos descritos pelo COI para os JOJ são:

- (1) unir os melhores atletas jovens do mundo e celebrá-los; (2) oferecer uma exclusiva e poderosa introdução ao Olimpismo; (3) inovar em educação e debate dos valores Olímpicos e desafios da sociedade; (4) compartilhar e celebrar culturas do mundo numa atmosfera festiva; (5) alcançar comunidades jovens do mundo para promover valores Olímpicos; (6) aumentar o conhecimento e a participação esportiva entre os jovens; (7) servir como plataforma para iniciativas e novas ideias dentro do Movimento Olímpico; e (8) tornar-se o evento do mais alto padrão internacional para jovens (IOC, 2015, p. 1).

Isto posto, é possível perceber a centralidade dos valores no contexto do Movimento Olímpico, e conseqüentemente nos JOJ. Não ao acaso, o criador dos JO modernos dispôs tempo e esforço para estruturar e desenvolver a filosofia Olímpica (Müller e Todt, 2015). Cabe ratificar que esta base filosófica e ideológica configura o caráter distinto dos Jogos Olímpicos, em relação a outros campeonatos e festivais desportivos (Loland, 1995). Portanto, torna-se relevante investigar os valores do Olimpismo, especialmente no contexto dos eventos desportivos promovidos pelo Movimento Olímpico.

Nesse sentido, apresentaremos nesta seção a análise das produções científicas que abordam a temática dos valores do Olimpismo nos Jogos

Olímpicos da Juventude realizada por Medeiros, Garcia, Santos e Valente (2020). Os referidos autores elaboraram um estudo de revisão a partir da seleção e análise criteriosa de artigos relevantes identificados a partir de uma pesquisa eletrônica nas bases de dados de alta qualidade do campo da Educação Física e do Desporto. Os artigos analisados estão identificados no Quadro 2 a seguir.

**Quadro 2.** Identificação dos artigos analisados

	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR(ES)/ANO</b>	<b>OBJETIVO(S)</b>
1	The Youth Olympic Games, their programs, and Olympism	Torres, C. (2010)	Avaliar os JOJ e seus programas (Programa Esportivo e Programa de Educação e Cultura), e analisar até que ponto eles incorporam e promovem os valores do Olimpismo.
2	The Youth Olympic Games - some ethical issues	Parry, J. (2012)	Abordar questões éticas e de valores presentes na organização do Programa Esportivo do JOJ e decorrentes dele.
3	Perception of Olympic values by Turkish athletes who participated in the first Youth Olympic Games.	Dervent, F.; Çotuk, M. Y. (2013)	Examinar a percepção dos valores Olímpicos por atletas turcos que participaram dos JOJ Cingapura 2010.
4	Do the Youth Olympic Games have the potential to shift perceptions of Olympism? Evidence from young people's views on Olympic values	Prüschenk, N.; Kurscheidt, M. (2017)	Investigar se os Jogos Olímpicos da Juventude têm o potencial de impulsionar as percepções sobre o Olimpismo.
5	Do the Youth Olympic Games promote Olympism?Analysing a mission (im)possible from a local youth perspective	Schnitzer, M.; Walde, J.; Scheiber, S.; Nagiller, R.; Tappeiner, G. (2018)	Analisar a influência dos JOJ de Innsbruck 2012 na percepção de jovens locais sobre os valores Olímpicos e o interesse no movimento olímpico.

Fonte: Medeiros, Garcia, Santos e Valente (2020, p. 101).

Desde a decisão do COI de realizar os JOJ, a comunidade acadêmica, em particular no campo dos estudos olímpicos, tem se debruçado sobre o evento. A maioria das publicações encontram-se em inglês e abordam os Jogos a partir de diversas perspectivas. Uma das primeiras pesquisas publicadas foi

---

realizada antes da primeira edição dos JOJ, na qual os autores Judge, Peterson e Lydum (2009) buscaram identificar o nível de conhecimento e a opinião de treinadores, atletas, pais e administradores de diferentes desportos nos Estados Unidos sobre o novo evento. Verificou-se que o nível de conhecimento e familiaridade de todos os grupos quanto aos objetivos dos JOJ era baixo, sendo os atletas aqueles que mais demonstraram conhecimento e informação a respeito do evento.

Após a inauguração dos JOJ em Cingapura 2010, os estudos foram ampliados e diversificados, envolvendo desde a análise de aspectos específicos dos Jogos como o Programa de Educação e Cultura e as inovações nas competições até a avaliação de emissão de gases durante uma edição do evento. Neste cômputo diversos agentes sociais foram abarcados pelas pesquisas: atletas, pais, treinadores, membros das delegações, jornalistas, membros do COI, dos Comitês Olímpicos Nacionais (CON) e do Comitê Organizador dos Jogos, voluntários e habitantes das cidades-sede do evento.

As primeiras publicações que abordaram designadamente os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude (Torres, 2010 e Parry, 2012) empreenderam esforços em analisar as propostas do COI para os JOJ, especialmente os programas que atribuem identidade ao novo evento: o Programa de Educação e Cultura (PEC)<sup>30</sup> e o Programa Desportivo (PD). Torres (2010) amparou-se em fontes documentais oficiais para analisar as potencialidades e fragilidades dos JOJ. Nesse sentido, ao apresentar o panorama histórico da criação do evento, o autor destaca o empenho dos idealizadores em distinguir os Jogos Olímpicos da Juventude dos Jogos Olímpicos, defendendo que os Jogos destinados aos jovens seriam mais do que uma competição desportiva, em que se uniriam desporto, educação e cultura.

Sabe-se que a proposta de Coubertin de reviver os Jogos Olímpicos estava embasada em uma filosofia e uma pedagogia desportivas que abrangiam principalmente os jovens. Ao divulgar suas ideias sobre o Olimpismo moderno em 1935, o Barão declarou que a sua crença inabalável na juventude e no futuro

---

<sup>30</sup> Embora após a segunda edição dos JOJ o Programa de Educação e Cultura tenha sido renomeado para Aprender e Compartilhar (*Learn and Share*), manteremos a tradução da nomenclatura utilizada nos artigos analisados (*Culture and Education Programme – CEP*).

---

era o preceito inspirador do seu trabalho (Müller e Todt, 2015). Além disso, inexoravelmente, a educação e a cultura deveriam ser agregadas ao desporto para garantir existência e a grandeza dos Jogos.

Imbuído por essas premissas, o COI arquitetou dois grandes pilares para os JOJ: o Programa de Educação e Cultura, cujo intuito seria familiarizar os atletas com o Olimpismo e seus valores através de atividades que tematizassem o próprio Olimpismo, o desenvolvimento de habilidades para a carreira profissional, estilo de vida saudável e bem-estar, expressão e responsabilidade social; e, o Programa Desportivo, que para além das modalidades tradicionais dos JO, apresentou inovações como as competições mistas (*mixed-gender events*) que envolviam atletas de ambos os sexos e as competições com equipes formadas por atletas de diferentes nacionalidades (*mixed-NOCs teams*), ademais, novas disciplinas foram integradas ao programa como o futsal e o basquetebol 3x3.

Ao relacionar estes programas com os ideais do Movimento Olímpico, Torres (2010) discorre que está contida na Carta Olímpica (Artigo 39) a implementação de um programa cultural durante os JO, porém, isto é feito de maneira marginal, com pouca visibilidade e relevância. Sendo assim, o PEC nos JOJ marca a efetivação deste objetivo olímpico de associar desporto, cultura e educação. Por sua vez, no PD, as competições com equipes composta por diversas nacionalidades coadunam com a declaração de que “os Jogos Olímpicos são competições entre atletas em eventos individuais ou em equipes e não entre países” (IOC, 2017, p. 21).

Porém, outras práticas realizadas tanto nos JO quanto nos JOJ contrariam essa perspectiva. Por exemplo, a Vila Olímpica é dividida por países e não por modalidades, na cerimônia de abertura o desfile é realizado por países, e nas cerimônias de premiação sobem ao mastro as bandeiras nacionais dos medalhistas e toca-se o hino nacional do país do vencedor.

Outros dois pontos do PD são ressaltados por Torres (2010), um se refere as competições mistas, que demonstram uma alternativa dentro da atual conjuntura de pluralismo sexual para entender e respeitar as diferenças. E o segundo diz respeito a iniciativa dos JOJ em disponibilizar alguns equipamentos

---

de competição para todos os atletas, tais como canoas, caiaques e cavalos, o que auxilia a dirimir a desigualdade de acesso a estes recursos e a estabelecer o foco das disputas nas habilidades dos atletas, promovendo assim um dos valores Olímpicos: o *fair play*.

De fato, os dois programas adotados nos JOJ constituem um caminho para que o Movimento Olímpico retorne as suas raízes, servindo como inspiração para os Jogos Olímpicos. Contudo, estes programas precisam estar em equilíbrio a fim de manter a experiência multicultural, educacional e atlética dos jovens olímpicos (Torres, 2010).

Por fim, Torres (2010) adverte sobre a contradição dos JOJ ao anunciar que, em consonância com um dos seus objetivos de inspirar os jovens a adotar um estilo de vida saudável, as modalidades foram cuidadosamente selecionadas para proteger a saúde dos atletas, entretanto, mantiveram em seu PD disputas que oferecem riscos aos praticantes, como o boxe. Acrescenta ainda a predominância de modalidades desportivas ocidentais, o que enfraquece a diversidade cultural dos Jogos. Parry (2012) também alerta sobre esta questão, alegando que os JOJ perderam uma grande oportunidade de desconstruir esta hegemonia ocidental no programa olímpico.

Certamente as competições olímpicas abrangem muitas modalidades ocidentais, em decorrência, sobretudo, de seu contexto de origem. No entanto, esse viés ocidental não parece representar uma barreira para a disseminação dos Jogos e seus valores, pelo que muitos países orientais se destacam nas competições olímpicas. Ademais, as modalidades desportivas ditas ocidentais são praticadas de forma universal, o que não acontece com algumas modalidades que tem sua prática restrita e localizada. Cabe salientar que durante a 135ª Sessão do COI em Lausanne foi anunciada a inclusão do Wushu (Kung Fu), uma arte marcial chinesa, na próxima edição de verão dos Jogos Olímpicos da Juventude<sup>31</sup>. Portanto, embora tenha raízes ocidentais, o Movimento Olímpico demonstra sensibilidade intercultural e reconhecimento de

---

<sup>31</sup> [Dakar 2022 adds baseball5 and wushu; dates confirmed \(olympics.com\)](https://olympics.com/dakar2022/news/dakar-2022-adds-baseball5-and-wushu-dates-confirmed) Consultado em 08 de fevereiro de 2020.

---

visões alternativas do contexto desportivo global, que são articuladas com os critérios para inserção de novas modalidades nos Jogos.

De todo modo, Parry (2012), assim como Torres (2010), avalia positivamente as inovações do Programa Desportivo dos JOJ, salientando que as mudanças refletem as culturas jovens e se adequam aos níveis de desenvolvimento e maturidade dos atletas, ao mesmo tempo que promovem o espírito e os valores Olímpicos da amizade, respeito, integração cultural e diversão.

A partir de análises sobre os JOJ de Cingapura 2010, Parry (2012) acentua algumas questões éticas que emergiram da “versão juvenil” dos Jogos Olímpicos. Aborda, inicialmente, a determinação da faixa etária para as competições, embora os Jogos de Cingapura 2010 tenham estipulado a participação de jovens entre 14 e 18 anos<sup>32</sup>, nenhuma modalidade incluiu atletas com 14 anos de idade, limitando cada competição a no máximo dois anos de nascimento. Esta limitação representa uma solução justa para a desigualdade maturacional entre os jovens. Entretanto, o autor apresenta outras questões relacionadas a idade que devem ser consideradas no âmbito dos JOJ, tais como a especialização precoce, lesões e a exploração de menores por pais, treinadores e até mesmo pelos Comitês Olímpicos Nacionais.

Decerto que excessos e desajustes ocorrem no desporto de rendimento com jovens, podendo levar a graves consequências, como o *over-training*, problemas de crescimento e desenvolvimento, distúrbios nutricionais, transtornos psicológicos e o abandono do desporto. Por isso, é preciso adequar os treinamentos e competições às exigências biológicas, psicológicas e sociais inerentes as diferentes fases de desenvolvimento. Além disso, o cerne deste contexto são os jovens atletas, portanto, as ações, estratégias e métodos devem coadunar com os objetivos e expectativas dos mesmos (Gaya e Torres, 2004; Marques, 2004).

As competições e os treinos são vetores que concretizam a formação desportiva, carecendo de um desenvolvimento técnico-pedagógico progressivo que possibilite a afirmação de competências e capacidades condizente ao nível

---

<sup>32</sup> Posteriormente esta faixa etária foi alterada para 15 a 18 anos.

---

de desenvolvimento. Sendo assim, no desencadear dos JOJ estas questões devem ser cuidadosamente acompanhadas e as más práticas duramente combatidas pelo Movimento Olímpico.

Neste escopo insurge também as situações de falsificação de idade, como exemplificou Parry (2012), ao apresentar o caso de denúncia contra o time de futebol masculino da Bolívia que ganhou medalha de ouro nos Jogos de Cingapura 2010. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) – responsável pelas competições de futebol nos JOJ – não investigou a denúncia, alegando que funcionários técnicos averiguaram as documentações dos atletas antes das disputas. Embora a falsificação de idade não seja um problema recente nas competições internacionais<sup>33</sup>, ela impacta o ambiente desportivo, infringindo valores éticos tão preconizados no mundo olímpico.

Outro fato também envolvendo a FIFA foi protagonizado em Cingapura 2010. A competição foi severamente criticada por conta da ausência das grandes potências mundiais do futebol. A faixa etária designada pelos JOJ coincide com as competições da Copa do Mundo Sub-20 e Sub-17 da FIFA, em que jogadores entre 16 e 18 anos podem participar. Assim, com o intuito de manter o *status* da principal competição de futebol, a FIFA restringiu a idade de 15 anos para os Jogos de Cingapura 2010 e selecionou apenas os países que não teriam chances de competir nos Jogos Olímpicos.

Para justificar tal decisão, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, declarou que os objetivos dos JOJ abarcavam educação, respeito, participação e integração, e desta maneira, foram oportunizados apenas países não promissores em campeonatos internacionais. Para Parry (2012, p. 149),

ao enviar alguns dos piores, a FIFA demonstrou tanto um mal-entendido quanto desprezo pela ideia olímpica. O fracasso de Blatter em entender o valor coubertiniano da participação é lamentável, o fracasso da FIFA em respeitar o valor olímpico da excelência é nocivo, e o fracasso do COI em insistir nisso compromete seus próprios valores.

Reconhecidamente, o COI e a FIFA são as maiores entidades desportivas mundiais, e foram essenciais na constituição do campo desportivo como um

---

<sup>33</sup> Desde a década de 1980 já havia relatos de falsificação de idade na ginástica (Parry, 2012).

---

todo. No entanto, o percurso histórico do futebol nos Jogos Olímpicos é caracterizado por diversos conflitos políticos. Como explicita Giglio (2013), as disputas circundavam sobretudo as questões do amadorismo e profissionalismo, que culminou na retirada do futebol do programa olímpico em 1928 e a criação da Copa do Mundo em 1930. Desde então, as divergências se acirraram, e, mesmo com a reintegração da modalidade nos Jogos Olímpicos de 1936, muitas sanções foram/são aplicadas para as competições de futebol no cenário olímpico. E, ao que parece, a discórdia entre as organizações tem tido ramificações nos Jogos Olímpicos da Juventude.

Ao final de suas análises, Parry (2012) discorre sobre a notícia de um atleta iraniano de taekwondo que simulou uma contusão para não subir ao pódio juntamente com um atleta israelense. Porém, este não foi um fato isolado, desde os Jogos Olímpicos de Atenas 2004, alguns atletas iranianos têm se recusado a competir contra israelenses, pois o Irã não reconhece politicamente Israel como um Estado. Segundo o autor, estes episódios representam uma ameaça aos valores Olímpicos da paz e do entendimento internacional.

De maneira geral, o trabalho de Parry (2012) abordou alguns pontos que já permeavam o Movimento Olímpico, mas que adquiriram novos contornos com os JOJ. Simultaneamente, novas questões acerca do programa olímpico foram apresentadas e necessitam de análises e discussões, a fim de preservar a ética no desporto.

O trabalho de Derwent e Çotuk (2013) trata-se de uma pesquisa empírica realizada com atletas turcos participantes dos JOJ Cingapura 2010, com o intuito de avaliar se houve mudança na percepção dos valores Olímpicos após a participação nos Jogos, especialmente como efeito do PEC. Para tanto, os autores conduziram entrevistas semiestruturadas com 15 atletas da Turquia de 12 modalidades diferentes. As sete questões versavam sobre os conhecimentos prévios dos atletas e posteriores aos Jogos acerca dos valores Olímpicos, sobre temas que dialogavam com treinadores, oficiais da delegação e outros atletas, e sobre a relevância dos JOJ para os atletas, e, em particular, sobre o PEC.

Os resultados indicaram que os atletas investigados desconheciam os valores Olímpicos no período que antecedeu a participação nos JOJ, o que pode

ser justificado pelo fato da presença nos Jogos estar diretamente associada a performance, sendo assim, a preocupação dos atletas, treinadores e oficiais era o treinamento e a preparação para as competições. Esta justificativa é ratificada quando os atletas relataram que os tópicos mais discutidos se referiam a performance, competições, sucesso e objetivos futuros.

Com relação a relevância dos JOJ, os jovens atletas apontaram que a participação em Cingapura 2010 serviu de motivação para seguirem a carreira olímpica, bem como para o conhecimento de diferentes modalidades desportivas. Destacaram também as inovações no Programa Desportivo e o Programa de Educação e Cultura. Dentre os aspectos concernentes ao PEC, os entrevistados descreveram como mais significativa a interação cultural, seguida da novidade do ambiente vivenciado e da diversão. Tais respostas convergem com os objetivos descritos para o PEC nos JOJ.

Na última questão, os atletas turcos avaliaram os impactos da participação no PEC na sua vida desportiva, e alegaram que o programa teve um efeito positivo nas perspectivas futuras, motivando-os a serem melhores e a compartilharem a experiência que tiveram. Além disso, eles citaram a vivência e aprendizagem sobre o espírito Olímpico proporcionadas pelas atividades do PEC. Portanto, a atmosfera multicultural do PEC levou os atletas a identificarem e reconhecerem os valores Olímpicos a partir das interações lúdicas.

Deste modo, apesar de inicialmente enfatizarem o desempenho atlético, a participação nos JOJ, notadamente no PEC, possibilitou que os atletas conhecessem os valores Olímpicos. Sendo assim, Dervent e Çotuk (2013) sugerem que o COI, em articulação com as federações e Comitês Olímpicos Nacionais, elabore estratégias para sanar a falta de informação prévia sobre os valores Olímpicos tanto dos atletas quanto dos treinadores.

Um estudo realizado por Krieger (2012) com atletas alemães que também participaram dos JOJ Cingapura 2010 constatou que, com exceção de algumas diretrizes básicas, houve uma falta de comunicação entre os principais agentes do Movimento Olímpico e os atletas antes e durante o evento. Verifica-se que este realmente é um aspecto que carece de atenção por parte do COI e do Comitê Organizador dos Jogos. Na esfera do PEC, os atletas alemães também

apreciaram o programa e ressaltaram o intercâmbio cultural e o aprendizado dos valores Olímpicos.

Alguns estudos sobre os JOJ têm se debruçado especificamente sobre o PEC (Doll-Tepper, 2014; Krieger, 2012; Kristiansen, 2013; Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco, 2014; Krieger e Kristiansen, 2016). Estes trabalhos tornam evidentes aspectos que carecem de melhorias, contudo, é inegável o potencial do PEC para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens atletas. O programa é indicado como uma tentativa de aproximar o evento das raízes ideológicas do Olimpismo, em que a educação e a cultura não são apenas uma parte integrante dos Jogos, mas, constituem fundamentalmente sua razão de existir.

Diante deste panorama, os autores Prüschenk e Kurscheidt (2017) investigaram se os Jogos Olímpicos da Juventude têm o potencial de impulsionar as percepções sobre o Olimpismo. A pesquisa foi desenvolvida com a população alemã através de um questionário online, o qual foi respondido completamente por 192 pessoas. O período da pesquisa foi entre 8 de setembro e 18 de outubro de 2013. Cabe salientar que este foi um momento crítico da análise popular sobre os Jogos Olímpicos em decorrência do ambiente negativo gerado a partir de acontecimentos na Rússia próximos a edição de inverno em Sochi 2014, tais como ameaças de ataques terroristas, conflitos políticos, lei “antigay”, denúncias de corrupção do presidente Vladimir Putin, dentre outros. Ademais, sabe-se que a opinião pública sobre o Olimpismo é um constructo influenciado tanto pelas experiências e percepções pessoais, quanto pelas estruturas oficiais como o COI e seus eventos.

A representação social sobre os Jogos Olímpicos tem sido afetada pelo gigantismo que o evento adquiriu no decorrer dos anos. Os custos para sediar o evento têm sido exorbitantes, aumentando a comercialização e transformando-o em um grande negócio. O mau uso ou abandono das instalações olímpicas após a realização dos Jogos também sensibiliza a população. Não é por acaso que, mesmo considerando a repercussão positiva de organizar um evento tão

grandioso, muitos países, influenciados pela opinião dos seus cidadãos, têm desistido de se candidatar para sediar os Jogos Olímpicos<sup>34</sup>.

A metamorfose dos Jogos Olímpicos produziu paradoxos em relação as suas origens e aos princípios do Olimpismo. Sendo assim, o COI tem atualmente o desafio de tentar controlar o gigantismo dos JO e resgatar os valores Olímpicos adjacentes ao Movimento Olímpico. Para Prüschenk e Kurscheidt (2017), é nesse contexto que os JOJ emergem como uma possibilidade de renovação do ideal Olímpico, principalmente para o entendimento coletivo. Logo, ainda que a pesquisa realizada por estes autores não tenha vínculo direto com qualquer edição dos JOJ, ela teve o potencial de identificar a persistência de uma compreensão positiva sobre o Olimpismo e sua necessidade de revitalização através dos Jogos da Juventude.

Dentre os resultados, destaca-se que o Olimpismo foi apreciado por todas as gerações, embora os mais jovens tenham sido mais céticos em relação à função dos JO em transmitir o ideal Olímpico. De acordo com os autores, isto se deve, possivelmente, porque os mais jovens (abaixo dos 30 anos) já nasceram num ambiente de comercialização e profissionalização dos Jogos, associado às características das sociedades contemporâneas em que o ceticismo se faz constante. Considerando os JOJ, os mais jovens tendem a ter mais apreço pelo evento do que os mais velhos, sendo a variável “transmitir valores” a mais relevante em relação a estima pelo evento.

Com isso, foi evidenciado que, mesmo com o cenário social negativo associado aos JO, particularmente dentre a população alemã, isto não influenciou a visão dos respondentes sobre o Olimpismo e sobre os JOJ. Ponderou-se que os JOJ tem o potencial de atingir os jovens e que eles são receptivos aos valores Olímpicos. No entanto, é necessário orientar os JOJ nas bases da Educação Olímpica e direcioná-los para a promoção do Olimpismo, de fato. Sobretudo, é preciso assegurar que os JOJ não acompanhem os passos da comercialização dos JO, pois, este último evento tem menos prestígio entre os jovens.

---

<sup>34</sup> Segundo Grohmann (2017), “mais de 10 cidades desistiram de se candidatar às Olimpíadas de Verão e Inverno de 2022, 2024 e 2026”.

---

O estudo de Schnitzer e colaboradores (2018) buscou examinar a capacidade dos JOJ Innsbruck 2012 em promover o Olimpismo para os jovens habitantes da cidade-sede. Para isto, os autores se orientaram pelas seguintes problemáticas:

- Sediar os JOJ influencia a percepção dos jovens locais sobre os Valores Olímpicos e o interesse no Movimento Olímpico?
- Que papel os diferentes tipos de envolvimento dos jovens locais (por exemplo, participando dos JOJ no local, seguindo os JOJ nas mídias, participando de programas escolares) desempenham em termos de percepção dos Valores Olímpicos e do Movimento Olímpico?
- Outros determinantes importantes influenciam a percepção dos adolescentes sobre os Valores Olímpicos e seu interesse no Movimento Olímpico? Se sim, como? (Schnitzer et al, 2018, p. 723)

A pesquisa foi realizada três anos após a realização dos JOJ de inverno em Innsbruck, e envolveu 1004 alunos, com idades entre 11 e 20 anos, de 39 escolas do estado de Tyrol, Áustria. Os resultados demonstraram que, dentre os tipos de envolvimento analisados (seguir os JOJ nas mídias, participar de programas escolares e ir aos locais do evento), apenas o envolvimento através das mídias teve influência significativa na percepção dos valores Olímpicos. Em contrapartida, com relação ao interesse no MO, apenas o envolvimento através de projetos escolares, isoladamente, não influenciou a acepção dos jovens. No entanto, isto não significa que estes programas devem ser abandonados, mas sim planejados em conjunto com outras iniciativas que sejam atraentes tanto para os alunos quanto para os professores.

Schnitzer e colaboradores (2018) correlacionaram as variáveis olímpicas (percepção dos valores Olímpicos e interesse no MO) com dados sociodemográficos, atividades de lazer e alguns elementos do capital social (confiança em instituições governamentais e em organizações esportivas, normas, interações sociais e ética). De maneira geral, as experiências pessoais desempenharam um maior potencial na percepção dos valores Olímpicos do que a edição dos JOJ *per se*, cujo impacto foi avaliado como limitado. Contudo, as formas como os alunos foram envolvidos nos Jogos exerceram um papel crucial para o engajamento dos mesmos no projeto Olímpico, entretanto, estas estratégias devem estar conectadas. A confiança em instituições

---

governamentais e organizações desportivas (como COI e FIFA) também representaram uma função importante para aprimorar o conhecimento dos ideais Olímpicos e a relação com o MO.

Os autores consideraram que os objetivos definidos para os JOJ foram muito idealistas, o que, de certo modo, tornou-se uma missão impossível de se realizar. Assim, alegaram que, possivelmente por este motivo, o COI se propôs a revisar em profundidade toda a estrutura dos Jogos Olímpicos da Juventude durante sua 127<sup>a</sup> Sessão, sendo a recomendação número 25 da Agenda Olímpica 2020 (IOC, 2014a).

Compreendemos, entretanto, que não se pode afirmar que esta tenha sido a motivação para a reavaliação dos princípios dos JOJ, visto que a Agenda Olímpica 2020 é um amplo projeto de contemporização do Movimento Olímpico diante das diversas transformações sociais, salvaguardando os valores Olímpicos e fortalecendo o desporto na sociedade. Nesse sentido, contribuíram para a construção deste documento, além dos membros do próprio MO, especialistas externos e o público em geral, que enviou cerca de 1.200 ideias (IOC, 2014a). Sendo assim, a Agenda Olímpica abarca, em um processo de cooperação mundial, as principais propostas para atualização e progresso do MO.

Por fim, os trabalhos analisados focaram os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude a partir de diferentes abordagens: dois ensaios centrados em informações oficiais sobre os programas abarcados nos JOJ (artigos 1 e 2), e três estudos empíricos, um com caráter qualitativo centrado nas experiências de atletas (artigo 3), e os outros dois de cunho quantitativo, abarcando a população em geral (artigo 4) e alunos de uma região que sediou os JOJ (artigo 5). Com exceção do trabalho de Prüschenk e Kurscheidt (2017), os estudos tiveram como contexto os Jogos Olímpicos da Juventude de Cingapura 2010 (artigos 1, 2 e 3) e a edição de inverno em Innsbruck 2012 (artigo 5).

Cabe-nos aqui acrescentar aos resultados de Medeiros, Garcia, Santos e Valente (2020) o estudo de MacIntosh, Parent e Culver (2019), realizado com 36 atletas participantes dos Jogos de Lillehammer 2016. A pesquisa teve como

---

objetivo examinar as percepções, experiências e aprendizagens decorrentes da participação nos Jogos Olímpicos da Juventude. Constatou-se que, para os entrevistados, os JOJ significaram uma etapa importante do desenvolvimento atlético, preparando-os para outras competições, tais como os Jogos Olímpicos centenários. Contudo, os atletas também evidenciaram os aspectos sociais (amizade, intercâmbio cultural) e as atividades do PEC como experiências relevantes.

Quando questionados sobre os valores Olímpicos, a maioria dos jovens atletas não identificou diretamente os três valores disseminados pelo Movimento Olímpico – amizade, excelência e respeito –, mas, mencionaram expressões correlatas, como não trapacear, antidoping, senso de comunidade, *fair play*, interação, dentre outras. Sendo assim, embora os atletas não tenham indicado os valores definidos pelo Movimento Olímpico, eles demonstraram um conhecimento tácito sobre os valores do Olimpismo, adquirido a partir das vivências proporcionadas nos Jogos. Em vista disso, MacIntosh, Parent e Culver (2019, p. 15) defendem que “os valores e habilidades para a vida promovidas/aprendidas podem ajudar os indivíduos a desenvolverem sua identidade pessoal e a se tornarem membros positivos/produtivos da sociedade”.

De maneira geral, verificou-se nas produções analisadas que os JOJ se aproximam visceralmente das ideias e valores presentes na Carta Olímpica e difundidos pelo Movimento Olímpico. Logo, os jovens têm nos JOJ a oportunidade de conhecer e vivenciar a filosofia Olímpica.

Perceptivelmente, os Jogos Olímpicos da Juventude estão em sua fase puerícia, contabilizando apenas 6 edições em 13 anos de criação. Portanto, é compreensível a escassez de trabalhos sobre este evento, particularmente sobre a temática dos valores Olímpicos. Contudo, o pioneirismo destes trabalhos deve ser congratulado, pelo que os JOJ se caracterizam como um evento firmado na matriz axiológica da ideologia olímpica, e por isso, carece de investigações que enriqueçam os debates e as ações na referida área.

Embora em pequena quantidade, os estudos analisados apresentaram uma diversidade metodológica, o que possibilitou a identificação de dados relevantes sobre os valores Olímpicos nos JOJ. Constatou-se que, de maneira

---

geral, os Jogos viabilizam a aprendizagem e a vivência do Olimpismo, sobretudo através dos dois programas que sustentam o evento: Programa Desportivo e o Programa de Educação e Cultura. Notadamente, o PEC destaca-se como principal elemento para a disseminação dos valores da amizade, respeito, internacionalismo, paz, *fair play*, dentre outros que são apregoados pelo Olimpismo, concretizando assim os objetivos do programa. Contudo, há uma defasagem na propagação desses valores fora da programação olímpica.

## 2.4 A juventude na contemporaneidade

Sabe-se que a teorização sobre a juventude é recente na história da humanidade, tendo sua gênese na modernidade (Savage, 2009; Groppo, 2015a). É, sobretudo, a partir do início do século XX que a juventude adquire notoriedade – social e sociológica –, na medida em que se torna protagonista de problemas sociais relacionados, principalmente, a família, a escola e ao trabalho. Assim, estabelece-se a compreensão de que a juventude emerge de construções histórico-sociais que se expressam de formas variadas de acordo com cada cultura e seus contextos histórico, político e econômico.

Para Savage (2009), a I Guerra Mundial se constituiu como um marco histórico importante na construção sócio histórica da juventude, pois simbolizou, para muitos jovens, um rito de passagem para a emancipação da infância. Em decorrência de conflitos internacionais, mesmo a contragosto dos pais ou a despeito da tutela deles, muitos jovens se alistaram para o serviço militar, especialmente no Reino Unido, na França e na Alemanha. Este período deu início a um confronto de gerações, pois a obediência automática foi relativizada por demandas de outras instituições sociais e, também, pelos próprios jovens que iniciaram uma busca por autonomia. Como alega Savage (2009, p. 186), “obrigados prematuramente a enfrentar responsabilidades adultas, eles não iriam retornar ao seu estado invisível de antes”.

Assim, os jovens seguiram o caminho da emancipação e visibilidade social, e passaram a ser vistos como uma força relevante e distinta cultural e

economicamente. Os anos finais da II Guerra Mundial também se constituem como um marco histórico para a concepção da juventude, principalmente após a destruição em massa causada por armas atômicas, que impulsionaram e inspiraram uma nova consciência no mundo. “Diante da perspectiva da pulverização instantânea, muitas pessoas começaram a se concentrar totalmente no presente, senão no momento” (Savage, 2009, p. 497). Nesse sentido, após as duas grandes guerras, verifica-se uma atenuação da perspectiva de juventude vinculada estritamente ao futuro e enfatiza-se o existencialismo e o hedonismo, especialmente na parte ocidental do globo. Tais características potencializaram a valorização da juventude.

No âmbito das Ciências Sociais, estudos apontam que em cada momento histórico há uma etapa da vida que se destaca (Moreira, Rosário e Santos, 2011; Pais, 2009). Nas sociedades pré-modernas, o idoso obtinha uma centralidade, pois era considerado o detentor da sabedoria que seria transmitida aos mais novos. Na modernidade, observa-se a emergência da vida adulta como símbolo da maioridade da razão, característica marcante deste tempo. Na atualidade vive-se um novo modo de pensar as problemáticas que circundam a vida individual e em sociedade, pautado num subjetivismo e num relativismo, que, de acordo com Gervilla (1993), é sobremaneira incorporado pelos jovens.

De todo modo, as consequências das transformações ocorridas no âmbito global têm reestruturado as relações macro e microsociais. Nesse escopo, cabe-nos questionar: o que é ser jovem, hoje? Torna-se, então, relevante para este trabalho situarmos a juventude no contexto contemporâneo, entendendo as perspectivas, atitudes, comportamentos e valores segundo os quais vivem e se organizam os jovens.

#### ***2.4.1 Um breve panorama epistemológico da juventude***

Indubitavelmente, os conceitos e categorias são elementos imprescindíveis para a articulação de qualquer conhecimento. A construção de conceitos e categorias é subordinada a uma temporalidade, sendo assim,

raramente possuem um significado padrão para todos os períodos. Como afirma Santana (2011, p. 1), “os conceitos e as categorias não são auto-evidentes, tampouco auto-explicativos”. Nesse sentido, iremos abordar brevemente a construção teórica sobre a juventude, para então relacionarmos aos aspectos que a circundam contemporaneamente.

A noção de juventude permeia cada vez mais os discursos sociais, sobretudo os debates acadêmicos, as discussões políticas, as comunicações midiáticas e as publicidades. Nesses discursos a ideia de juventude ora se apresenta como uma categoria, ora como uma âncora teórica, o que demonstra sua natureza versátil. A concepção de juventude tem flutuado ao longo dos anos, permeando diversas generalizações.

De fato, a temática da juventude tem sido objeto de diversos estudos em diferentes áreas do conhecimento, que buscam analisar aspectos físicos, psicológicos, comportamentais e sociais que envolvem os indivíduos em determinado período da vida. Nesse sentido, é possível observar a utilização de alguns termos para indicar a fase da vida compreendida entre a infância e a idade adulta.

Nos campos da Educação, da Psicologia, do Direito, dentre outros, o termo adolescência é usualmente utilizado e apropriado como designativo das aquisições físicas, psicológicas e sociais com implicações internas e externas para os sujeitos. Segundo Moreira, Rosário e Santos (2011), a adolescência tem seu início demarcado pela puberdade, termo de uso comum no âmbito das Ciências da Saúde, que faz referência as transformações biológicas e fisiológicas que ocorrem no corpo humano.

Por sua vez, diversos cientistas sociais têm considerado a adolescência como a fase inicial da juventude, como mostra a pesquisa de Francisco e Groppo (2016). Nessas abordagens, os termos adolescência e juventude são atribuídos como fases sequenciais do desenvolvimento individual, estando a adolescência próxima da infância, enquanto a juventude se estabelece mais próxima da maturidade.

De todo modo, as conceituações no campo das Ciências Sociais têm relacionado a juventude com o processo de socialização do indivíduo e a

aquisição de papéis sociais, em que direitos e deveres lhes são atribuídos. Assim, ao analisar a juventude enquanto categoria social, é preciso interligá-la a outras categorias sociais – classe socioeconômica, nacionalidade, etnia, gênero, religião, habitação, são exemplos – e a condicionantes históricos (Groppo, 2004).

Neste escopo, a juventude é compreendida como uma construção sócio-histórica, e que, portanto, não pode ser definida tendo em consideração isoladamente critérios psicológicos, biológicos, sociológicos, entre outros. É, por conseguinte, determinada por múltiplos e complexos fatores que se ressignificam com o passar do tempo. No entanto, dois elementos aparecem reiteradamente em diversas conceituações como definidores da juventude: o etário e o sociocultural (Santana, 2011; Pais, 1996; Francisco e Groppo, 2016).

De acordo com Santana (2011), o marco etário, presente em muitas concepções, representa somente um ponto de partida, o qual deverá ser complementado pelo caminho sociocultural. Não obstante, as definições que centram a juventude em uma certa faixa etária, embora sejam insuficientes para a sua compreensão num sentido *lato*, perfazem uma intencionalidade. Como exemplo, relevantes entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>35</sup> e a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>36</sup>, entendem a juventude como uma fase do curso da vida compreendida dos 15 aos 24 anos de idade. Conceitualmente, esta é uma definição muito limitada, que se depara com diversas barreiras históricas e socioculturais, incorrendo, por vezes, num anacronismo. Contudo, para o planejamento e implementação de programas e políticas públicas, esta acepção tem eficácia.

Decerto que o termo juventude abrange um campo conceitual vasto, dotado de um caráter polissêmico. Nesse sentido, até sua associação com uma faixa etária específica é diversificada, pelo que uma definição etária não tem caráter absoluto, nem universal, é antes um produto da visão das instituições sociais sobre a sua própria dinâmica. Como aponta Pais (2009, p. 372), “hoje

---

<sup>35</sup> [United Nations – World Youth Report \(WYR\) | United Nations For Youth](#) Consultado 15 de abril de 2020.

<sup>36</sup> “WHO defines 'Adolescents' as individuals in the 10-19 years age group and 'Youth' as the 15-24 year age group. While 'Young People' covers the age range 10-24 years”. Disponível em [Adolescent health \(who.int\)](#) Consultado 15 de abril de 2020.

pode ser-se jovem aos 29 anos ou mais enquanto que, em contrapartida, uns 60 anos, bem conservados, não são necessariamente um atributo de velhice”.

As teorias sociológicas desempenham um importante papel no cenário das concepções acerca da juventude. Em seu livro *Culturas Juvenis*, Pais (1996) apresenta duas relevantes correntes teóricas da Sociologia da Juventude: a corrente geracional e a corrente classista. Para a corrente geracional, a juventude é entendida como uma geração social, ou seja, um grupo constituído por pessoas com uma mesma faixa etária (podendo haver desvios individuais), que compartilham sentimentos comuns em relação a referências sociais e culturais, tais como interesses, informações, valores, projetos, dentre outras. Esta corrente baseia-se nas teorias funcionalistas da socialização e na teoria das gerações, entendendo que as gerações mais velhas são responsáveis pela socialização e, com isso, inserção dos jovens na estrutura social. Nesse sentido, a juventude passa a ser problematizada a partir dos processos de continuidade e descontinuidade dos valores intergeracionais. Em suma, a corrente geracional concebe a juventude como uma fase da vida, representada por uma categoria etária dotada de uma certa homogeneidade.

Por sua vez, a corrente classista enfatiza a diversidade das culturas juvenis, caracterizando a juventude como fruto de relações antagônicas de classes. De acordo com esta corrente teórica, as pessoas vivenciam o mundo, suas circunstâncias e problemas como membros de um contingente social, por isso, a experiência da juventude e sua transição para a vida adulta encontra-se sempre pautada por mecanismos de reprodução classista. Assim sendo, os teóricos classistas criticam o conceito de juventude vulgarmente associado a uma faixa etária, e focam suas análises nas manifestações de resistência e no significado político da juventude.

Conforme elucida Groppo (2015a), embora essas teorias abordem a juventude como resultante da socialização secundária, elas reconhecem e valorizam o potencial dos jovens nas transformações sociais e renovação das sociedades. Concomitantemente, enriqueceram o conhecimento sobre o caráter social e cultural da juventude, relativizando o caráter biológico das etapas do curso da vida.

---

De maneira geral, assim como toda construção teórica, estas duas correntes apresentam pontos passíveis a críticas. Um destes pontos encontra-se no fato de que, para ambas as correntes, a cultura juvenil aparece associada a culturas dominantes.

Para a corrente geracional, as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas; para a corrente classista, as culturas juvenis são uma forma de 'resistência' à cultura da classe dominante, quando não mesmo a sua linear expressão (Pais, 1996, p. 53).

De todo modo, como sugere Pais (1996), a Sociologia da Juventude avançou no desenvolver dessas correntes, bem como em movimentos de contracorrente. Neste escopo, o autor percorre o caminho das análises ascendentes dos contextos vivenciados nos cotidianos dos jovens, em outras palavras, das culturas juvenis, partindo das inúmeras possibilidades de experiências, valores, representações sociais e mecanismos que circundam os jovens.

Com o reconhecimento da diversidade de vivências da juventude, no tocante a classe social, gênero, nacionalidade, etnia etc., surgem as teorias pós-críticas da juventude (Groppo, 2004; 2010 e 2015b). No entanto, cabe ressaltar que estas teorias não comungam necessariamente a noção de pós-modernidade. Há, decerto, duas vertentes que se destacam dentre as teorias pós-críticas: uma que se baseia na ruptura da noção de totalidade, fruto das concepções pós-estruturalistas, negando, portanto, o sentido de integração social; e outra que se orienta a partir da ruptura da noção tradicional de socialização, em que os mais velhos educam os mais novos (Groppo, 2015b).

Com as mutações sociais contemporâneas, os elementos tradicionalmente associados à construção sociológica da juventude foram contestados, nomeadamente a linearidade da transição para a vida adulta, a integração do jovem na estrutura social através do processo de socialização por gerações mais velhas, a protelação do exercício da sexualidade, do consumo e da participação social, entre outros. Ao mesmo tempo, observou-se que a juventude foi deixando de ser (apenas) um marco etário, uma etapa do desenvolvimento humano para torna-se “um território de passagens, de

---

experimentações, que pode levar à condição adulta ou não” (Groppo, 2015b, p. 571).

Isto posto, as teorias pós-críticas valorizam a juventude como valor em si mesma, salientando sua diversidade e relendo a socialização como um processo de subjetivação. Neste ponto, compreende-se a socialização como um processo ativo de participação dos jovens, em que aspectos internos e externos, diretamente relacionados com a incidência social, contribuem para a constituição subjetiva dos indivíduos. Conforme pontua Groppo (2015b, p. 571), “a subjetividade é processual, heterogênea e polifônica”, promovendo, assim, a multiplicidade da juventude.

Com efeito, é consenso entre as abordagens sociológicas críticas falar em juventudes em detrimento do termo no singular, uma tendência derivada da corrente classista que se radicalizou com as teorias pós-críticas. Assim, no plural, enfatizam-se as diversas formas de se viver a condição juvenil, marcadas não apenas pelas diferenças, mas também pelas desigualdades.

Em sentido divergente do preâmbulo das pesquisas sobre juventudes, no qual retratava-se os jovens como categoria central dos desvios de múltiplas ordens em variados contextos, atualmente,

valorizam-se cada vez mais as experimentações de pequenos coletivos e indivíduos que ressignificam ou transgridem a cultura e os valores sociais vigentes, muitas vezes dando origem a novos valores, comportamentos e bens culturais integrados ao mercado de consumo, mas podendo denotar um permanente estado de resistência ou criação transgressora. (Groppo, 2015a, p. 27)

Nesse âmbito, há uma proposição, sobretudo a partir dos estudos culturais, para reinterpretar os desvios dos jovens como culturas ou subculturas juvenis. Deste modo, tem-se a construção de identidades juvenis, que é caracterizada por um processo de contínua transformação, seja individual ou coletiva. As múltiplas experiências de formação identitária são marcadas pela fluidez, flexibilidade, ambivalência, criatividade e envolvimento emocional, numa constante tensão entre a identificação e a diferenciação (Carrano, 2000).

Cabe ressaltar que o universo juvenil, com seu vestuário, músicas, linguagens, comportamentos, práticas socioculturais etc., constitui mais que

---

mediação para a construção identitária dos jovens, mas também se configura como uma referência cultural, cujos signos são apropriados por muitas pessoas, não apenas jovens. A juventude se apresenta, então, como uma definição simbólica, em que ser jovem transcende as limitações etárias e se transforma em um estilo de vida idealizado que pode ser compartilhado por todos.

Nesta perspectiva, a juventude encontra-se associada a uma representação social com conotação positiva, a um modo de ser, agir e pensar, que é enunciado através do valor-signo da juvenilidade. De acordo com Groppo (2015b, p. 569), “a juventude torna-se signo para o consumo, e se realiza pelo consumo”. Assim, há um empenho para vincular os signos da juventude aos bens de consumo, atribuindo-lhes uma “aura” de juvenilidade. Como se verifica nos estudos de R. J. dos Santos (1992) e C. da S. Pereira (2010), é recorrente na publicidade o uso de valores associados a juvenilidade, tais como modernidade, felicidade, sociabilidade e liberdade, como estratégia de valorização simbólica.

Por outro lado, as pessoas que adquirem estes bens e/ou serviços perseguem a concretização da eterna juventude prometida, ainda que os símbolos e signos representados estejam esvaziados de significados reais. Contudo, o que se consome é, simbolicamente, a sensação de “ser jovem”, através das formas e imagens de prazer, sucesso, universalidade, atualidade, e ao mesmo tempo de pertencimento e distinção, em detrimento da utilidade intrínseca das coisas. Como acentua Groppo (2015b, p. 570),

o que se consome é o signo da juventude, a juvenilidade, por meio de bens e serviços como motocicletas, automóveis, roupas, tênis, bonés, viagens turísticas, lazeres noturnos, esportes radicais, academias de ginástica, cosméticos, cirurgias plásticas etc. Bens e serviços que simulam o que seriam as atitudes juvenis, tais como intrepidez, experimentação, ironia, irreverência e irresponsabilidade.

A juventude, nesta circunstância, passa a ser a “idade” mais cobiçada, tendo potencial de deixar de ser uma fase transitória da vida para se tornar um estado permanente, sendo manipulada e consumida a partir das lógicas do momento. Entretanto, muitas ambiguidades perfazem esta eternização da

---

juventude, demandando, muitas vezes, um esforço hercúleo para mantê-la, pelo que os indivíduos são pressionados a lograr uma vida juvenil, saudável e ativa.

Diante do exposto, os estudos pós-críticos evidenciam as singularizações das juventudes contemporâneas, sobretudo a partir de análises de trajetórias biográficas, em articulação com temas como educação, trabalho, família, transição para a vida adulta, política e participação social. Assim, “as pesquisas desejam não apenas produzir conhecimento, mas também atuar como instrumentos que contribuam para que os jovens signifiquem suas trajetórias e suas experiências” (Groppo, 2015b, p. 576).

No entanto, para Groppo (2010, 2015b), estas análises focadas na individualização, nos cotidianos, geralmente fundamentadas na fenomenologia, apresentam uma visão microssociológica com limitações no que concerne a construção histórica das condições, processos e estruturas sociais em que os jovens se encontram circunscritos.

Não obstante, as teorias críticas ainda se constituem como referências na Sociologia da Juventude contemporânea, estabelecendo proposições para as relações sociais e o curso da vida, endereçadas tanto para os jovens quanto para as instituições, especialmente relacionadas ao direito e a cidadania.

Como tornou-se aqui perceptível, não há um conceito único ou uma abordagem plena que possa abranger as diversas reflexões possíveis sobre a juventude e seus paradoxos. Haja vista que a noção de juventude resulta de formações sociais, políticas, econômicas e culturais que se modificam constantemente. Podemos, então, compreender a juventude, simultaneamente, como uma fase do ciclo da vida, como uma categoria social e como uma representação social.

Fato é que a sociedade atual apresenta, a todo o instante, novas circunstâncias para a vida pessoal e profissional, o que dificulta até sua definição (como discutido no tópico 2.1.2 deste trabalho). Nesse ambiente, os jovens afiguram-se como os mais impactados, desafiados e, sincronicamente, como os mais aptos para responder, criativamente, as mudanças. Diante disso, buscaremos compreender as dinâmicas que circundam o que é ser jovem nos dias de hoje.

## 2.4.2 O que é ser jovem, hoje?

Antes de iniciar nosso percurso ao encontro dos jovens da atualidade, é preciso fazer uma ressalva no que se refere a caracterização destes sujeitos. Como explicitado anteriormente, a diversidade de vivências da juventude impossibilita uma homogeneização dos jovens. Deste modo, abordaremos o que é ser jovem hoje a partir da noção de condição juvenil, que conforme explica Dayrell (2007, p. 1108)

Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Acrescentamos ainda as contribuições de Groppo (2004) ao argumentar que há uma “condição juvenil” relativamente compartilhada pelos jovens, ainda que dialeticamente. Para este autor,

Trata-se de algo análogo ao que acontece com as classes operárias que, mesmo sendo muito diferenciadas entre si, pela presença de fatores como nacionalidade, religião, costumes, tradições, organização política, gênero e até mesmo as categorias etárias, têm em comum uma ‘condição operária’, a saber, a de serem vendedoras da sua força de trabalho (Groppo, 2004, p. 12).

Assim, a presença de aspectos distintos, por vezes até contraditórios, entre os grupos e culturas juvenis demarcam o caráter dialético da condição juvenil. Todavia, para Groppo (2004), a relação experimental com a realidade e com os valores vigentes é o traço que unifica a condição juvenil. Com isso, os jovens podem introjetar, adequar, recriar, sabotar ou recusar os valores, as funções e comportamentos experimentados.

Isto posto, podemos assumir que os elementos que auxiliam na identificação e caracterização dos jovens permeiam o campo axiológico. Pode até parecer paradoxal que num contexto reconhecido pela “crise” de valores –

---

reordenação –, sejam os próprios valores, ou mesmo a hierarquia de valores, definidores da juventude. Não é difícil encontrar estudos que associem os jovens a valores como liberdade, hedonismo, individualismo e beleza.

Como apontam Moreira, Rosário e Santos (2011), a juventude é a representação do tempo em que vivemos, por isso, afirmam que ser jovem na contemporaneidade tem relação com fatores fragmentados e implicações multicausais.

Uma pesquisa realizada por Castro e Abramovay (2009, p. 217) indagou cerca de 1850 jovens sobre “o que melhor define ser jovem nos dias de hoje?”. Houve uma pulverização das respostas, pelo que nenhum dos itens apresentados alcançou mais que 40% de representatividade. Contudo, as alternativas mais selecionadas indicaram os valores que são relevantes para a juventude. De acordo com os sujeitos, ser jovem se relaciona, especialmente, com a expressividade, seja através da linguagem, da música, da aparência ou do vestuário. Em sequência, identificou-se itens relativos a ser questionador/transgressor/ousado, a criatividade e empreendedorismo, a consciência, responsabilidade e compromisso, a adesão ao risco, a insegurança pessoal e social e a ausência de perspectivas.

Ao contrário do que permeia o imaginário social, sobretudo entre os adultos, os jovens revelaram que “ser instável emocionalmente” e “ser egoísta” não são aspectos que os definem. De modo geral, podemos perceber uma difusão dos aspectos que caracterizam a juventude, sendo especialmente associada a fatores que demarcam a construção de identidades juvenis.

A visualidade se constitui como um componente essencial para a vida social dos jovens, através da qual se comunicam e conferem sentido a si próprios e ao mundo. Enquanto um mecanismo de comunicação e representação, a visualidade se vincula a linguagem, a aparência e a uma dimensão performativa, podendo, para além de manifestar ideias e sentimentos, envolver um sentido de pertencimento e legitimidade. Por isso, a expressão visual é, ao mesmo tempo, um recurso agregador e de distinção de grupos (Campos, 2010).

A formação da visualidade abarca questões estéticas, estilísticas, simbólicas, emocionais e identitárias, usufruindo de elementos como o corpo,

---

adornos, vestuário, gosto musical e outras práticas culturais diversas. Nesse sentido, a linguagem expressivo-visual é capaz de estabelecer uma comunicação até mesmo entre jovens de diferentes lugares do globo.

Como alega Campos (2010), a construção imagética dos jovens, longe de estar ideologicamente enraizada, emana do hedonismo, do exotismo, do espetáculo, do efêmero, da pluralidade, que refletem a realidade social contemporânea. Nesse contexto, “o caráter mais fluido e instável dos laços, a mutabilidade e porosidade das identidades, a reflexividade da vida social, a centralidade do consumo e a crescente estetização do cotidiano conduzem a novos usos e adaptações dos recursos imagéticos” (Campos, 2010, p. 116).

Diante de tantas mudanças nas condições de existência e permanência, os jovens parecem encontrar nos elementos de expressividade um meio para filiações, ainda que temporárias e multissituadas. Dessa forma, reconhece-se o poder dos valores estéticos para as culturas juvenis. Contudo, a representação destes códigos estéticos possui uma relação direta com as práticas de consumo.

É certo que os meios de comunicação e marketing elegeram a juventude como um de seus objetos prediletos para consumo e manifestação simbólica. Segundo Savage (2009), foi a exploração do consumo associada aos meios de comunicação de massa que despertou para os jovens enquanto um grupo etário com rituais, direitos e exigências próprias. As práticas de comunicação e consumo estão no cerne da condição contemporânea e, ainda que não sejam exclusividade dos jovens, estes as dominam com muita destreza, posto que estão sendo socializados em um mundo globalizado e cada vez mais tecnológico.

Entretanto, os discursos dos jovens entrevistados por Castro e Abramovay (2009) demonstram uma relação ambivalente com as práticas de consumo, uma vez que são consumidores e, igualmente, objetos de consumo. Identificou-se, por parte de alguns respondentes, o intuito de não seguir os padrões determinados, porém, muitos alegaram que os jovens (estranhamente se referindo na terceira pessoa) fazem uso do consumo por uma necessidade de aceitação e reconhecimento, embora, pretensamente, se afastem do rótulo de serem consumistas/materialistas.

De fato, a convivialidade com um grupo de amigos representa uma influência significativa para as práticas de consumo dos jovens, como evidenciou as investigações de Santos e Fernandes (2011) e C. A. F. Santos (2014). A aquisição e uso de mercadorias é encarada pela juventude como um elemento de comunicação social, crucial para inserção em um universo. Assim, consumir é, por vezes, utilizado como uma forma de solucionar a tal “crise de identidade”, pelo que se apresenta como um poderoso marcador identitário. Por outro lado, por se vincular a um comportamento negativo, os jovens têm dificuldade de se reconhecerem como consumistas/materialistas, buscando, às vezes inconscientemente, naturalizar seus comportamentos de consumo.

Nas palavras de Galutti (2010, p. 36), “o consumo, se é o que restringe, dialeticamente, é o que permite”. As práticas de consumo possibilitam aos indivíduos um processo individual e coletivo de descoberta e exploração do eu em correlação linear com as respostas dos seus pares. Decerto que este processo é vivido de maneira diferente por cada um, sendo afetado por variáveis diversas como gênero, classe social, idade, nível de autoestima, local de residência etc. Afinal, “não existe consumo que não seja influenciado pela esfera social” (C. A. F. Santos, 2014, p. 52). Portanto, sendo esta considerada a sociedade de consumo (Baudrillard, 1995) e os jovens como expoentes deste período encontram-se umbilicalmente relacionados.

Outro fator indispensável para a compreensão dos jovens na atualidade, que de certa maneira também dialoga com o consumo, é a centralidade das novas tecnologias de comunicação e informação. É fato que a juventude de hoje já nasceu e cresceu em um ambiente social marcado pela onipresença dos diversos dispositivos tecnológicos, como televisão, computadores, celulares, videogames, *smartphones*, dentre outros, sendo, por isso, considerados “nativos digitais” (Prensky, 2001). Nesse universo, os jovens são formatados, bem como ajudam a formatar, novos padrões culturais de sociabilidade, de expressão e de informação.

Dentre as novas tecnologias, a internet se destaca como um meio de maior aproveitamento, possivelmente por combinar facetas comunicacionais e tecnológicas, que até então encontravam-se desconectadas. Atualmente, a

---

internet, através dos aparelhos a ela conectados, apresenta-se como o mais completo meio de informação e comunicação, capaz de reconfigurar o cotidiano das pessoas e influenciar a percepção de si, do outro e do mundo (Sousa, 2011).

Como indicam as pesquisas (Barcelos, 2010; Sousa e Leão, 2016; Rowland, 2017; Murden e Cadenasso, 2018), os jovens que possuem aparelhos móveis (*smartphones, tablets, iphones*) demonstram uma certa dependência dos mesmos, relatando que lhes proporcionam uma sensação de conectividade, mobilidade e acesso imediato a conteúdos e pessoas. De maneira genérica, esses aparelhos são utilizados para fins infocomunicacionais e lúdicos, através, sobretudo, das redes sociais, dos jogos virtuais e dos aplicativos de *streaming*<sup>37</sup>.

O caráter tribal da juventude faz com que seus integrantes respondam prontamente aos apelos digitais, no anseio de experienciar coletivamente as inovações tecnológicas e pertencer a uma comunidade cosmopolita. Por outro lado, em contrassenso a imagem de um indivíduo que se isola da realidade por meio dos seus dispositivos digitais, os jovens indicam possuir um papel ativo na apropriação das novas tecnologias, resultante de negociações entre motivações próprias e um conjunto de fatores contextuais. Logo, ao mesmo tempo em que o mundo virtual modela as experiências contemporâneas, ele faz emergir novos modos juvenis de ser, de conviver e de se expressar (Sousa e Leão, 2016).

Cabe ressaltar ainda que esses mesmos sujeitos que usufruem da internet para interação social, permanecem frequentando os espaços urbanos, aproveitando festas e elegendo a companhia ao isolamento, pelo que a vida social *online* não tende a substituir os relacionamentos *offline*, mas sim coadunam-se de forma híbrida, conformando antropologicamente esse novo homem.

A juventude desenvolve redefinições para as habilidades cognitivas, para a criatividade e para as competências formais de aprendizado, concebendo novas apreensões e usos da linguagem. Como exemplificado por Sousa e Leão (2016, p. 290), os jovens preferem digitar a escrever, “criam códigos alternativos para o vocabulário” e transcendem as noções de temporalidade e espacialidade. Além disso, apresentam uma capacidade de lidar com diversos conteúdos e

---

<sup>37</sup> Transmissão em fluxo contínuo de áudio e vídeo via internet (Barcelos, 2010).

executar diferentes tarefas ao mesmo tempo, o que influencia suas formas de aprender, pensar, socializar e agir.

As tecnologias digitais possibilitaram, para além de uma comunicação mais rápida e imediata, uma expansão da informação e mobilização, especialmente em relação a questões cívicas e políticas. Para Murden e Cadenasso (2018), por efeito da internet permitir que os cidadãos acessem aos assuntos comunitários, sociais, políticos, ambientais, internacionais etc., despontaram novas oportunidades de engajamento e ativismo. Segundo estes autores, é inegável que os ambientes virtuais se tornaram para os jovens “importantes espaços de difusão de informações e de organização de ações tanto cívicas quanto políticas, sendo possível identificar casos emblemáticos na Ibero-América”, como os movimentos estudantis no Chile em 2006 (Liceus Emblemáticos) e no México em 2012 (#YoSoy132) e as marchas juvenis em Portugal e na Espanha em 2011 (Os Indignados) (Murden e Cadenasso, 2018, p. 34).

Entretanto, não há apenas benefícios com o advento e uso da internet, e os jovens parecem reconhecer isso. No estudo de Sousa (2011), os universitários evidenciaram um posicionamento que oscila entre os aspectos positivos e negativos das redes, constatando a difusão de preconceitos, exclusão e *ciberbullying*. Ademais, é preciso atentar para os riscos que se encontram no ciberespaço, sobretudo para os mais novos, em decorrência da violação da privacidade, da exposição demasiada de informações pessoais, da facilidade de acesso à conteúdos inapropriados, do compartilhamento de comportamentos nocivos e, recentemente, da manipulação e propagação de notícias falsas (*fake news*).

De todo modo, as novas tecnologias compõem uma realidade irreversível na contemporaneidade. E não se pode esquecer que, “desde sua gênese, objetiva e subjetivamente, elas são frutos de nossas intencionalidades, no contexto da própria construção do real” (Sousa, 2011, p. 187). Isto posto, esta sociedade em/na rede, que se caracteriza por constantes transformações, sublinha o cenário de transitoriedade, incertezas e riscos que os jovens enfrentam nos espaços de socialização. Tal conjuntura incide nas condições de

---

mal-estar que circundam o que é ser jovem na atualidade, patenteando novas formas de resistência e transgressão.

Retomando as respostas sobre “o que melhor define ser jovem nos dias de hoje?”, Castro e Abramovay (2009, p. 233) sintetizam que “a consciência, a responsabilidade e o compromisso social se aliam à insegurança pessoal e social e à falta de perspectivas para conformar o novo caráter questionador, transgressor e ousado das juventudes atuais”. Pode-se observar que a juventude não abdicou o caráter contestador e subversivo a que fora associada pelos discursos científico e do senso comum em certo período sócio histórico. De fato, Pais (2014) e Castells (2012), ao discorrerem sobre protestos juvenis em diversos países, apontam que, recorrentemente, o jovem ritualiza sua identidade rebelde em mobilizações sociais e políticas.

Embora a juventude simbolize o tempo presente, ela está subjugada ao futuro das sociedades, em especial por pleito das gerações mais velhas, o que a impele para um comprometimento social. Por certo, os grupos juvenis assumem a pluralidade de modos de ser e estar no mundo e esforçam-se para se fazerem representar nos diversos territórios políticos e sociais. De suas maneiras, os jovens reivindicam valores autocentrados, relacionados à individualidade, ao reconhecimento da diversidade, à identidade, em equilíbrio com valores sociocentrados próprios ao exercício da cidadania. Em outras palavras, mesmo nos contextos das lutas coletivas por direitos universais, os jovens não prescindem das suas subjetividades (Pais, 2014; Sposito, 2014).

Contudo, como advoga Sposito (2014, p. 117),

apesar da existência de uma leitura bastante negativa do individualismo moderno, como se fosse ele um grande elemento de desagregação social, [...] há um lado positivo nesse individualismo, que é o direito de ser, ou seja, de ser sujeito da própria vida.

Assim, os coletivos juvenis configuram-se como formas de organização da subjetividade coletiva, formados por indivíduos ou grupos engajados em ideais comuns, geralmente pertencentes a um mesmo território, mas que não partilham necessariamente as mesmas condições de vida. Com isso, embora no

---

seio de sociedades globalizadas que estandardizam os cidadãos e suas relações, os jovens têm experienciado múltiplas trajetórias biográficas.

A velocidade das mudanças sociais impõe desafios cotidianos que resultam em um crescente contexto de imprevisibilidade dos cursos de vida. Nesse escopo, as trajetórias têm se afastado da linearidade das fases da vida e se tornado cada vez mais um projeto, enquanto um processo que envolve planejamento, experimentação, avaliação e, quando necessário, reelaboração. A concepção de projetos de vida, antes direcionados para o longo prazo, hoje tendem a ser de curto e curtíssimo prazo. Assim, as trajetórias de vida podem ser mais facilmente adaptadas ou até descartadas. Com efeito, ao jovem é atribuída esta capacidade de recomeçar, de redefinir os rumos de suas trajetórias e traçar novos projetos.

Contudo, como nos lembra A. Oliveira (2019, p. 118), projetar a vida é uma das maneiras de lidar com o tempo, e neste caso, “os jovens, sejam eles quais forem, estão na ponta da lança para experimentarem a (des)aventura da temporalidade multifacetada e fugaz”, que reduz a presciência de ações e desenvolvimentos individuais. Cabe ressaltar que projetos individuais geralmente estão circunscritos em projetos coletivos, socialmente definidos. Diante disso, é permitido para alguns jovens (de classes mais abastadas) viver ludicamente a velocidade e a casualidade temporal, enquanto para outros o usufruto do tempo e a construção de um projeto de vida não se constitui em um processo plenamente autônomo (A. Oliveira, 2019).

Em congruência Pais, Lacerda e Oliveira (2017, p. 305) asseguram que “as estruturas sociais são o tabuleiro onde se jogam as trajetórias de vida e as escolhas biográficas”, e nesse contexto, “a condição social dos jovens, ou seja, sua pertença de classe continua a pesar na eleição e concretização das suas escolhas biográficas”. Assim, o pertencimento social possibilita aos jovens uma relação mais restrita ou mais cômoda com o tempo e seus projetos de vida.

Em um cenário de rupturas, descontinuidades e incertezas, sobretudo relacionadas ao futuro, observa-se uma carência de pontos de referências estáveis que orientem o percurso biográfico e atribuam sentido aos projetos de vida. Como denominado por Melucci (2004), os “nômades do presente”

vagueiam sem um objetivo fixo, mas prosseguem em suas trajetórias em meio ao provisório e a uma imprecisão na determinação de fronteiras temporais.

Conseqüentemente, nota-se uma dificuldade em encontrar um elemento estrutural e estruturante que demarque a saída da juventude e o ingresso na vida adulta, pois, aspectos como terminar os estudos, ingressar no mundo do trabalho, casar e ter filhos, não são mais determinantes desta passagem. Em sua tese, Pimenta (2007) explorou a representação de jovens sobre a transição para a vida adulta. Cabe destacar que a identidade “adulta” se constrói amparada nos processos de socialização (família, cultura, religião, nacionalidade etc.), sendo assim, “ser adulto” é uma unificação de representações de ser, agir e pensar subjetivamente construídas a partir de experiências pessoais e sociais. Logo, a transição para a vida adulta não é um processo linear, unidirecional e estável.

Conforme apresenta Pimenta (2007), os entrevistados demonstraram chegar à vida adulta em idades diferentes, por caminhos distintos e apresentaram múltiplas representações de “ser jovem” e “ser adulto”, socialmente situadas segundo gênero e origem social. Para os entrevistados de classes econômicas mais baixas, o aspecto mais importante para a definição de “ser adulto” era a maternidade/paternidade. Enquanto para os jovens de classes mais altas, a autonomia e a responsabilidade, particularmente relacionadas ao trabalho, eram os traços determinantes da identidade adulta.

Como já foi aqui mencionado, o convite ao prolongamento da juventude faz com que ser jovem e ser adulto não sejam necessariamente excludentes entre si, podendo um conjugar o outro. Por esta razão, o termo “jovem adulto” foi muito utilizado pelos entrevistados, ora porque sentiam que possuíam características das duas fases, ora porque sentiam que ainda não tinham realizado por completo seu projeto de vida adulta (Pimenta, 2007). De qualquer maneira, a identificação da juventude encontra-se desarticulada de uma etapa, socialmente normativa, que conduz progressiva e irreversivelmente para a vida adulta.

Amparado numa Sociologia da Pós-linearidade, Pais (2016, p. 61) argumenta que a transição para a vida adulta é permeada por uma multiplicidade

---

de estatutos heterogêneos, isto é, “o abandono da família de origem nem sempre coincide com o fim da escolaridade ou com o casamento; a obtenção de uma experiência profissional pode ocorrer na fase de estudante; a coabitação pode ser anterior à obtenção de emprego estável”. Neste contexto, pode-se constatar a presença de ritos de impasse, “quando necessidades essenciais de segurança e autoestima não se satisfazem ou quando sentimentos de pertença identitária se fragilizam” (Pais, 2009, p. 380).

Além disso, Pais (2016) destaca que as trajetórias juvenis estão pautadas pelo princípio da reversibilidade, podendo ser metaforicamente explicadas pelo movimento de vaivém do ioiô:

saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêem sem ele; as suas paixões são como ‘voos de borboleta’, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida... São estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. (Pais, 2016, p. 57).

Segundo o autor, essas “trajetórias ioiô” decorrem pelo fato de que as estruturas sociais contemporâneas são de natureza labiríntica de tipo móvel, cujas disposições mudam e são modificadas pelos andantes. Deste modo, a condição juvenil contemporânea transpassa lógicas sociais flutuantes, descontínuas, reversíveis e inconstantes, tendo seus modos de vida incutidos na pluralidade, na diversidade, na individualidade e numa pulverização de valores essenciais que tendem ao relativismo.

Em uma entrevista (Pais, Lacerda e Oliveira, 2017, p. 305), o professor José Machado Pais, um dos grandes pesquisadores sobre juventude, declarou que: “o que constatamos, na base de vários inquéritos aos jovens, é que eles abraçam valores aparentemente antagônicos: materialistas e pós-materialistas; hedonistas e espiritualistas; individualistas e sociocêntricos”.

Dialogicamente, indicamos no tópico 2.2.3 (O desporto e a atual conjuntura axiológica) que essa perspectiva axiológica tem permeado as práticas desportivas na contemporaneidade. A pluralidade de sentidos, motivos, interesses e objetivos que orientam os indivíduos tem tangenciado a axiologia

---

desportiva. Contudo, há peculiaridades que envolvem ser jovem e ser atleta que nos interessa aqui abordar.

### **2.4.3 Ser jovem atleta e suas ambivalências**

É preciso antes destacar que não versaremos neste tópico sobre os jovens que vulgarmente praticam desporto, ainda que participem de competições como no desporto escolar e nos programas sociais de iniciação desportiva. Considerando o contexto e os atores inseridos neste trabalho, buscaremos discorrer nomeadamente sobre os jovens atletas, compreendendo aqueles que participam do desporto federado e que almejam/tem o desporto como profissão.

Isto posto, podemos assentir que existem representações sociais associadas ao atleta que, aparentemente, podem se contrapor as características dos jovens. Por exemplo, ser atleta envolve adequar-se a um conjunto de padrões determinados de treinamento, de rotina, de dieta, de disciplina que o “espírito” transgressor, criativo e aventureiro do jovem pode contrastar. Desse modo, a trajetória do jovem no desporto de alto rendimento é permeada por ambivalências e conformação.

O desporto enquanto um universo simbólico associa o atleta a figura do herói mítico, um ser dotado de forças e virtudes e que é capaz de realizar tarefas extraordinárias. Para Rubio (2001, p. 216), “a vivência do arquétipo do herói pelo atleta é experimentada em toda a sua abrangência, seja pela demonstração de força e coragem, seja pela capacidade de realizar virtudes destinadas a poucos, seja até em determinados momentos pela morte trágica”.

Neste escopo, realça-se ainda a imagem do atleta olímpico, como representante do maior evento esportivo e sociocultural, cujas virtudes humanas inspiradas nos ideais gregos o torna, presumidamente, um modelo de comportamento, não só no desporto, como na vida cotidiana.

Assim, a idealização do atleta, acentuada sobretudo pelo discurso midiático, é construída por elementos de identificação e valores cultivados e desejados pela sociedade, em que se destacam o sucesso, a fama, o

---

reconhecimento público, a ascensão financeira, o prazer e a satisfação, isto é, resumidamente, o imaginário de uma vida gloriosa. Portanto, “não é de se estranhar que justamente este personagem seja o alvo de projeção de grande parcela da população de crianças e jovens” (Rubio, 2001, p. 216).

Uma vez inserido em espaços de iniciação desportiva, o jovem começa a compreender as regras para permanecer no desporto, fazendo com que sua decisão por uma carreira atlética ocorra, muitas vezes, de maneira fluida. Por outro lado, esta decisão pode ser induzida por pressões externas de diversas ordens, como financeira, familiar, por parte de treinadores e até de outros atletas. Como quer que seja, este período é crucial na vida do iniciante, pois, o caminho para a especialização desportiva o leva a renunciar determinadas vivências (sociais, acadêmicas, familiares, de outras modalidades etc.), costumeiras na vida dos jovens.

Um dos principais impactos gerado a partir da escolha pela carreira desportiva ocorre no processo de escolarização do jovem. A rotina de um atleta envolve demandas intensivas de treinamento e participação em competições, que acabam afetando a frequência nas aulas e a realização de atividades e avaliações. Com isso, frequentemente, as instituições de ensino se veem impelidas a flexibilizarem as atividades escolares para que os estudantes-atletas consigam manter a dupla carreira (Rocha, Bartholo, Melo e Soares, 2011). Contudo, o cansaço físico e mental ocasionado pelos treinos, a escassez de tempo para se dedicar aos estudos após as aulas e a desmotivação mediante o insucesso escolar tornam as carreiras desportiva e educacional difíceis de serem conciliadas e, por vezes, levam os jovens atletas a terem que abdicar de uma delas (Miranda, 2019).

Em que pese as pesquisas e iniciativas desenvolvidas para auxiliar o gerenciamento da dupla carreira dos estudantes-atletas, o envolvimento com o desporto de alto rendimento implica sacrifícios e renúncias. Nesse sentido, os jovens desportistas participantes do estudo de Epiphanyo (2002) destacaram a restrição do convívio social e o controle alimentar como os condicionantes mais conflituosos no seguimento da trajetória no desporto.

---

Similarmente, Folle, Collet, Salles e Nascimento (2016, p. 482) verificaram que

na transição para um treinamento mais especializado e intenso, as atletas de basquetebol investigadas passaram a sentir nova dificuldade em suas carreiras: a de conciliar as demandas da prática esportiva com as características da juventude – período em que as adolescentes buscam estreitar suas relações pessoais e passam a almejar maior tempo de lazer para o convívio com os amigos.

Para construir uma carreira no desporto, o jovem atleta é direcionado a uma rotina bem diferente da dos seus semelhantes, que gera, em certa medida, um isolamento e renúncias a experiências comuns da juventude. Os jovens atletas têm dificuldades para acompanhar programas casuais, como ir ao *shopping*, visitar amigos, participar de atividades extraclasse, dentre outros. Com os horários regrados, os treinamentos e as viagens para participação em competições, a vida social do atleta passa a estar mais circunscrita ao ambiente desportivo.

Contudo, é perceptível que ao avançar na trajetória desportiva, o estreitamento dos convívios sociais é neutralizado e naturalizado, entendido como consequência de uma escolha profissional. De fato, as condições da vida de um atleta carregam sentidos e significados sociais, historicamente construídos, que se internalizam no inconsciente coletivo, instituindo modos de ser, de viver e de conviver (Frascareli, 2008). Assim, espera-se que o atleta incorpore práticas de si correspondentes ao que se é concebido para este ator social, dentro e fora do campo desportivo. Pelo que o atleta que não se adequa a este comportamento idealizado, ainda que momentaneamente – quando é visto participando de festas, ingerindo bebidas alcoólicas, por exemplo – é tido como transgressor (Rubio, 2001; Santos e Medeiros, 2009).

Atualmente, o distanciamento das relações pessoais é um aspecto que parece ter sido atenuado pelas redes sociais digitais. Como já mencionamos, a internet tem possibilitado novas formas de sociabilidade, sobretudo entre os jovens, facilitando a comunicação e a expressividade. No contexto desportivo, o ambiente virtual tem demonstrado relevância e impactado os diversos atores, sejam dirigentes, treinadores, atletas, patrocinadores, torcedores etc.

Considerando os atletas, V. Oliveira (2015) expõe que eles ora são proibidos ora são incentivados a serem ativos nas redes sociais e a interagirem com o público. Decerto, “não é difícil encontrarmos na internet *sites* que ranqueiam os melhores atletas para serem seguidos no *Twitter*®, no *Instagram*® e em outras redes sociais” (V. Oliveira, 2015, p. 19). Todavia, a utilização destes ambientes virtuais nem sempre é positiva, pois muitos desportistas, em especial os mais jovens, não possuem orientação para o uso adequado das redes, ficando vulneráveis as adversidades deste meio, o que pode influenciar a sua relação com o desporto.

Numa pesquisa realizada por Bagni, Morão, Verzani e Machado (2018) com jogadores de futebol de categorias de base, foi identificado que as redes sociais digitais e os aplicativos de comunicação instantânea interferem na vida desportiva destes atletas. Porém, embora tenham elencado majoritariamente aspectos negativos como constrangimento, insegurança e ansiedade, os atletas têm visões plurais sobre essas interferências, o que reitera a necessidade de terem uma formação para se relacionarem com/nas redes sociais, tanto no âmbito desportivo, quanto fora dele.

Neste escopo, destaca-se o papel fulcral da família<sup>38</sup> no processo de formação dos jovens atletas. É inegável a centralidade da família na formação de qualquer ser humano, de todo modo, no meio desportivo, a natureza dessa influência pode adquirir diversos contornos. Ao fornecer apoio para a prática desportiva, seja através de recursos financeiros, motivação e/ou acompanhamento, a família desempenha uma influência positiva para o desenvolvimento e permanência do sujeito no desporto. Em contrapartida, certos comportamentos e atitudes dos pais/responsáveis – cobranças, intimidações e constrangimentos – podem causar desmotivação, frustração e até o abandono da prática desportiva pelos jovens (Serpa e Teques, 2013).

Outro ator fundamental que contracena com o atleta e auxilia na formação desse sujeito, é o treinador. Como relata Valle (2003), muitas vezes, o treinador exerce funções parentais para com os desportistas iniciantes. De fato, as

---

<sup>38</sup> Cabe destacar que nos referimos ao sentido amplo de família, que engloba pessoas vinculadas pela consanguinidade ou pela afetividade, e que se estrutura de diferentes formas: biparental, anaparental, monoparental ou pluriparental.

---

responsabilidades do treinador extrapolam a esfera técnico-tática do desporto e perpassam dimensões psicológicas, atitudinais e axiológicas, constituindo-se como um elo entre a prática desportiva, os valores e o atleta. Por isso, a natureza da relação treinador-atleta é determinante para a trajetória desportiva dos jovens.

Recorrentemente, as palavras poder e autoridade são associadas a figura do treinador por jovens atletas, pelo que, mesmo discordando de alguma atitude/orientação do treinador, eles não o contrapõem, revelando obediência e conformismo (Valle, 2003; Moiola, 2013). Nesse sentido, é possível notar que há um certo silenciamento das vozes dos atletas, assente num discurso, difundido socialmente, que vincula o jovem à inexperiência e a imaturidade e é potencializado no contexto desportivo pela disciplina e respeito as regras, rituais e tradições.

Em contrapartida, em muitos cenários, sobretudo quando há patrocinadores, bolsas ou ajudas de custo institucionalizadas, os jovens atletas são cobrados por profissionalismo e por comprometimento, ainda que não exerçam uma prática de trabalho legalizada. Deste modo, exige-se que o atleta desempenhe condutas profissionais próprias do universo adulto (Moioli, 2013). Percebe-se, então, que o sentido de ser jovem é flutuante no desporto.

Ademais, a estrutura desportiva retoma a noção de juventude caracterizada por uma faixa etária específica. Neste caso, podemos citar a designação utilizada pelo Movimento Olímpico nos Jogos Olímpicos da Juventude, nos quais se apreende como jovens aqueles que estão entre 15 e 18 anos. Diante disto, a idade pode comprometer as ambições dos jovens no desporto, ao se verificar, por exemplo, que já se atingiu ou passou do período considerado ideal para alcançar um objetivo desportivo.

É preciso que o desporto para os jovens não seja encarado como uma fase de transição com determinações rígidas, mas antes “permitir que os jovens possam dirigir os seus sonhos de acordo com as suas verdadeiras capacidades” (Garcia, 2011, p. 28). Para tanto, faz-se necessário ouvir o jovem atleta, a partir de uma perspectiva que o considere como um sujeito social capaz de elaborar

suas próprias percepções sobre o mundo desportivo e sobre seu lugar neste contexto.

De certa forma, as análises sobre os jovens atletas na produção acadêmica têm sido limitadas, utilizando métodos que, por vezes, não captam as acepções dos próprios sujeitos e privilegiando determinadas modalidades nas investigações científicas.

Indubitavelmente, ser jovem atleta abrange um sentido absolutamente peculiar, não podendo ser definido ou caracterizado com rigor. Pelo que, seguramente, ser jovem atleta na ginástica é totalmente diferente de ser jovem atleta no futebol, que por sua vez também é diferente de ser jovem atleta no tênis, no judô, no basquete etc. Sendo assim, a mesma lógica utilizada para tratar juventude no plural (juventudes) pode ser aplicada para abordar o jovem atleta, compreendendo-o como uma construção complexa e heterogênea, que ainda demanda um denso escrutínio a fim de evitar simplificações. Portanto, ouçamo-los!



### **III. Delineamento metodológico**

---



A partir da delimitação do objeto, da problemática e dos objetivos é possível construir o delineamento metodológico mais adequado para o desenvolvimento do estudo. Os diferentes paradigmas científicos suportam e determinam diferentes tipos de desenhos metodológicos.

De acordo com Thomas Kuhn (1998), paradigma refere-se a uma matriz estrutural que orienta a prática científica, abrangendo teorias, objetos e metodologias. Sobretudo, um paradigma determina uma concepção de mundo compartilhada por uma comunidade científica. Isto posto, a presente pesquisa aflui para o pressuposto filosófico-científico do paradigma interpretativo. Tal postura baseia-se no entendimento ontológico e epistemológico de que a realidade é construída nas interações e subjetividades dos atores sociais, e nesse sentido, busca compreender o fenômeno em situações contextuais e culturais a partir das perspectivas dos participantes (Lincoln e Guba, 2000).

Sendo assim, adotamos como abordagem metodológica a pesquisa de campo, também conhecida como pesquisa de terreno, com caráter exploratório. Como identifica Firmino da Costa (1986), o estudo de campo implica a presença do investigador no contexto social por um período prolongado, em contato direto com as pessoas e as situações por elas vivenciadas. Uma vez inserido na unidade social, o investigador caracteriza-se como o principal instrumento da pesquisa, o qual elege técnicas de recolha que se complementem para coletar as informações necessárias. Portanto, esta abordagem exige do pesquisador um conhecimento teórico profundo e uma competência metodológica (Firmino da Costa, 1986; A. L. Pereira, 2013).

No âmbito deste estudo privilegiou-se técnicas compreensivas a fim de investigar os valores do Olimpismo no contexto dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Ao compartilhar do cotidiano do contexto e das pessoas, buscou-se observar, conviver, interagir, conversar, registrar, refletir e analisar em adequação aos objetivos da pesquisa, às referências teóricas e às características do objeto em estudo. Pretendeu-se assim, captar o fenômeno investigado na sua completude e complexidade.

### **3.1 Contexto**

Os III Jogos Olímpicos da Juventude de Verão aconteceram na cidade de Buenos Aires, Argentina, entre os dias 6 e 18 de outubro de 2018, onde 4.000 jovens atletas, dos 15 aos 18 anos, representaram 206 Comitês Olímpicos Nacionais, competindo em 32 modalidades esportivas. As competições e atividades educativas e culturais ocorreram em quatro parques temáticos – Parque Urbano, Parque Verde, Parque Tecnópolis e Parque Olímpico da Juventude – localizados em diferentes pontos da cidade. Algumas modalidades foram realizadas em locais independentes, como o golfe no Hurlingham Club, o rugby no CASI La Boya, o ciclismo e a patinagem de velocidade no Paseo de la Costa, e as disciplinas de vela que ocorreram no Club Náutico San Isidro.

### **3.2 Participantes**

A realização de eventos olímpicos (Jogos Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude) envolve a participação de diversos atores sociais, que agem direta ou indiretamente, tais como: atletas, treinadores, organizadores, voluntários, familiares, cidadãos locais, agentes políticos, dentre outros.

No que tange a esta pesquisa, os participantes foram jovens atletas com idade dos 15 aos 18 anos, que disputaram os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Os atletas são os atores centrais dos Jogos, justificando e atribuindo sentido à realização do evento. Sendo assim, tendo como foco desta pesquisa os valores do Olimpismo nos JOJ BA 2018, tornou-se imperioso escutar, observar e analisar os atletas em suas concepções, comportamentos e interações durante o evento.

### **3.3 Processo de recolha da informação**

Uma vez que os objetivos propostos vão em direção a uma compreensão densa do objeto, o qual, por natureza, é complexo e carece de um detalhamento

em nível descritivo/valorativo, foram utilizados quatro métodos de recolha de dados: observação, diário de campo, entrevista e documentos oficiais.

Entendemos que agregar dados de fontes variadas contribui para um olhar mais completo sobre um determinado objeto de estudo. Nesse sentido, corroboramos com Hammersley e Atkinson (1995) ao afirmar que, a triangulação de dados não é meramente combinar diferentes tipos de materiais empíricos em si, mas, configura-se como uma tentativa de relacionar os diferentes dados de maneira a garantir a credibilidade e inteireza da pesquisa.

### **3.3.1 Observação**

A observação conduz uma captação do objeto examinado, consistindo-se num olhar atento e minucioso sobre um fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes. Na esfera científica, a observação torna-se uma técnica visto que coaduna com os objetivos formulados e corresponde a alguns aspectos metodológicos, tais como: planejamento, registro, credibilidade e precisão (Patton, 2015).

Uma vez que esta é uma pesquisa de terreno, com recolha direta do material empírico pela investigadora, delimitou-se a observação a fim de compreender o fenômeno em estudo em seu interior, atentando aos pormenores das relações sociais e do contexto em seu quotidiano. Além disso, almejou-se utilizar informações recolhidas através da observação para subsidiar a partir de situações concretas as entrevistas a serem realizadas com os atletas.

Segundo Patton (2015), há diversas expressões para designar a observação em campo, incluindo observação direta, observação participante, observação qualitativa. No entanto, todos os termos e expressões se referem a circunstância de estar dentro ou envolta da unidade social investigada com o propósito de estabelecer uma análise qualitativa sobre a mesma.

No caso desta pesquisa, embora a pesquisadora tenha realizado as observações *in loco*, esta não partilhou das mesmas condições e posições dos participantes. Isto posto, pretendeu-se resguardar o papel neutro da

pesquisadora durante o processo de observação, pois, ainda que ocorressem interações com os participantes, estas não influenciaram o comportamento deles.

Contudo, como adverte Firmino da Costa (1986, p. 148), a preocupação do investigador não deve ser evitar a interferência, mas considerá-la durante o processo de observação, em que se deve adotar uma postura de "estar dentro" acompanhada de um "estar fora" intelectualmente, e durante a análise e interpretação dos dados, em que a orientação teórica deve preservar a objetividade dos dados.

Nesse sentido, não utilizamos tipologias de classificação de observações formalmente estruturadas, contudo, configurou-se como um processo heurístico e teoricamente fundamentado, direcionado aos aspectos relevantes para o presente estudo. Vale ressaltar que saber ver e ouvir não é o suficiente no processo de observação, é preciso atribuir um sentido significativo ao que vê e escuta, inculcando-lhe um caráter intrínseco que se relaciona subjetivamente e teoricamente com o objeto de investigação (Mulhall, 2003).

As observações ocorreram nos diversos locais em que foram protagonizados os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Os parques, bem como a Vila Olímpica da Juventude, constituíram os cenários em que os atletas conviveram, competiram, conheceram, interagiram e vivenciaram durante os treze dias dos Jogos.

A observação possibilita ao investigador aceder a informações mais profundas e significantes, para além do que pode ser verbalizado pelos participantes. Nesse sentido, é necessário experienciar o contexto a fim de ser "digerido" pela unidade social, ao mesmo tempo em que decodifica os significados, símbolos, acontecimentos, comportamentos, ou seja, as múltiplas facetas das práticas sociais. Deste modo, foram frequentados os diversos ambientes e atividades que aconteceram no contexto em estudo.

Foram observados especialmente os atletas nos diferentes momentos (competições, cerimônias, atividades culturais etc.), e seus fatores de interação (nacionalidades, modalidades, dentre outros), almejando-se captar as representações e manifestações dos valores do Olimpismo.

Partindo da compreensão do que o antropólogo Clifford Geertz (1978, p. 13) denominou de "descrição densa", os registros das observações foram realizados a partir de notas de campo, desenvolvidas e refletidas no diário de campo. Para evitar que informações se perdessem durante o processo de observação e registro foi utilizado um aplicativo gravador de voz num *smartphone*.

É relevante salientar que os apontamentos de campo foram feitos com discrição com o intuito de não causar desconfortos ou interferir nas atividades desenvolvidas pelos atores sociais.

### **3.3.2 Diário de campo**

O diário de campo é uma ferramenta utilizada pelos investigadores para registrar e sistematizar as informações recolhidas durante a pesquisa, susceptível de complementar as futuras interpretações. Para além de guardar as informações, o diário de campo possibilita reflexões cotidianas sobre o que foi visto, escutado e experienciado pelo pesquisador (Mulhall, 2003).

Portanto, no âmbito desta investigação os registros não estão restritos à descrição dos acontecimentos observados, mas passaram diariamente por uma análise reflexiva, assumindo assim uma natureza descritiva e analítico-reflexiva. Este duplo carácter do diário de campo permitiu avaliar o processo de investigação, bem como aprofundar e direccionar algumas questões teóricas e metodológicas durante toda a recolha do material empírico.

Para Macedo (2010, p. 134)

além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida.

Por vezes, é mais proveitoso fazer anotações sobre os aspectos fulcrais do que questionar pessoas diretamente, pois existe uma autenticidade nas situações e acontecimentos quando comparadas com palavras intencionalmente

---

proferidas. Nesse sentido, foram realizadas anotações completas das situações e acontecimentos envolvendo jovens atletas e os demais atores sociais, bem como das dinâmicas organizacionais dos parques nos quais os Jogos foram realizados.

### **3.3.3 Entrevistas**

A entrevista consiste em um instrumento utilizado para obter determinadas informações, e desta maneira, pode ser empregada em diversas áreas, desde científicas à mercadológicas e políticas. A variedade de formas (individual, em grupo/ face a face, por email ou telefone/ estruturada, semiestruturada ou aberta) e a multiplicidade de usos caracterizam a pluralidade e potencialidade da entrevista como método científico (Fontana e Frey, 2000).

Considerando os objetivos definidos na presente pesquisa privilegiou-se o uso de entrevistas individuais, com intercâmbio verbal face a face com atletas participantes dos JOJ BA 2018, visto que estas características se adéquam ao diálogo sobre um universo de crenças, valores e concepções. De acordo com Fontana e Frey (2000), trata-se de um dos principais meios de reunir informações em profundidade, sendo capaz de acessar representações e experiências, bem como os sentidos e significados atribuídos pelos participantes a um determinado fenômeno. Ademais, a entrevista individual e face a face permite o estabelecimento de interação e vínculo com o entrevistado, oportunizando a espontaneidade e a riqueza na comunicação, pela melhor capacidade de expressão verbal e gestual.

As entrevistas foram de natureza semiestruturada, cujo guião abarcou três eixos norteadores, a saber: (1) sentidos e significados da prática desportiva; (2) valores do Olimpismo e dos Jogos Olímpicos da Juventude; e (3) participação nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Tais questionamentos buscaram identificar os valores, os sentidos e significados atribuídos pelos atletas ao desporto, ao Olimpismo e aos JOJ Buenos Aires 2018. É de salientar que em todas as entrevistas, a partir da autorização dos entrevistados, foi

utilizado um gravador de voz, o qual permitiu uma fidedignidade e um aprimoramento na análise.

Para compor o grupo dos entrevistados os atletas deveriam obter medalhas (ouro, prata ou bronze) ou diploma olímpico, ou seja, aqueles que estiveram entre a primeira e a oitava colocação em sua disciplina. Justifica-se a adoção deste critério porquanto que, embora os JOJ permeiem aspectos como educação e cultura, a competição caracteriza-se como o cerne deste evento desportivo. Acrescenta-se que para seleção das entrevistas os atletas deveriam se comunicar em um dos seguintes idiomas: inglês, espanhol ou português.

Em virtude da caracterização desta pesquisa, não foi delimitado um quantitativo de participantes *a priori*. A medida em que eram realizadas, as entrevistas passavam por um processo de análise dinâmica, ponderando cada um dos eixos norteadores definidos e o grupo dos entrevistados. Deste modo, houve a interrupção na realização de novas entrevistas quando os dados obtidos apresentaram uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir com outros participantes, o que é denominado de saturação das respostas (Denzin e Lincoln, 2000).

### **3.3.4 Documentos oficiais**

Sabe-se que um documento institucional carrega em sua interdiscursividade sentidos balizadores envolvendo um percurso histórico e uma projeção ideológica (J. B. C. Santos, 2002). Neste escopo, a análise de documentos destaca-se como um dos recursos em pesquisas qualitativas que auxilia na compreensão do fenômeno de forma indireta, por meio do exame crítico de diferentes tipos de documentos produzidos por sujeitos sociais ou instituições.

Usualmente, o comitê responsável por organizar os Jogos Olímpicos (em qualquer edição) fica encarregado de preparar, produzir, editar e distribuir, para além das disposições técnicas, documentos e publicações relacionados a Educação Olímpica, abordando a história das Olimpíadas e temas transversais

aos Jogos, como gênero, saúde, doping, dentre outros. Parte-se do entendimento que estes documentos se configuram como possibilidades de compreender significados, ideologias, valores e mensagens que orientam o Movimento Olímpico.

Sendo assim, tornou-se relevante neste estudo investigar a representação discursiva que se pretendeu disseminar sobre os valores do Olimpismo no contexto dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Para tanto, foi realizada uma visita física a Biblioteca Olímpica Mundial (*Olympic World Library*), localizada no Centro de Estudos Olímpicos (*The Olympic Studies Centre*) na cidade de Lausanne, Suíça, onde foram coletados documentos oficiais produzidos e divulgados pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, tais como: relatórios, regulamentos, manuais, guias, folhetos informativos, dentre outros.

A partir da apropriação das mensagens e discursos presentes nos documentos foi possível estabelecer relações e inferências sobre a instituição que realiza os Jogos, as circunstâncias e o contexto em que os atletas vivenciaram os valores do Olimpismo, convergindo assim para compreensão da representação e manifestação destes valores nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

### **3.4 Processo analítico**

A pesquisa qualitativa abarca um conjunto de métodos de análises que visam a compreensão de fenômenos sociais a partir dos contextos e dos discursos dos indivíduos. De tal modo, a investigação qualitativa alude a uma ênfase nas subjetividades dos participantes e no processo de significados que não são examinados experimentalmente ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência (Denzin e Lincoln, 2000).

Atualmente diversas estratégias e softwares podem ser encontrados para analisar dados qualitativos, permeando os métodos indutivo e dedutivo. No entanto, em análise qualitativa não existem fórmulas para transformar os

---

materiais empíricos em resultados. As descobertas emergem a partir de um estudo minucioso para identificar aspectos significativos e construir uma estrutura para comunicação da essência dos dados. Neste sentido, como alega Patton (2015), existem orientações, porém, não há receitas para estas descobertas.

Portanto, esse processo de análise incide em identificar sentidos lógicos e coerentes em termos de significado, por meio de uma interpretação privilegiada e profunda, baseados na complexidade da unidade social onde a pesquisa foi realizada. De acordo com Pais (1996, p. 86)

interpretar é algo mais que conhecer o significado das falas. O significado é apenas a contrapartida do significante. O significado é de ordem semiótica (signo); o significante, de ordem semântica. Interpretar requer, primeiramente, captar não só o sentido semântico percebido, mas também a sua intencionalidade latente.

Isto posto, buscamos obter uma perspectiva global, dentro das possibilidades de conhecimento e do momento histórico e social, sobre os valores do Olimpismo, a partir da triangulação dos diversos materiais empíricos. Para tanto, foram realizadas três etapas para análise dos materiais: (1) análise exploratória dos textos e falas, a fim de identificar os dados que deveriam ser interpretados; (2) análise comparativa dos dados oriundos dos diferentes métodos, identificando pontos convergentes, divergentes e complementares passíveis de interpretações; por fim, (3) uma tarefa interpretativa a partir do campo teórico de análise (apresentado na parte II deste trabalho).

Destaca-se que os documentos passaram por uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2008) e as entrevistas estiveram sujeitas inicialmente à Análise do Discurso (Orlandi, 2009), para uma identificação primária dos seus domínios axiológicos. Posteriormente, e de forma sistemática, foram submetidas a uma tarefa interpretativa balizada pelo referencial teórico proposto.

### **3.5 Implicações éticas do estudo**

Tendo em vista que esta pesquisa decorreu de contato direto com jovens atletas, abrangendo suas concepções, representações e expressões, tornou-se

necessário um enquadramento ético. Assim, esta pesquisa foi submetida à apreciação da Comissão de Ética, tendo sido aprovada para realização (CEFADE 29.2018).

As normas e procedimentos asseguraram aos participantes da investigação o acesso às informações sobre o estudo (objetivos, métodos, riscos, benefícios), o direito à não participação ou posterior rescisão de consentimento, bem como a garantia de anonimato. Tais informações constam no Termo de Consentimento Informado e no Termo de Assentimento (para menores de 18 anos).

#### **IV. Tarefa descritiva**

---



## 4.1 Os documentos

A partir da visita à Biblioteca Olímpica Mundial foram selecionados todos os documentos produzidos e publicados pelo Comitê Organizador dos Jogos de Buenos Aires 2018, contabilizando um total de 152 documentos<sup>39</sup>. Após uma análise prévia de todos os documentos recolhidos foram excluídos aqueles que não forneciam conteúdo axiológico para inferências, tais como guias informativas, resultados oficiais das competições e manuais para acreditação. Sendo assim, 16 documentos oficiais foram incluídos em nosso *corpus* de análise.

Para análise, os documentos foram agrupados de acordo com o período em que foram publicados: (1) pré-evento e (2) pós-evento, contendo no primeiro grupo 14 documentos e 2 no segundo. Inicialmente iremos nos debruçar sobre os documentos do primeiro grupo que foram elaborados entre dezembro de 2015 e setembro de 2018. Posteriormente, os documentos do segundo grupo, confeccionados após a realização dos JOJ (outubro de 2018), serão analisados em triangulação com as observações realizadas em campo e com as entrevistas dos jovens atletas.

É imperativo, antes de iniciarmos a descrição e análise dos documentos oficiais, apresentar brevemente a sua autoria: o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 (BAYOGOC<sup>40</sup>), o agente olímpico responsável por planejar e concretizar a 3ª edição de verão dos JOJ.

Sabe-se que o Comitê Olímpico Internacional detém os JOJ, e para cada edição é concedido a uma cidade o direito de sediar o evento. O processo de seleção tem início anos antes com a candidatura das cidades por parte dos Comitês Olímpicos Nacionais<sup>41</sup>. A candidatura é analisada por uma Comissão de Avaliação do COI que é composta por membros representativos do COI, das Federações Internacionais, dos Comitês Olímpicos Nacionais e da Comissão de

---

<sup>39</sup> Os documentos, em sua maioria, também se encontram disponíveis no website da biblioteca: [Olympic World Library - OWL Home Page \(olympics.com\)](http://olympics.com)

<sup>40</sup> Mantivemos a sigla oficial *Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee* – BAYOGOC.

<sup>41</sup> Quando em um país mais de uma cidade tem interesse em participar do processo, o Comitê Olímpico Nacional é o responsável por decidir qual cidade irá candidatar-se.

Atletas do COI. A estrutura dos documentos de candidatura (*Bid Book*) para os JOJ deve abranger os 15 temas centrais determinados pelo regulamento do COI, a saber: (1) Concepção e legado, (2) Clima e estrutura política e econômica, (3) Aspectos legais, (4) Alfândega e formalidades de imigração, (5) Financiamento, (6) Marketing, (7) Desporto, (8) Cultura, educação e cerimônias, (9) Vila Olímpica da Juventude, (10) Serviços médicos e controle de doping, (11) Segurança, (12) Acomodação, (13) Transporte, (14) Tecnologia e (15) Operações de mídia (IOC, 2011).

Após a análise das candidaturas, a Comissão elabora um relatório final que subsidia a votação dos membros do COI para a escolha da cidade-sede dos JOJ. Como apontam Schnitzer e Chappelet (2014), os fatores cruciais para a decisão do COI são o suporte financeiro por parte do governo local, a preexistência de uma infraestrutura satisfatória, a viabilidade da Vila Olímpica da Juventude e a idealização do Programa de Educação e Cultura.

Diferentemente do que acontece com os JO, os JOJ têm um processo de candidatura mais acessível, em que se destaca a possibilidade de cidades menores e/ou que nunca sediaram um evento olímpico serem eleitas, como Cingapura 2010, Buenos Aires 2018 e Lausanne 2020, expandindo assim o princípio da internacionalização do Movimento Olímpico.

Além disso, os prazos dos processos também se diferenciam, enquanto para os JO as cidades anfitriãs têm em média 7 anos para organização do evento, o comitê de Cingapura 2010 teve apenas 2,5 anos até realizar os Jogos. No entanto, este período de preparação para os JOJ tem aumentado significativamente, para Innsbruck 2012 o prazo foi de 3 anos e 1 mês, em comparação Nanjing 2014 e Lillehammer 2016 tiveram cerca de 4,5 anos para elaboração do evento, por fim, desde a definição de Buenos Aires 2018, os organizadores têm tido um prazo de mais de 5 anos para planejar os Jogos da Juventude.

Como consta na Carta Olímpica (IOC, 2017, p. 72), imediatamente após a eleição, “a cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos será responsável pelo estabelecimento de um Comitê Organizador (OCOG<sup>42</sup>), para os fins da

---

<sup>42</sup> *Organising Committee of Olympic Games.*

organização dos Jogos”, com sua constituição, o OCOG torna-se parte do contrato celebrado entre o COI, a cidade anfitriã e o CON. A Regra 35 orienta o estabelecimento do Comitê Organizador:

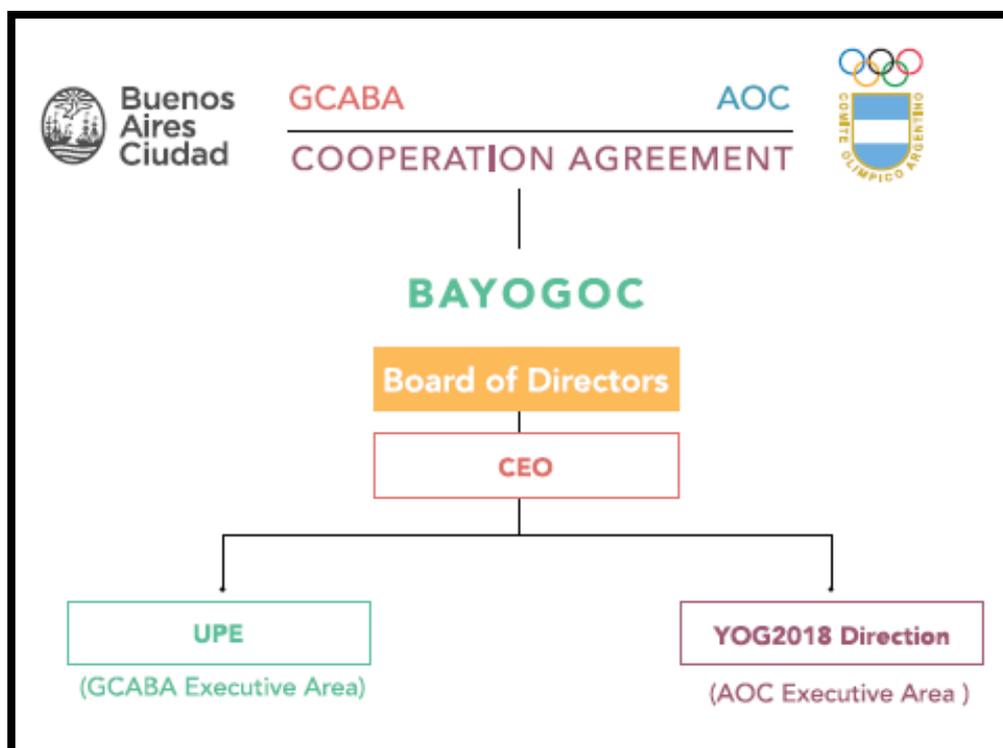
1. O OCOG terá a condição de pessoa jurídica em seu país.
2. O órgão executivo do OCOG deverá incluir, para cada cidade anfitriã:
  - o membro ou membros do COI no país, referido na Regra 16.1.1.1;
  - o presidente e o secretário-geral do CON;
  - pelo menos um membro que representa e é designado pela cidade anfitriã.O órgão executivo do OCOG também pode incluir representantes das autoridades públicas e outras personalidades.
3. Desde o momento de sua constituição até o final de sua liquidação, o OCOG deve conduzir todas as suas atividades de acordo com a Carta Olímpica, com o acordo firmado entre o COI, o CON e a cidade anfitriã e com quaisquer outros regulamentos ou instruções do Conselho Executivo do COI (IOC, 2017, p. 73).

Para atingir seus objetivos, o Comitê Organizador deve dialogar com diversas instituições locais, nacionais e internacionais. Neste âmbito, com o intuito de melhorar a organização e articular as relações entre o COI, o OCOG, as FIs e os CONs, é estabelecida pelo COI uma Comissão de Coordenação, que fornece orientações para o OCOG, acompanha o processo de preparação do evento e reporta ao Conselho Executivo do COI.

Destarte, torna-se possível depreender que o OCOG é uma entidade do COI responsável por executar uma edição dos Jogos, que possuem princípios, valores e protocolos já definidos. O OCOG, portanto, possui um caráter burocrático, operacional e transitório.

Em 4 de julho de 2013, em uma Sessão Extraordinária do COI em Lausanne, Suíça, a cidade de Buenos Aires, Argentina, foi eleita para sediar os Jogos Olímpicos da Juventude de 2018. Um ano após a sua eleição foi criado o Comitê Organizador (BAYOGOC) por meio de um Acordo de Cooperação entre o Comitê Olímpico Argentino (COA) e o Governo da Cidade de Buenos Aires (GCBA) (BAYOGOC, 2015).

O BAYOGOC foi composto por um Conselho Administrativo, um Diretor Executivo (CEO) e duas áreas executivas inseridas na estrutura funcional do COA e do GCBA, como demonstrado na Figura 1.



**Figura 1.** Estruturação do BAYOGOC

Fonte: BAYOGOC (2015, p.47).

O Conselho Administrativo (*Board of Directors*) contou com dez membros, sendo três representantes do COA, dentre eles o Presidente, Gerardo Werthein, e o Secretário Geral, Mario Moccia; cinco representantes do GCAB: o Chefe do Gabinete de Ministros, os Ministros da Cultura, da Educação e do Desenvolvimento Urbano, e o Subsecretário de Desporto; um representante do Governo Nacional, o Secretário de Desporto; e um representante da Agência Nacional de Desportos de Alto Rendimento (ENARD - sigla em espanhol) (BAYOGOC, 2015).

Ao longo de 4 anos, o BAYOGOC coordenou e executou as ações necessárias para a realização da terceira edição de verão dos JOJ. Durante este período também foram produzidos e veiculados documentos acerca do planejamento do evento, das modalidades disputadas, das orientações para espectadores, mídia, chefes de missão, atletas, CONs e FIs, e guias educativas

para professores e alunos. Além disso, após os Jogos, o BAYOGOC também foi responsável por avaliar e produzir um relatório oficial sobre o evento e seus legados.

Com o intuito de clarificar a identificação dos documentos oficiais que integram nossa tarefa interpretativa construímos o Quadro 3 com as principais informações dos referidos documentos.

**QUADRO 3.** Identificação dos documentos oficiais analisados

	DOCUMENTO	OBJETIVO	DATA DA PUBLICAÇÃO
1	Buenos Aires 2018 – Games Foundation Plan	Estabelecer a visão e os princípios de trabalho que nortearam a organização dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018	Dezembro 2015
2	Guía Educativa: Los Juegos Olímpicos en la escuela	Trabalhar os Jogos Olímpicos nas escolas, sobretudo os Jogos Rio 2016, buscando promover valores e atitudes positivas e um estilo de vida saudável	Julho 2016
3	Guía Educativa: Recorrido de la Bandera Olímpica	Compartilhar com a comunidade educacional o espírito dos Jogos Olímpicos da Juventude, convidando as escolas a receberem uma réplica da bandeira Olímpica. Além disso, busca acompanhar, incentivar e promover as diferentes propostas e atividades direcionadas as escolas	Agosto 2016
4	Guía Educativa: Tiempo de Olimpíadas - El Respeto Siempre Gana	Acompanhar e enriquecer a visita da peça teatral <i>Tiempo de Olimpíadas: El respeto siempre gana</i> , que percorreu as escolas de Buenos Aires, tendo como objetivo informar sobre os Jogos Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude, bem como compartilhar e transmitir a importância dos Valores Olímpicos para alunos da educação primária	Setembro 2016
5	Guía Educativa: Juegos Olímpicos de la Juventud	Fornecer informações e propostas de atividades sobre os Jogos Olímpicos da Juventude para professores e professoras trabalharem em seus respectivos campos de atuação	Março 2018

6	Guía Educativa: Tour de la Antorcha	Fornecer informações e atividades sobre o tour da Tocha Olímpica, que percorreu 17 cidades argentinas até os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018	Abril 2018
7	Guía Género y Deporte	Oferecer conceitos, ideias, visões e estratégias para refletir junto aos jovens e adolescentes sobre a importância da perspectiva de gênero no marco dos Jogos Olímpicos da Juventude 2018	Abril 2018
8	Guía Ciudadanía y Participación	Fornecer ferramentas aos jovens para o exercício da cidadania e da participação na vida da comunidade	Junho 2018
9	Explanatory Guides	Oferecer uma introdução detalhada de cada esporte presente nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 e fornecer informações fundamentais para o planejamento e preparação das delegações	Mai 2018
10	IF Focus Day Booklet	Comunicar as atividades desenvolvidas pelas Federações Internacionais no âmbito do Programa de Educação e Cultura dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018	Agosto 2018
11	Standard Marks Usage Guidelines	Determinar as diretrizes para o uso da marca dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Além disso, descreve a estratégia, identidade, emblema, slogan e mascote dos Jogos	Agosto 2018
12	Chefs de Mission Manual	Este manual, publicado para os chefes de missão, contém o passo a passo de todos os procedimentos desde a chegada até a partida da delegação em Buenos Aires 2018.	Setembro 2018
13	Sustainable Events Management Protocol	Este protocolo é uma ferramenta inteligente de gestão de eventos que, alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), tem como foco os seguintes itens: gênero, acessibilidade, energia, transporte e logística, gestão de resíduos, água, saúde e segurança, alimentos e bebidas, biodiversidade, comunicações, TIC, compras sustentáveis, infraestrutura, acomodação e comunidades locais.	Setembro 2018

14	Doping Control Guide	Este documento detalha os procedimentos de controle de doping implementados para os Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires 2018.	Setembro 2018
15	Management Report: Sport, Social and Urban Legacy	Este relatório apresenta os legados tangíveis e intangíveis dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Além disso, inclui um relatório de gestão que analisa as atividades de diagnóstico, realizações e metas cumpridas em relação a três focos de ação: desporto, social e urbano.	Novembro 2018
16	Buenos Aires 2018 - Official Report	Este documento é o relatório oficial do III Jogos Olímpicos de Verão da Juventude de Buenos Aires 2018, contendo informações sobre o revezamento da tocha, os locais de competições, os pictogramas, as fotos dos eventos e os legados.	Janeiro 2019

Fonte: Dados da pesquisa

O primeiro documento se configura como um planejamento estratégico dos Jogos, incluindo desde a visão, missão, objetivos, princípios e valores até a definição de público-alvo, clientes e parceiros. Estão descritos também os princípios da estrutura funcional do BAYOCOG, como os recursos humanos, financeiros, as aquisições e a gestão de riscos. Este é um arquivo fundamental para identificar e compreender os elementos que circundam o Comitê Organizador, bem como a organização do evento como um todo.

As guias educativas (documento nº 2 ao nº 8) foram elaboradas pelo BAYOCOG em parceria com o Ministério da Educação de Buenos Aires, com o Ministério de Modernização, Inovação e Tecnologia e com o Governo da Cidade de Buenos Aires. Produzidas com o propósito de subsidiar o conhecimento sobre os Jogos Olímpicos da Juventude, a promoção dos valores Olímpicos e o desenvolvimento de um estilo de vida saudável, direcionadas, principalmente, a professores e estudantes. Estas guias estão estruturadas em duas partes, sendo inicialmente abordados os aspectos conceituais, históricos e contextuais dos temas, e na segunda parte são indicados atividades, recursos e recomendações para trabalhá-los com as crianças e os jovens. Estes documentos podem ser

caracterizados como uma iniciativa de Educação Olímpica direcionada a estudantes, visto que abarcam um conjunto de atividades educativas que possibilitam a vivência e a aprendizagem do Olimpismo.

O documento 9 abrange todas as modalidades presentes nos JOJ BA 2018, sendo, portanto, composto por 32 guias explicativas encaminhadas para os CONs e suas equipes. Cada guia passou pela aprovação do COI e da Federação Internacional responsável pela modalidade. Estão organizadas em três principais seções: (1) informações gerais sobre a cidade de Buenos Aires e sobre as temáticas dos Parques Olímpicos (*Buenos Aires 2018 Celebrates!*); (2) aspectos específicos da modalidade, tais como: locais de competição e treino, regras e procedimentos, programação das competições e uma breve história da modalidade nos Jogos Olímpicos; (3) tópicos relacionados a BA 2018, como acomodação, acreditação, cerimônias, controle de doping, serviços médicos, mídia, alimentação, transportes, dentre outros. Em setembro de 2018 foram publicadas novas versões das guias explicativas (*Team Officials' Guides*), contendo informações atualizadas sobre as datas das competições, os árbitros selecionados e os contatos oficiais da FI, da Confederação Argentina e dos membros do BAYOCOG responsáveis pela modalidade.

Como parte do Programa de Educação de Atletas do COI, cada FI ficou responsável por organizar atividades educacionais para os atletas de suas modalidades durante os JOJ BA 2018. As atividades tinham como propósito “promover o intercâmbio cultural, novos conhecimentos, o desenvolvimento de novas habilidades e competências no âmbito pessoal e profissional, ao mesmo tempo que inspira os atletas com os valores Olímpicos” (BAYOCOG, 2018f, p. 2). As propostas de atividades das FIs estão descritas no documento 10, em que são detalhados os objetivos das atividades, o idioma em que serão apresentadas, o local e horário e o número de participantes. Além disso, neste documento as Federações revelam os Atletas-Modelo<sup>43</sup> de cada desporto, que iriam participar de atividades junto com os jovens atletas.

---

<sup>43</sup> *Athlete Role Models*, são atletas convidados pelas Federações Internacionais em conjunto com o Comitê Olímpico Internacional para compartilharem suas experiências com os jovens atletas e inspirá-los durante o evento. São escolhidos por serem referência na sua modalidade e propagadores dos valores Olímpicos (BAYOCOG, 2018a).

Apesar do documento 11 ter um caráter normativo ao estabelecer as regras e padrões para o uso da logomarca dos JOJ BA 2018, em suas páginas iniciais são apresentadas informações relevantes no que concerne a criação da identidade dos JOJ, do emblema de BA 2018 e as perspectivas estratégicas que embasam os JOJ BA 2018.

O Manual dos Chefes de Missão (*Chefs de Mission Manual*) é um documento extenso que contém todas as informações fundamentais sobre os JOJ BA 2018 e os procedimentos que deveriam ser adotados pelas delegações participantes, desde seu processo de registro, chegada e permanência em Buenos Aires até o retorno da delegação ao país de origem. O documento inclui formulários, mapas, horários e locais de serviços essenciais na cidade de Buenos Aires, bem como as normas da Vila Olímpica da Juventude. Este manual fornece um material denso sobre os processos envolvidos na realização de uma edição dos JOJ.

O 13º documento, o Protocolo de Gestão de Eventos Sustentáveis (*Sustainable Events Management Protocol*), foi elaborado pelo BAYOCOG em conjunto com a Universidade Tecnológica Nacional – Buenos Aires (UTN-BA) e com órgãos das Nações Unidas na Argentina, com uma dupla função: “aumentar o poder transformador do desporto como catalisador para o bem estar das pessoas e o progresso das cidades que hospedam megaeventos desportivos” (BAYOCOG, 2018i, p. 4). O protocolo está embasado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas e nas propostas da Agenda Olímpica 2020. Nesse sentido, são retratados 16 temas, apontando suas diretrizes, indicadores, sugestões de boas práticas e os impactos nas dimensões ambientais, sociais e econômicas.

A Guia do Controle de Doping (*Doping Control Guide*) foi criada a partir das regras do Programa Antidoping do COI aplicáveis aos JOJ BA 2018, estando em conformidade com o Código Mundial Antidoping 2015 da Agência Mundial Antidoping (*World Anti-Doping Agency – WADA*). Os testes realizados durante os Jogos ficaram sob a autoridade da Agência Internacional de Testes (*International Testing Agency – ITA*), uma organização suíça que fornece serviços antidoping para diversos megaeventos desportivos. O BAYOCOG, por

sua vez, foi responsável por viabilizar todo o processo de controle de doping, desde a notificação dos atletas e seus responsáveis, os procedimentos técnicos da coleta até o transporte das amostras para análise em um laboratório credenciado pela WADA. As instruções da operacionalização do controle de doping estão descritas no documento 14, endereçadas, especialmente, aos atletas e oficiais de equipe.

O Relatório de Gestão: legado desportivo, social e urbano (*Management Report: sport, social and urban legacy*) expõe o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das atividades e projetos desenvolvidos a partir das metas e estratégias estabelecidas para construir o legado dos JOJ BA 2018. Para cada área de atuação – desportiva, social e urbana –, é evidenciado um diagnóstico anterior ao evento, os dados dos programas realizados e das infraestruturas produzidas. Dentre os anexos deste documento encontram-se os resultados das pesquisas realizadas com a comunidade local e com diversos atores que participaram do evento. Este relatório (documento 15) engloba conteúdos mais aprofundados no que concerne aos legados dos Jogos comparativamente as informações presentes no Relatório Oficial.

O Relatório Oficial dos Jogos Olímpicos é um documento implementado desde a criação dos JO modernos, sendo elaborado por cada Comitê Organizador anfitrião, contendo os diversos marcos da edição, como operações exitosas, atividades culturais, resultados oficiais e os legados. Nesse sentido, o documento 16 (*Buenos Aires 2018 – Official Report*) apresenta os principais resultados de cada dia dos Jogos, além de informações referentes ao *tour* da tocha olímpica, aos pictogramas, à mascote do evento, aos voluntários, aos legados e, sobretudo, as inovações realizadas em BA 2018. Ademais, o último capítulo do documento traz um álbum de fotos com imagens dos diversos atores que participaram dos JOJ BA 2018.

Reconhecidamente todos estes documentos oficiais representam uma perspectiva discursiva do Movimento Olímpico, imbuídos da responsabilidade do BAYOGOC de concretizar os Jogos e do anseio em estabelecer um legado tanto para os JOJ quanto para cidade de Buenos Aires. Isto posto, a análise dos documentos oficiais tem como intuito compreender o discurso oficial acerca dos

valores do Olimpismo difundido pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

## 4.2 As observações

Os Jogos de Buenos Aires tiveram início no dia 6 de outubro de 2018, com a cerimônia de abertura, que foi realizada na zona central da cidade (Avenida 9 de Julio), junto a um monumento histórico, o Obelisco. A cerimônia foi gratuita ao público que compareceu em grande quantidade, segundo o Relatório Oficial do BAYOGOC (2019), 215.000 (duzentas e quinze mil) pessoas prestigiaram o espetáculo que se propôs a homenagear o Olimpismo, o desporto e a juventude. Com isso, dois acontecimentos sem precedentes na história dos Jogos Olímpicos foram protagonizados: a realização da cerimônia de abertura fora de um estádio e o recorde de público presente.

Tendo início a cerimônia, os atletas de todas as delegações entraram juntos, animados, registrando tudo com seus *smartphones*, e permaneceram num espaço reservado à frente do palco principal, localizado aos “pés” do Obelisco. Então, seguiu-se com os elementos do protocolo olímpico, sendo hasteada a bandeira nacional da Argentina, ao som do hino nacional.

Posteriormente, os atletas porta-bandeiras de cada delegação desfilaram no palco principal, sendo tradicionalmente iniciado pela Grécia, seguido de uma ordem alfabética e finalizado com o país anfitrião. Durante o desfile, uma plataforma móvel percorria lentamente do sul da avenida até o Obelisco, com dançarinos, cantores e um DJ (*Disc Jockey*), que buscavam aproximar o público do espetáculo, sobretudo, aqueles que estavam mais distantes do monumento (BAYOGOC, 2019).

Elevados por um guindaste ao topo do Obelisco, os anéis olímpicos foram erguidos, rodeados de efeitos especiais, enquanto cinco atores faziam performances dentro de cada aro. Em seguida, os pictogramas das 32 modalidades desportivas do programa competitivo foram projetados e representados no monumento. Após a apresentação das modalidades, a

bandeira Olímpica foi carregada por seis atletas argentinos até o mastro, onde foi hasteada ao som do hino Olímpico. Para a realização do juramento Olímpico, um atleta, um árbitro e um treinador subiram ao palco, representando todos os demais, e prometeram respeitar as regras competitivas e zelar pelos princípios do Olimpismo.

Como parte do programa artístico da cerimônia de abertura, foi encenado um espetáculo de tango – um gênero musical e uma dança característica da região do *Río de la Plata* (BAYOGOC, 2019). Na sequência, o presidente do Comitê Olímpico Argentino e do BAYOGOC, Gerardo Werthein, discursou, evidenciando as inovações dos JOJ BA 2018, como a gratuidade do evento, a histórica cerimônia de abertura e a igualdade numérica de atletas masculinos e femininos participantes. Em seguida, o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, realizou seu discurso salientando os valores do Olimpismo, neste momento também subiram ao palco uma atleta argentina e um atleta senegalês<sup>44</sup> para saudar seus pares e convidá-los a celebrar os Jogos e os valores Olímpicos. Finalizando os discursos protocolares, o então presidente da Argentina, Mauricio Macri, declarou oficialmente a abertura da terceira edição de verão dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

Após aproximadamente duas horas, a cerimônia foi encerrada com a entrada da tocha e o acendimento da pira olímpica, a qual permaneceu acesa durante todo o tempo dos Jogos de Buenos Aires no Parque Olímpico da Juventude.

Do dia 7 ao dia 18 de outubro, as competições, bem como as atividades educativas e culturais, ocorreram nos quatro parques, nas sedes independentes e na Vila Olímpica da Juventude. No Quadro 4 identificamos as modalidades que foram disputadas em cada local do evento.

---

<sup>44</sup> Possivelmente a escolha deste atleta ocorreu em virtude de os próximos Jogos Olímpicos da Juventude de verão serem realizados em Dakar, no Senegal.

**Quadro 4. Locais de competição dos JOJ BA 2018**

Local	Modalidades
Parque Olímpico da Juventude	Ginástica Judô Luta greco-romana Karatê Levantamento de peso Hockey 5 Esgrima Pentatlo moderno Atletismo Natação Saltos ornamentais Taekwondo Boxe
Parque Verde	Hipismo Voleibol de praia Triatlo Tênis
Parque Tecnópolis	Tiro com arco Tiro desportivo Badminton Futsal Tênis de mesa Handebol de praia
Parque Urbano	Remo Canoagem Basquetebol 3x3 Breaking Escalda Ciclismo BMX Freestyle
Paseo de la Costa	Ciclismo Patinagem de velocidade
Hurlingham Club	Golfe
Club Atlético San Isidro - La Boya	Rugby 7
Club Náutico San Isidro	Vela

Fonte: BAYOGOC, 2018e.

Os parques contavam com estruturas comuns, como loja oficial, palco para espetáculos de música e dança, parque infantil, área para descanso, praça de alimentação com *food trucks*, espaços para atividades de iniciação desportiva

e uma área com estandes que ofereciam diversas experiências, especialmente relacionadas as temáticas dos parques (*Lab Experience*).

O Parque Urbano teve como tema a arte urbana, envolvendo a estética das ruas em suas instalações, em que foram desenvolvidas oficinas de serigrafia, design, pintura corporal e grafite. Além disso, as pessoas foram incentivadas a levarem patins e skates, e puderam usufruir do local para prática das atividades.

A qualidade de vida e a proteção do meio ambiente inspiraram o Parque Verde, que promoveu em seus estandes atividades sobre estilo de vida saudável, cuidados com o corpo, reciclagem e sustentabilidade. Para as competições de tênis foram utilizados os espaços do Buenos Aires Lawn Tennis Club, e as competições equestres foram realizadas no Club Hipico Argentino.

O Parque Tecnópolis teve como objetivo difundir as novas tecnologias, relacionadas, sobretudo, com os sentidos, o movimento e a arte. Para tanto, o BAYOGOC usufruiu das instalações já existentes no parque para desenvolver atividades interativas com o público e realizar as competições desportivas.

O BAYOGOC se propôs a utilizar espaços públicos que a população já frequentava em seus momentos de lazer, assim, o Parque Urbano abarcou o Parque Mujeres Argentinas e o Dique Puerto Madero, o Parque Verde, por sua vez, envolveu os Bosques de Palermo e o Parque Tecnópolis, além das próprias instalações, abrangeu o Parque Sarmiento.

O Parque Olímpico da Juventude dispôs de uma grande área localizada na zona sul da cidade, onde foram construídos cinco pavilhões desportivos – *America Pavilion, Asia Pavilion, Europa Pavilion, Africa Pavilion e Oceania Pavilion* –, três campos, para as competições de hockey, atletismo e pentatlo, e um centro para as modalidades aquáticas, chamado *Natatorium*. Este parque teve como tema a diversidade cultural, em que foi promovido o intercâmbio entre os jovens atletas e a comunidade local através de atividades que conciliavam arte, música, dança, teatro, ciência e desporto.

Ademais, o Parque Olímpico da Juventude concentrou quase metade das modalidades disputadas, por isso, agregou um maior número de competidores, de visitantes e de atividades culturais. Da mesma forma,

estiveram representadas instituições não-governamentais nacionais e internacionais, tais como a Agência das Nações Unidas para Refugiados (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR), *International Fair Play Committee*, *Panathlon International*, *International Olympic Truce Centre* (IOTC) e a Instituição Nacional contra Discriminação, Xenofobia e Racismo (INADI).

Em decorrência da localização dos parques (nos pontos cardeais da cidade), o deslocamento entre eles foi dificultado, o que demandou que a cada dia um único parque fosse visitado. Assim, todos os parques foram visitados ao menos uma vez durante os doze dias do evento, sendo o Parque Olímpico da Juventude o espaço mais frequentado para a pesquisa devido a maior quantidade de atores sociais envolvidos e atividades realizadas.

Em contrapartida, em virtude do número reduzido de atletas e de atividades, juntamente com o contratempo para o acesso, os locais independentes não foram visitados. Do mesmo modo, a Vila Olímpica da Juventude, onde ocorreram as atividades do Programa de Educação de Atletas, não pôde ser visitada, pois era destinada exclusivamente as delegações e pessoas devidamente credenciadas.

De toda maneira, as visitas aos parques subsidiaram as observações e reflexões em diário de campo necessárias para compreender de que modo e em que/quais circunstâncias os valores do Olimpismo foram representados e manifestados nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

### **4.3 As entrevistas**

Os primeiros dias do evento foram dedicados a compreensão das dinâmicas dos espaços e das atividades, a partir de observações, vivências e contatos esporádicos com atletas e voluntários. Após a familiarização com o contexto, começamos a buscar os atletas para as entrevistas, os quais, de acordo com os critérios definidos na metodologia, deveriam ter suas classificações finais nas competições definidas.

Entretanto, durante o trabalho etnográfico foi necessário revisitar a metodologia, pelo que em muitas modalidades os atletas competiam em blocos e apenas saberiam sua colocação final após encerrada toda a competição. Além disso, nas competições de times mistos (*mixed-NOCs teams*), em que atletas de diferentes modalidades eram organizados em equipes, os participantes também eram premiados e classificados. Assim, muitos atletas que não obtiveram o diploma olímpico nas competições oficiais da modalidade puderam adquirir nas competições paralelas.

Isto posto, o critério ideal contrapôs-se com a etnografia real, sendo, portanto, entrevistados atletas com e sem diploma olímpico, o que não impactou a qualidade dos dados, tampouco os objetivos da pesquisa.

Os atletas eram abordados nos espaços de convivência dos Parques, e, após apresentada a proposta da pesquisa, eram convidados a participar a partir das entrevistas. Com raras exceções, os atletas aceitavam prontamente realizar as entrevistas, e assim, eram-lhes entregue o Termo de Consentimento/Assentimento. Geralmente, os atletas andavam em grupos, por isso, algumas entrevistas foram realizadas com dois atletas ao mesmo tempo.

Apesar da prontidão para participar da pesquisa, durante os questionamentos alguns atletas mostravam-se impacientes e sem disposição para elaborar as respostas, outros se apressavam nas respostas para não deixar os companheiros a esperar, muitos se recusaram inclusive a se sentar para a realização das entrevistas, o que afetou o prolongamento das conversas. Ademais, durante algumas entrevistas houve interrupções por pessoas que queriam tirar fotos com os atletas.

Para compor o grupo de entrevistados buscou-se diversificar as características dos atletas, como idade, modalidade e nacionalidade. Contudo, o idioma foi um obstáculo identificado, sobretudo quando o inglês não era o idioma oficial do atleta, o qual recorria por vezes ao treinador, aos colegas ou aos pais para a tradução de algumas palavras e expressões. De todo modo, foram realizadas 12 entrevistas em inglês, 6 em língua espanhola e as demais 13 entrevistas foram conduzidas em português (Ver Quadro 5). Salientamos que,

com o auxílio de duas pessoas bilingues (espanhol-português e português-inglês), traduzimos os excertos das falas dos atletas para utilização nas análises.

Ao todo foram entrevistados 31 atletas, que competiram nas modalidades: atletismo, tiro desportivo, natação, judô, handebol de praia, vôlei de praia, pentatlo moderno e taekwondo.

**Quadro 5.** Caracterização dos jovens atletas entrevistados

<b>Atleta</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Comitê Olímpico Nacional</b>	<b>Idioma da entrevista</b>
1	Feminino	18	Brasil	Português
2	Feminino	18	Brasil	Português
3	Masculino	17	Portugal	Português
4	Masculino	18	África do Sul	Inglês
5	Masculino	16	Alemanha	Inglês
6	Masculino	17	Austrália	Inglês
7	Masculino	17	Áustria	Inglês
8	Feminino	16	Brasil	Português
9	Masculino	17	Canadá	Inglês
10	Masculino	17	Bahamas	Inglês
11	Feminino	16	Colômbia	Espanhol
12	Masculino	17	Equador	Espanhol
13	Feminino	16	Espanha	Espanhol
14	Masculino	17	Estados Unidos	Inglês
15	Feminino	17	Estônia	Inglês
16	Feminino	16	México	Espanhol
17	Masculino	16	Portugal	Português
18	Masculino	16	Micronésia	Inglês
19	Masculino	17	Portugal	Português
20	Masculino	17	Brasil	Português
21	Masculino	16	México	Espanhol
22	Masculino	17	Canadá	Inglês
23	Feminino	17	Brasil	Português
24	Feminino	17	México	Espanhol
25	Masculino	18	Portugal	Português
26	Feminino	16	Rússia	Inglês
27	Feminino	17	Rússia	Inglês
28	Masculino	17	Brasil	Português
29	Feminino	16	Portugal	Português
30	Feminino	16	Portugal	Português
31	Feminino	17	Brasil	Português

Fonte: Dados da pesquisa.



## **V. Tarefa interpretativa**

---



## **5.1 O discurso oficial acerca dos valores**

Como expresso no delineamento metodológico deste trabalho, os 16 documentos selecionados foram submetidos a uma Análise de Conteúdo exploratória ou heurística, isto é, sem categorias pré-definidas, a fim de identificarmos os domínios axiológicos presentes. De tal modo, a partir desta análise primária constatamos a existência de três principais eixos axiológicos que permearam os documentos oficiais, os quais classificamos como: (1) A tradição axiológica do Olimpismo, que engloba os valores históricos do Movimento Olímpico; (2) Os valores dos Jogos Olímpicos da Juventude, sobretudo no que concerne a união entre desporto, cultura e educação; e (3) Identidades em jogo, que abarca os valores próprios da cidade de Buenos Aires e da edição dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

### **5.1.1 A tradição axiológica do Olimpismo**

A proposta de recriar os Jogos Olímpicos sempre esteve vinculada a anseios pedagógicos e axiológicos. Para tanto, a filosofia olímpica, denominada de Olimpismo, foi desenvolvida para a consolidação da tarefa de formação humana através do desporto, inicialmente a partir de uma perspectiva restrita, eurocentrada e elitista, mas, que com o passar dos anos foi apropriada internacionalmente e ampliada.

O Olimpismo incorpora um arcabouço de valores que se propõem a desenvolver as virtudes do homem, preservar a dignidade humana e construir um mundo mais pacífico e harmonioso. Contudo, a sistematização desses valores é um ponto controverso da filosofia olímpica, tendo em vista que esta possui aspirações que atravessam muitas temporalidades e dinâmicas sociais, intrincando assim uma definição clara e fixa dos seus princípios axiológicos.

No entanto, em 2007, o COI designou que seus pressupostos axiológicos se resumiriam em três valores essenciais: excelência, amizade e respeito, e toda atividade que se defina como “Olímpica” deve se fundamentar nestes valores. Sendo assim, o BAYOGOC demonstrou seu empenho em propagar os valores

Olímpicos, sobretudo em seus documentos oficiais. No Plano de Fundação dos JOJ BA 2018, o BAYOGOC define estes valores como:

**Excelência:** este valor significa dar o melhor de si, seja no jogo, no campo profissional ou na vida pessoal. Não se refere apenas a vencer, mas também a participar, progredir em direção aos objetivos pessoais; esforçar-se para dar o melhor de si no dia a dia e aproveitar da combinação saudável de um corpo forte, uma mente forte e um espírito forte.

**Amizade:** esse valor nos incentiva a considerar o desporto como um instrumento de entendimento mútuo entre as pessoas de todo o mundo. Os Jogos Olímpicos da Juventude inspiraram a humanidade a superar as diferenças: sejam elas políticas, econômicas ou de qualquer outro tipo. O valor da amizade está profundamente enraizado na tradição da antiga trégua olímpica e - em um sentido mais amplo - refere-se à construção por meio do desporto de um mundo melhor e mais pacífico.

**Respeito:** este valor refere-se ao respeito por si mesmo e ao seu corpo, bem como ao respeito pelos outros; pelas regras; pelo desporto e pelo meio ambiente. No que diz respeito ao desporto, o respeito inclui o *fair play* e a luta contra o doping, bem como o enfrentamento de todas as outras atitudes não éticas (BAYOCOG, 2015, p. 18).

Recordando a teorização de Patrício (1993, p. 66) ao alegar que “alguns valores têm mais valor do que os outros [...]”, podemos então inferir que, para o Movimento Olímpico, os valores da excelência, amizade e respeito ocupam o topo da sua pirâmide axiológica, alcançando o status de invariantes axiológicas, ou seja, são os valores fundamentais e instauradores da ordem cultural Olímpica (Reale, 1991).

Trilhando este caminho, podemos ainda associar estes valores as classes definidas no quadro axiológico de Patrício (1993), exposto no tópico 2.1.1 deste estudo. Antes, vale ressaltar que é possível identificar dentro do manancial de valores do desporto todas as ordens hierárquicas: vital, prática, hedonística, estética, lógica, ética e sagrada. No entanto, neste momento, iremos nos debruçar sobre os valores designados como Olímpicos.

O valor excelência está vinculado ao agir, ao realizar, ao transformar, pelo que o exercício da excelência pressupõe uma ação, portanto, este valor pode ser enquadrado na ordem de valores práticos. Por conseguinte, constitui-se como uma ferramenta para a realização de outros valores.

O valor amizade implica um relacionamento benfazejo entre as pessoas, avivando o desenvolvimento de um bem-estar, tanto individual quanto coletivo, que semeia diversos prazeres, como o lúdico, intelectual, afetivo e até o espiritual. Desta maneira, podemos inserir a amizade dentro dos valores hedonísticos.

O valor respeito engloba tudo aquilo que é considerado como bem, correto, certo, sendo, por isso, um sustentáculo para todas as relações do homem, seja com ele mesmo, seja com os outros ou seja com o meio em que vive. Logo, o respeito se adequa precisamente na classe dos valores éticos.

Cabe salientar que, embora o COI tenha consolidado estes três valores como representantes da axiologia Olímpica, outros princípios estão subjacentes a estes três. Para o BAYOGOC, a amizade engloba a cooperação, a solidariedade, o espírito de equipe, a alegria e a empatia, enquanto o respeito pressupõe a honestidade, a diversidade e a inclusão, e a excelência, por sua vez, relaciona-se com a paixão e o comprometimento.

Ao estratificar os valores Olímpicos fundamentais, Mota (2020) elencou onze valores correspondentes, sendo referentes ao valor respeito, a empatia, a solidariedade, a justiça e a humildade, no que concerne a amizade, o autor relacionou a fraternidade, a união, a bondade e a generosidade, e acerca da excelência assentam-se os valores da resiliência, coragem e honestidade. Esta correlação de valores é possível pois os valores Olímpicos são, antes de tudo, valores humanos, contextualizados no âmbito desportivo.

Portanto, “cada um desses valores carrega consigo a síntese de um desenvolvimento moral e ético pautado na prática esportiva” (Mota, 2020, p. 86). De tal modo, os valores Olímpicos podem ser adaptados e personificados de acordo com o cenário em que se anunciam.

Nesse sentido, foi possível identificar que os valores Olímpicos também estão presentes nos documentos do BAYOGOC de maneira implícita, por exemplo, na visão do Comitê Organizador: “Celebrar os melhores Jogos Olímpicos da Juventude PELOS jovens, PARA os jovens; PARA a vizinhança, PARA Buenos Aires, PARA Argentina e PARA o mundo”. E esclarecem que ao definirem esta visão buscaram uma mudança de paradigma: “a importância para

nós não está em ser o melhor ‘de’, mas sim em ser o melhor ‘para’” (BAYOGOC, 2015, p. 15).

Isto posto, verifica-se o valor da excelência expresso na visão do BAYOGOC em tornar-se uma inspiração para todos, explorando todo seu potencial para entregar o melhor Jogos Olímpicos da Juventude. Ademais, é perceptível na descrição da missão do BAYOGOC a associação com os valores Olímpicos.

Celebrar os Jogos Olímpicos da Juventude que estimulem o desenvolvimento de jovens atletas e da comunidade por meio dos Valores Olímpicos, alcançar e engajar jovens de todo o mundo de forma interativa e construir um legado duradouro que beneficiará a sociedade como um todo (BAYOGOC, 2015, p. 17).

Segundo o BAYOGOC, está incutido nesta missão o sentido de que, através dos JOJ BA 2018, os jovens expressem todo seu potencial desportivo e almejem ser pessoas melhores atuando em seus círculos sociais. Ao mesmo tempo, que a comunidade se desenvolva urbana e socialmente baseada nos valores do respeito, da amizade e da excelência. O engajamento de jovens do mundo todo é destacado a partir das possibilidades da comunicação digital, vislumbrando conectá-los ao espírito Olímpico. Por fim, o BAYOGOC demonstra, com a construção de um legado, o anseio em fomentar a transformação do mundo em um lugar melhor.

O entendimento de que o desporto é capaz de impulsionar transformações para além do campo desportivo é difundido dentro e fora do Movimento Olímpico, pelo que os aprendizados, especialmente dos valores, podem ser transpostos para os diversos âmbitos sociais. Assim sendo, diferentemente de outras instituições desportivas que possam desconsiderar esta potencialidade, o Movimento Olímpico faz desta o seu objetivo: “contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor, educando os jovens por meio do desporto praticado de acordo com o Olimpismo e seus valores” (IOC, 2017, p. 15).

Nessa lógica, o BAYOGOC, enquanto um agente olímpico, também contempla esse objetivo, alegando que “em Buenos Aires 2018 queremos ser uma força que contribuirá para o desenvolvimento; que irá inspirar através da

---

promoção de valores com o objetivo de buscar um mundo melhor para os jovens e para todas as pessoas” (BAYOGOC, 2015, p. 17). É notório nos documentos oficiais, sobretudo nas Guias Educativas, a perspectiva de que os Jogos, ancorados nos valores do Olimpismo, direcionam para que a humanidade seja melhor e construa uma sociedade mais justa, inclusiva, pacífica, democrática e solidária.

Com isso, o BAYOGOC se apropria do objetivo do Movimento Olímpico, bem como do objetivo do Olimpismo de “[...] colocar o desporto a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, com vistas à promoção de uma sociedade pacífica e preocupada com a preservação da dignidade humana” (IOC, 2017, p. 7). O desporto, nesse sentido, não se esgota em si próprio, sendo compreendido como um direito humano essencial para o desenvolvimento integral de crianças e jovens, profícuo para a promoção integral da saúde, educação, progresso e a paz entre as nações.

No documento 13, fruto de parcerias institucionais, uma representante da Organização das Nações Unidas (ONU) expõe que as duas entidades – ONU e COI – partilham os mesmos valores com o sentido de realizar mudanças sociais em escala global:

Durante os Jogos Olímpicos, homens e mulheres de todas as nacionalidades, crenças e raças se reúnem em um ambiente de respeito mútuo e coexistência pacífica. Este espírito Olímpico é o melhor exemplo do sonho de paz, cooperação e desenvolvimento das Nações Unidas e é a razão pela qual ambas as organizações, a ONU e o Comitê Olímpico Internacional, trabalham em estreita cooperação para intensificar esse espírito em um mundo cheio de conflitos [...] (BAYOGOC, 2018i, p. 8).

O reconhecimento do potencial pacificador do desporto nos remete a memória da trégua Olímpica, elucidando que o Movimento Olímpico tem sido exitoso em difundir e compartilhar mundialmente seu conteúdo axiológico no decorrer do tempo. É fato que esta perpetuação dos valores Olímpicos não ocorreu/ocorre despretensiosamente. A orientação axiológica foi bem fundamentada na idealização *coubertiniana*.

A celebração dos Jogos Olímpicos, para além da competição desportiva, promove os valores do Olimpismo em momentos devidamente demarcados,

---

como as cerimônias de abertura e encerramento. Sobretudo durante as décadas de consolidação do evento, símbolos e representações foram agregados gradualmente, a partir de apropriações/ressignificações que, em muitos casos, têm como referência os acontecimentos dos Jogos Olímpicos da Antiguidade.

Os cinco anéis, a bandeira, os emblemas, o hino, o lema, a chama e a tocha representam os arautos da ideologia Olímpica e contribuem para outorgar o caráter peculiar dos JO. De acordo com Todt (2009, pp. 121-122), “esses elementos foram se constituindo ao longo da história olímpica de acordo com o contexto sociocultural de cada época. Prevaleceram e persistiram aqueles que melhor representam os valores que caracterizam o Movimento Olímpico”. Assim, a cada edição dos Jogos estes elementos estão presentes interligando os rituais Olímpicos aos valores do Olimpismo, notadamente o respeito, a igualdade, a justiça, a amizade, a paz e o entendimento mútuo.

Para os Jogos Olímpicos da Juventude de 2018, o BAYOGOC assumiu o compromisso de “garantir o cumprimento das cerimônias observando os valores, princípios e políticas aprovadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), em um ambiente festivo voltado para a juventude” (BAYOGOC, 2015, p. 89). Embora a mensagem Olímpica e seus elementos protocolares tenham sido preservados, Buenos Aires 2018 transgrediu uma estrutura histórica das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos, estabelecendo um novo paradigma, o que será discutido mais a frente neste trabalho.

De todo modo, a atenção aos símbolos Olímpicos está respaldada nos documentos oficiais do BAYOGOC. Dentre as Guias Educativas, os documentos 3 e 6 dedicam-se a bandeira e a tocha, respectivamente. Na Guia *Recorrido de la Bandera Olímpica* é descrito o projeto que consistia em levar a bandeira Olímpica a todas as escolas da cidade de Buenos Aires, permanecendo por uma semana em cada escola. Durante este período, as famílias, os professores e os estudantes eram convidados a trabalharem os valores associados a bandeira, tais como: o companheirismo, o respeito, a diversidade, a solidariedade, o trabalho em equipe, o esforço e a amizade, através de jornadas, encontros e atividades desportivas e culturais (BAYOGOC, 2016b).

A bandeira Olímpica é constituída por cinco anéis de iguais dimensões, nas cores: azul, amarelo, preto, verde e vermelho, ordenadamente da esquerda para a direita. Os anéis estão entrelaçados e centralizados em um fundo branco. A bandeira foi cuidadosamente criada por Coubertin, cujas cores podem ser identificadas – pelo menos uma – em todas as bandeiras nacionais. Deste modo, é reforçada a universalidade do Movimento Olímpico e a união de países de todos os continentes em prol do desporto e do Olimpismo.

Para o BAYOGOC o projeto de *tour* da bandeira proporcionou a comunidade escolar a vivência e o compartilhamento dos valores e do espírito Olímpico em um ambiente participativo e inclusivo. No entanto, apesar do tema da guia ser a bandeira Olímpica não há muitas informações sobre este símbolo no “corpo” do documento, o que, em contrapartida, podemos verificar na guia sobre a tocha.

O programa de revezamento da tocha percorreu 17 cidades argentinas com o intuito de gerar um engajamento regional e internacional com os JOJ BA 2018, bem como transmitir os valores e a filosofia Olímpica. No documento 6, após uma breve apresentação da história dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Olímpicos da Juventude, é descrita a tradição e o simbolismo da chama Olímpica. Segundo o BAYOGOC (2018b, p. 12), “a origem da tocha Olímpica é proveniente da milenária mitologia grega, especificamente do conhecido mito de Prometeo”. Então, é narrado que neste mito Prometeo roubou o fogo dos deuses e o entregou a humanidade, logo, “este fogo representa a união da divindade com o homem, e desta forma, este fogo simboliza a base criadora de toda cultura”.

Sabe-se que o fogo era um elemento divino para o povo grego e durante os Jogos Olímpicos da Antiguidade uma chama era mantida acesa na frente dos principais templos de cada cidade-estado. Assim, nos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdã, se resgatou essa tradição como uma forma de conectar passado e presente (Müller e Todt, 2015).

Contudo, apenas em 1936, na ocasião dos Jogos de Berlim, se fundou o protocolo de revezamento da tocha, o qual passou a ser realizado em todas as edições dos Jogos. A cerimônia de acendimento da tocha acontece em Olímpia

---

– em frente as ruínas do Templo de Hera –, meses antes do início dos Jogos; então é levada ao país da cidade anfitriã, onde percorre diversas localidades até se tornar protagonista da cerimônia de abertura do novo evento. Além de caracterizar o início de uma nova edição dos JO, a chama também é encarregada de espalhar o espírito Olímpico nos locais onde transita. Por isso, o BAYOGOC afirma que escolheu para o revezamento da tocha pessoas que inspiram os valores Olímpicos, nomeadamente o respeito, a amizade e a excelência.

E acrescenta:

Este revezamento entre as pessoas que carregam a tocha Olímpica é um momento mágico que simboliza o encontro na diversidade, nas diferentes culturas, histórias e tradições. Nesta transferência do fogo sagrado pretende-se transmitir os valores Olímpicos a todas as partes do planeta (BAYOGOC, 2018b, p. 16).

O conjunto de práticas e elementos que constituem a celebração dos JO pretendem, de alguma forma, materializar a filosofia Olímpica, imbuindo de sentido e significado o próprio desporto. Ademais, o equilíbrio entre passado e presente, local e universal, assim como a periodicidade com que os Jogos são realizados, conferem a condição duradoura e valiosa do Olimpismo. Alcançando assim o que ambicionava o Barão de Coubertin: “O Olimpismo não reapareceu no seio da civilização moderna para desempenhar um papel local ou passageiro. A missão que lhe tem sido confiada é universal e secular” (Müller e Todt, 2015, pp. 586-587).

Nessa perspectiva, o BAYOGOC priorizou a ideologia Olímpica e difundiu os valores do Olimpismo em seu discurso oficial. Em todas as publicações do Comitê Organizador os valores do Olimpismo são mencionados, sendo em algumas delas apresentadas propostas para serem trabalhadas com crianças e jovens, a exemplo das Guias Educativas, e em outras os valores são relacionados com os momentos e símbolos presentes nos JOJ BA 2018, como nos documentos 1, 9 e 12. Isto posto, podemos depreender que o BAYOGOC corporificou os valores tradicionais do Movimento Olímpico, ao mesmo tempo que lhes atribuiu uma representação particular.

### **5.1.2 Os valores dos Jogos Olímpicos da Juventude**

A proposta de criação dos JOJ perpassou diversas justificativas, desde a tentativa de neutralizar a epidemia de obesidade em crianças e jovens até a intenção de expandir os valores do Olimpismo para este público. No que concerne a preocupação com o crescimento da inatividade entre os mais novos, o COI sinalizou que

É uma das questões mais urgentes de nossos tempos – especialmente no que diz respeito ao mundo desenvolvido: por um lado, declínios acentuados na atividade física; de outro, taxas crescentes de obesidade. É preocupante que essa tendência esteja se fazendo sentir entre os membros mais jovens de nossa sociedade – principalmente os adolescentes, que estão abandonando as atividades desportivas em número significativo (IOC, 2009, p. 1).

Esta é uma realidade que aflige o mundo contemporâneo como um todo devido as diversas transformações ocorridas durante as últimas décadas que afetaram os hábitos e as atividades cotidianas. Neste escopo, instituições governamentais e não governamentais têm empenhado esforços para combater os comportamentos nocivos à saúde e as enfermidades decorrentes, a partir de ações estratégicas e diferentes programas que atendem a população.

O COI, por seu turno, considerou que “é muito importante que um dos maiores movimentos sociais – o Movimento Olímpico – se preocupe com a geração jovem e tenha um impacto positivo em sua saúde, educação e integração, especialmente das minorias” (IOC, 2009, p. 1). Sendo assim, propôs os JOJ como uma oportunidade de inserir o desporto no horizonte da juventude, sensibilizando os jovens a adotarem um estilo de vida saudável.

Com efeito, ao descrever sua missão, o BAYOGOC indica que pretende com os JOJ BA 2018: “espalhar a paixão pelo desporto para que mais pessoas o pratiquem; encorajando-as a adotarem um estilo de vida saudável e a abraçarem os valores do Olimpismo e do desporto” (BAYOGOC, 2015, p. 17).

Além disso, a atenção aos hábitos saudáveis também pautou a construção dos legados pelo BAYOGOC: “Buenos Aires 2018 busca promover a atividade física entre os jovens e desenvolver hábitos mais saudáveis a nível social e físico, ampliando a estrutura dos desportos federados para a competição

---

de alto nível e promovendo a atividade física na sociedade” (BAYOGOC, 2015, p. 35).

É perceptível que a preocupação com a saúde dos jovens enquanto um dos argumentos dos JOJ encontra-se vinculada, sobretudo, com a prática do desporto, em particular o de alto rendimento. Entretanto, é importante salientar que a associação instantânea do desporto a saúde pode incorrer num equívoco, pois nem sempre o desporto é sinônimo de bem-estar (físico, mental e social), especialmente no contexto das competições de elite.

Tendo isto em consideração, o BAYOGOC acrescenta que incentivar hábitos de vida saudáveis implica refletir sobre temas de grande relevância para os jovens, tal como muni-los com ferramentas para alcançarem um desenvolvimento harmonioso. E esclarece que essa concepção se refere a questões como

dietas balanceadas e saudáveis, doenças relacionadas à alimentação como bulimia e anorexia, prevenção de vícios como o tabaco, álcool e drogas, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, aspectos relativos ao próprio corpo, ao corpo de outrem, intimidade e a prevenção de abusos ou qualquer tipo de violência (BAYOGOC, 2016a, p. 39).

Deste modo, envolver crianças e jovens em um papel mais ativo no desporto, contando com um aparato adequado e a devida orientação, por certo, se constitui como um meio para preservar o valor vital. Em complemento, outros delineamentos concebidos para os Jogos Olímpicos da Juventude e concretizados pelo BAYOGOC também tangenciam a categoria dos valores vitais, como exemplo, o Controle de Doping e algumas atividades inseridas no Programa de Educação e Cultura.

De acordo com o BAYOGOC (2018e, p. 33), o Controle de Doping em Buenos Aires 2018 ambicionou “preservar a dignidade do desporto Olímpico e proteger o direito fundamental dos atletas de participar de desportos antidoping, promovendo, assim, saúde, justiça e igualdade nas competições”. Além do processo de coleta de amostras, o departamento de Controle de Doping também se propôs a trabalhar em conjunto com o Programa de Educação e Cultura, desenvolvendo atividades com o intuito de educar os atletas e seus treinadores

a respeito do uso de suplementos e medicamentos, assim como dos riscos da utilização de substâncias proibidas.

O uso de suplementação alimentar entre jovens tem se tornado um hábito generalizado, seja para alcançar objetivos estéticos ou atléticos. Conforme revelam Sato e colaboradores (2012), esta prática tende a ser mais prevalente em atletas de elite. A facilidade no acesso, juntamente com a profusão de propagandas, torna indiscriminado o uso de suplementos, em que “a maioria dos atletas que usam não tem conhecimento suficiente sobre a segurança e eficácia desses suplementos” (Sato *et al*, 2012, p. 418). Isto posto, torna-se procedente e relevante as ações do BAYOGOC acerca desta temática, a fim de preservar a saúde dos jovens atletas.

Ademais, alguns protocolos adotados na Vila Olímpica da Juventude demonstraram o cuidado com o bem-estar dos jovens, como a distribuição de preservativos e materiais educativos relacionados a saúde sexual e a proibição do consumo de álcool e cigarros. No entanto, nos chamou a atenção a iniciativa de proteção dos atletas contra o assédio e o abuso. O BAYOGOC destacou que, tanto o Comitê Organizador quanto o COI, repudiam veemente o assédio e o abuso, praticados dentro ou fora do ambiente desportivo. Nesse sentido, nos Jogos de Buenos Aires 2018, um Oficial de Proteção do COI foi designado para receber qualquer relatório ou informação sobre casos de assédio ou abuso. O Comitê declarou ainda que durante os Jogos, o COI e o BAYOGOC iriam realizar “uma série de atividades para educar os atletas sobre seus direitos e potenciais riscos ao seu bem-estar” (BAYOGOC, 2018h, p. 151).

Enquanto um microcosmo da sociedade, o desporto não está imune dos perigos e ameaças que assolam crianças e adolescentes. No âmbito do Movimento Olímpico, desde o ano de 2004 algumas proposições têm sido construídas para salvaguardar os atletas, particularmente os mais jovens, de todo e qualquer tipo de violência. Embora o COI seja reativo e tardio para tratar algumas questões nevrálgicas no desporto, o Programa de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso no Desporto tem se consolidado como uma iniciativa importante para conscientização de toda comunidade Olímpica (Mountjoy, Rhind, Tiivas & Leglise, 2015). No que tange o BAYOGOC,

identificamos nos seus documentos as propostas para intervir na proteção e promoção da saúde e bem-estar dos atletas, abrangendo assim, a ordem dos valores vitais.

A ambição de difundir a prática desportiva aliada a valores humanos universais sempre esteve dentre as metas do Movimento Olímpico. Para tanto, as competições desportivas deveriam manter um vínculo estreito com a educação e a cultura, disseminando a filosofia Olímpica aos participantes. No Artigo 39 da Carta Olímpica (IOC, 2017, p. 77) está estabelecido que “o COJO deve organizar um programa de eventos culturais que deve abranger pelo menos todo o período de funcionamento da Vila Olímpica”.

Porém, não há um detalhamento quanto as exigências e diretrizes deste programa nos manuais do COI, o que acarreta num enfraquecimento da sua concepção e conseqüente implementação. Como expõe García (2000), nos Jogos Olímpicos, o Programa Cultural tem pouca relevância, sendo praticamente invisibilizado. Segundo a autora, “embora o Movimento Olímpico seja um projeto humanístico que engloba ‘esporte, cultura e educação’, a realidade do atual processo de realização dos Jogos Olímpicos mostra uma predominância total das questões desportivas sobre as demais” (García, 2000, p. 6).

Sendo assim, para os Jogos da Juventude, o Movimento Olímpico enfatizou a importância das dimensões educacional e cultural, instituindo o Programa de Educação e Cultura (PEC) como um elemento permanente do evento, com seus objetivos e temas bem definidos. Esta formatação atribui um caráter único aos JOJ e os reconcilia com os ideais *coubertinianos* (Medeiros, Garcia, Santos e Valente, 2020).

Todavia, o PEC foi recebido com ceticismo por membros e parceiros do Movimento Olímpico, como aponta o estudo de Wong (2012). As Federações Internacionais tinham dificuldades em compreender o evento e em encaixá-lo no seu calendário de competições. Os treinadores, por sua vez, temiam que os JOJ pudessem se tornar um “acampamento de verão”, com ênfase em atividades educativas em detrimento da performance desportiva. Com efeito, os JOJ foram ganhando notoriedade e adquirindo espaço nos calendários desportivos oficiais. (Wong, 2012).

---

O Programa de Educação e Cultura – recentemente renomeado como Programa de Educação de Atletas – deve ser desenvolvido a partir de três temas centrais e seus subtópicos: (1) desempenho atlético, que envolve avaliação do atleta, nutrição e recuperação, prevenção de lesões e inovação em treinamento; (2) proteção do atleta limpo, abrangendo questões sobre a luta contra o doping, a prevenção do assédio e abuso no desporto, a luta contra apostas ilegais e a disseminação dos valores Olímpicos; e o tema (3) atleta além do desporto, que compreende gerenciamento de carreira, noções básicas de finanças, noções de bases legais e a utilização das mídias sociais (IOC, 2018b). A partir destes temas centrais os Comitês Organizadores têm certa flexibilidade para propor e organizar as atividades do Programa.

Para Buenos Aires 2018, o BAYOGOC (2018h, p. 97) afirmou que “o Programa de Educação de Atletas (antigo Programa de Educação e Cultura) será centrado na promoção dos benefícios do Olimpismo e no apoio à carreira desportiva futura e ao desenvolvimento pessoal de jovens atletas de elite”. Para isto, o Comitê definiu 5 atividades centrais: (i) plataforma *Athlete 365*, com foco no *fair play* e gestão de carreira; (ii) *Performance Accelerator*, desenvolvido para otimizar o desempenho atlético, minimizando e prevenindo os riscos de lesões; (iii) *Gamechangers Hub*, em que os atletas aprenderiam como maximizar o uso das mídias sociais digitais em suas vidas profissionais e pessoais; (iv) *IF Focus Day*, momentos destinados as atividades planejadas pelas federações; e (v) *Chat with Champions*, que consistiriam em sessões de bate-papo com atletas consagrados nas suas modalidades.

Cabe pontuar que esta configuração do Programa assumiu as novas diretrizes estipuladas a partir da Recomendação 25 da Agenda Olímpica 2020, em que se sugeriu “revisar em profundidade os Jogos Olímpicos da Juventude”, com base nos relatórios das edições realizadas e *feedbacks* dos participantes, organizadores e parceiros (IOC, 2014a, p. 19). Após diversas reuniões, o grupo de trabalho apresentou 14 recomendações e 5 metas estratégicas, que foram aprovadas na 129ª Sessão do COI realizada no Rio de Janeiro em 2016. Logo, as orientações foram concretizadas a partir dos Jogos de Buenos Aires 2018.

---

Uma das principais recomendações referia-se a uma melhor conciliação do Programa de Educação e Cultura com as competições desportivas. De fato, estudos realizados com participantes das primeiras edições dos JOJ (Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco, 2014; Krieger & Kristiansen, 2016) revelaram a necessidade de reorganizar as atividades culturais e educacionais com o cronograma das competições, assim como a sensibilização dos atletas e de toda a delegação para os propósitos e benefícios do PEC. Dentre as razões para a pouca ou nenhuma participação nas atividades do PEC, os atletas citaram o foco na performance desportiva, a distância entre os locais de competição e a Vila Olímpica – onde ocorria o PEC –, a falta de interesse nas atividades ofertadas e a preferência por outras ocupações, como assistir os colegas de equipe. Diante disso, os autores propuseram para o planejamento do PEC uma adequação das atividades ao desenvolvimento etário e aos temas de interesse dos atletas.

Nesse intuito, o BAYOGOC (2018h, p. 97) explicitou que “o programa educacional foi, portanto, ajustado reduzindo o número e a localização das atividades, tornando-as mais relevantes para a carreira desportiva e desenvolvimento pessoal dos jovens atletas durante os JOJ”. Ressaltou ainda que o Programa é fundamental para celebração dos valores do Olimpismo, da cultura, da diversidade, da responsabilidade social, do estilo de vida saudável e da expressividade.

Inegavelmente, a motivação para a participação nos Jogos relaciona-se com a competição desportiva, entretanto, idealiza-se que um atleta Olímpico seja um modelo de ser humano nas suas diversas esferas, atingindo o equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Portanto, o PEC se caracteriza como uma ferramenta potencial para auxiliar o desenvolvimento das virtudes do “herói”. Assim, podemos identificar nas atividades propostas pelo BAYOGOC o anseio em propagar valores hedonísticos – amizade, diversão, diversidade cultural –, valores éticos – respeito, *fair play*, responsabilidade social –, e valores práticos e lógicos, a partir de conhecimentos sobre a carreira desportiva, desempenho atlético e comunicação nas mídias sociais digitais.

Além das atividades destinadas aos atletas, durante os JOJ são promovidos shows de música, espetáculos de dança, espaços de recreação e

---

iniciação desportiva estimulando a participação do público em geral. Para BA 2018, o BAYOGOC planejou diversas intervenções artísticas, culturais educativas e recreativas relacionadas com as temáticas dos Parques, contemplando assim a arte urbana (Parque Urbano), a diversidade (Parque Olímpico da Juventude), a inovação (Parque Tecnópolis) e a qualidade de vida (Parque Verde) (BAYOGOC, 2018h).

A configuração do evento e sua operacionalização demonstra que os JOJ vão além de um megaevento desportivo, são também uma oportunidade de engajar e qualificar jovens com outros talentos. Segundo o COI, os Comitês Organizadores são incentivados a contratarem jovens para integrarem as equipes de trabalho, possibilitando o desenvolvendo de suas habilidades. Da mesma forma, a indicação de jovens como chefes de missão, líderes, treinadores, voluntários e árbitros também é fomentada (IOC, 2015). A partir destas ações, a mensagem Olímpica é difundida a juventude em sua diversidade.

Desde os primeiros Jogos da Juventude em 2010 o desenho da medalha é escolhido a partir de um concurso entre jovens. Para os campeões de BA 2018, a medalha foi construída por um indonésio de 18 anos, com a representação de fogos de artifício que simbolizam o entusiasmo e a glória dos JOJ (BAYOGOC, 2018a).

Ademais, os JOJ efetivam dois programas voltados para jovens não atletas, são eles: Jovens Embaixadores, cuja responsabilidade é instigar os atletas a usufruírem de toda a programação disponibilizada nos Jogos; e os Jovens Repórteres, que se configura como um programa de treinamento em jornalismo desportivo. Em Nanjing 2014, foram selecionados 104 jovens embaixadores e 34 jovens repórteres. Na edição que antecedeu Buenos Aires 2018, Lillehammer 2016, participaram como embaixadores 39 jovens e 15 como jovens repórteres (IOC, 2015).

Para os JOJ BA 2018, o BAYOGOC comunicou o recrutamento de 84 jovens para impulsionar as experiências dos atletas no evento e de 40 aspirantes a jornalistas. Aos jovens repórteres foram disponibilizadas “[...] aulas intensivas e treinamento de campo em reportagens escritas, fotográficas, de televisão, de

---

rádio e em novas mídias sobre desporto, bem como fóruns com palestrantes convidados, representando as principais organizações internacionais de mídia e oficiais Olímpicos” (BAYOGOC, 2018h, p. 161). Como consta no documento 12, o BAYOGOC também realizou um Programa de Jovens Repórteres exclusivo para jornalistas argentinos, os quais trabalharam em colaboração com o Comitê Organizador.

Reconhecidamente, a juventude sempre esteve no radar do Movimento Olímpico, pelo que inspirou a concretização dos Jogos Olímpicos, segundo o próprio idealizador (Müller e Todt, 2015). Contudo, a compreensão do ser jovem, para Coubertin, permeava uma generalidade, condizente com as concepções socioculturais de sua época.

A partir da organização dos Jogos Olímpicos da Juventude, o COI demarcou seu entendimento acerca dos jovens, balizando-se, sobretudo, numa definição etária. Para participar das competições desportivas, os jovens atletas devem ter entre 15 e 18 anos, para outros programas que integram o evento (como Jovens Repórteres e Jovens Embaixadores) é estabelecida uma faixa etária entre 18 e 25 anos. Sendo assim, a juventude para o Movimento Olímpico perpassa uma perspectiva operacional, que a caracteriza como uma categoria etária. Isto coaduna com as definições de outras entidades internacionais, como a ONU e a OMS.

De todo modo, é comum no desporto a classificação dos atletas baseando-se em parâmetros maturacionais e etários, o que demonstra que esta definição se encontra imbricada na própria dinâmica desportiva. Contudo, requer atenção o fato de que a faixa etária relativiza o nível das competições em cada modalidade.

O COI também circunscreveu sua compreensão sobre os jovens no selo de assinatura dos Jogos Olímpicos da Juventude, que é formado por um quadrado contendo os anéis Olímpicos e o outro, com a figura de balão de fala, contendo o nome do evento (vide Figura 2). De acordo com o BAYOGOC (2018g, p. 13), o rótulo “tem uma forma simples, visualmente forte e facilmente identificável”, e simboliza compromisso, ação, diálogo, comunicação e a

articulação dos valores Olímpicos com o espírito do jovem, em outras palavras, com tudo aquilo que é “criativo, atual, dinâmico e livre”.



**Figura 2.** Selo dos Jogos Olímpicos da Juventude  
Fonte: BAYOGOC (2018g, p. 32)

Para o BAYOGOC os jovens são uma fonte de inspiração. Sendo assim, o Comitê demonstrou seu empenho em subsidiar o desenvolvimento dos jovens dentro e fora do contexto desportivo, “para se tornarem a melhor versão de si mesmos ao abraçarem os valores Olímpicos, um estilo de vida saudável, o desporto, a cultura e a educação” (BAYOGOC, 2015, p. 16).

Nos documentos 7 e 8, o Comitê elucida sua percepção sobre os jovens e direciona temas relevantes como equidade de gênero e cidadania e participação.

Os jovens são portadores de saberes, concepções e modos de ver o mundo que podem colaborar na construção de sociedades mais justas e inclusivas. Por isso, é fundamental oferecer aos jovens ferramentas para a participação, expressão e reivindicação de seus direitos (BAYOGOC, 2018d, p. 7).

Sabemos que os adolescentes e jovens podem ser protagonistas na construção de estratégias que colaborem para derrubar estereótipos e visões machistas sobre as mulheres no desporto e fortalecer o respeito pelas meninas e mulheres, tanto as que participam no âmbito desportivo como na sociedade em geral (BAYOGOC, 2018c, p. 9).

Torna-se perceptível que o Comitê ampliou a perspectiva sobre a juventude, identificando os jovens enquanto sujeitos dotados de conhecimentos e poderes, capazes de influenciar e intervir nos processos sociais, o que converge com as próprias concepções dos jovens sobre si mesmos (Castro e Abramovay, 2009; Pais, 2014; Sposito, 2014).

Acima de tudo, o BAYOGOC afirma que planejou diversas experiências para oportunizar a participação e a organização juvenil, como uma aposta para

o engajamento social e a concretização de mudanças. “No âmbito dos JOJ BA 2018 convidamos os jovens a fortalecer o espírito de equipa, a trabalhar em prol de objetivos e alcançar a visibilização dos temas e problemas que os afetam em sua vida cotidiana e em sua comunidade” (BAYOGOC, 2018d, p. 18).

Outrossim, o lema definido para Buenos Aires 2018 – “Viví el futuro” – vincula-se ao anseio de que os jovens sejam compreendidos com um exemplo de paixão, convivência e união na diversidade, motivando a construção de um mundo melhor a partir do desporto.

Relembrando Santana (2011), a definição etária da juventude deve expressar uma concepção inicial, a qual deve ser potencializada pelo domínio sociocultural. Assim, a juventude representa uma engrenagem crucial para a realização das transformações sociais tão almejadas pelo Movimento Olímpico. Isto posto, o BAYOGOC incitou a reflexão, o debate e estratégias para a construção de uma cidadania juvenil ativa e responsável, fundamentada em valores como respeito, cooperação, solidariedade, compromisso, alegria, dentre outros, incentivando os jovens a se tornarem “verdadeiros campeões na vida e líderes em todos os lugares que estiverem engajados, legando uma nova cultura e estilo de vida que serão transmitidos as gerações futuras” (BAYOGOC, 2015, p. 86).

### **5.1.3 Identidades em Jogo**

Ao longo dos anos, a consolidação dos Jogos Olímpicos enquanto um dos mais relevantes megaeventos desportivos internacionais atraiu os interesses nacionalistas, identificando-os como um meio de construção simbólica e fortalecimento de discursos identitários. Entretanto, este corolário, de certa maneira, diverge do que pretendia Coubertin ao apregoar o sentido universal do evento e a dissociação da disputa entre países. De todo modo, na atualidade, devido a sua grande popularidade e difusão midiática, os JO representam, indubitavelmente, um palco profícuo para a exibição e celebração de identidades

nacionais, especialmente para a cidade anfitriã, que em momentos demarcados pode propalar sua cultura e seus valores.

Por ter uma estrutura similar, os JOJ também se destacam como uma plataforma em que a cidade e, por conseguinte, o país sede busca enfatizar suas singularidades dentro da comunidade internacional. Neste âmbito, o BAYOGOC preconizou em seus documentos oficiais as características da cidade de Buenos Aires e de sua população, assim como as qualidades distintas da edição dos Jogos Buenos Aires 2018.

A Argentina é o segundo maior país da América do Sul e o terceiro em número de habitantes. Em sua capital, Buenos Aires, vivem aproximadamente 3 milhões de pessoas, que são chamadas de *porteños* em virtude de o principal porto argentino estar situado nesta cidade. Segundo descreveu o BAYOGOC (2015), a cultura de Buenos Aires é formada por uma mistura entre referências estrangeiras (dos imigrantes) e da população local, que resulta em uma cultura única de um povo caloroso, espontâneo e extremamente ligado a família e aos amigos.

Somos 'porteños', o povo do porto. Temos sangue de imigrante, somos apaixonados, damos grandes abraços e sempre nos cumprimentamos com um beijo. Nossas mesas estão sempre lotadas de amigos, tios e tias, primos, filhos, irmãos e irmãs, e conversamos – talvez às vezes discutamos – por horas. Expressamos nossas emoções com uma facilidade invejável. Somos feitos de contrastes: entre cultura popular e sofisticada, entre o tradicional e o moderno, entre as velhas religiões e ídolos atuais, e nossa cidade é cheia de vida e intensidade, enriquecida com histórias que se compartilham e se entrelaçam. [...] Não falamos espanhol; falamos portenho, nosso dialeto único, que faz parte da identidade da cidade. [...] Aqui, uma partida de futebol é um espetáculo que todos devem vivenciar pelo menos uma vez. Aqui, vamos lhe apresentar tango, doce de leite e *asado*<sup>45</sup>. E queremos conhecê-lo. Porque aqui nós não recebemos turistas; nós fazemos amigos (BAYOGOC, 2018e, p. 10).

Podemos reconhecer nestas considerações atributos marcantes que contribuem para a identidade do povo *porteño*, que se distingue por sua diversidade cultural e suas relações afetivas, enaltecendo os valores da

---

<sup>45</sup> Churrasco argentino.

amizade, do multiculturalismo e da expressividade. Estes valores influenciam, sobretudo, a vivência desportiva dos *porteños*, exemplificada na menção ao jogo de futebol. De fato, o estilo expressivo e apaixonado dos argentinos pode ser percebido nos jogos de futebol e nas diversas arenas desportivas, em que se demarcam seus imaginários sociais de pertencimento e identidade (Alabarces, 2009).

Outras características da capital argentina também foram anunciadas e apropriadas pelo BAYOGOC. Nas palavras do Presidente do Comitê Olímpico Argentino, Gerardo Werthein, Buenos Aires é uma cidade verdadeiramente moderna, digital e cosmopolita,

que pode empoderar os jovens e entusiasamá-los sobre os Jogos Olímpicos da Juventude – comunicando os ideais olímpicos em uma linguagem digital poderosa que eles entendem. A Argentina lidera o mundo digital e os jovens de nossa capital estão na fronteira da tecnologia em rede. Temos o orgulho de dizer que Buenos Aires é uma cidade onde a inovação e a criatividade prosperam (BAYOGOC, 2015, p. 9).

Com efeito, os valores culturais e os traços definidores da cidade de Buenos Aires inspiraram a construção da identidade dos JOJ BA 2018, desde seu emblema até os valores de trabalho do Comitê Organizador. No Plano de Fundação dos Jogos, o BAYOGOC expressa que capturou nos monumentos, na vizinhança e na cultura de Buenos Aires a personalidade, a diversidade e as cores para confeccionar o emblema dos Jogos (ilustrado na Figura 3).



**Figura 3.** Construção do emblema dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018

Fonte: BAYOGOC (2015, p. 30)

De acordo com o BAYOGOC (2015, p. 29), “a essência deste emblema está na união e representações das formas e cores de Buenos Aires”, com a

---

intenção de ser uma marca impactante, surpreendente e atraente para que os jovens de todo o mundo pudessem se identificar.

O BAYOGOC descreve também no documento 1 seus valores de trabalho, que configuram o Comitê e suas ações, sendo eles: felicidade, inovação e sustentabilidade. Com relação ao valor felicidade, o BAYOGOC alegou que este representou o ponto forte da coordenação do evento. “Este valor está presente em tudo o que fazemos, na forma como nos comunicamos, nas atividades que geramos e em todos os membros que fazem parte da nossa organização” (BAYOGOC, 2015, p. 19). Desta maneira, pretendeu-se transmitir a todos os participantes do evento uma energia positiva e de entusiasmo, a qual podemos associar a ordem de valores hedonísticos, pelo que se objetivou disseminar alegria, contentamento e prazer.

O BAYOGOC concebeu o valor inovação como parte do seu ADN e o combinou com outros elementos, como a criatividade e a conectividade. “O BAYOGOC considera a conectividade uma prioridade, pois trata da interação entre as pessoas, conteúdos e dispositivos de forma integrada. Estas são as principais prioridades para cumprir nossos objetivos e atingir os jovens” (BAYOGOC, 2015, p. 19). Isto posto, o Comitê se propôs a realizar a terceira edição dos JOJ ancorado nas novas tecnologias.

Por certo, o BAYOGOC reconhece os jovens como uma geração digital, que tem suas experiências sociais permeadas pelas tecnologias da comunicação e informação. Nesse sentido, a organização do evento distribuiu para todos os atletas e oficiais de equipe um dispositivo eletrônico com conexão via *bluetooth*, chamado de *YOGGER*. Este dispositivo tem sido utilizado nos JOJ desde Innsbruck 2012, cumprindo uma dupla finalidade: impulsionar o contato inicial entre os participantes, pois permite a troca instantânea de informações pessoais, tais como nome, idade, telefone, e-mail, redes sociais, e estimular a participação dos atletas nas atividades do PEC, uma vez que o dispositivo registra e contabiliza as passagens dos atletas nos diversos estandes. Através das interações com o *YOGGER*, seja com outros atletas ou participando das atividades do PEC, os jovens acumulavam pontos que poderiam ser convertidos em brindes dos JOJ BA 2018 (BAYOGOC, 2018h).

No escopo das tecnologias digitais, o BAYOGOC desenvolveu um aplicativo gratuito para *smartphones*, que possibilitava ao usuário aceder a diversas informações sobre os Jogos, e até mesmo sobre a cidade de Buenos Aires. O aplicativo “Buenos Aires 2018” continha notícias, imagens, vídeos, cronograma de todas as atividades realizadas durante os Jogos, os resultados das competições e os perfis dos atletas participantes. Além disso, propiciava jogos interativos, guias de como chegar nos locais de competição, como adquirir o ingresso (Passe Olímpico da Juventude) e indicações turísticas sobre a capital argentina.

Consideramos legítimas as estratégias adotadas pelo BAYOGOC para interagir com os jovens através das novas tecnologias, posto que as juventudes contemporâneas têm nos meios tecnológicos seus alicerces para socialização, comunicação, expressão, aprendizagem e diversão. De acordo com Barcelos (2010), os jovens desenvolveram uma relação afetiva com seus aparatos eletrônicos, em especial com seus *smartphones*. Logo, as organizações e os eventos que se destinam ao público juvenil podem ter grande atratividade se aprimorarem o uso e o desenvolvimento dos recursos digitais.

Seguindo a esteira da inovação, o BAYOGOC estabeleceu um marco na história das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. Pela primeira vez, a abertura de um evento Olímpico foi realizada fora de um estádio. Em Buenos Aires 2018, a cerimônia de abertura ocorreu em uma das principais avenidas da cidade, junto a um monumento histórico, o Obelisco. O BAYOGOC revelou que a experiência urbana da abertura manifestou sua perspectiva inovadora, tecnológica e inclusiva (BAYOGOC, 2018h).

Neste mesmo intuito, o Comitê Organizador instaurou uma política de gratuidade para o acesso as competições Olímpicas. Para tanto, os espectadores deveriam realizar um cadastro (*online* ou presencialmente) e, logo após, poderiam recolher seu Passe Olímpico da Juventude nos locais designados em Buenos Aires. O Passe Olímpico da Juventude consistia em uma pulseira digital que controlava a entrada nos quatro Parques Olímpicos e nas demais arenas de competição.

---

Com estas ações arrojadas, o BAYOGOC possibilitou a participação de um público grandioso e diversificado, o qual pôde conhecer e vivenciar os valores do Olimpismo, tal como assistir as disputas desportivas e torcer pelos jovens atletas. Para além disto, intentou-se unir os argentinos na realização deste evento Olímpico, dando-os “um motivo para comemorar, promovendo o orgulho nacional, a inclusão e o sentimento de pertencimento” (BAYOGOC, 2015, p. 16).

No que concerne ao Programa Desportivo, quatro modalidades debutaram nos Jogos de Buenos Aires 2018: *Breaking*, Karatê, Escalada e Patinagem de Velocidade. Conforme declarou o BAYOGOC, estas modalidades estão em consonância com seus princípios, representando “uma mistura de desportos emergentes, universais e urbanos com um importante apelo juvenil” (BAYOGOC, 2018a, p. 12).

Podemos então inferir que ao viabilizar ações que mediaram a efetivação de valores e princípios, tais como a amizade, o multiculturalismo, o respeito, o nacionalismo e a excelência, o valor inovação, refletido nas atividades dos JOJ BA 2018, se insere na classe dos valores práticos.

O terceiro valor de trabalho elencado pelo BAYOGOC refere-se a sustentabilidade. O BAYOGOC manifestou a ambição de construir uma cultura sustentável, sensibilizando para questões fundamentais como biodiversidade, acessibilidade, uso eficiente de água e energia, direitos humanos, entre outras, em concordância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

No documento 13, sustentabilidade é definida como

um desenvolvimento capaz de atender às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Para alcançar o desenvolvimento sustentável, é essencial harmonizar três elementos básicos, nomeadamente, desenvolvimento econômico, inclusão social e proteção ambiental. Esses elementos estão interrelacionados e são essenciais para o bem-estar das pessoas e da sociedade (BAYOGOC, 2018i, p. 8).

Como bem demonstrado na densa pesquisa de Araújo (2016), o desenvolvimento sustentável tangencia a história do Movimento Olímpico, contudo, os elementos permearam avanços e limitações a cada período dos Jogos Olímpicos. O aspecto social emergiu junto com a concretização dos primeiros JO modernos. Com a expansão do evento Olímpico e as novas

---

demandas globais, as preocupações econômicas e ambientais passam a ser enfatizadas. Todavia, é perceptível que o MO caminha para consolidar a “nova Era do Olimpismo Sustentável”, tendo acrescentado este tema como um dos seus pilares (Araújo, 2016, p. 764).

Nesta trajetória, o COI procurou integrar as três dimensões que abarcam o desenvolvimento sustentável para realização dos Jogos Olímpicos da Juventude. Tendo isto em consideração, o BAYOGOC definiu quatro fundamentos para desenvolver a sustentabilidade: inclusão, integridade, gestão e transparência, os quais seriam direcionados para os três componentes: o planeta, buscando reduzir os impactos ambientais; as pessoas, promovendo a diversidade e a inclusão, tanto entre os membros da organização quanto entre o público; e prosperidade, contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade de Buenos Aires (BAYOGOC, 2015, p. 19).

Dado o gigantismo que os JO adquiriram, as exigências orçamentárias têm sido estratosféricas, onerando a cidade e o país anfitrião e gerando desistências de candidaturas para sediar o evento Olímpico (Araújo, 2016). Diante desta marca negativa, o COI estabeleceu diretrizes para reduzir os recursos financeiros necessários para realização dos JOJ.

No contexto dos JOJ BA 2018, o governo da cidade de Buenos Aires assumiu o financiamento total das despesas e investimentos relativos à organização e desenvolvimento dos Jogos. E destacaram que “o orçamento operacional geral do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires 2018 representa menos de 1% do orçamento anual do governo da cidade de Buenos Aires” (BAYOGOC, 2015, p. 58)<sup>46</sup>.

Ressalta-se também a iniciativa do BAYOGOC (2018e, p. 42) de “criar guias, manuais e políticas de compras visando auxiliar no desenvolvimento do mercado local, bem como estabelecer critérios internos para seleção de fornecedores e contratação de serviços”. Deste modo, o BAYOGOC perseguiu a sustentabilidade financeira e o fomento da economia argentina.

---

<sup>46</sup> No website criado pelo governo de Buenos Aires ([Legado Olímpico Buenos Aires 2018](#)) é possível obter as informações sobre as compras, contratações e obras públicas feitas para os Jogos.

---

Ainda no âmbito dos cuidados econômicos para os JOJ, o COI (2015, p. 2-3) sugeriu que

nenhum novo local deve ser construído para realizar os JOJ (apenas em circunstâncias excepcionais, quando um legado positivo for demonstrado). Eles devem apoiar o conceito de desenvolvimento sustentável que se aplica ao Movimento Olímpico. O tamanho e a qualidade dessas instalações devem atender aos objetivos dos JOJ e serem adequados para os jovens atletas.

Portanto, os Parques Olímpicos de Buenos Aires 2018, bem como os demais locais de competição buscaram atender as orientações do COI. Conforme assegurou o BAYOGOC (2018e, p. 8) “o objetivo de Buenos Aires 2018 é usar locais abertos e temporários e organizar competições em locais urbanos onde as pessoas naturalmente se reúnem”. De tal modo, as competições foram alocadas, sobretudo, nos quatro pontos cardinais da cidade: ao norte no Parque Verde, a leste no Parque Urbano, a oeste no Parque Tecnópolis e ao sul no Parque Olímpico da Juventude.

Cabe salientar que os espaços que demandaram construção foram o Parque Olímpico da Juventude e a Vila Olímpica da Juventude, sendo projetados em congruência com as políticas sustentáveis. Na Vila Olímpica da Juventude, alguns edifícios possuíam telhados “verdes”, para auxiliar na regulação da temperatura, melhorar a qualidade do ar e proteger os telhados da erosão climática ao longo do tempo (BAYOGOC, 2018h).

O BAYOGOC comunicou que após os Jogos, a Vila Olímpica da Juventude seria destinada para habitação dos moradores locais contendo uma gama de serviços, como parte do legado de Buenos Aires 2018. De acordo com as informações disponíveis no *website*<sup>47</sup> sobre o Legado de Buenos Aires 2018, 50% do total de moradias foram disponibilizadas para os residentes da zona sul de Buenos Aires, 10% para professores da prefeitura, outros 10% para membros da polícia municipal e os 30% restantes para todos outros moradores da cidade. Sendo assim, os Jogos consistiram numa oportunidade de catalisar o desenvolvimento urbano e social para a zona sul de Buenos Aires, uma área

---

<sup>47</sup> [Gobierno abierto - Instituto de vivienda de la ciudad | Legado Olímpico Buenos Aires 2018](#)  
Consultado 1 de fevereiro de 2021.

---

identificada pelo BAYOGOC como periférica, vulnerável e negligenciada pelas políticas públicas (BAYOGOC, 2015).

No que tange a dimensão ambiental, o BAYOGOC planejou estratégias para minimizar os impactos no meio ambiente e reduzir o desperdício de lixo. Uma dessas estratégias consistiu na instalação nos locais de competição de diferentes lixeiras, devidamente identificadas, para o descarte correto. E, por sua vez, atendeu a Lei nº 1.854 da cidade de Buenos Aires, que visa reduzir gradativamente a quantidade de resíduos sólidos urbanos em aterros sanitários. O BAYOGOC (2018e, p. 42) alertou que “a separação dos resíduos no local de origem facilita a recuperação de materiais reutilizáveis ou recicláveis”.

Ademais, o BAYOGOC se esforçou para diminuir a quantidade de papel utilizado na organização e concretização dos Jogos. A comunicação do Comitê Organizador com os CONs e chefes de missão ocorreu de maneira digital. Para isto, o BAYOGOC criou uma plataforma, denominada YOGnet, onde os documentos eram apresentados em formato eletrônico. Durante os Jogos, os resultados e programações das atividades também eram apresentados digitalmente, sendo impressos apenas quando solicitado por algum integrante das delegações ou agentes da imprensa (BAYOGOC, 2018e).

No Protocolo de Gestão de Eventos Sustentáveis, é recomendada, enquanto uma prática ambiental positiva, a troca de papéis por tecnologias da informação e comunicação (TIC). Além de reduzir as emissões de CO<sup>2</sup> (Dióxido de Carbono), o uso das TIC favorece a transparência na organização do evento e potencializa o progresso econômico e social. Para os organizadores,

as TIC podem não apenas fornecer inovação, conectividade, produtividade e eficiência a muitos setores, mas também aumentar a resiliência da infraestrutura e ajudar a superar a exclusão social e econômica. Em suma, as TIC têm o poder de gerar a transformação digital da sociedade como um todo (BAYOGOC, 2018i, p. 58).

Na esfera social do desenvolvimento sustentável, o grande feito do BAYOGOC foi a concretização da tão almejada paridade entre homens e mulheres nos Jogos. Este fato é mencionado na maioria dos documentos analisados, evidenciando que, na história da humanidade, as mulheres tiveram oportunidades desiguais em diversos setores sociais, como educação, saúde,

---

justiça, desporto e política, e que, ainda hoje, mesmo com a melhoria de certas condições, suas possibilidades de desenvolvimento ainda são desiguais quando comparadas com as dos homens.

Considerando este cenário, o MO tem aprimorado suas ações para igualizar a quantidade de homens e mulheres entre seus membros e entre atletas participantes dos Jogos. Desde 2014, aquando do lançamento da Agenda Olímpica 2020, o COI tem impulsionado os debates e orientações para atingir a equidade entre os sexos. Após 4 anos, os JOJ BA 2018 se tornaram a primeira competição Olímpica com números proporcionais de homens e mulheres.

A Guia Educativa 7 é dedicada a temática gênero e desporto, convidando os jovens a refletirem e elaborarem estratégias que ajudem a estabelecer um olhar mais respeitoso para com as mulheres. Consoante define o BAYOGOC (2018c, p. 16), gênero “é o conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas que cada sociedade atribui às pessoas de forma diferenciada, em função do sexo, masculino ou feminino”. Assim, os estereótipos são construídos, a partir das projeções socioculturais que determinam os atributos físicos e psicológicos ao que se considera masculino ou feminino. O desporto se configura como uma das práticas culturais em que se demarcam e perpetuam diversos estereótipos de gênero, por exemplo, a ideia de inferioridade física das mulheres ou que determinada modalidade “é de homem”.

Entretanto, os estereótipos são representações simplificadoras, pelo que não ponderam as subjetividades, sendo, muitas vezes, injustos e discriminatórios. Em vista disso, emerge-se a perspectiva de gênero, enquanto “uma categoria teórica que permite a visibilidade e o questionamento de estereótipos e a elaboração de novos conteúdos que podem influenciar a sociedade para uma mudança em direção à equidade e igualdade” (BAYOGOC, 2018c, p. 13).

Ao materializar a paridade de homens e mulheres nos JOJ BA 2018, o BAYOGOC contribuiu para uma maior participação das mulheres no desporto de elite e, ao mesmo tempo, apoiou a desnaturalização e desconstrução dos preconceitos relacionados aos estereótipos de gênero, dentro e fora do campo

---

desportivo. Destaca-se que crianças e jovens são peças fulcrais para romper com o sexismo nas sociedades, por isso, Buenos Aires 2018 se revelou uma influência positiva e inspiradora, suscitando a equidade, o respeito e a inclusão.

Devido a gestão e a implementação de políticas em conformidade com os padrões de desenvolvimento sustentável, Buenos Aires 2018 recebeu a certificação ISO 20121, tornando-se o primeiro evento na Argentina com este reconhecimento. O certificado é dirigido a organizadores de eventos, de qualquer natureza, que integrem o desenvolvimento sustentável em todo o ciclo da gestão, desde o planeamento até a implementação e dissolução.

Com efeito, esta obtenção confluiu com o que o BAYOGOC havia proferido: “Buenos Aires 2018 será a chave para nos aproximarmos do objetivo de viver e progredir globalmente de forma sustentável, considerando a diversidade biológica e cultural” (BAYOGOC, 2018e, p. 41).

Em resumo, podemos depreender que o BAYOGOC se apropriou de elementos identitários da cidade de Buenos Aires para construir a identidade dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. As inovações caracterizaram Buenos Aires 2018, fulgurando-o na história dos Jogos Olímpicos e conduzindo para a aquisição de prestígio internacional. Como indicativo disto, o Comitê Olímpico de Portugal, ancorado no relatório da Comissão de Coordenação do COI, reconheceu que BA 2018 inaugurou uma nova maneira de co-construir os JOJ, tornando-se uma referência para os próximos eventos<sup>48</sup>.

Conforme verificado no discurso oficial do BAYOGOC, exposto nos documentos aqui analisados, uma gama de valores orientou a realização da terceira edição de verão dos JOJ, perpassando valores historicamente instituídos pelo Olimpismo, os valores concebidos para o evento Olímpico da juventude e os valores selecionados para Buenos Aires 2018. Isto posto, seguiremos para interpretação de como estes valores se manifestaram durante os Jogos e como foram assimilados pelos jovens atletas participantes.

---

<sup>48</sup> [Buenos Aires'2018 eleva a fasquia dos Jogos Olímpicos da Juventude | Comité Olímpico Portugal \(comiteolimpicportugal.pt\)](https://www.comiteolimpicportugal.pt/) Consultado 17 de janeiro de 2021.

---

## 5.2 Os valores nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018

Nesta seção iremos nos debruçar sobre as análises das entrevistas, em conjunto com o diário de campo e com os documentos publicados após a realização dos Jogos de Buenos Aires 2018 (documentos 15 e 16 - Quadro 3). Para tanto, discutiremos os resultados a partir de três temáticas centrais, a saber: (1) os valores, os sentidos e significados do desporto; (2) os valores do Olimpismo e seus contextos de aprendizado e vivência, incluindo o Programa de Educação e Cultura dos JOJ; (3) as significações dos atletas sobre os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, abordando seus valores e a influência da participação nos Jogos para a carreira olímpica.

Reconhecemos que a construção e a expressão de valores, sentidos e significados estão relacionadas com diversos fatores, especialmente sócio-históricos e ideológicos, portanto, ratificamos que as entrevistas foram submetidas a uma Análise do Discurso (Orlandi, 2009), com o intuito de identificarmos os domínios axiológicos relevantes para esta tarefa interpretativa.

### 5.2.1 Os valores, os sentidos e significados do desporto

Remetendo a origem do desporto à civilização grega clássica – com sua finalidade sagrada –, ou à civilização inglesa moderna – com a sua racionalização –, fato é que o desporto hoje possui características muito distintas de sua gênese, abarcando uma complexidade de formas, sentidos, cenários e de participantes. Assim sendo, a compreensão dos sentidos e significados atribuídos à prática desportiva, bem como sua apropriação axiológica, perpassa o conhecimento dos sentidos que decorrem de quem nela é sujeito (Queirós, 2004).

O envolvimento no desporto é permeado por múltiplos aspectos, abrangendo desde subjetividades a determinações exteriores, que configuram as vivências e as relações estabelecidas no e com o fenômeno desportivo.

Nesse sentido, buscamos entender quais as razões que impulsionaram os jovens atletas para o desporto.

Dentre os 31 atletas entrevistados, 12 identificaram a família como responsável por sua introdução na prática desportiva:

Atleta 6: Eu tenho cinco irmãos, eles são mais velhos que eu e todos faziam atletismo e eu decidi começar também. Eu comecei tem uns 10 anos, mas, com o passar dos anos ficou mais sério, então, quando eu percebi que eu era bom, decidi me dedicar mais a isso.

Atleta 7: Eu comecei no desporto quando eu tinha 6 anos porque meu pai também fazia [modalidade] e me levou ao desporto.

Atleta 9: Foi realmente meu pai que me impulsionou para [modalidade]. Comecei muito jovem. Tenho quatro irmãos mais velhos e minha irmã do meio fazia [modalidade] quando era mais nova, então, eu meio que segui seus passos.

Atleta 12: Na verdade, eu venho de uma família com tradição no desporto, que são desportistas. Por exemplo, minha mãe fazia vôlei, meu pai fazia boxe, e assim eu também fui para o desporto.

Atleta 17: Porque o meu pai já tinha sido atleta, então, eu quis seguir os seus passos e vim experimentar, e correu bem.

Outros seis atletas indicaram a escola como vetor para iniciação no desporto:

Atleta 24: Na verdade, eu era muito pequena, tinha 5 anos, e uma vez teve um torneio como este, que existe no México, entre as escolas católicas, só com crianças, e vários estados... e eu queria ir, disse a minha mãe que queria correr, e aqui estou eu.

Atleta 28: Eu comecei [na modalidade] com sete anos de idade no colégio. Aí fui treinando... gostei... aí com o passar do tempo eu fui encaminhado para uma academia que tinha mais treino, mais pessoas para me treinar... aí fiquei lá até esse ano, até o começo do ano. Aí março eu fui para... agora eu 'tô' [sic] morando em Belo Horizonte.

Atleta 31: Tudo começou na escola, a professora estava fazendo um teste e ela me convidou para participar do projeto.

Logo, mais da metade dos atletas apontaram a família e a escola como os principais fatores que os levaram a prática do desporto. No contexto familiar, as crianças percebem as crenças e comportamentos dos pais, ou de

peças mais velhas, e são influenciados por estes, tendendo a tê-los como referências iniciais. No que se refere a escola, quer nas aulas de Educação Física ou nas atividades extracurriculares, esta pode ser compreendida como um lugar de experimentação desportiva e iniciação em competições. Decerto, estas são as primeiras instituições de socialização das crianças, sendo responsáveis pelo processo de aprendizado de valores sociais, da cultura, da linguagem, dentre outros elementos que irão atuar eminentemente na formação destes indivíduos.

É recorrente nas pesquisas que discutem a iniciação desportiva de crianças e jovens, a alusão a atuação dos pais/familiares, a condução do ensino por parte dos professores/treinadores e o contexto da prática como componentes fundamentais para o desenvolvimento e a permanência no desporto (Serpa e Teques, 2013; Verardi e De Marco, 2008; Longo *et al*, 2017). De maneira correlata, um estudo divulgado pelo BAYOGOC (2018k), realizado com os jovens argentinos que participaram dos Jogos Nacionais Evita 2014 demonstrou que a iniciação no desporto se deu, essencialmente, por incentivo de professores, pais e amigos. Acima de tudo, é importante equacionar estas influências construtivas sobre os jovens para garantir um proveitoso desenvolvimento desportivo e humano.

De todo modo, reconhece-se que os jovens, geralmente, possuem múltiplas razões para a participação no desporto, relativas a questões sociais, ambientais, psicológicas, econômicas etc. (Serpa e Teques, 2013). Assim sendo, os demais atletas (13) mencionaram razões como diversão, para fazer alguma atividade, para estar com amigos e por sentir-se feliz ao praticar desporto. Neste grupo, chama a atenção a resposta de uma atleta que relaciona sua inserção no atletismo aos Jogos Olímpicos de Londres 2012:

Atleta 16: Eu vi os Jogos Olímpicos de 2012, então eu vi todos os desportos. E o atletismo foi o que mais gostei. A partir daí, me deu vontade de praticar.

A noção de que as disputas desportivas pertinentes aos Jogos Olímpicos, amplamente divulgadas e assistidas em todo mundo, podem incentivar que mais pessoas pratiquem atividades desportivas regularmente é um aspecto difícil de ser mensurado. No entanto, os organizadores dos Jogos têm se empenhando

---

para aumentar a prática de atividade física, especialmente dentre a população do país anfitrião (Graeff, Bretherton e Piggin, 2016).

Ao analisar as políticas e retóricas de legado para a prática de atividade física empregada para os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, Graeff, Bretherton e Piggin (2016) verificaram que desde o planejamento até a realização do evento, o Comitê Organizador teve dentre os seus objetivos de legados inspirar uma geração a ser mais ativa fisicamente. Embora esta meta tenha sido redimensionada ao se aproximar os Jogos em 2012<sup>49</sup>, os organizadores mantiveram o propósito de “inspirar a nação e ajudar os jovens, particularmente, a começar um hábito esportivo para a vida” (p. 37-38).

Isto posto, ainda que não haja evidências suficientes para admitir que os Jogos de Londres 2012 tenham tido êxito em difundir a prática desportiva entre os seus cidadãos (Graeff, Bretherton e Piggin, 2016), a resposta da atleta 16 revela que, de alguma forma, o evento impulsionou o ingresso numa modalidade olímpica.

A promoção de um legado positivo dos JO tem sido um dos principais interesses do COI, tendo, desde 2003, incluído este item dentre as suas atribuições descritas na Carta Olímpica. Entretanto, a concretização deste legado positivo, em especial no que concerne a ampliação da participação desportiva, consiste em um grande desafio para os governos anfitriões, para os organizadores dos Jogos e para o próprio Movimento Olímpico.

Em todo caso, “aumentar o conhecimento e a participação desportiva entre os jovens” é um dos objetivos estabelecidos para Jogos Olímpicos da Juventude, demandando, assim, uma maior ênfase para a efetividade deste legado desportivo (IOC, 2015, p. 1). Nesse sentido, o BAYOGOC explicitou em seu Relatório de Gestão (documento 15) as iniciativas e projetos implementados no âmbito dos Jogos de Buenos Aires 2018.

A partir do diagnóstico de que mais de 80% dos indivíduos entre 10 e 19 anos não alcançavam o nível de atividade física recomendada para sua idade, o

---

<sup>49</sup> O objetivo inicial era ter dois milhões de pessoas mais ativas até 2012, no entanto, em 2011 este objetivo foi reduzido para menos de um milhão de pessoas (Graeff, Bretherton e Piggin, 2016).

---

BAYOGOC criou o Programa de Iniciação Desportiva, que foi desenvolvido em seis projetos: (1) desportos olímpicos nas escolas, que consistia em vivências desportivas nas escolas públicas e privadas, para alunos entre 10 e 15 anos; (2) “bate-papo” com atletas, em que atletas renomados iam as escolas conversar com os alunos; (3) eventos massivos, que contou com 113 atividades desportivas organizadas em conjunto com as federações nacionais; (4) treinamentos para professores de educação física, realizados a partir de palestras e *workshops*; (5) Buenos Aires 2018 *Cup*, cujo intuito era fornecer apoio logístico e de publicidade para torneios desportivos educacionais; e (6) visitas e excursões, com crianças e jovens, a diferentes clubes e ao Centro Nacional de Alto Rendimento Desportivo (CeNARD) (BAYOGOC, 2018k).

De acordo com o BAYOGOC (2018k), durante os anos de 2015 e 2018, em que estes projetos foram executados, um total de 127.766 crianças foram abrangidas. Além disso, o BAYOGOC realizou uma pesquisa com professores que participaram do Programa de Iniciação Desportiva a fim de avaliar os projetos desenvolvidos, sobretudo no tocante a participação dos alunos e a inserção do Olimpismo no currículo escolar.

De maneira geral, os professores entrevistados avaliaram positivamente o programa, ressaltando que o desporto foi um eixo transversal na escola, que possibilitou o ensino de valores, em particular dos valores Olímpicos, e despertou o interesse pelas práticas desportivas. No que tange aos alunos, os professores alegaram que houve uma entusiasmada participação e integração, e que o programa os motivou a conhecerem e experimentarem novas modalidades. Com isso, os entrevistados tencionaram para que o programa tivesse continuidade após os JOJ BA 2018.

Ainda dentre os legados desportivos, o BAYOGOC (2018k) destacou o fortalecimento das instituições desportivas argentinas, através do treinamento de oficiais técnicos das federações nacionais e de profissionais da gestão desportiva, da consolidação do Programa Nacional Antidoping e do Programa *Una Oportunidad Olímpica* do Órgão Nacional de Desporto de Alto Rendimento (ENARD), que buscou estabelecer um novo modelo de recrutamento de atletas de elite para representar o país. Neste escopo, também foram mencionadas as

---

ações para reforçar o próprio evento Jogos Olímpicos da Juventude, para tal, o BAYOGOC (2018k) proporcionou a entrada gratuita nos parques e arenas de competição e planejou uma gama de atividades direcionadas para o público nacional e internacional, para as escolas e para os jovens locais. Segundo o Comitê,

Com o objetivo de fortalecer a programação desportiva, colaborando com o fluxo de espectadores e contribuindo para que os Parques tenham mais participantes, a programação das atividades esteve intimamente ligada ao calendário de competições e aos hábitos cotidianos da população de cada região da cidade (BAYOGOC, 2018k, p. 18).

Efetivamente, foi possível observar uma elevada quantidade de pessoas nos parques, que se traduzia em longas filas para adentrar nos locais de competição, especialmente na segunda semana do evento, em decorrência do final de semana seguido de um feriado nacional (nos dias 13, 14 e 15 de outubro). Conforme apresentou o BAYOGOC (2019), neste final de semana prolongado, 202.938 pessoas estiveram nos espaços dos Jogos, o que demandou mais esforços partindo da organização.

Palhaços foram colocados para entreter os espectadores que esperavam nas filas dos estádios e uma banda de percussionistas deu música à espera com uma “batucada”. Mais telões foram instalados nos Parques para que os espectadores que ficaram de fora dos estádios pudessem assistir às competições. (BAYOGOC, 2019, p. 94).

Nesse período também foi possível identificar atividades diferentes nos parques, como novos estandes e mais performances artísticas e espetáculos musicais.

Durante os dias letivos, o número de visitantes era somado as excursões escolares que chegavam aos parques, em virtude do programa *La escuela va a los Juegos* em parceria com as escolas públicas da região de Buenos Aires. Os alunos trajavam uniformes, geralmente branco, e andavam sempre em grupo, com os professores responsáveis e alguns voluntários dos JOJ BA 2018. Os grupos de estudantes tinham prioridade na entrada aos estádios, bem como nas atividades desportivas e culturais, assim, os diversos espaços dos parques foram ocupados pelas turmas escolares (vide Figuras 4 e 5).

De acordo com o BAYOGOC (2019), quase 200.000 estudantes participaram do programa e puderam desfrutar de uma experiência olímpica. Para o Comitê, o objetivo de resgatar a relação dos jovens com o esporte foi alcançado, completando a tarefa de mais de três anos para levar o Olimpismo e o esporte aos estudantes das escolas portenhas (BAYOGOC, 2019).



**Figura 4.** Estudantes participando de uma atividade desportiva  
Fonte: dados da pesquisa



**Figura 5.** Estudantes assistindo uma disputa do handebol de praia  
Fonte: dados da pesquisa

Com efeito, participar dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, vivenciando as atividades desportivas e culturais, assistindo as disputas e conhecendo atletas renomados, propiciou oportunidades significantes para os estudantes, bem como para o público em geral. Adicionalmente, o planejamento de difusão digital dos JOJ BA 2018 contou com uma articulação audaciosa do canal oficial do Movimento Olímpico (*Olympic Channel*) com a plataforma *Athlete 365* e com a emissora oficial e permanente dos Jogos Olímpicos (*Olympic Broadcasting Services*), transmitindo internacionalmente os acontecimentos dos Jogos – muitos, em tempo real (BAYOGOC, 2019). As redes sociais oficiais do evento Buenos Aires 2018 (*Instagram, Twitter e Facebook*) também foram amplamente utilizadas como uma janela dos Jogos para o mundo, em especial para as juventudes, que profusamente utilizam esses meios sociais digitais.

Com isso, as estratégias adotadas pelo BAYOGOC para difundir o Olimpismo e a prática desportiva, antes e durante os Jogos, podem ter sensibilizado crianças e jovens para o início de uma vida desportiva.

Uma vez inseridos no desporto, este pode vir a assumir diversos sentidos e significados para os jovens, pelo que o processo de individualização e a diversidade do fenômeno desportivo faz com que pessoas pratiquem a mesma atividade com diferentes finalidades e significações. Acima de tudo, as condições históricas, sociais e econômicas se coadunam para a construção da relação e da percepção dos praticantes com e sobre o desporto (Seippel, 2006; Marques, Almeida e Gutierrez, 2007).

No caso dos jovens atletas participantes de Buenos Aires 2018, quando questionados sobre o significado do desporto, em menor frequência apareceram referências a diversão e alegria (3), fuga do cotidiano (3), bem-estar (2), dedicação e esforço (2) e paixão (1).

Curiosamente, os três atletas que responderam que o desporto significava uma fuga da vida cotidiana têm a mesma nacionalidade, porém, praticavam modalidades diferentes (handebol de praia, pentatlo e natação), o que nos leva a sugerir que, possivelmente, esta é uma representação social do desporto disseminada nacionalmente, sobretudo entre os jovens.

De certa maneira, as respostas destes 11 atletas correspondem a uma perspectiva hedonista e autocentrada – marcante nas sociedades contemporâneas –, ao mesmo tempo que parece representar a noção de “alegria do esforço” (*the joy of effort*) difundida pelo Olimpismo. De fato, a prática desportiva para estes jovens está relacionada a dedicação, ao compromisso e ao esforço constante para atingir suas metas atléticas, no entanto, esta prática também é permeada pela diversão e pelo prazer. Conforme Queirós (2004), o sentido do desporto na contemporaneidade é diverso e multidimensional, representando a coexistência de sentidos, sensibilidades e expectativas dos praticantes.

Similarmente, esta conjuntura foi verificada na pesquisa realizada por Piermattéo e colaboradores (2020), em que atletas profissionais associaram o desporto ao prazer, ao esforço e a competição, enquanto atletas amadores relacionaram a saúde, ao bem-estar e ao prazer.

Por certo, os contornos de significação atribuídos pelos atletas são estruturados a partir de uma rede que integra condições sociais, materiais, construções históricas e ideológicas que se perpetuam entre os participantes de diferentes contextos desportivos. Assim, as representações sociais do desporto carregam marcas de diversas sociedades e períodos percorridos que se coadunam com as características do atual cenário.

Contudo, a maioria dos nossos entrevistados (20) relacionou o desporto ao sentido da sua vida, como sinônimo do próprio existir.

Atleta 5: O desporto é tudo para mim, é minha vida. E, para mim, também é liberdade.

Atleta 8: O desporto, hoje em dia, é minha vida, é o que eu... acho que eu não sei viver sem mais, sabe? É o que me conforta, é o que me deixa bem. Eu acho que eu não sou nada sem ele.

Atleta 12: É uma forma de vida, porque sem o desporto eu não sei o que seria da minha vida hoje em dia.

Atleta 13: No começo era um simples passatempo, mas, aos poucos foi se tornando algo fundamental [Pausa para tirar foto com uma família]. Então, pouco a pouco, foi se tornando algo muito importante para mim, e hoje eu não poderia imaginar a minha vida sem o desporto.

---

Destaca-se que, consoante Zuin (2011), o significado de uma palavra ou prática é resultado da experiência social, imbuída de uma generalização comunicativa. Por conseguinte, pensamos que essa significação pode ser decorrente do fato de o desporto reger o cotidiano destes jovens, pelo que determina sua rotina, suas relações sociais e até suas atitudes, como explicitado por estas duas atletas:

Atleta 16: Para mim, é como uma parte que complementa muito a minha vida, porque também me ajuda a aumentar a minha segurança, também em outras áreas... acadêmicas também... para tomar melhores decisões, porque ter o desporto na minha vida me faz definir prioridades. Então, eu posso decidir o que é, o que... como me organizar melhor... posso priorizar meu desporto em vez de, às vezes, sair para passear ou ver um filme à noite. É melhor eu dar prioridade para descansar e praticar meu desporto.

Atleta 30: Eu acho que já é quase como se fosse a nossa vida inteira a volta disto, tudo depende disto... os hábitos de dormir, estudar, comer, tudo... é tudo a volta do desporto.

Antes de mais, é importante sublinhar que estudos que abordem o significado do desporto para jovens atletas são escassos no campo da Sociologia do Desporto, o que embarga uma compreensão mais abrangente sobre estes dados, bem como as implicações que estas percepções podem ter na vida, na carreira e nas relações destes atletas. Não obstante, uma pesquisa desenvolvida por Seippel (2006) com participantes de associações desportivas voluntárias demonstrou que os níveis competitivos podem afetar o significado atribuído ao desporto.

Logo, podemos entender que essas respostas revelam uma percepção que está associada ao contexto e características da prática desportiva que realizam, em conjunto com a fase da vida em que estes jovens atletas se encontram, tendo, em tese, suas vivências e experiências circunscritas. Por isso, os entrevistados manifestaram que o desporto é decisivo em suas rotinas e prioridade em suas vidas.

As significações e os sentidos atrelados ao desporto são constituídos, majoritariamente, a partir da relação que o indivíduo estabelece com ele (Queirós, 2004). No entanto, enquanto uma atividade cultural, o desporto vai

---

instituindo formas de viver, de ser e estar no mundo. Conforme Frascareli (2008), a “existência no” e a “experiência do” ambiente desportivo direcionam o modo de compreender o desporto e de se perceber enquanto indivíduo.

Desse modo, a imersão neste contexto peculiar, principalmente quando criança – como no caso de muitos atletas –, faz com que estes jovens atribuam um sentido ontológico à prática desportiva, concebida como uma condição do que se é, como mencionado na resposta da Atleta 14: “Significa muito, é muito de mim, faz de mim quem eu sou”.

Com efeito, a condição juvenil permeia processos de construção do eu, em que as dimensões qualitativas e o envolvimento emocional são determinantes (Groppo, 2004). Neste escopo, o desporto para estes jovens se configura como um elemento fundante do processo de autocriar-se, da sua relação com o mundo e do senso de realidade, assegurando sua existência e designando a sua própria condição de ser humano.

Ainda em relação ao sentido ontológico, a Atleta 24 evidenciou o aspecto formativo do desporto: “O atletismo significa minha vida, sinto que é algo que me forma como pessoa”. Sem dúvida, o desporto é um fenômeno de natureza pedagógica, que acomoda elementos essenciais para a formação humana, precisamente por ter como cerne o próprio ser humano (Garcia, 2015). Sobretudo, o desporto viabiliza uma formação em valores, que possibilita o desenvolvimento da condição humana.

Todavia, como já salientava o Barão de Coubertin, o desporto pode ter efeitos proveitosos ou prejudiciais,

pode colocar em jogo as paixões, tanto as mais nobres como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentimento de honra, mas também o egoísmo do lucro e a ganância; pode ser cavalheiresco ou corrupto, varonil ou bestial; pode, enfim, ser usado tanto para consolidar a paz quanto para preparar a guerra (Müller e Todt, 2015, p. 314).

Portanto, a formação através do desporto não é um processo inconsciente ou espontaneísta, que dispense o investimento numa orientação pedagógica. É preciso então um direcionamento para que se possa alcançar o aperfeiçoamento das mais elevadas qualidades individuais e sociais dos seus praticantes. Assim, a prática desportiva permitirá o desenvolvimento das capacidades humanas do

viver e do conviver, que tangenciam tanto o desporto quanto outros contextos sociais.

O desporto é um universo no qual se promove uma constelação de conceitos, técnicas, hábitos, deveres, princípios e valores, indispensáveis a uma formação integral e que, muitas vezes, são inacessíveis em outros espaços. Neste escopo, buscamos conhecer quais aprendizagens o desporto proporciona na concepção dos atletas participantes dos JOJ BA 2018. Apresentamos no Quadro 6 as expressões<sup>50</sup> anunciadas pelos atletas.

**Quadro 6.** Aprendizagens proporcionadas pelo desporto na visão dos atletas

RESPOSTAS	ATLETAS
Dedicação; Sacrifício; Esforço	5; 6; 9; 11; 13; 14; 21; 22
Disciplina	6; 11; 12; 21; 22; 23; 24
Ser uma pessoa melhor/Excelência	1; 5; 9; 15; 19; 24; 31
Respeito	2; 7; 8; 17; 23; 30
Amizade	8; 14; 17; 22; 29
Paciência	10; 16; 23; 25
Perseverança	13; 16; 21; 22
Responsabilidade	11; 13; 20
Pontualidade	12; 24
Trabalho em equipe	3; 30
Organização	13; 15
Alegria; Diversão	2
<i>Fair Play</i>	3
Igualdade	5
Resiliência	15
Paixão	18
Sabedoria	23
Confiança	26
Saúde	26
Controlar as emoções	28

<sup>50</sup> Algumas expressões foram vinculadas por analogia semântica.

Certamente, umas das primeiras coisas que se aprende no desporto são as habilidades básicas necessárias para o jogo e suas regras. No entanto, os desportistas entrevistados não mencionaram as aprendizagens técnicas ou táticas assimiladas em suas modalidades.

Este mesmo fato foi constatado nas respostas dos futebolistas – jovens e adultos – entrevistados por Monteiro (2007), os quais citaram que o desporto ensina sobre união, paz, respeito, saúde, dedicação, esforço, crescimento pessoal, disciplina, ética, amizade, superação, divertimento, prazer, *fair play*, dentre outros valores estreitamente vinculados com a formação humana.

Como argumentado anteriormente, o desporto tem um potencial pedagógico, porém, carece de orientação para que possa subsidiar aprendizagens propícias a formação ética dos indivíduos. Muitas situações experienciadas na prática desportiva são capazes de estimular o desenvolvimento de comportamentos distantes do valor ético, trazendo à tona emoções e ações intempestivas, como a raiva, o descontrole, a violência etc.

Ademais, o desporto não está imune as vicissitudes, tais como as atitudes reprováveis dos pais, os exageros dos professores e treinadores, os conflitos com a formação escolar e acadêmica, as influências midiáticas, os interesses mercadológicos, o doping, dentre outras. Seguramente, estas são questões que devem ser enfrentadas, a fim de se preservar as possibilidades educativas presentes na prática desportiva. As iniciativas do BAYOGOC, estimuladas pelas deliberações do COI, de tematizar estes aspectos no Programa de Educação de Atletas consiste em um exemplo de como encará-los. Com efeito, o próprio desporto nos revela que é possível vencer as mais árduas batalhas.

Posto isto, o desporto é educativo quando exige doação e afinco nos treinos para se alcançar o rendimento preciso, quando fomenta a busca pelo aperfeiçoamento constante a nível pessoal e atlético, quando desenvolve nos participantes a consciência de seus limites e potencialidades, quando promove a abnegação e a resiliência para lidar com as dificuldades e adversidades, dentro e fora do jogo, e encará-las como oportunidades de aprendizagem e

---

crescimento, quando ensina que o respeito é uma condição *sine qua non* para a vida, quando cultiva a alegria, o otimismo e a satisfação a cada conquista, seja individual ou desportiva (Monteiro, 2007; Garcia, 2015). Nesse sentido, o desporto oferece uma grande contribuição pedagógica e axiológica, demonstrando a possibilidade de construção de um mundo melhor e pacífico, como almejado pelo Movimento Olímpico.

Relembrando Patrício (1993), podemos reiterar que para desempenhar uma atividade educativa é imprescindível o compromisso com um projeto axiológico para a realização do humano na sua idealidade plena. Acima de tudo, faz-se necessário estabelecer a experientiação dos valores para sua interiorização e disseminação, pelo que “o discurso axiológico sem vivência é vazio e será seguramente ineficaz” (Patrício, 1993, p. 20). Para tanto, o autor propõe a classe da praxiologia dos valores, na qual constam as ordens de valores a considerar num processo educacional. A partir desta formulação, é possível identificar nas respostas dos atletas a ordem do valor vital, a partir da menção a saúde, enquanto um aprendizado adquirido no desporto que é capaz de preservar a vida. Revelam-se também as ordens dos valores práticos – excelência, sacrifício, esforço –, dos valores hedonísticos – amizade, alegria, diversão, paixão –, dos valores lógicos – sabedoria –, e dos valores éticos – respeito, *fair play*, igualdade. Contudo, as ordens dos valores estéticos e religiosos não foram evidenciadas nas falas dos entrevistados.

É difícil determinar em que momento ou como estes atletas aprenderam os ensinamentos indicados, ou se foram incutidos a partir de discursos simbólicos, e quais são os sentidos devidamente atribuídos a essas expressões. Fato é que, para estes jogadores, o desporto disponibilizou subsídios para a constituição de si e de suas formas de habitar e se relacionar com o mundo. Como explicitado nas falas de alguns atletas, estas aprendizagens são transpostas para a vida.

Atleta 1: O esporte me ensinou a ter mais respeito, a ser mais gentil, mais amorosa, ter mais alegria, assim... porque a gente joga, mas a gente se diverte, sabe? Tem aquela pressão, mas, acima de tudo, a gente está ali para se divertir. Então, acho que a melhor coisa que o esporte me ensinou foi a me divertir e a querer sempre ser uma pessoa melhor.

Atleta 15: O desporto me ensina muitas coisas ... quero dizer... sério, eu sinto que o desporto ensina muito sobre como gerenciar seu tempo e esses tipos de habilidades. Mas também resiliência, muitas vezes as coisas nem sempre saem como você deseja... e muito sobre como ser uma boa pessoa e como lidar com a realidade. Há uma série de situações diferentes que são exclusivas do desporto que surgem e você, praticando, aprende a lidar com elas, e aprende a ser uma pessoa melhor... e valores que ajudam você mais tarde na vida.

Atleta 19: [O desporto me ensinou] muito, não só me ajudou a crescer como jogador, mas também como pessoa. Todos os fundamentos e princípios que nos ensinam fazem uma transferência para a vida pessoal e isso é o mais importante.

Atleta 20: Educação, responsabilidade e maturidade. E são coisas que eu levo para a vida.

Atleta 24: O desporto me ajuda a ser muito disciplinada, muito pontual, a sempre dar o melhor de mim... me dá muitas virtudes.

O desporto sempre despontou como uma força centrípeta e catalizadora dos mais nobres referenciais humanos. Monteiro (2007) salienta que, na Grécia Antiga, as atividades atléticas eram um meio para a educação das crianças e jovens, por envolverem condições de aprimoramento tanto do corpo quanto da alma, aspirando a consagração da *areté* grega. Enquanto um mecanismo de intervenção pedagógica, o desporto desempenhava uma função formativa de excelência para os indivíduos e, conseqüentemente, para as sociedades. Logo, “o desporto sempre foi uma verdadeira bússola axiológica e um polo dinamizador de sentidos, nos quais a humanidade pôde buscar a sua orientação e expressão de vida” (Monteiro, 2007, p. 154).

De fato, os ensinamentos adquiridos no campo desportivo são basilares para a existência humana e se difundem nos mais diversos âmbitos sociais. Como declarado pela Atleta 15, há circunstâncias específicas do contexto desportivo que potencializa a aprendizagem de valores que são relevantes para a vida. Não é por acaso que o desporto é considerado uma escola de virtudes, de formação humana (Garcia, 2015; Monteiro, 2007), que proporciona conhecimentos de como portar-se na sociedade, como reagir ante as adversidades, como proceder na realização de tarefas, como se expressar, como sentir, dentre outros.

É provável que encontremos na prática desportiva uma síntese de variadas determinações antropológicas, sociológicas, culturais e axiológicas, que compõe a dialética do ser e do existir. Nesse escopo, o desporto se apresenta como um valioso caminho de vida, pelo que não nos espanta que tantos atletas tenham associado o desporto ao sentido da sua existência.

Por certo, os valores e significados atribuídos ao desporto pelos jovens atletas contemplam o que foi idealizado por Coubertin ao elucubrar o Olimpismo como uma filosofia de vida destinada ao desenvolvimento pleno do ser humano. Conforme assegura Loland (2012, p. 163), “se praticado de forma sólida e responsável, o esporte olímpico pode ser um expoente de formas admiráveis de excelência humana com validade não apenas no esporte, mas na sociedade em geral”.

### ***5.2.2 Os valores do Olimpismo e seus contextos de aprendizagem e vivência***

Como demonstrado no tópico anterior, os jovens atletas assimilam princípios e valores que são aprendidos no contexto desportivo e que podem ser levados a outras esferas da vida. Possivelmente, esses conhecimentos foram, de alguma forma, apreendidos e consolidados ao longo de anos treinando, competindo, praticando desporto, particularmente, no seio do alto rendimento.

Nesse âmbito, os Jogos Olímpicos se caracterizam como uma referência, com relevância e abrangência internacional, tornando-se, muitas vezes, o objetivo máximo de uma carreira atlética. A construção dos JO enquanto um paradigma de competição esteve envolta na incorporação de símbolos e aspectos axiológicos, os quais conduziram para a legitimidade e posteridade do evento.

Reconhecidamente, a filosofia de valores que circunda os JO modernos auxiliou na expansão da associação do desporto aos atributos pedagógico e axiológico (Tavares, 2007). Com efeito, os valores do Olimpismo são disseminados por diversos meios, seja através de suas estruturas

condicionantes (documentos, discursos, eventos etc.), ou através das atitudes e comportamentos daqueles que, pretensamente, carregam em si as virtudes humanas: o atleta olímpico.

Nesse sentido, uma vez inseridos num dos contextos mais influentes de ritualização de valores (MacAloon, 1981), intentamos compreender quais as concepções dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo, como aprenderam sobre estes valores e como os vivenciam dentro e fora do campo desportivo.

Cabe ressaltar que, em algumas entrevistas, os atletas não entenderam o significado da expressão “valores do Olimpismo”, sendo por isso, substituído por ideologia, filosofia, princípios do Olimpismo e/ou valores Olímpicos.

Dentre os 31 atletas interrogados apenas quatro não identificaram os valores do Olimpismo: os atletas 13 e 28 não responderam à questão, enquanto a Atleta 18 respondeu inicialmente que não sabia, mas, quando citados alguns valores pela pesquisadora a jovem disse que os reconhecia.

Podemos considerar que os atletas não tenham reconhecido a expressão “valores do Olimpismo” (e suas variantes), ou até mesmo que não compreendam o que são valores, pelo que, como aponta Resweber (2002), possuem uma conceituação abstrata complexa permeada por ambiguidades, sendo, portanto, difíceis de serem definidos. De todo modo, estes atletas não indicaram quais seriam os valores do Olimpismo em suas concepções.

Dervent e Çotuk (2013) obtiveram igualmente respostas negativas quando questionaram 15 atletas turcos, que haviam participado dos Jogos de Cingapura 2010, se eles sabiam sobre os valores Olímpicos antes do evento, todos responderam “não”. Os autores ainda questionaram se algum membro da comissão técnica, da federação desportiva ou do Comitê Olímpico Nacional havia informado os atletas sobre os valores apregoados pelo Movimento Olímpico, e novamente os entrevistados alegaram que não.

Decerto, a participação nos Jogos Olímpicos é balizada pela performance desportiva, assim, as preocupações dos atletas, bem como de seu apoio técnico e institucional, giram em torno da preparação para as competições. Para Dervent e Çotuk (2013), essa condição justifica, em parte, a falta de conhecimento e

---

informações dos jovens sobre os valores Olímpicos. Com base nas respostas dos atletas turcos, os autores sugeriram que o COI, em articulação com as federações e Comitês Olímpicos Nacionais, desenvolvesse meios para sanar esta falta de informação prévia sobre os valores Olímpicos.

Contudo, é importante salientar que um dos objetivos estabelecidos para os Jogos Olímpicos da Juventude é “oferecer uma exclusiva e poderosa introdução ao Olimpismo”, principalmente através do Programa de Educação e Cultura (IOC, 2015, p.1). Sendo assim, a utilização do termo “introdução” denota um contato inicial, e neste caso, intencional e planejado. Nesse sentido, o desconhecimento prévio dos atletas sobre os valores do Olimpismo é pressuposto na abordagem do COI.

Entretanto, a quarta atleta, participante da nossa pesquisa, que não identificou os valores do Olimpismo foi a Atleta 31, que declarou: “Eles tinham falado... acho que eram três, só que eu não vou me recordar agora. Eles falaram nas palestras, mas eu não me recordo”. As palestras referidas pela atleta também foram mencionadas por outros competidores de diferentes nacionalidades, relatadas como um momento que a delegação teve, ainda no país de origem, com o Chefe de Missão, membros do CON e outras autoridades nacionais, no qual foram elucidadas informações sobre Buenos Aires 2018 e abordados elementos da filosofia Olímpica.

Atleta 1: Nós ficamos no Rio de Janeiro antes de vir e teve [sic] muitas palestras. E teve uma palestra exatamente sobre isso, sobre os valores Olímpicos. Então, foi quase uma hora de palestra e eles explicando o que é estar aqui, a importância disso tudo... e é uma coisa que, querendo ou não, a gente vai levar isso pro [sic] resto da vida. E foi bem bacana até.

Atleta 3: Em Portugal, nós tivemos um colóquio com o Chefe da Missão, com o presidente do COP, com o Ministro da Educação de Portugal e, assim, com muito mais importância<sup>51</sup>.

Percebe-se, com isso, que ao chegar nos JOJ alguns jovens atletas já tinham conhecimentos básicos sobre o evento, seus programas e seus valores. MacIntosh, Parent e Culver (2019) reforçam que, além dos encontros (in)formativos organizados pelos Comitês Nacionais, os atletas podem acessar

---

<sup>51</sup> O atleta se referia a relevância dos Jogos Olímpicos da Juventude em comparação com os campeonatos europeus e mundiais da modalidade que pratica.

informações sobre os Jogos por meio de comunicações digitais, por exemplo, no *website* do evento ou do COI, e nas diversas plataformas de mídia social (*YouTube, Instagram, Twitter*).

Portanto, é possível que lideranças do Movimento Olímpico, após as primeiras experiências com os JOJ, tenha tomado ciência dos aspectos deficitários relacionados ao desconhecimento dos atletas, bem como dos demais membros das delegações, e se mobilizado para difundir o Olimpismo entre os seus participantes antes, durante e depois dos seus eventos.

Ainda no ensejo do questionamento sobre a compreensão dos atletas acerca dos valores do Olimpismo, os 27 jovens que responderam à pergunta mencionaram uma gama de valores, os quais estão identificados no Quadro 7 a seguir.

**Quadro 7.** Os valores do Olimpismo segundo os jovens atletas

RESPOSTAS	ATLETAS
Amizade	6; 7; 10; 11; 15; 17; 19; 23; 29; 30
Respeito	6; 11; 12; 17; 19; 22; 23; 29; 30
Fair Play	3; 9; 11; 16; 19; 25
Alegria; Diversão	3; 9; 17; 19
Igualdade	5; 9; 12
Amor ao desporto	5; 26; 27
Honestidade; Integridade	6; 16; 17
Dedicação	14; 16; 29
Excelência	8; 15; 20
Justiça	6; 29; 30
Disciplina	8; 21
Espírito desportivo	4; 22
Humanidade	5
Cultura	12
Cooperação	16
Compromisso	21
Perseverança	24

É possível verificar que a maioria destes valores identificados pelos atletas como referentes ao Olimpismo também foram citados na questão anterior sobre os aprendizados proporcionados pelo desporto. Isto sinaliza a estreita relação entre a manifestação pedagógica do desporto e a construção da filosofia Olímpica. Como salienta Tavares (2007, p. 185), “a maneira como praticamos e,

---

principalmente, os valores que atribuímos à prática esportiva no século XX [igualmente neste início do século XXI] foram em grande medida formatados pelo Movimento Olímpico, apesar de seus impactos diferenciados e das diversas apropriações locais”.

O Atleta 25 alega que os valores Olímpicos permeiam qualquer prática desportiva, e estão vinculados a construção do caráter de “uma boa pessoa”, sendo, portanto, valores para a vida:

Eu acho que esses valores Olímpicos são valores... não só de educação, mas de *fair play*... porque numa prova sem ser olímpica, nós, obviamente, também temos que ter esses valores. Até para sermos uma boa pessoa, porque senão... Acho que esses valores podem ser Olímpicos, mas, tem que ser da vida normal.

Por certo, a abordagem eclética e pluralista de Coubertin concatenou elementos de diferentes culturas na idealização do Olimpismo, caracterizando-o como um conjunto de valores que representam o que pode haver de mais sublime no ser humano. Como advogam alguns autores (por exemplo, Loland, 1995 e Parry, 1994), o Olimpismo é a tradução do humanismo, portanto, a aprendizagem e o desenvolvimento de valores humanos estão na essência das atividades olímpicas, reverberando nas ações individuais e coletivas no âmbito desportivo e social.

Embora não se possa encontrar uma sistematização clara e bem definida sobre o Olimpismo, todos os valores citados pelos atletas têm respaldo nos estudos e discursos olímpicos, especialmente nas concepções coubertinianas (Parry, 1994; Chatziefstathiou, 2005; Rubio, 2007; Preuss, Schütte, Könecke e DaCosta, 2014; Mota, 2020). Podemos ainda sublinhar que dentre os valores demarcados pelo COI como a síntese do Olimpismo – Amizade, Respeito e Excelência –, dois deles estão entre os mais citados pelos atletas.

O Barão de Coubertin vislumbrava que os valores do Olimpismo se tornassem um código de conduta, norteados as ações daqueles que formavam o Movimento Olímpico. Por isso, esta “filosofia em processo” (DaCosta, 2006) abrange uma diversidade cultural que possibilita que seus valores sejam assimilados e praticados nas mais diversas regiões do globo. Sobretudo, numa conjuntura em que o relativismo axiológico se avulta, é imperativo que exista

uma orientação filosófica (axiológica e pedagógica) que tenha fundamentos enraizados, mas que seja, da mesma forma, ajustável às demandas histórico-sociais.

Sendo assim, as respostas dos jovens atletas evidenciam que os valores do Olimpismo são, de alguma maneira, compreendidos e assimilados. Para além disso, são valores que devem ser ostentados pelos atletas olímpicos, como manifestado nas falas de alguns atletas:

Atleta 3: Acima de tudo, nós temos que manter esses valores. Mas, acho que já estão tão intrínsecos a nós que não era preciso serem explorados outra vez pelo presidente e pelo chefe de missão do COP [Comitê Olímpico de Portugal]. Nós já... acho que já mantemos esses valores do Olimpismo.

Atleta 12: Os valores Olímpicos devem se aplicar na vida de cada um, porque temos que praticar sempre.

Atleta 16: Alguns que eu ouvi é como... cooperação, também amizade, porque somos diferentes, porque somos de países diferentes, mas esses valores... também como o trabalho, a honestidade, também o jogar limpo... acredito que também, afinal de contas, são valores que nos unem muito como atletas, que apesar de sermos de países diferentes, de lugares diferentes, eles nos unem. E praticá-los é, para nós, como uma responsabilidade também.

É recorrente nos discursos institucionais a ideia de que o atleta está no cerne do Movimento Olímpico. Contudo, esta é uma relação simbiótica entre os atletas e o Movimento, em que os ídolos desportivos são protagonistas dos eventos olímpicos e, ao mesmo tempo, são como uma vitrine do Olimpismo. Como descrito no próprio *website* do COI: “Em campo, os atletas são os atores centrais da competição desportiva em que os Jogos Olímpicos são construídos. Eles são os modelos que inspiram milhões de crianças em todo o mundo a participarem do desporto e refletem os ideais olímpicos”<sup>52</sup>.

Nesse escopo, é delegado ao atleta olímpico a incumbência de representar os valores Olímpicos, em associação com a imagem da figura mítica do herói, indispensável para a conservação dos princípios do Olimpismo. Como

---

<sup>52</sup> [Athletes - The Heart of the Olympic Movement | IOC \(olympics.com\)](#) – Consultado 02 de junho de 2021.

---

exposto pela Atleta 16, esta assunção, simbolicamente, conecta os atletas olímpicos e os imbuí da responsabilidade de praticar os valores apreendidos.

De acordo com Chatziefstathiou (2005, p. 69), “o Olimpismo está ideologicamente e praticamente envolvido na produção de identidades transpessoais, transnacionais e pan-humanas”. Isto porque esta filosofia tem como alvo todos os cidadãos, e não apenas os atletas de elite, ela não está centrada exclusivamente nas competições, mas em todos os aspectos da vida, e não assume o desporto como uma mera atividade, e sim como um fenômeno cultural pedagógico e axiológico, por excelência. Nesta acepção, todos aqueles que se orientam pelos valores do Olimpismo estão mais próximos dos ideais gregos da *aretê*, ou seja, englobam as virtudes físicas, mentais e espirituais.

Com isso, o Olimpismo galvaniza o aprimoramento do ser humano através da semente dos valores humanos (universais) nas terras férteis do desporto, na esperança de colher a transcendência humana. Por sua vez, o lema olímpico *Citius, Altius, Fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte) expressa-se como uma convocação para a busca da excelência existencial tanto na vida desportiva quanto na vida cívica (Garcia, 2006).

Assim, amizade, respeito, *fair play*, alegria, diversão, igualdade, amor ao desporto, honestidade, integridade, excelência, justiça, espírito desportivo, humanidade, cultura, cooperação, compromisso, perseverança, dedicação e disciplina são os valores do Olimpismo que impulsionam os jovens atletas a alcançarem a sua realização humana. Nessa esteira axiológica, evidenciam-se as ordens de valores práticos, éticos e hedonísticos, com uma ligeira sobreposição dos valores éticos.

Conforme Patrício (1993), a conduta ética é a que funda qualquer outra atitude axiológica do homem, pelo que se configura como a base que perpassa todas as relações humanas. No contexto desportivo, podemos aludir aos valores éticos no desporto, aqueles que são levados ao campo atlético, tais como respeito, justiça, honestidade, e aos valores éticos do desporto, que emergem da própria dinâmica desportiva, como o *fair play* e o espírito desportivo.

Meinberg (2007) nos fala de uma ética Olímpica, formada a partir de três componentes fundamentais: a ética geral, cujo princípio é o respeito, a ética

---

específica que constitui a mais alta norma do desporto: o *fair play*, e a ética pedagógica, oriunda do anseio educativo do pedagogo Pierre de Coubertin. “O quanto a educação imaginada por Coubertin está fundamentada e motivada pela ética fica evidenciado na ideia do aperfeiçoamento do homem, que não pode ser realizado sem o esforço moral da vontade” (Meinberg, 2007, p. 64). De tal modo, a ética Olímpica não é uma “mera” ética desportiva, destina-se, acima de tudo, a uma pedagogia da ética.

Sabe-se que toda ética se caracteriza pela tensão basilar entre o ser e o dever, entre o que é e o que deve ser. Nesse escopo, a ética Olímpica, através da educação e do desporto, tem o intuito de lapidar as pessoas, fazendo com que não se contentem com o estado em que se encontram e busquem, incessantemente, ir além. Para Brás (2013), nisto se encerra a *poiética* do atleta olímpico, no embate entre o real e o possível. Monteiro (2007, p. 115) afirma que “a ética é um trampolim axiológico, um salto para a transcendência, um movimento interno que eleva, conduz e torna os desportistas mais plenos e em harmonia com a ordem universal”.

Decerto, a ética Olímpica, inserida no âmago do Olimpismo, corresponde a uma maneira de ser e existir, a um estilo de vida, que não se restringe ao campo desportivo, mas submerge toda a existência do indivíduo, balizando amplamente sua conduta (Meinberg, 2007; IOC, 2017). Com este entendimento, visamos identificar como os jovens atletas vivenciam os valores do Olimpismo por eles mencionados.

De maneira geral, os entrevistados manifestaram que praticam os valores em todos os contextos de suas vidas:

Atleta 11: O que eu aprendo no campo, eu ponho em prática em todas as minhas ações. No estudo também... O compromisso... Em todos os aspectos da minha vida.

Atleta 22: Bem, na minha vida cotidiana eu tento ser o mais respeitoso que posso com meus amigos, minha família, meus professores... Eu acho que isso se relaciona com a outra pergunta que você me fez antes, eu acho que o desporto nos ensina e procuro manter esses valores em todos os lugares.

Atleta 29: Eu acho que aplicamos tudo aquilo que nós aprendemos no desporto para toda a nossa vida, para todas as situações. Nós temos que ter uma disciplina que é inculcada aqui

pelo desporto e pelo treino, que depois passamos para a nossa vida profissional e acadêmica.

Alguns jovens destacaram o contexto escolar, as relações com familiares, amigos, professores e treinadores para exemplificar a vivência cotidiana dos valores do Olimpismo.

Atleta 6: Na escola, eu sempre me esforço ao máximo, porque não faz sentido eu me esforçar na pista e não fazer o mesmo na escola. Com minha família... Eu sempre tento espelhar todos os valores que eu aprendo no desporto no meu dia a dia, com meus amigos e tudo mais.

Atleta 9: Assim como você precisa dos valores na pista, como persistência e trabalho duro e tudo mais, tudo isso se traduz também no campo acadêmico, entende? Porque você não pode ir bem na escola sem praticar e você não pode desistir de si mesmo, se você tirar uma nota ruim em um teste, você só tem que voltar e se esforçar mais.

Atleta 15: Bom... academicamente eu... quanto mais eu aprendo no desporto, melhor eu me saio na escola. Eu aprendo a trabalhar duro e assim por diante... e eu penso, muitas vezes, ao lidar com qualquer situação que surge na vida, seja com amigos, escola, família, acho que o desporto te ensina como realmente ser mais resiliente e ser capaz de realmente lidar com tudo.

À vista disso, podemos referir que as respostas dos jogadores coadunam com a finalidade do Olimpismo de tornar-se uma filosofia de vida, de modo que os valores disseminados se configurem como um traço do caráter do ente olímpico.

De acordo com Perez (2017, p. 45), “os valores Olímpicos estão diretamente relacionados à condição de atleta, seja no treinamento, na competição ou na vida em geral”. Os atletas entrevistados demonstraram que os valores do Olimpismo constituem os alicerces que orientam as suas relações e comportamentos, representando genuinamente um paradigma de vida.

Ademais, os jovens pontuaram em suas falas o compromisso, a disciplina, a persistência, o respeito, a resiliência e a excelência – a partir das percepções de trabalho árduo, esforço e treino. Levar uma vida guiada pelos “mandamentos olímpicos” requer exercitação constante das virtudes, tentando alcançar a plenitude que conclama o Olimpismo. Nesta direção, Garcia (2017) nos apresenta que, assim como as habilidades físicas e artísticas, as virtudes

---

também devem ser treinadas, e deste processo emerge a transcendência humana.

“O treino é assim a condição para conhecermos a excelência humana, a *areté* grega, possuindo um valor muito para além de um simples adestramento técnico. O treino abre-nos as portas da existência humana, perguntando e buscando os seus limites” (Garcia, 2017, p. 102). Através do treino é possível cultivar o valor respeito, inicialmente a si próprio, aos seus limites, também o respeito ao outro, ao ambiente e até mesmo as regras (fisiológicas, metodológicas, materiais) inerentes ao treinamento. É igualmente plausível que durante o trabalho árduo destinado ao aperfeiçoamento se encontre pessoas com os mesmos propósitos, aos quais se possa chamar de amigos. Ainda neste processo, pode-se desenvolver a comunicação interpessoal, a cooperação e a colaboração que compõem o valor amizade.

Contudo, o desígnio de todo e qualquer treino está circunscrito na superação por incorporação, isto é, numa naturalização adquirida a partir da exercitação, que, quando realizada, aparenta ser intrínseco ao indivíduo (Garcia, 2017). De forma análoga podemos nos reportar aos valores, pelo que quanto mais vezes forem exercitados, mais autenticamente serão praticados.

Portanto, o reconhecimento da vivência dos valores do Olimpismo em outros âmbitos da vida cotidiana dos jovens atletas contribui para a materialização e naturalização do ideal da *areté*. Como declara Brás (2013, p. 80), “ser atleta olímpico é encarnar a virtude olímpica (*Areté*), isto é, levar uma vida virtuosa, uma maneira de ser que é dita como perfeita, bem feita. É, no fundo, a excelência, ilustre ascendência”.

Nesse sentido, a vida desportiva e a vida cívica se estabelecem em perfeita harmonia, em que as experiências e vivências cotidianas se assemelham com o que é vivido no desporto, conforme ressaltou o Atleta 17: “Normal, a vida é como se fosse um desporto, temos que aproveitá-la ao máximo, e... claro que sempre respeitar o próximo e ser amigável, não fazer asneiras... Normal. É como se fosse um desporto a vida”.

Nessa percepção reside a ideia de que o desporto é um microcosmo da sociedade, bem como da vida, e, portanto, reúne características e sistemas

---

similares que podem ser reproduzidos (Garcia e Lemos, 2011; Monteiro e Garcia, 2012). No entanto, embora essa interrelação e interdependência da vida desportiva e da vida social possibilite que os valores também sejam deslocados, no desporto, por seu caráter universal e certa autonomia, há o estabelecimento de valores autóctones que, muitas vezes, servem como uma âncora existencial para os indivíduos que dele participam.

Em suma, o Atleta 10 parece ter conseguido resumir as respostas dos seus colegas com relação a vivência dos valores do Olimpismo dentro e fora do campo desportivo: “Os valores quando se aprende, se vive a todo tempo”. De fato, a praxiologia pervade a totalidade do sujeito, sendo cultiváveis de diversas maneiras. Segundo Patrício (1993), a vivência integral dos valores permeia momentos estruturais, os quais são definidos como percepção, fruição, criação e promoção ou difusão. Para o autor,

perceber um valor é vê-lo na sua presença, é identificá-lo. Fruir um valor é já gozá-lo, é ter uma experiência de prazer com o valor. A natureza desse prazer depende da natureza do valor e da qualidade e intensidade do acto fruidor. A criação axiológica não é, em rigor, a criação do valor, mas antes a criação de um objecto ou a realização de um acto que incorpora o valor, que é portador do valor. [...] Quanto à promoção/difusão do valor, consiste em induzir no outro, ou nos outros, a experiência do valor em algum, alguns ou todos os momentos (Patrício, 1993, p. 61-62).

Contudo, como assevera Patrício (1993), os valores não devem ser impostos, devem, primordialmente, passar por um processo de seleção e escolha, a partir das experiências de iniciação e indução axiológica. Nessa direção, buscamos compreender como os jovens atletas conheceram os valores do Olimpismo.

Na sua grande maioria, os entrevistados indicaram que os valores foram aprendidos genericamente no contexto desportivo, destacando diversos agentes no ensino axiológico.

Atleta 6: É um pouco de todas as influências, mas, suponho que conforme você cresce e observa seus ídolos, pode ver que são realmente idolatrados aqueles que estão fazendo as coisas certas, que são respeitosos e amigáveis, eles me mostraram isso. Você pode perceber que aqueles que não são considerados ídolos talvez seja porque não cumprimentam os

outros competidores e não 'andam nos trilhos'. Então, você tem que absorver os valores observando aqueles que os têm.

Atleta 9: Nós recebemos boletins informativos e muitos... tipo... muitos treinadores e gestores falam conosco, e eles dizem: 'certifique-se de que você representa bem o nosso país e respeita a todos'...e foi assim.

Atleta 12: Com meus amigos olímpicos. Quando algum deles vem a competições internacionais nos explicam o que significam os valores e o símbolo que tem... cada anel [olímpico].

Atleta 19: Desde que comecei a jogar [nome da modalidade] isto foi implantado em mim, porque sempre foi para os treinadores... o principal objetivo era este. E isso é o mais importante.

Atleta 21: Eu conheço porque tenho vivido no dia a dia, com o treinamento diário... acordar cedo... ir para a escola e depois ir treinar... tudo isso, está no meu dia a dia.

Diante disto, podemos perceber que os diferentes atores do desporto cumprem um importante papel como fomentadores do conhecimento da axiologia Olímpica. Evidencia-se as figuras do atleta-ídolo, dos treinadores e gestores, dos amigos atletas, e da própria delegação e do Comitê Olímpico Nacional (mencionados pelos Atletas 1, 2, 3, 7, 22 e 29).

Alguns atletas acrescentaram a família como um dos agentes responsáveis por seu conhecimento acerca dos valores do Olimpismo:

Atleta 5: Aprendi esses valores dos meus pais, da minha família, em toda a minha vida, nas minhas próprias experiências no desporto.

Atleta 15: Acho que aprendi muito com a experiência, mas, também minha família tem sido... minha mãe foi atleta, então, ela nos inculuiu muitos desses valores.

É possível inferir através das falas dos jovens jogadores que os métodos usufruídos para a aprendizagem dos valores se assentam na inspiração, na observação, na proposição, nos diálogos, na leitura e nas vivências cotidianas, constituindo formas de estimulação e indução. No âmbito da educação axiológica, Patrício (1993) defende que as metodologias não devem se ater aos modelos tradicionais autoritários e impositivos, em sentido contrário, devem ser utilizados métodos modernos, decorrentes dos valores contemporâneos, respaldados na autonomia e na liberdade.

Nesse escopo, destaca-se que, independente do instrutor axiológico (família, amigos, treinador, agentes do Olimpismo), a aquisição dos valores se faz significativa a partir do exemplo e das relações emocionais. Com efeito, os valores são conhecidos emocionalmente, porém, sem negligenciar os sentidos, a razão, o desejo e o próprio hábito (Patrício, 1993). Nessa esteira, a vivência axiológica partilhada consiste num cenário profícuo para um conhecimento integralizado.

Por certo, não existe uma norma absoluta para ensinar valores, de todo modo, a prática desportiva oportuniza o ensino e a aprendizagem de valores, especialmente, quando desenvolvida alicerçada no Olimpismo. Nesse sentido, a Educação Olímpica tem se constituído como uma proposta pedagógica pautada nos princípios do Olimpismo, cujo intuito é fomentar uma formação humana em valores orientada pelo desporto (Müller, 2004; Futada, 2007). A potencialidade transcultural e transdisciplinar da Educação Olímpica tem consagrado diversas iniciativas internacionais, dentro e fora do contexto escolar (Naul, Binder, Rychtecky e Culpan, 2017). Desde 1994, as cidades escolhidas para sediar os Jogos Olímpicos devem realizar programas de Educação Olímpica para a sua comunidade.

No plano dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 foi desenvolvido o programa *Buenos Aires 2018 va a la Escuela*, que distribuiu manuais educativos abordando os valores Olímpicos (Quadro 3 – documento nº 2 ao nº 8) e realizou quatro atividades junto aos estudantes. Uma das atividades consistiu na construção de paredes com azulejos e ladrilhos, ilustrando a história do Olimpismo. A atividade contou com a colaboração dos professores de Educação Artística e no evento de inauguração um atleta Olímpico esteve presente. Segundo o BAYOGOC (2018k), 7.605 estudantes participaram desta atividade e 83 painéis foram elaborados.

O *tour* da bandeira Olímpica pelas escolas foi acompanhado por um conjunto de atividades sobre os valores Olímpicos, a história do Olimpismo e

---

sobre o Programa de Solidariedade Olímpica<sup>53</sup>. 100% das escolas públicas e 38% das instituições privadas foram abrangidas nesta ação (BAYOGOC, 2018k).

Em articulação com a *UN Women* (uma organização das Nações Unidas), o projeto *One Win Leads to Another*<sup>54</sup> levou um seminário sobre gênero e desporto a jovens entre 12 e 18 anos. Este projeto foi realizado inicialmente nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016, fruto da parceria do COI com a ONU, e foi reeditado pelo BAYOGOC, com o objetivo de combater os estereótipos de gênero e empoderar as meninas (BAYOGOC, 2018k).

A quarta atividade promovida pelo programa *Buenos Aires 2018 va a la Escuela* foi a peça teatral *Tiempo de Olimpíadas*. A peça tematizou os desportos e os valores Olímpicos, que no ano de 2015 encenou o valor amizade, no ano seguinte foi o respeito e em 2017 foi a vez do valor excelência. No ano de 2018 os três valores Olímpicos foram combinados, anunciando a chegada dos JOJ (BAYOGOC, 2018k).

No âmbito desta atividade, foi realizada uma pesquisa com 186 estudantes do 4º e do 5º ano, para avaliar a associação dos valores Olímpicos e o incentivo a prática desportiva. Os alunos reconheceram claramente os valores Olímpicos e associaram a prática desportiva, majoritariamente, com a diversão, a amizade e a excelência. Alegaram que os JOJ estão associados a jogar sem trapacear, tentar mesmo quando não se ganha e a aprender e compartilhar com os outros, sendo este último o lema dos Jogos da Juventude. Sobre a influência dos Jogos para a prática do desporto, os estudantes manifestaram que se sentiram mais motivados a participar de desportos em decorrência da realização dos JOJ em sua cidade (BAYOGOC, 2018k).

Com isso, o BAYOGOC promoveu a Educação Olímpica, viabilizando o conhecimento dos valores do Olimpismo aos estudantes de Buenos Aires. Desta forma, se aproximou da concepção coubertiniana de que a pedagogia Olímpica não deveria estar restrita à competição desportiva, e sim ter o desporto como

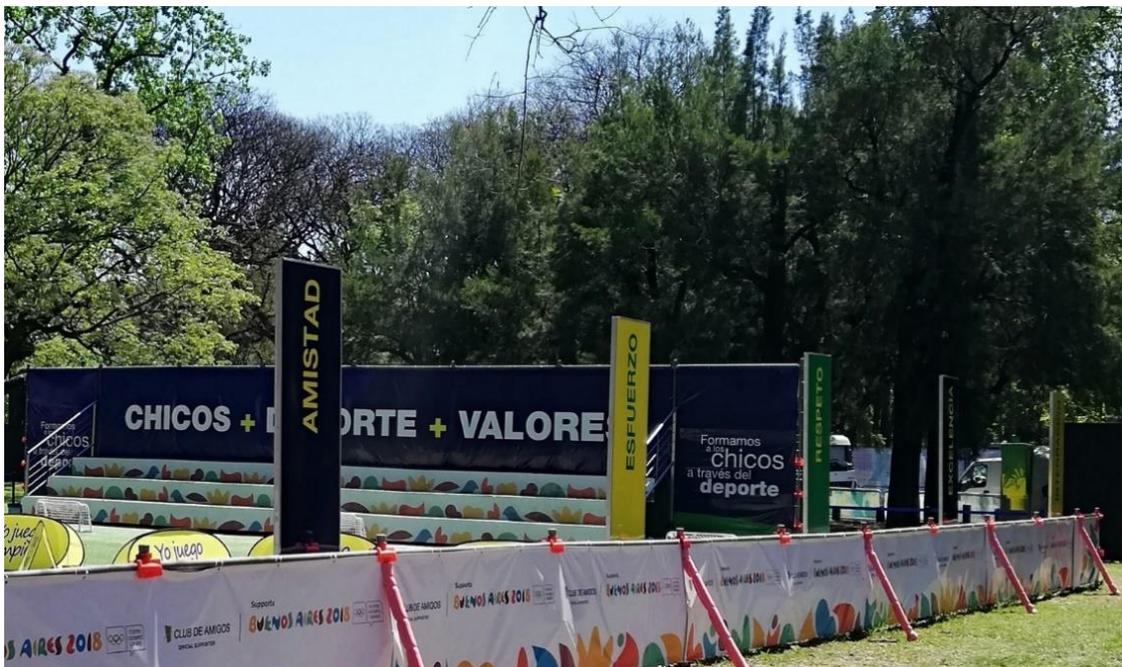
---

<sup>53</sup> A Solidariedade Olímpica Internacional consiste em uma comissão do COI, cujo objetivo é gerenciar o apoio financeiro destinado aos Comitês Olímpicos Nacionais, para que possam desenvolver o desporto em seus países. A assistência financeira é alcançada por meio de projetos que priorizem os atletas e técnicos, a gestão desportiva e a promoção dos valores Olímpicos (IOC, 2017).

<sup>54</sup> Uma vitória leva a outra.

eixo integrador. Sendo assim, uma vez disseminada a todos, a Educação Olímpica se torna capaz de incentivar a prática desportiva entre os jovens. Neste ponto, o programa também se mostrou eficaz, segundo as respostas dos alunos inquiridos.

Por outro lado, durante os Jogos de Buenos Aires 2018, os valores Olímpicos foram amplamente difundidos nos parques que abrigavam o evento. O programa *Learn and Share for all*<sup>55</sup> – reconhecido como o Programa de Educação e Cultura destinado ao público – desenvolveu uma gama de atividades recreativas, artísticas, educativas e desportivas em todos os parques durante os 12 dias dos Jogos. Em especial nos espaços designados para as crianças, os valores Olímpicos estiveram estampados, como demonstrado na Figura 6, na qual se pode identificar atrás da arquibancada as palavras “CHICOS + DEPORTE + VALORES<sup>56</sup>”, acompanhadas ao lado direito pela frase: “Formamos a los chicos a través del deporte<sup>57</sup>”, na lateral do espaço visualiza-se placas com os valores: amizade, esforço, respeito, excelência e integração.



**Figura 6.** Valores Olímpicos estampados num espaço de atividades recreativas para crianças.

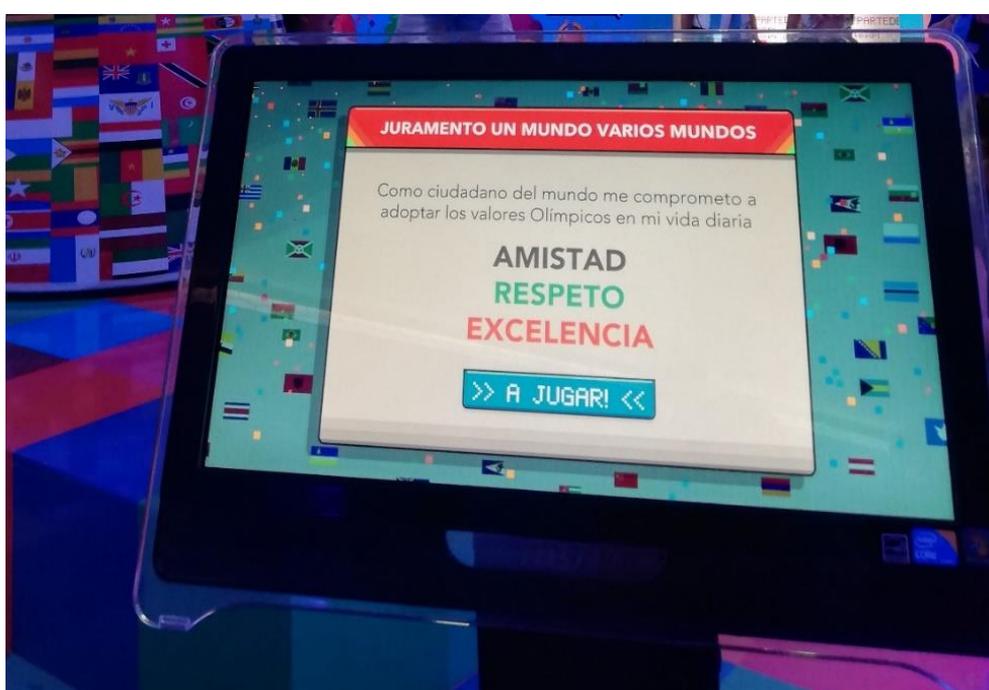
Fonte: dados da pesquisa.

<sup>55</sup> Aprender e Compartilhar para todos.

<sup>56</sup> Crianças + Desporto + Valores.

<sup>57</sup> Formamos as crianças através do desporto.

Contudo, não podemos afirmar que durante a realização das atividades com as crianças os valores Olímpicos foram diretamente explanados. Em contrapartida, no Parque Olímpico da Juventude havia um espaço que promovia a identidade e a diversidade cultural das 204 nações participantes dos JOJ BA 2018. Neste espaço, chamado de *One World, Many Worlds*<sup>58</sup>, além das culturas dos países, era possível aprender sobre os valores Olímpicos através de jogos de videogame (Figura 7), criados por estudantes portenhos em parceria com o Comitê Olímpico Argentino.



**Figura 7.** Jogo interativo sobre os Valores Olímpicos  
Fonte: dados da pesquisa.

Também no Parque Olímpico da Juventude estavam dispostos estandes de organizações nacionais e internacionais, em que se pôde observar que os valores foram retratados, para além da ornamentação do espaço, em atividades específicas. Um deles foi o estande do *International Fair Play Committee*, que continha, além das atividades para o público em geral, atividades exclusivas para os atletas que tematizavam os valores Olímpicos, particularmente o *fair play*.

<sup>58</sup> Um mundo, vários mundos.

No entanto, em conversa com os responsáveis pelo local, foi relatado um descontentamento com relação a participação dos atletas, pois esperavam que o BAYOGOC e as delegações orientassem os atletas a participarem das atividades por eles promovidas, porém, pouquíssimos compareceram ao estande. Eles alegaram também que seria mais proveitoso se o estande fosse alocado na Vila Olímpica da Juventude, assim, despertaria a atenção dos atletas para conhecer a organização e suas ações.

Outras organizações, como *Panathlon International* e *International Olympic Truce Centre*, que têm como missão promover ideais Olímpicos, abordaram os valores do Olimpismo através de quebra-cabeças, jogos de perguntas e respostas e demais atividades interativas individuais e coletivas. Constatou-se a participação de um elevado número de pessoas nesses espaços, que, por vezes, formavam longas filas para apreciar e jogar. Entretanto, não se notou durante a execução das atividades uma discussão sobre os valores por parte dos instrutores, voluntários ou organizadores.

Além dessas atividades e da manifestação visual, foi possível perceber os valores do Olimpismo nas diversas arenas de competição, sobretudo nas expressões e interações dos atletas. Um dos momentos em que pudemos verificar o valor amizade foi durante as competições por times mistos, que ocorreram em grande parte das modalidades individuais. O formato das disputas proporcionou aos atletas a oportunidade de se conhecerem e estreitarem seus laços, além de trocarem experiências sobre técnicas e táticas do esporte.

Nas competições mistas do judô foram formadas quatro equipes com oito atletas em cada uma, que disputavam a partir das suas categorias. Durante as lutas, percebemos que quando um atleta da equipe estava no tatame, todo o restante do time o apoiava e o incentivava, com um verdadeiro espírito de equipe. Ao final, na cerimônia de premiação, foram hasteadas bandeiras olímpicas para cada time e, após ser tocado o hino olímpico, todos os atletas se abraçaram, evidenciando a união e a fraternidade Olímpica (ver Figura 8).

Os judocas entrevistados confirmaram a percepção destes valores:

Atleta X<sup>59</sup>: Agora nós vimos [os valores do Olimpismo], na competição de equipes mistas e nós fizemos novos amigos, uma nova equipe, nós aprendemos com outros países. É muito legal ver como funciona em outros lugares. Foi uma grande experiência.

Atleta XX: Isso pra [sic] mim é união né [sic]... Mesmo a gente perdendo ali, aí só faltava uma menina lutar e tipo, não tinha mais chance da [sic] gente ganhar, mas estava todo mundo ali torcendo, como se fosse: 'se ela ganhar a gente era [sic] campeão'.



**Figura 8.** Cerimônia de premiação da competição de judô por times mistos  
Fonte: dados da pesquisa.

No geral, durante as partidas, notava-se o *fair play* e o respeito entre os atletas, que constantemente se cumprimentavam após as competições, e, da mesma maneira, entre os atletas e os árbitros, com raríssimas exceções, como as observadas nas disputas do futsal masculino, que permeou uma atmosfera divergente das outras competições, com muita rivalidade tanto em quadra quanto nas arquibancadas.

<sup>59</sup> Substituímos a indicação numérica para preservar o anonimato dos atletas.

---

Não nos compete neste trabalho buscar explicações para este fato, contudo, recordamos que, para Coubertin, as modalidades coletivas não deveriam galgar grande espaço na programação Olímpica, pois “sempre evocam uma ideia de batalha e de vitória terminal conseguida por uma tropa representativa do país ou da cidade” (Müller e Todt, 2015, p. 696). Efetivamente, o futebol, bem como o futsal, nutre, dentre outros aspectos, um “enraizamento dramático” que lhe atribui dimensões nacionalistas, que, em certa medida, divergem do caráter universalista dos Jogos Olímpicos (DaMatta, 2006).

Como mencionado anteriormente, o cerne dos Jogos Olímpicos da Juventude são as competições desportivas, nesse sentido, em todos os Parques, nos campos, nas quadras, nas pistas e nas águas, os jovens atletas demonstraram o valor excelência. Conforme declarou a Atleta 8: “Aqui estão os melhores do mundo”. Diante disso, era nítido o esforço máximo dos competidores e a busca pela superação, que também foi ressaltado pelo Atleta 15: “Todos estão realmente focados em fazer o seu melhor, o que é muito bom, porque todos querem estar no mais alto nível e se esforçar, o que é muito bom de ver”.

Em síntese, embora os jovens atletas tenham declarado que o conhecimento dos valores do Olimpismo foi adquirido a partir de outros espaços e agentes, os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 foi um importante lócus para a ampliação de uma educação fundamentada em valores (do Olimpismo). Destaca-se, nesse contexto, o Programa de Educação de Atletas – reconhecido como Programa de Educação e Cultura – organizado pelo BAYOGOC, em parceria com o COI e as Federações Internacionais.

Conforme apresentamos no tópico 5.1.2 deste trabalho, o BAYOGOC realizou uma gama de atividades para os atletas na Vila Olímpica da Juventude. A participação nas atividades não era obrigatória, no entanto, o BAYOGOC usufruiu de algumas estratégias para incentivar o envolvimento dos jovens, como os Jovens Embaixadores, o local das atividades e o *YOGGER*, dispositivo utilizado para trocar informações entre os atletas e acumular pontos nas atividades do PEC. Vale pontuar também que os atletas participantes dos JOJ, ao contrário do que ocorre nos JO, devem permanecer na Vila até o final do

---

evento, o que, estrategicamente, persuadia a participação dos atletas nas atividades do Programa.

Contudo, dentre os atletas entrevistados, 6 alegaram que ainda não haviam participado das atividades do programa, justificando que estavam focados nas competições. Entretanto, afirmaram que quando finalizassem seu calendário desportivo iriam participar da programação na Vila. Os demais entrevistados, os quais estiveram no Programa de Educação de Atletas, apontaram algumas das atividades que participaram, tais como karaokê, oficina de grafite, artes circenses, jogos desportivos, a plataforma *Performance Accelerator*, na qual realizavam testes físicos objetivando otimizar o desempenho e prevenir lesões, o *Gamechangers Hub*, onde puderam aprender a gerir melhor as suas redes sociais e o *Chat with Champions*, que eram momentos de conversa com atletas consagrados em suas modalidades promovidos pelas FIs.

De todo modo, mesmo dentre os atletas que já haviam participado de alguma maneira das atividades educacionais e culturais, foi possível identificar que a participação foi contingenciada em virtude do enfoque nas competições olímpicas, como demonstrado no discurso da Atleta 24: “Não pude participar de muitas atividades, porque como são físicas e como ainda vou competir, não quero me lesionar agora. Depois [da competição], vou participar mais”. Tal fala evidencia, como já apontamos, a centralidade do compromisso desportivo para os jovens atletas participantes dos JOJ, contudo, este aspecto é, reconhecidamente, conciliável com a diversidade de experiências disponibilizadas durante o evento.

No âmbito das atividades vivenciadas, os jovens atletas manifestaram que aprenderam, dentre outros aspectos, sobre amizade, respeito, *fair play*, outras culturas e sobre doping.

Atleta 8: Principalmente a amizade, porque lá a gente consegue falar com as outras pessoas, se divertir com elas, com as pessoas de outros países. Então, acho que a melhor coisa que tem lá dentro são essas brincadeiras.

Atleta 9: [Aprendi] como os atletas devem ser tratados pelos treinadores... e coisas gerais do desporto... como devem ocorrer.

Atleta 12: Acima de tudo, sinto que aprendi sobre as culturas de outros países.

Atleta 17: [Aprendi que] para correr, temos que correr justamente, não podemos usar o doping, que nos faz correr mais depressa.

Em uma pesquisa realizada com jovens atletas participantes dos JOJ de Inverno em Innsbruck 2012, Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco (2014) verificaram que através das atividades do PEC, os competidores fruíram de um conjunto de aprendizados, a saber: os valores Olímpicos, outras culturas, gestão de carreira, expressão de suas opiniões, responsabilidade social, prevenção de lesões e melhoria do estilo de vida. Isto posto, é possível assumir que os atletas juvenis que se dispõem a participar do programa educacional e cultural, que integra os JOJ, adquirem uma diversidade de conhecimentos e valores relevantes, tanto para o desenvolvimento desportivo quanto para o desenvolvimento pessoal (Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco, 2014; Derwent e Çotuk, 2013; MacIntosh, Parent e Culver, 2019).

Todavia, alguns dos atletas entrevistados em BA 2018 conceberam que os artefatos culturais e educacionais ofertados se restringiram a uma dimensão lúdica, considerados apenas como entretenimento.

Atleta 14: Para mim, é apenas uma experiência... eu senti que estávamos apenas nos divertindo. É entretenimento.

Atleta 22: Bem, na verdade não é muito cultural, mas, foi só um pouco de diversão no centro da Vila.

Atleta 25: Eu acho que as atividades de lá [Vila Olímpica da Juventude] estão sendo mais entretenimento, não apelam muito a estes valores [Olímpicos]. Não considero que façam isso, considero tipo... ah, entretenimento para a malta... para estarem lá. Por exemplo, tem atividades em relação a manipulação de resultados, antidoping e coisas assim, mas que são... são perguntas muito básicas... nós vamos lá apenas para ganhar a recompensa no final... tipo, como se fosse um cão para ganhar o doce.

Antes de mais, cabe sinalizar que as diversas atividades desenvolvidas na Vila Olímpica da Juventude correspondiam a diferentes intencionalidades, abarcando desde a socialização entre os atletas e o aprendizado de valores do

---

Olimpismo até a atenção ao desempenho e ao pós-carreira atlética (BAYOGOC, 2018h). A resposta da Atleta 16 exemplifica algumas dessas atividades:

Bom, tem alguns lugares que podemos ir e eles nos fazem, por exemplo, às vezes, responder sobre os valores que temos que ter. Também como prevenir o *bullying* no desporto, ou por parte dos treinadores... também jogar limpo... são atividades nas quais você tem que conhecer muito bem os valores e te dão recompensas, te dão óculos, bonés... Às vezes, tem também karaokê. Às vezes, também vai a mascote. Às vezes, eles fazem música e parece que estamos em uma festa. E também tem outras que são mais técnicas, porque nos estudam sobre flexibilidade, força, como você faz os movimentos para os pesos e são bem legais, nos ajudam muito.

Neste escopo, as atividades recreativas compuseram a variedade de experiências designada aos participantes dos Jogos.

É preciso também relativizar as falas dos atletas ao seu nível de participação e envolvimento no Programa de Educação e Cultura, pelo que uma presença ocasional circunscreve os sentidos atribuídos. De qualquer modo, esse viés da diversão e do entretenimento esteve presente nos discursos de outros jovens atletas, participantes dos Jogos de Innsbruck 2012 (Kristiansen, 2013), demonstrando que, para parte da juventude olímpica, as atividades do PEC são vistas pela lente do entretenimento.

Estas concepções dos atletas sobre o Programa invocam algumas críticas apontadas por pesquisadores (Krieger, 2012; Kristiansen, 2013; Krieger e Kristiansen, 2016) acerca das pretensões do COI e da abordagem utilizada para se atingir os objetivos educacionais, as quais foram apresentadas no tópico 5.1.2 deste trabalho. Contudo, a potencialidade e a pluralidade educacional e cultural das atividades desenvolvidas na Vila Olímpica da Juventude são legitimadas enquanto iniciativas formativas no contexto de um megaevento desportivo, distinguindo-o de outros campeonatos internacionais, até mesmo dos Jogos Olímpicos (Medeiros, Garcia, Santos e Valente, 2020).

Ademais, os nossos entrevistados reconheceram, inclusive, os esforços para fomentar a convivência entre eles e a realização do valor amizade, através do dispositivo *YOGGER*:

Atleta 1: Lá na Vila mesmo, de noite... tipo, a gente janta e tem tipo um espaço cultural, sabe? E a gente tem isso aqui [mostrando o *YOGGER*], que você encosta no outro e é tipo um

*pendrive*, e quem pegar mais informações ganha brinde. Então, fica todo mundo se relacionando por causa disso, fica todo mundo trocando *pins*... então, assim acaba tendo os valores Olímpicos, as relações de amizade, sabe?

Atleta 4: É muito divertido. Eu encontro amigos todos os dias. E tem uma variedade de coisas divertidas para fazer. Fiz novos amigos com o *YOGGER*, é bem dinâmico, encontro com pessoas de diferentes países, aprendo sobre os desportos deles e de onde eles vêm.

Atleta 23: Com o *YOGGER* você faz amizades com muitos atletas. E também tem outras atividades sobre cultura... você aprende muitas coisas, sobre doping... várias coisas, cada um [estande] tem um tema. Eu participei bastante.

Torna-se então perceptível que este dispositivo utilizado nos Jogos Olímpicos da Juventude proporcionou o desenvolvimento da amizade entre os atletas, com a perspectiva de que estas relações permaneçam mesmo após o evento, uma vez que o *YOGGER* possibilitava o compartilhamento *e-mails* e perfis nas redes sociais. Estas respostas convergem com os achados de MacIntosh, Parent e Culver (2019), em que jovens atletas participantes dos Jogos de Lillehammer 2016 constataram a funcionalidade do *YOGGER*, bem como do Programa de Educação de Atletas, para promover o intercâmbio cultural e as relações de amizade.

Com efeito, o ambiente da Vila Olímpica, *per se*, suscita a vivência de ideias Olímpicas ao propiciar o encontro de milhares de atletas com diferentes nacionalidades, e ter, neste espaço, o Programa de Educação de Atletas integraliza os objetivos do COI de compartilhar e celebrar culturas do mundo e educar os jovens em valores Olímpicos (IOC, 2015).

Inegavelmente, a educação em valores é de responsabilidade de toda coletividade social, e não depende de espaços formais de aprendizagem. Neste escopo, em Buenos Aires 2018, os mais altivos valores humanos, proclamados pela filosofia Olímpica, foram manifestados, representados e vivenciados, salientando o Olimpismo como exemplo de uma boa e bem-sucedida maneira de ser e existir.

### **5.2.3 As significações dos atletas acerca dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018**

A fundamentação filosófica e ideológica que circunda o Movimento Olímpico, associada aos elementos e símbolos agregados a celebração dos Jogos Olímpicos, conferem destaque e relevância ao evento olímpico no cenário desportivo internacional (Loland, 1995). Ao direcionarmos o olhar para os Jogos Olímpicos da Juventude, observa-se que o caráter insigne é potencializado, sobretudo por sua dupla identidade referente a programação desportiva e ao Programa de Educação e Cultura, responsáveis por amalgamar a excelência desportiva e a formação humana em valores.

Com efeito, as peculiaridades que distinguem os JOJ foram exploradas por alguns jovens atletas no decorrer das nossas entrevistas:

Atleta 1: Eu já fui pro [sic] mundial, mas esse [campeonato] é incrível, porque é uma Olimpíada. Você está na Vila... são todos os países juntos e tem confraternização. Aí você chega aqui [na arena de competição] e vê o tamanho da estrutura que eles montam. Então, acho que isso é o que motiva. Você é bem recebido pelo povo daqui da Argentina, o carinho que as pessoas têm pela gente, pede toda hora para tirar foto, elogia... acho que isso é o mais bacana.

Atleta 3: Acima de tudo na dimensão e na importância que tem. Nos europeus e nos mundiais, por exemplo, não tivemos uma cerimônia de abertura, não tivemos um colóquio com todos os que vão. [...] Quando viemos aqui para Buenos Aires tivemos uma cerimônia de abertura com uma dimensão absolutamente ridícula, com mais de 250 mil pessoas na praça e é completamente diferente. Aqui nós somos abordados como se fossemos um... aliás, eu ontem dei uma entrevista em que me perguntaram se eu me senti como o Cristiano Ronaldo [risos]... e acabo por me sentir, porque aqui toda a gente nos manda parar para tirar fotografias, falar um bocadinho conosco, e, podem nem sequer saber que desporto que nós praticamos, mas querem falar conosco, aprender sobre nossa modalidade e é super gratificante.

Atleta 6: Eu acho que, para mim, é mais especial que os Jogos Olímpicos. Eu nunca estive lá, mas, acho que é diferente, porque eu imagino que nos verdadeiros Jogos Olímpicos todo mundo está sério, todo mundo está ali para cumprir o seu trabalho. E nos Jogos Olímpicos da Juventude, todos também estão para cumprirem o seu trabalho, mas, são todos jovens, todos querem conhecer pessoas novas, e eu acho que você não vai ter outra

oportunidade para conhecer tantas pessoas de vários lugares do mundo, tantos atletas da sua idade, amigáveis, que querem conversar e conhecer uns aos outros. Isso é muito bom.

Verifica-se que, de forma genérica, os discursos dos atletas remetem a concepção de uma atmosfera olímpica, composta por um conjunto de camadas, dentre elas a internacional, a multicultural e a multiesportiva, e que tem como referência os centenários Jogos Olímpicos. Podemos dizer ainda que essa atmosfera dos JOJ permeia um Olimpismo cosmopolita abstrato que estimula trocas interpessoais mais fluidas e amigáveis.

Nesse contexto, cabe-nos destacar dois pontos observados nos JOJ BA 2018 que se relacionam com as respostas destes atletas. O primeiro deles refere-se a cerimônia de abertura, caracterizada pela inovação ao ser realizada fora de um estádio e possibilitar o acesso gratuito ao público (como apresentado anteriormente). Porém, apenas os atletas tiveram uma localização privilegiada para acompanhar a celebração, enquanto o público permaneceu distante do Obelisco, aglutinado na extensão da avenida, o que dificultou a compreensão de alguns momentos do evento. Até mesmo a chegada no local da cerimônia foi complicada devido à falta de informação e direcionamento por parte dos organizadores e voluntários, o que corrobora as descrições de Souza, Matarunados-Santos e Tavares (2019).

De todo modo, no decorrer da cerimônia alguns momentos nos chamaram a atenção, como a entrada dos atletas juntos e misturados, sem a formalidade habitual e a divisão por países, fazendo com que já na abertura se percebesse o estímulo às relações de amizade entre os jovens atletas. Ainda na parte inicial, quando os anéis olímpicos foram içados até o topo do Obelisco, notou-se um sentimento coletivo de envolvimento com um acontecimento global. Em contrapartida, durante a programação artística, o espetáculo de tango, encenado no Obelisco e nas varandas dos prédios que cercavam a avenida, sensibilizou os estrangeiros para a cultura local, enquanto os argentinos exaltavam seu patrimônio cultural. Ao final da cerimônia, a entrada da tocha e o acendimento da pira consagraram a magnitude do evento, elevando a participação naquele tempo-espço ritual a uma dimensão singular na vida dos espectadores.

---

Embora os elementos protocolares (desfile das delegações participantes, hino Olímpico, hasteamento da bandeira Olímpica, chegada da tocha, acendimento da pira, juramento dos atletas e dos árbitros, hino nacional do país sede, programa artístico e discursos das autoridades) tenham sido concretizados, pôde-se perceber um enfraquecimento do ritual formal e simbólico atinente às cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos, sendo enfatizadas as dimensões festiva e espetacular (MacAloon, 1984). Contudo, estas dimensões têm um grande potencial para atrair os espectadores (e telespectadores) para a cerimônia. Nesse sentido, notou-se que o apresentador do evento, a todo o tempo, clamava a participação do público através de movimentos rítmicos com os braços ou de gritos e aplausos, almejando que todos se sentissem parte do evento, inclusive, isso foi declarado algumas vezes durante a cerimônia.

Sendo assim, o intento para com o público parece ter sido alcançado, pelo que uma espectadora argentina nos revelou que nunca tinha presenciado um espetáculo tão lindo, que se sentiu, de fato, parte do evento, o qual, de alguma forma, pertencia aos argentinos. Ressaltou ainda que nem o futebol reunia mais tanta gente para celebrar o país. Diante disso, vale pontuar que cada ator social vivencia a cerimônia olímpica de acordo com o seu lugar dentro da performance cultural. Nessa perspectiva, a cerimônia de abertura olímpica propicia a articulação universal-local, coexistindo identidades estruturais do indivíduo, da nação e da humanidade (MacAloon, 1984). Relembrando Hall (2006), ponderamos que, num contexto de identidades cada vez mais descentralizadas, a cerimônia de abertura pode se constituir como um ponto de convergência para construção de identidades olímpicas situacionais.

O segundo ponto que gostaríamos de elucidar é concernente ao público. Diferentemente do que ocorre nos Jogos Olímpicos, em que barreiras impedem a aproximação do público com os atletas, em Buenos Aires 2018 visualizamos relações espontâneas entre os espectadores e os jovens atletas. Ao adentrar nos Parques Olímpicos, em especial no Parque Olímpico da Juventude, o público pôde notar que os competidores, de modo geral, circulavam livremente e usufruíam dos espaços, como a praça de alimentação e os estandes do *Learn*

---

*and Share for all*, antes e/ou depois de suas disputas. Com isso, a comunicação entre os admiradores e os jovens atletas foram facilitadas, promovendo assim intercâmbios culturais. Para os atletas, as interpelações do público se caracterizavam como uma forma de reconhecimento e incentivo, fazendo-os sentir como grandes “estrelas” do desporto (Atletas 3, 6, 16, 22).

Além disso, foi possível observar que os espectadores dos JOJ BA 2018 prestigiaram tanto as modalidades olímpicas tradicionais quanto as debutantes, e não abandonaram as arquibancadas durante as competições mistas. Em vista disso, o público presente nos Parques parecia orientar-se pela lógica de espectador do evento olímpico. Decerto que, nas competições com disputas diretas dos atletas argentinos – como presenciamos no vôlei de praia –, era possível ouvir as manifestações da população local, incentivadas, inclusive, pelo animador da arena durante o intervalo do jogo. Contudo, no geral, as torcidas se restringiam a familiares de atletas e companheiros de delegação. De acordo com DaMatta (2006), o evento olímpico enfatiza um certo “universalismo desportivo contemplativo”, guiado pela solidariedade, pelo *fair play* e pela celebração do desporto, o que coincide com o que verificamos em Buenos Aires 2018.

Demarcados estes pontos singulares dos Jogos Olímpicos da Juventude, particularmente da sua terceira edição de verão, seguimos com as percepções dos jovens desportistas acerca do evento que participaram. Questionamos nossos entrevistados sobre que valores os Jogos da Juventude transmitem aos jovens atletas e identificamos respostas ora associadas aos valores do Olimpismo, ora aos aspectos relativos ao desenvolvimento desportivo. Consideramos que estas duas perspectivas contemplam os fundamentos desportivo e pedagógico que sustentam o evento olímpico juvenil.

As falas que permearam os valores do Olimpismo mencionaram o respeito, o *fair play*, a amizade, a disciplina, a excelência, a persistência, o intercâmbio cultural e o espírito desportivo.

Atleta 9: Persistência, eu acho... sim, persistência. E sempre fazer o seu melhor e nunca desistir.

Atleta 12: Na verdade, os Jogos Olímpicos da Juventude me transmitiram muito, porque eu não conhecia a cultura de outros

países, e agora os escuto, os conheço... seus idiomas, suas culturas... todos muitos diferentes. Então, é o que levo daqui.

Atleta 19: Acho que os Jogos Olímpicos da Juventude tanto como os Jogos Olímpicos a nível sênior são quase os mesmos valores, que é o *fair play*, porque se não há *fair play* isto não é desporto. O respeito entre todos, somos todos muito novos e o respeito é muito importante. E a amizade que nós fazemos.

Atleta 22: Eu diria amizade e respeito. Acho que são os dois mais importantes.

Pôde-se constatar que grande parte dos respondentes alegaram que os Jogos Olímpicos da Juventude transmitem aos jovens atletas, majoritariamente, os três valores Olímpicos, sendo o valor amizade mais frequente nas respostas (9), seguido do valor respeito (6) e, por fim, a excelência, que foi citada por 3 atletas. Estes dados convergem com as respostas sobre os valores do Olimpismo, expressos no Quadro 7, em que os valores amizade e respeito sobressaíram dentre os demais.

Pelo fato de a performance atlética ser a razão pela qual os atletas vão aos JOJ, poderíamos conjecturar que os valores associados a competição desportiva seriam dominantes nos discursos dos jovens, tal como ocorreu nos resultados de MacIntosh, Parent e Culver (2019). Neste escopo, é válido ressaltar que os valores agônicos carregam em si um potencial de humanização e evolução, porém, por vezes, são desprestigiados no contexto hedonístico atual (Garcia e Monteiro, 2018a).

Entretanto, foi possível inferir que a primazia dos aspectos relacionados às disputas atléticas se estabelece, sobretudo, quando os atletas são questionados sobre as experiências do Programa de Educação e Cultura, que parece colocá-los numa situação paradoxal entre o objetivo atlético e a missão educacional do evento (Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco, 2014; Krieger e Kristiansen, 2016).

Ademais, como denota a fala do Atleta 6, citado anteriormente nesta seção, o valor excelência ligado ao desempenho desportivo pode ter um significado dissonante para os jovens atletas, em que a competição nos JOJ é vista como menos feroz comparativamente aos Jogos Olímpicos, cujos atletas são, em sua maioria, profissionais e suas performances desportivas são

---

determinantes. Nesse sentido, para os jovens atletas, a excelência parece estar vinculada ao fato de competirem com os melhores desportistas do mundo e ao esforço para realizar o melhor desempenho possível, como explicitado nas falas destes atletas:

Atleta 20: A gente viu agora o garoto dos 100 [metros], que acabou de ficar em primeiro lugar no ranking mundial. Então, só os melhores estão aqui, o que é muito importante e gratificante pra [sic] mim.

Atleta 8: [...] eu acho que, muitas vezes, não só os que ganham são os melhores, e sim os que se destacam por... eu não sei bem a palavra, mas, assim... quando você é guerreiro e está lá tentando fazer a sua melhor marca. Eu acho que isso te leva muito longe... todo mundo te admira por isso, por você estar lá tentando e sendo forte.

Cabe-nos atentar que a competição está no âmago do desporto, não existindo manifestação desportiva alheia a este elemento, como debatemos no tópico 2.2. Nesse sentido, a participação em uma competição orienta-se pelo propósito da vitória, ainda que essa vitória seja sobre a condição atual do competidor, na busca da sua excelência. Assim, o *agôn* e a *aretê* encontram-se estreitamente vinculados, perspectivando a transcendência. Garcia e Monteiro (2018a) recordam que, na Grécia Antiga, no ímpeto de fazer o melhor possível, o indivíduo, além de adquirir reconhecimento, colaborava para o desenvolvimento da *polis*. Deslocando esta anunciação para o nosso contexto de análise, precisaríamos apenas substituir o termo *polis* por desporto.

Adicionalmente, embora alguns autores – a exemplo de Silva e Rubio (2003) e Brás (2013) – considerem ultrapassadas as frases difundidas por Coubertin de que “o mais importante não é ganhar, mas participar”, e que “o essencial não é ter vencido, mas ter lutado bem”, podemos assentir que estas concepções embasaram a apreensão do valor excelência pelos jovens atletas nos JOJ.

Em síntese, consideramos que há uma multiplicidade de fatores que influenciam as percepções dos atletas sobre os Jogos Olímpicos da Juventude. Ainda assim, podemos sugerir que, embora a qualificação desportiva tenha levado os jovens aos Jogos, a vivência de sua primeira (e única) participação num contexto multiesportivo e multicultural, que suscita o respeito a diversidade

e as relações de amizade, acentuada pela programação educacional e cultural, impactou a representação dos atletas entrevistados.

Sobretudo, revela-se nos discursos dos jovens desportistas que, para além de transmitir valores, os Jogos da Juventude viabilizam a vivência dos valores do Olimpismo, como expresso nos trechos a seguir:

Atleta 18: [os Jogos Olímpicos da Juventude] nos dá a experiência de como ser uma pessoa e um atleta melhor.

Atleta 29: Acabamos conhecendo pessoas novas, culturas diferentes... e, juntando tudo, todas estas coisas... o respeito... acabamos sempre por trabalhar tudo isso aqui.

Nesse sentido, as condições e as estruturas dos JOJ BA 2018 fomentaram o aprendizado e a experiência dos valores do Olimpismo, o que converge com a aceção de Patrício (1993), ao defender que um projeto axiológico não pode prescindir a reflexão e a prática dos valores, indispensáveis para uma interiorização e posterior disseminação.

Segundo os atletas, os valores do Olimpismo puderam ser identificados e praticados em todos os contextos do evento.

Atleta 6: Obviamente, quando eu finalizo minha competição e... nós todos só queremos apertar as mãos e ficar felizes com o que fizemos, não importando o que tenha acontecido. Mesmo quando você está desapontado, as pessoas te parabensam, independente do resultado... é quando nós percebemos a amizade florescendo. Quando estamos andando nas dependências da Vila [Olímpica da Juventude], nós sempre nos cumprimentamos e conversamos um pouco sobre o dia e sempre nos divertimos, isso é o que é importante.

Atleta 12: Identifico em todos os momentos. Nos lugares que competimos, na Vila [Olímpica da Juventude], com cada desportista que conhecemos, o que implica sempre o respeito e a humildade, sobretudo.

Atleta 22: Eu diria que em todos os lugares. Não importa se é na Vila [Olímpica da Juventude] ou na pista [de atletismo], todos são respeitosos, todos são gentis uns com os outros e todos são incentivados a ter um espírito desportivo.

Atleta 24: Em todos os lugares realmente, porque onde vou as pessoas são muito amáveis, e quando estamos na pista [de atletismo] todos os competidores se saúdam... e, assim, tem-se uma amizade muito bonita.

A partir destas anunciações, podemos ratificar a ideia de uma atmosfera olímpica imbuída de um Olimpismo cosmopolita abstrato presente nos Jogos, que rege as relações entre todos os atores participantes do evento. Neste escopo, observamos na disputa da ginástica artística masculina que os ginastas se cumprimentavam sempre ao se cruzarem, na entrada e na saída dos aparelhos. Percebemos também que, ao contrário do que se viu nos primeiros dias do evento, em que os atletas andavam pelos Parques com seus companheiros de equipe, nos últimos dias, jovens de diferentes nacionalidades aproveitavam juntos os momentos finais daquela experiência. Conforme descreveu o BAYOGOC (2019, p. 39), no final dos Jogos, “o sonho Olímpico da universalidade se tornou realidade”, demonstrando que o Olimpismo é capaz de superar as diferenças.

Sintomaticamente, as expressões de vitória e de derrota ficavam evidentes nos semblantes dos atletas após as competições, o que nos fez, inclusive, declinar a abordagem a alguns possíveis participantes da pesquisa. Neste cenário, nos chamou a atenção as atletas de futsal da República Dominicana, que estavam na arquibancada perceptivelmente tristes – algumas, até mesmo, a chorar –, após uma derrota expressiva para o time de Portugal. As atletas contavam com o apoio do treinador e de alguns espectadores, que tentavam consolá-las. Com efeito, a “aura” do Olimpismo parecia inspirar o sentimento de solidariedade do público.

Entretanto, as polaridades da vitória e da derrota são inerentes à prática desportiva, e devem ser trabalhadas durante a formação de crianças e jovens. Os resultados de Pietro, Caro, Delgado e Preciado (2015) revelaram que uma intervenção orientada para o desenvolvimento de valores com jovens futebolistas contribuiu para a melhoria de atitudes ante a derrota. Logo, evidencia-se a necessidade de uma formação desportiva ancorada em valores para o fortalecimento de aspectos emocionais e psicológicos, tanto quanto os aspectos atléticos. Para mais, este fato demonstra que esta pode ser uma temática a ser abordada no PEC junto aos jovens atletas.

De todo modo, constatamos que os JOJ BA 2018 oportunizaram o aprendizado, a vivência e a manifestação dos valores do Olimpismo, a partir de

diferentes formas em seus diversos espaços. Para o BAYOGOC (2019), nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, o Olimpismo pôde ostentar toda a sua essência.

Não obstante, para uma parcela dos nossos participantes, os JOJ suscitam, acima de tudo, uma experiência de desenvolvimento no desporto, ampliando a prática em competições de elite e impulsionando a continuação de uma carreira atlética.

Atleta 15: É uma experiência realmente única e eu acho que é importante especialmente para competir no mais alto nível, é um sistema tão diferente... tudo é tão diferente do que você está acostumado, que ter essa experiência faz você se sentir muito confiante para seguir em frente e como lidar com grandes competições. Também, acho que ver os melhores do mundo, sabendo, acima de tudo, que você está entre eles e, em segundo lugar, que você pode ver exatamente o que eles fazem e tentar melhorar a si mesmo.

Atleta 17: É um incentivo para os jovens, no futuro, continuarem a trabalhar para poderem ir mais além... aos Jogos Olímpicos sênior ou pensar mais além e não ficar só pelos Jogos Olímpicos da Juventude. Para mim, é um grande incentivo.

Atleta 25: Assim, vir aqui dá muita motivação, para depois chegar à casa e voltar a treinar, porque daqui a dois anos é Tóquio [2020], daqui a seis é Paris [2024]. E, obviamente, que isso é muito bom, dá motivação.

Por certo, sob o prisma do desenvolvimento atlético, a participação em eventos desportivos, sobretudo internacionais, consiste em um relevante *locus* de aprendizagem, em que os atletas adquirem competências (físicas, sociais, emocionais) necessárias para prosseguir no desporto de alto rendimento. Cada experiência competitiva pode ainda promover um envolvimento mais profundo dos atletas com o desporto.

Especificamente no que concerne aos Jogos Olímpicos da Juventude, pesquisas têm apontado que o evento tem um efeito estimulante para os jovens atletas, fornecendo-lhes condições e ferramentas para planejarem uma carreira de sucesso na modalidade escolhida (Dervent e Çotuk, 2013; Peters e Schnitzer, 2015; Kristiansen, MacIntosh, Parent e Houlihan, 2017). Contudo, a participação pode sensibilizar a motivação dos jovens de diferentes maneiras.

Nota-se que, para os nossos entrevistados, os JOJ se configuram como um momento oportuno para conhecerem seu potencial competitivo, nomeadamente em comparação com outros competidores internacionais de elite, e para definição de suas aspirações quanto à trajetória desportiva.

Para os atletas participantes da pesquisa de MacIntosh, Parent e Culver (2019), a expansão do desenvolvimento desportivo associada a preparação atlética para outros campeonatos internacionais consistiu no aspecto mais importante relacionado à experiência nos JOJ Lillehammer 2016. Os jovens citaram ainda as atividades do Programa de Educação e Cultura como valiosas contribuições para atingirem objetivos maiores em suas respectivas modalidades.

Cabe ressaltar que os atletas vivenciam os Jogos Olímpicos da Juventude em um momento crucial da sua trajetória de vida, especialmente aqueles com 17/18 anos, visto que, provavelmente, encontram-se concluindo a fase escolar e, com isso, analisando e definindo seus horizontes profissionais (Pais, 2016). Nesse contexto, o significado que a participação nos JOJ assume pode contribuir para que os jovens atletas permaneçam no mundo desportivo.

Ao serem indagados sobre este aspecto, os jovens olímpicos relataram uma pluralidade de significados atribuídos à participação nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

Antes de mais, é importante destacar que o evento olímpico juvenil propicia a participação de atletas em diferentes níveis de desenvolvimento, enquanto alguns já estão no auge do desempenho desportivo em sua categoria, outros participam pela primeira vez de uma competição internacional. Este cenário é decorrente do sistema de qualificação, o qual tem a pretensão de garantir a representação continental, com múltiplos CONs participantes, bem como estabelecer um equilíbrio por sexo na quantidade de atletas por delegação. Para tanto, uma complexa estratégia é adotada, envolvendo desde a classificação no ranking mundial até as escolhas dos Comitês Olímpicos

Nacionais, os quais devem obedecer ao limite na quantidade de atletas enviados para as competições<sup>60</sup>.

Isto posto, para alguns dos nossos entrevistados a participação em Buenos Aires 2018 significou uma realização pessoal e atlética, associada ao sacrifício e ao esforço para estarem nos Jogos.

Atleta 4: Significa muito para mim estar aqui. Era um objetivo e tive que treinar muito e fazer muitos sacrifícios para estar aqui.

Atleta 11: Para mim foi uma conquista muito grande estar aqui, independente da colocação. Foi um objetivo grande que se cumpriu e eu estou muito contente por isso. E estou motivada para seguir treinando fortemente para alcançar grandes coisas na minha vida.

Atleta 23: É mais um sonho realizado. Eu acho que qualquer atleta queria estar aqui. A gente treinou muito, foi muita dedicação para estar aqui e eu me sinto realizada e muito grata por todas as experiencias já vivenciadas.

Estas falas demonstram que os Jogos Olímpicos da Juventude, de algum modo, estavam inseridos no planejamento de desenvolvimento desportivo destes atletas. Para lograrem esta meta, os jovens desportistas submeteram-se a meses de dedicação e treinamento, de maneira que, a qualificação para a competição, por si só, simbolizou uma grande conquista.

Similarmente, os atletas noruegueses inquiridos por Kristiansen, MacIntosh, Parent e Houlihan (2017) declaram que a participação nos Jogos da Juventude representou uma recompensa pelo trabalho árduo e algo que se orgulhavam de terem vivenciado.

Há, portanto, intrínseca aos discursos destes jovens atletas a noção de treino apresentada por Garcia (2017), que estabelece o treinamento como um meio para transformar o desejado em algo concreto. Sob a égide da superação, o treino propicia o aperfeiçoamento em direção a excelência humana, a qual os jovens atletas podem desenvolver no palco dos Jogos.

---

<sup>60</sup> Como exemplo, para Buenos Aires 2018, os CONs deveriam ter, no mínimo, 2 atletas (um homem e uma mulher) e, no máximo, 75 atletas nas modalidades individuais. Para as modalidades coletivas, cada CON poderia enviar, no máximo, duas equipes, sendo, necessariamente, uma feminina e a outra masculina (BAYOGOC, 2018h).

Agregado a isto, ponderamos que o ciclo da vida de um atleta gira em torno da preparação e da participação em competições e, neste panorama, os Jogos Olímpicos da Juventude se constituem como um dos maiores eventos multiesportivos destinados aos jovens, nos quais eles podem adquirir visibilidade e notoriedade, bem como um amadurecimento pessoal e atlético. Logo, a participação neste evento corresponde a uma importante etapa na trajetória dos jovens atletas.

Outros competidores evidenciaram que o significado da participação nos JOJ BA 2018 estava relacionado a possibilidade de representar seu país em um evento internacional relevante, e por conseguinte, a equivalência de ser o melhor do seu país em sua disciplina.

Atleta 6: É realmente incrível estar aqui. Há apenas 13 pessoas da Austrália no Atletismo, e eu ser uma delas... saber que eu posso estar ao lado de pessoas que vão fazer coisas incríveis... e espero que eu tenha a chance também de fazer coisas incríveis representando meu país.

Atleta 10: Significa muito para o meu país. Eu quero vir aqui e voltar para casa com a medalha, então, vamos ver o que acontece no domingo.

Atleta 14: Significa muito. Significa muito simplesmente porque é uma seleção pequena da nossa equipe e é uma boa oportunidade para eu poder representar o meu país.

Atleta 17: Significa muito pra [sic] mim, porque quer dizer que eu, na minha modalidade, na minha disciplina, sou a melhor no meu país. E que consegui estar apurada para vir a um Jogos Olímpicos da Juventude, que é uma competição muito importante.

De certa forma, esses discursos estão associados a um dos quesitos sobre a participação nos JOJ referente a quantidade limitada de atletas por delegação, que explicitamos anteriormente. Este fator faz com que os atletas, para além de obterem o rendimento para a classificação, passem por uma seleção do próprio CON, o que pode sugerir que os atletas escolhidos têm mais chances de êxito na competição.

Por sua vez, embora o criador do Movimento Olímpico tenha realçado que os Jogos tratam, supostamente, de competições entre indivíduos, a forma de organização dos Jogos Olímpicos (e dos Jogos Olímpicos da Juventude) através

---

de representações de Estados Nacionais torna-os um palco propício para a manifestação de nacionalismos, em que os países buscam afirmar e fortalecer suas identidades perante os demais. Sendo assim, as narrativas hegemônicas sobre a participação dos atletas nos megaeventos olímpicos estão vinculadas à representatividade da nação (Rosina e Veloso, 2019).

Agregado a isto, o imaginário mítico e social delega ao atleta a responsabilidade de personificar a figura do herói nacional, simbolizando as mais altas virtudes de um povo, e que será adotado como um ídolo por seus compatriotas (Rubio, 2001). Diante disto, a participação nos eventos olímpicos envolve um sentimento patriótico, tanto dos atletas quanto da população que os aclama. Sentimento este que é amplamente construído e difundido pelos aparatos midiáticos e políticos.

Por fim, para uma outra parte dos jovens olímpicos, a participação nos Jogos de Buenos Aires 2018 significou uma oportunidade de vivenciar o contexto de uma competição olímpica e se preparar para eventos “mais importantes”, como os Jogos Olímpicos.

Atleta 16: Então... é uma experiência maravilhosa, porque é assim que se imagina os Jogos Olímpicos, mas com os mais jovens... e essa é a única experiência dos Jogos Olímpicos da Juventude que eu vou viver. Eles também nos preparam, porque sei que as coisas são mais importantes... então, eles nos preparam para eventos mais importantes.

Atleta 21: Este evento, para a minha vida, significa muito, porque daqui eu posso me dedicar mais para que me ajude no futuro... que seja como uma escada para eu chegar mais longe em minha carreira desportiva.

Atleta 29: Acho que o principal objetivo destes Jogos da Juventude é mesmo ganhar o gosto aos Jogos Olímpicos, na verdade.

Nessas acepções, os JOJ são compreendidos como um passo para atingir uma futura participação nos Jogos Olímpicos. Com efeito, há uma nítida relação entre os dois eventos olímpicos, o que torna intuitiva a associação dos Jogos da Juventude enquanto um passaporte para os Jogos Olímpicos. Além disso, o aumento gradual de atletas oriundos do evento juvenil participando dos JO validam essa perspectiva dos jovens.

---

Nos Jogos de Londres 2012, 193 atletas haviam participado da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Juventude em Cingapura 2010, dentre os quais 25 foram medalhistas. Para os Jogos Olímpicos de Inverno Sochi 2014, o evento juvenil “enviou” 64 atletas, tendo 6 no pódio. Esse número cresceu significativamente nos Jogos Rio 2016, em que cerca de 500 atletas tinham vivenciado os Jogos da Juventude e conquistaram 80 medalhas olímpicas<sup>61</sup>.

Estes dados são incrementados com os discursos dos atletas que alcançaram estes feitos, a exemplo da canoísta australiana Jessica Fox, que foi medalhista de ouro em Cingapura 2010, prata em Londres 2012 e bronze no Rio 2016. Segundo a atleta:

Nada realmente prepara você para os Jogos Olímpicos. [...] Você não entende a multidão, o transporte, a Vila – você não tem isso em nenhum outro lugar. Então, os Jogos Olímpicos da Juventude realmente nos deram isso. Eu vi muitos jovens atletas que estavam realmente impressionados em Londres, mas, para mim, era apenas uma versão maior dos Jogos Olímpicos da Juventude. Eu realmente senti que estava pronta para isso, e isso é algo realmente valioso.<sup>62</sup>

Nota-se que a participação nos Jogos Olímpicos da Juventude exerceu um importante papel para a ambientação da atleta nos Jogos de Londres, ratificando a percepção dos jovens entrevistados de que o evento juvenil, de alguma forma, os prepara para os Jogos Olímpicos.

De todo modo, estes discursos podem representar uma influência das concepções dos agentes olímpicos, sobretudo dos Comitês Olímpicos Nacionais, como revelado por Skille e Houlihan (2014). De acordo com os autores, a Associação Olímpica Britânica compreende os Jogos da Juventude, principalmente, por seu potencial de experimentação da atmosfera e organização olímpica, sob a perspectiva de sucesso nos Jogos Olímpicos. Este entendimento foi reproduzido nas falas dos jovens atletas britânicos, os quais se referiram aos JOJ como uma experiência de aprendizado e de preparação para o evento olímpico centenário.

---

<sup>61</sup> [Record-breaking results for YOG athletes at Rio 2016 - Olympic News \(olympics.com\)](https://olympics.com/news/record-breaking-results-for-yog-athletes-at-rio-2016) Consultado em 15 de julho de 2021.

<sup>62</sup> [Jessica Fox is going the extra mile to be ready for Rio - Olympic News \(olympics.com\)](https://olympics.com/news/jessica-fox-is-going-the-extra-mile-to-be-ready-for-rio) Consultado 15 de julho de 2021.

---

Na ocasião da cerimônia de abertura dos Jogos de Cingapura 2010, o então presidente do COI, Jacques Rogge, enfatizou que o evento juvenil marca a entrada dos atletas no mundo Olímpico (SYOGOC, 2010). Contudo, alguns jovens olímpicos parecem negligenciar este fato, considerando ser Olímpico “de verdade” apenas aqueles que participam dos Jogos Olímpicos tradicionais. Esta compreensão, curiosamente (e paradoxalmente), tem respaldo no próprio *website* do Comitê Olímpico Internacional, no qual o perfil da canoísta supracitada<sup>63</sup> constam apenas a participação e as medalhas conquistadas nos Jogos de Londres 2012 e Rio 2016, excluindo o êxito nos Jogos Olímpicos da Juventude Cingapura 2010. Portanto, genericamente, as representações, tanto da instituição olímpica quanto dos jovens atletas, situam os Jogos da Juventude em um plano secundário, subordinados aos Jogos Olímpicos (Krieger e Kristiansen, 2016).

Em geral, essas três matrizes de significação identificadas nas respostas dos jovens atletas, evidenciam a complexidade que abarca o desporto contemporâneo, em que a pluralidade de sentidos e significados se estabelece até no seio de uma mesma manifestação desportiva, nesse caso, a de alto rendimento (Galatti, Paes, Collet e Seoane, 2018). Isto conflui para o entendimento de que o cerne do desporto é o homem, o qual se caracteriza por uma diversidade de motivos, interesses, necessidades e objetivos (Garcia, 2015; Queirós, 2004).

A despeito de a expressiva maioria dos atletas terem declarado que a participação em Buenos Aires 2018, de algum modo, os motivava a dar continuidade a uma carreira desportiva (olímpica), três entrevistados apontaram alguns constrangimentos para a subsistência no desporto:

Atleta 3: Se possível sim [quero seguir uma carreira desportiva], mas, sem esquecer do que eu tenho por fora. Eu estou na faculdade, estou a estudar e, assim, quero arranjar uma forma de coadjuvar as duas coisas.

Atleta 25: Teve uma época que eu quis desistir do [desporto], até por causa da escola, porque é complicado conciliar. Mas, depois

---

<sup>63</sup> [Jessica FOX | Olympics.com](https://www.olympics.com) – consultado 15 de julho de 2021.

de vir aqui, eu posso até desistir, mas vou tentar aguentar o máximo que eu conseguir.

Atleta 30: Querer é diferente de poder, no meu país principalmente, porque nós não temos apoio nenhum. Ninguém investe no desporto e é uma coisa muito amadora, exceto o futebol. E pronto. Então, acho que os outros desportos se sentem um bocadinho injustiçados, porque nós não podemos financeiramente apostar no desporto, como o futebol, por exemplo, que meu país aposta.

Como salientamos, alguns dos atletas participantes dos Jogos Olímpicos da Juventude encontram-se em um momento de definição em relação as suas perspectivas profissionais. Nesse sentido, as experiências competitivas, bem como as educacionais e culturais, vivenciadas no evento propiciam a reflexão sobre a permanência no desporto com vista a uma profissionalização.

Todavia, é preciso avaliar os aspectos externos e internos que impactam uma carreira desportiva, pelo que não é só de desejo e talento que se constitui um atleta profissional, deve haver, antes de tudo, uma interação destes elementos com uma gama de fatores imprescindíveis (sociais, psicológicos, fisiológicos, materiais, econômicos etc.).

Neste escopo, Ferreira Junior, Rabelo e Camilo (2019, p. 120) afirmam que a profissão de atleta consiste em “uma trajetória de trabalho exercida por indivíduos que se distinguem como praticantes profissionais, ou semiprofissionais, de modalidades esportivas; mas cujo compromisso laboral transcende necessidades de subsistência, saúde ou prazer pela prática em si”.

Embora a carreira de um atleta profissional seja, muitas vezes, associada a fama e a riqueza, as condições do exercício laboral abarcam características peculiares que se distinguem das estruturas convencionais de trabalho. A profissão atlética se configura por um regime laboral altamente exigente e instável, constituído pela dependência do rendimento (progressivo), por legislações trabalhistas deficitárias (por vezes, inexistentes), pela transitoriedade entre os clubes e, frequentemente, pela necessidade de patrocínios para a manutenção no desporto (Ferreira Junior, Rabelo e Camilo, 2019).

Somado a estes aspectos, tem-se as diferenças de oportunidades de profissionalização entre as diversas modalidades desportivas, cujo potencial de investimento se correlaciona com a massificação da modalidade no país e com

---

a exploração midiática, sobremaneira a televisiva. Em alguns países, como o da Atleta 30, o futebol figura como um dos desportos com mais investimentos e, conseqüentemente, com melhores possibilidades de profissionalização, enquanto grande parte das modalidades desportivas está sujeita a uma estruturação escassa. Com efeito, cada nação possui seu sistema de desenvolvimento desportivo, o qual determina as prioridades e condicionantes para a carreira atlética. No entanto, mesmo nas modalidades “privilegiadas”, a consolidação de uma carreira profissional no desporto é desafiadora, em que muitos atletas não atingem a profissionalização de fato (Epiphanyo, 2002; Miranda, 2019; Rocha, Bartholo, Melo e Soares, 2011).

Nessa esteira, a insegurança das relações laborais, bem como a dificuldade de vislumbrar uma profissionalização no desporto, faz com que muitos atletas antecipem a sua saída do(e) campo. Nestes casos, a formação acadêmica se apresenta como uma alternativa viável para que estes jovens galguem o sucesso profissional. O estudo conduzido por Miranda (2019) com ex-atletas brasileiras demonstrou que, mesmo obtendo incentivos financeiros – do Programa Bolsa Atleta –, a instabilidade com relação ao trabalho no desporto, impulsionou a priorização da formação educacional no ensino superior.

Similarmente, Kristiansen, MacIntosh, Parent e Houlihan (2017) constataram que nem mesmo a conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos da Juventude foi capaz de reter jovens atletas no desporto de alto rendimento. Embora a maioria dos atletas noruegueses que haviam participado dos JOJ (nas edições de 2010, 2012 e 2014) ainda permanecessem praticando desporto no ano de 2015, aqueles que abandonaram suas modalidades alegaram, unissonamente, a falta de tempo para dedicação aos estudos (Kristiansen, MacIntosh, Parent e Houlihan, 2017).

Por certo, a decisão de finalizar uma carreira desportiva circunscreve um processo complexo e multifatorial, em que o desequilíbrio entre a formação desportiva e educacional, assim como o apoio da família e dos treinadores, exercem um papel fundamental. De todo modo, a escolarização e a prática desportiva são atividades que requerem tempo e dedicação para se alcançar um bom desempenho, o que as torna, por vezes, inconciliáveis.

---

Nesse contexto, é comum encontrarmos atletas que tenham abdicado da sua formação educacional em favor do desporto; apesar de muitas instituições educativas flexibilizarem os estudos a fim de manterem os estudantes-atletas (Rocha, Bartholo, Melo e Soares, 2011). As exigências e demandas de treinamento, viagens e competições que circundam a vida desportiva no alto rendimento, mesmo em fase amadora ou semiprofissional, representam dificuldades para o desenvolvimento estudantil. Diante do impasse, muitos jovens acabam por relegar a escolarização e conjecturar o desporto como a melhor opção para o seu projeto de vida.

Dentro deste panorama distinguimos a Atleta 2, que nos relatou que estava fora da escola por conta da dedicação à carreira desportiva: “Eu parei de estudar quando eu tive que mudar de cidade para treinar, mas...vou voltar. Mas, esse ano não dá [sorriso envergonhado].”

Atento a este dilema que envolve os jovens atletas, o COI, através da Comissão de Atletas, tem promovido iniciativas para estimular a dupla carreira – desportiva e educacional –, desenvolvidas, inclusive, no Programa de Educação e Cultura dos Jogos Olímpicos da Juventude (Peters e Schnitzer, 2015). Dentre as iniciativas destaca-se uma plataforma online<sup>64</sup> que disponibiliza diversos cursos gratuitos sobre temas relacionados a carreira dentro e fora do desporto. Além dos cursos, nesta plataforma encontram-se documentos para orientar o gerenciamento da dupla carreira, bem como depoimentos de atletas olímpicos sobre suas experiências em coadunar o desporto com outras atividades laborais<sup>65</sup>.

Retomando a resposta da atleta supracitada, percebe-se que a decisão de sair da escola não é definitiva, demonstrando uma certa insegurança ao abdicar dos estudos. Conforme Epiphonio (2002), esse momento de escolha, em geral, coincide com a fase da vida em que os jovens estão começando a tomar decisões importantes para a sua existência, função que anteriormente era realizada por seus responsáveis. Este processo ocorre em meio a angústias,

---

<sup>64</sup> [Athlete365 Learning - Athlete365 \(olympics.com\)](https://www.olympics.com/athlete365/learning) Consultado 27 de julho de 2021.

<sup>65</sup> Entretanto, a maioria dos cursos e documentos estão disponíveis apenas no idioma inglês, o que revela a necessidade de uma articulação com os CONs para que estas ferramentas educacionais estejam acessíveis a todos os desportistas.

---

medos e conflitos, e, frequentemente, provoca dúvidas, pelo que escolhas sempre acarretam renúncias.

Por conseguinte, a preferência pela carreira desportiva impele a abdicação de muitas vivências, sobretudo na juventude, como explicou a Atleta 2:

Eu vivo praticamente disso. Então, é aquilo, o pessoal da nossa idade geralmente tem vida, assim...sai, faz faculdade...a gente não, a gente treina a semana inteira, faz academia, aí a gente viaja o ano inteiro, é muito raro estar em casa. A gente não tem tempo nenhum.

Isto posto, a rotina da vida atlética delimita as vivências dos jovens, independentemente da modalidade praticada. Folle, Collet, Salles e Nascimento (2016) verificaram as dificuldades de jogadoras de basquetebol em conciliar a atividade desportiva com outras esferas da vida social, especialmente relacionadas à escola e ao lazer. Contudo, a necessidade de comprometimento para o desenvolvimento desportivo contribuiu para que as atletas percebessem o estreitamento de experiências sociais como algo inerente aos objetivos atléticos.

Paralelamente, os jovens atletas participantes da pesquisa de Epiphanio (2002) – praticantes das modalidades voleibol, tênis, triatlo e natação –, apontaram que as renúncias mais difíceis se referiam a impossibilidade de ter uma vida social similar à de outros jovens e a necessidade de manter uma dieta adequada. A busca por entretenimento e convivências além dos espaços normativos é imperativo durante a juventude, essencialmente, para a construção de identidades, compartilhamento cultural, fortalecimento das redes de relacionamentos e para o estabelecimento de novos vínculos (Pais, 1996; Sposito, 2014). Logo, neste cenário de interesses concorrentes, é expectável que os jovens atletas lamentem a restrição dos convívios sociais.

Em todo caso, as renúncias decorrentes da dedicação exclusiva que o desporto de alto rendimento requer, por vezes, estão associadas a compreensão do que é ser atleta, como demonstrado nessa declaração:

Atleta 2: Ser atleta é você deixar todos os benefícios que você tem da sua idade para se dedicar a uma coisa só. Acho que nada define melhor, porque o principal a gente deixa: a família. A gente está fora de casa há mais de 3 meses, então, são mais de

3 meses sem ver a nossa família, entende? Então, eu acho que é isso... você é atleta, você deixa sua família, você deixa seus amigos...querendo ou não, você deixa a escola...

Esta percepção é corroborada pela Atleta 1, que complementou a resposta da colega de equipe: “você passa por dificuldades, mas você sempre está lá, você não desiste. Acho que o atleta é isso, nunca desistir”. Aliás, estas noções podem ser identificadas em diversos momentos nas respostas de todos os jovens atletas por nós entrevistados.

Com efeito, não é difícil encontrarmos discursos que vinculem o atleta a características como esforço, disciplina, dedicação, compromisso, sacrifício, abnegação, dentre outras, que denotam uma “submissão autoconquistada” (Rubio, 2001). O imaginário desportivo incorpora a figura do herói mítico ao atleta, dotando-o de habilidades supra-humanas, que demarcam sua superioridade em relação aos outros mortais. De tal maneira, o papel social do atleta evoca a expectativa de um ente heroico, cuja personalidade estaria mais relacionada a escolha pela carreira desportiva do que com o próprio caráter do sujeito.

Para além de discutirmos aqui o sentido de ser atleta, ponderamos refletir sobre as repercussões que este manancial simbólico pode ter na vida de um jovem que é ou almeja ser atleta. Longe de negligenciarmos a função arquetípica dos mitos para as sociedades, consideramos que a “mitologização” do atleta incumbe uma responsabilidade “quase culposa” ao pleitear um ser com capacidade de doar-se irrestritamente a uma atividade, que, eventualmente, se assume como condição vital de sua existência.

Inegavelmente os atributos exigidos e desenvolvidos no desporto são essenciais para uma formação integral dos indivíduos. Contudo, a naturalização da lógica do sacrifício e da renúncia tende a anular traços comuns da condição juvenil, tais como o questionamento, a transgressão, a criatividade, o engajamento social e político (Castro e Abramovay, 2009). Além disso, admite-se o jovem atleta como um indivíduo psicologicamente maduro, preparado para lidar com as necessidades de comprometimento, disciplina e superação (seja dos medos, das dores, dos limites do rendimento, das dificuldades intrínsecas à carreira desportiva).

---

Neste escopo, aspectos sociais, emocionais, acadêmicos e físicos são suprimidos em prol da permanência no meio desportivo. Recentemente, vimos nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (realizados em 2021) a ginasta norte-americana Simone Biles – cinco vezes medalhista nos Jogos Rio 2016 e favorita ao ouro em suas competições –, abandonar a disputa final por equipes e abdicar de algumas competições em que havia se qualificado para a final, alegando a necessidade de cuidar da sua saúde mental<sup>66</sup>.

Este fato chamou a atenção do mundo para a primordialidade de compreender o atleta enquanto um ser humano, cuja “cláusula pétrea” é a sua incompletude, a sua imperfeição. Nesse sentido, é preciso enxergar o atleta a partir de sua humanidade, contemplando seus desejos, angústias, necessidades, fragilidades, sensações, incertezas etc. Em outras palavras, é imperativo entender o atleta sob uma perspectiva holística, equacionando as demandas desportivas com sua condição humana.

À propósito, relembremos que a filosofia Olímpica, proposta por Coubertin, está fincada na busca pelo equilíbrio entre corpo, mente e espírito, determinando que o esforço físico não deve prescindir o exercício do pensamento, da consciência e da responsabilidade social para o desenvolvimento do homem em sua totalidade (IOC, 2017; Müller e Todt, 2015). Logo, deve-se pensar o atleta para além do seu corpo e suas habilidades motoras, englobando as diversas dimensões que compõem o ser e o viver.

Ao jovem atleta, a escolha por uma carreira no desporto não deve representar a aniquilação do dinamismo da juventude, tendo em consideração que antes de ser atleta, se é jovem, portanto, as experiências sociais, culturais, educacionais, afetivas e espirituais não podem ser sublimadas. Sobretudo, faz-se necessário proporcionar uma formação humana em valores (consciente e consistente), que norteará as condutas dos jovens atletas enquanto um ser humano, socialmente situado e capaz de refletir e contribuir com questões essenciais, seja no desporto ou fora dele.

---

<sup>66</sup> [Simone Biles incentiva os atletas a colocarem a saúde mental em primeiro lugar \(olympics.com\)](https://olympics.com) Consultado em 29 de julho de 2021.

Entendendo que o sentido do desporto abarca a humanização do homem, o aperfeiçoamento de todas as suas potencialidades deve ser assegurado, consolidando a praxiologia dos valores e respeitando a dignidade humana (Garcia, 2015; Patrício, 1993). Quiçá, sejam os Jogos Olímpicos da Juventude um ambiente fecundo para transcendência, (trans)formação e desenvolvimento dos jovens atletas, uma vez que estes atores são o cerne do evento, o qual tem como compromisso a aliança entre o desporto, a cultura e a educação, assentes na idealização coubertiniana.

## **VI. Considerações finais**

---



Diante da centralidade que o Olimpismo assume nos Jogos Olímpicos da Juventude, somada a escassez de produções científicas que tematizem os valores neste evento, urgiu o interesse em compreender representações e manifestações dos valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Para concretizar tal intento requisitamos quatro bases teóricas: um quadro axiológico referencial, a dimensão axiológica do desporto, a construção histórico-filosófica do Olimpismo e a compreensão da juventude no contexto contemporâneo. Assim, percorremos o trajeto de encontro ao nosso objetivo geral.

Inicialmente, identificamos e analisamos a representação discursiva acerca dos valores do Olimpismo difundida pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. A partir da apreciação de 14 documentos produzidos pelo BAYOGOC, verificou-se que o arcabouço axiológico disseminado no discurso oficial perpassou três eixos principais.

O primeiro referiu-se à tradição axiológica do Olimpismo. Após mais de um século tendo uma gama de valores genéricos associados ao Olimpismo, o Comitê Olímpico Internacional determinou por resumir seus pressupostos axiológicos em três valores: amizade, excelência e respeito. Com isso, o BAYOGOC se apropriou e demarcou sua apreensão sobre estes valores: a amizade foi associada ao entendimento mútuo e à paz, inspirada na trégua olímpica da Antiguidade; o valor respeito como concernente ao respeito por si, pelos outros e pelo meio ambiente, e dentro do campo desportivo relacionado ao respeito pelas regras, ao *fair play* e a luta contra o doping; já o valor excelência aludiu a *aretê* grega, representada pelo esforço para realizar o melhor de si em todas as esferas da vida.

Contudo, na descrição da visão do Comitê Organizador percebeu-se uma ressignificação do valor excelência, o qual foi definido com o sentido de “ser o melhor para”, em detrimento de “ser o melhor de”, demonstrando o anseio do BAYOGOC de impulsionar a mensagem de transformação do mundo através do desporto, o que coaduna com os princípios do Olimpismo.

Sabe-se que os momentos e elementos olímpicos, tais como cerimônias e símbolos, contribuem para materialização e celebração dos valores do

Olimpismo. Nesse sentido, o BAYOGOC explanou em seus documentos as estratégias utilizadas para transmitir os valores e o espírito Olímpico, a exemplo do *tour* da bandeira olímpica pelas escolas de Buenos Aires e do revezamento da tocha que percorreu diversas cidades argentinas.

De tal modo, podemos sugerir que o BAYOGOC assimilou os valores tradicionais do Olimpismo, articulando o sentido universal com uma perspectiva particular, assim como implementou formas de disseminação do Olimpismo na comunidade local.

O segundo eixo axiológico identificado nos documentos oficiais abrange os valores propostos para o evento Jogos Olímpicos da Juventude. A concepção dos Jogos juvenis esteve fundamentada em duas ideias centrais: a preocupação com a saúde dos jovens e a emergência de renovação e expansão do Olimpismo. Portanto, foi possível constatar no discurso do BAYOGOC a atenção em fomentar um estilo de vida saudável para a juventude. No contexto dos Jogos, além da questão institucional do Controle de Doping que, de certa forma, incide na preservação da saúde dos competidores, o BAYOGOC descreveu algumas iniciativas que seriam adotadas para cuidar do bem-estar dos jovens atletas, dentre elas a distribuição de preservativos e materiais educativos referentes a saúde sexual e a iniciativa de proteção dos atletas contra o assédio e o abuso.

No que concerne a abordagem da filosofia Olímpica, instituiu-se nos JOJ um programa destinado a essa finalidade, denominado de Programa de Educação e Cultura, contendo atividades específicas para os jovens atletas, e outras promovidas para o público em geral. Neste escopo, o BAYOGOC explicitou que o PEC em Buenos Aires 2018 seria orientado para a promoção do Olimpismo e para o apoio ao desenvolvimento desportivo e pessoal dos jovens atletas, ancorado nos valores do Olimpismo, da cultura, da diversidade, da responsabilidade social, do estilo de vida saudável e da expressividade. Para os espectadores do evento juvenil, o BAYOGOC programou diversas intervenções culturais, artísticas, educativas e recreativas relacionadas com as temáticas dos Parques, contemplando assim a arte urbana (Parque Urbano), a diversidade

(Parque Olímpico da Juventude), a inovação (Parque Tecnópolis) e a qualidade de vida (Parque Verde).

Numa perspectiva ampliada de juventude, os JOJ ambicionam difundir os valores Olímpicos a todas as comunidades jovens do mundo, para isto, o COI tem incentivado que jovens com outros interesses, além do desportivo, sejam integrados ao evento. Sendo assim, para Buenos Aires 2018, o BAYOGOC recrutou 84 jovens embaixadores para impulsionar as experiências dos jovens atletas e de 40 aspirantes a jornalistas para participarem do programa Jovens Repórteres. Além disso, o Comitê Organizador inaugurou um programa exclusivo para jornalistas argentinos, os quais colaboraram com a divulgação e comunicação do BAYOGOC.

Isto posto, o BAYOGOC empenhou-se em suscitar a reflexão, a propagação e a vivência dos valores instituídos para o evento juvenil, abrangendo a diversidade da juventude.

O terceiro domínio axiológico presente no discurso do BAYOGOC abarcou os valores da cultura argentina, em particular da cidade de Buenos Aires, e os valores definidos para terceira edição de verão dos Jogos Olímpicos da Juventude. Inegavelmente, a realização dos Jogos Olímpicos encontra-se atrelada a exibição e celebração de identidades nacionais, sobretudo para o país e a cidade-anfitriã. Deste modo, nos documentos analisados constam as características e valores partilhados pela população argentina, especialmente pelos *porteños*, reconhecidos acentuadamente pela espontaneidade, pela afetividade, pelo multiculturalismo, pela amizade, pela expressividade e pela criatividade. Com efeito, o BAYOGOC alegou que estes atributos inspiraram a construção dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018.

Nesse sentido, o Comitê declarou que seu trabalho pautou-se nos seguintes valores: felicidade, inovação e sustentabilidade. Ao definir o valor felicidade, o BAYOGOC objetivou espalhar a alegria, o prazer e o entusiasmo a todos que, de alguma maneira, participassem do evento juvenil. O valor inovação foi desenvolvido a partir de dois aspectos, um referente a utilização de novas tecnologias, principalmente no campo da comunicação, a exemplo do *YOGGER* e do aplicativo criado para *smartphones*, e o outro relacionado as novidades na

estruturação do evento, retratadas na cerimônia de abertura, na introdução de novas modalidades e na gratuidade do evento. Por sua vez, a sustentabilidade integrou suas três dimensões: na esfera econômica destaca-se a elaboração de políticas de compras para contribuir com o desenvolvimento do mercado local e o uso de espaços públicos existentes e frequentados pela população; na dimensão ambiental, o BAYOGOC propôs combater o desperdício, instalando recipientes para a separação do lixo, e diminuir os impactos sobre a natureza, substituindo a utilização de papéis por tecnologias da informação e comunicação; no âmbito social, a paridade de homens e mulheres competindo nos Jogos marcou a edição de Buenos Aires 2018 como o primeiro evento Olímpico a atingir esta meta.

Assim, notou-se no discurso do BAYOGOC o usufruto de elementos identitários dos argentinos e dos *porteños* para a construção dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, aliando o compromisso de executar o evento, cujos padrões e valores são pré-estabelecidos, com o imperativo de celebrar e disseminar sua cultura.

De modo geral, podemos inferir que os domínios axiológicos representados nos documentos oficiais do BAYOGOC contemplaram cinco ordens de valores do nosso quadro referencial: a dos valores vitais, demonstrados pelo intuito de promover e preservar a saúde dos jovens; a dos valores práticos, sobretudo a partir da excelência e das competências técnicas; a dos valores hedonísticos, abarcando a amizade, a felicidade e a diversão; a dos valores éticos, expressos pelo respeito, *fair play* e responsabilidade social; e a dos valores lógicos, reportados sobremaneira nas atividades do PEC que propiciavam aos jovens atletas a aquisição de conhecimentos diversos. Isto posto, não foram identificadas no discurso do BAYOGOC a classe de valores estéticos e a classe de valores religiosos.

Seguindo a esteira do nosso objetivo geral, o segundo momento da análise foi orientado pelo intento de compreender as concepções dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo, bem como de analisar suas representações sobre os Jogos Olímpicos da Juventude. Agregado a isto, buscamos compreender de que modo e em que/quais circunstâncias os valores

do Olimpismo foram manifestados nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Para tanto, concatenamos os dados oriundos das entrevistas, da observação, do diário de campo e dos dois relatórios produzidos pelo BAYOGOC após a realização dos Jogos.

Tendo em conta que o Olimpismo vincula-se estreitamente com a prática desportiva, a assimilação de seus valores perpassa as relações que o indivíduo estabelece no e com o desporto. Nesse enquadramento, nossas questões iniciais visaram conhecer as razões que levaram os jovens ao desporto, o significado da prática desportiva para estes atletas e quais aprendizagens o fenômeno desportivo proporciona na concepção destes desportistas.

A família e a escola foram apontadas pela maioria dos atletas como as principais influências para o ingresso no desporto. De fato, estas são instituições primárias de socialização dos seres humanos e, portanto, são determinantes no seu processo formativo, incluindo as suas escolhas. Os demais jovens entrevistados indicaram diversas razões com nuances hedonísticas, tais como estar com os amigos, diversão e gosto pela prática desportiva. Essas motivações condizem com as demandas de convivência de crianças e jovens, associadas ao desejo de participarem de atividades prazerosas. No entanto, a resposta de uma atleta destoou das demais, a qual evidenciou que a razão para a sua inserção na modalidade decorreu da assistência aos Jogos Olímpicos de Londres 2012, demonstrando com isso que os eventos Olímpicos têm potencial para atrair os jovens para o desporto.

Com relação ao significado do desporto, duas respostas tangenciaram alguns atributos requeridos na prática de alto rendimento, como dedicação e esforço, outros 9 atletas se aproximaram de uma perspectiva hedonista autocentrada, associando o desporto à alegria, diversão, fuga do cotidiano, bem-estar e paixão. Contudo, a maioria dos atletas inquiridos relatou um sentido ontológico atribuído ao desporto, identificando-o como uma condição da sua própria existência. Ponderamos que a prática desportiva assume um lugar importante no cotidiano destes jovens atletas, delimitando desde as suas rotinas até as suas relações sociais, logo, o desporto torna-se uma prioridade na fase da vida em que se encontram. Além disso, enquanto uma atividade cultural, o

desporto, em especial de alto rendimento, partilha um conjunto de hábitos, concepções, princípios e valores, que contribui para o desenvolvimento de cosmovisões e identidades de seus praticantes.

No tocante aos valores, os jovens atletas mencionaram uma gama diversificada de aprendizagens proporcionadas pelo desporto, em que se destacam a dedicação, o sacrifício, o esforço, a disciplina, a excelência, o respeito, a amizade, a paciência e a perseverança, dentre as mais citadas. Verificou-se ainda, nas falas dos participantes, que estes ensinamentos adquiridos no ambiente desportivo são transpostos para outras esferas da vida, ratificando a compreensão de que o desporto fomenta uma formação integral dos indivíduos.

De tal modo, considerando a prática desportiva um meio para a educação em valores, averiguamos nas respostas dos jovens atletas as ordens de valores experienciadas, notadamente as dos valores vitais, práticos, hedonísticos, lógicos e éticos. Novamente, não foram detectadas as ordens dos valores estéticos e religiosos.

Após o conhecimento destes aspectos que circundam o envolvimento dos jovens atletas com o desporto, nos dedicamos a compreensão das concepções sobre os valores do Olimpismo, assim como seus contextos de aprendizagem e de vivência. Dos 31 atletas entrevistados, quatro deles não indicaram quais seriam os valores do Olimpismo em suas concepções. Uma das razões possíveis para isto pode estar associada a dificuldade em apreender conceitualmente os valores, visto que em algumas entrevistas tivemos que substituir a expressão “valores do Olimpismo” por termos análogos. Em todo caso, grande parte dos jovens atletas citou um ou mais valores relativos ao Olimpismo, nomeadamente amizade, respeito, *fair play*, alegria, diversão, igualdade, amor ao desporto, honestidade, integridade, dedicação, excelência, justiça, disciplina, espírito desportivo, humanidade, cultura, cooperação, compromisso e perseverança. Evidenciando as ordens de valores práticos, hedonísticos e éticos, com um ligeiro predomínio destes últimos.

Pôde-se observar que muitos destes valores também foram mencionados nas respostas sobre os aprendizados proporcionados pelo desporto. Inferimos

que este fato, possivelmente, deriva da atuação fulcral que o Movimento Olímpico teve em propalar a dimensão axiológica do desporto, de modo que impactou as apropriações pedagógicas acerca deste fenômeno. Nesse sentido, a aprendizagem e desenvolvimento de valores caracterizam a prática desportiva, e esta conjuntura representa a essência do Olimpismo.

Pese embora não haja uma definição consensual sistematizada sobre o Olimpismo, considera-se que os valores a ele associados são, acima de tudo, valores humanos, contextualizados no âmbito desportivo. Assim, todos os valores declarados pelos jovens atletas encontram-se apregoados nas elaborações sobre o Olimpismo, seja no campo acadêmico ou institucional. À vista disso, os desportistas demonstraram que o Olimpismo foi compreendido e assimilado, asseverando a universalidade e abrangência da filosofia Olímpica.

Adicionalmente, alguns jovens manifestaram em suas falas que os valores do Olimpismo, de alguma forma, os uniam e deveriam ser praticados pelos atletas a todo tempo, tanto no desporto quanto fora dele. Efetivamente, o imaginário Olímpico, inspirado nos ideais gregos, atribui ao atleta a responsabilidade de encarnar as virtudes físicas, mentais e morais, concebendo-os como modelos de comportamento para a sociedade.

Neste escopo, questionamos aos atletas como eles vivenciavam os valores do Olimpismo. De maneira genérica, eles expressaram que desempenhavam os valores do Olimpismo em todos os contextos de suas vidas, exemplificando a partir das relações com familiares, amigos, professores e treinadores. Assumiu-se, então, a compreensão do Olimpismo enquanto uma filosofia de vida, fundamentada nos mais altivos valores humanos, os quais orientam as atitudes e comportamentos dos indivíduos em toda sua existência.

No entanto, para a adoção e vivência integral dos valores faz-se necessário um processo de ensino e aprendizagem, que assegure a identificação do valor e, por conseguinte, sua fruição, incorporação e difusão. Posto isto, a grande maioria dos atletas afirmou que o conhecimento dos valores do Olimpismo foi adquirido no próprio contexto desportivo, figurando entre os agentes axiológicos os ídolos, os amigos atletas, os pais ex-atletas, os treinadores, os gestores e, até mesmo, a delegação e o Comitê Olímpico

Nacional. Percebeu-se nas respostas dos jovens que a assimilação dos valores ocorreu por meio de observações, inspiração, proposições, diálogos, leituras e experiencição cotidiana.

A despeito dos Jogos Olímpicos da Juventude não terem sido mencionados nas falas dos jovens atletas, consideramos que as significações associadas aos valores do Olimpismo estão circunscritas ao contexto do evento, o qual é constituído por dois pilares: o Programa Desportivo e o Programa de Educação e Cultura, sendo este último voltado para a abordagem do Olimpismo. Desta forma, buscamos conhecer como os jovens atletas se envolveram nas atividades PEC e quais aprendizados foram oportunizados.

Dentre o grupo de entrevistados, seis atletas não haviam participado do PEC, alegando concentração nas competições; mas, afirmaram que iriam participar assim que suas disputas atléticas fossem finalizadas. Por sua vez, os jovens que participaram do programa experimentaram uma diversidade de atividades, que envolveram desde práticas recreativas e artísticas até a realização de teste físicos para melhoria da performance e conversas com atletas consagrados em suas modalidades.

Contudo, mesmo entre os atletas que vivenciaram o PEC, identificou-se que a participação foi contingenciada em virtude da preocupação com as competições desportivas, o que revelou a centralidade do Programa Desportivo para os jovens Olímpicos. De todo modo, o envolvimento nas atividades do programa possibilitou o aprendizado de conhecimentos e valores fundamentais para o desenvolvimento desportivo e social dos participantes, manifestado pelos ensinamentos sobre amizade, respeito, *fair play*, diversidade cultural, doping e sobre o combate ao assédio e abuso no desporto.

Embora alguns poucos entrevistados tenham compreendido o PEC apenas como entretenimento, preterindo seu viés educativo, os esforços do BAYOGOC e do COI em fomentar a educação em/para/sobre os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude foram reconhecidos por grande parte dos jovens atletas. Com isso, podemos depreender que Buenos Aires 2018 se configurou como um contexto de aprendizagem e vivência dos valores do Olimpismo.

Como apresentado neste trabalho, os Jogos Olímpicos da Juventude foram planejados para avultar os ideais Olímpicos, particularmente entre os jovens. Diante disso, analisamos as significações dos atletas juvenis sobre os JOJ, apoiadas na participação em Buenos Aires 2018.

Durante as entrevistas, alguns atletas descreveram os aspectos que distinguiam o evento olímpico juvenil de outros campeonatos desportivos, destacando o ambiente da Vila Olímpica da Juventude, a dimensão estrutural das arenas de competição, a cerimônia de abertura e, sobremaneira, as inter-relações com os diversos atores sociais participantes do evento. Notou-se, a partir destas acepções, que uma atmosfera olímpica paira sobre os Jogos Olímpicos da Juventude, onde o multiculturalismo, o internacionalismo e o caráter multiesportivo conformam um Olimpismo cosmopolita abstrato que é partilhado por todos.

Nesse enquadramento, quando indagados sobre que valores os Jogos Olímpicos da Juventude transmitiam aos jovens atletas, uma parcela dos entrevistados expressou alguns valores do Olimpismo, tais como respeito, amizade, *fair play*, disciplina, excelência, persistência, intercâmbio cultural e espírito desportivo, com ênfase nos dois primeiros. Cabe pontuar que, assim como ocorreu no discurso do BAYOGOC, o valor excelência assumiu um sentido peculiar para os jovens atletas. Para além da realização do seu melhor desempenho, a excelência foi relacionada ao fato de estarem competindo com os melhores desportistas do mundo, aliando-se assim ao *fair play*, ao respeito e a amizade.

Tornou-se também perceptível nos discursos dos entrevistados que, mais do que transmitir valores, os Jogos Olímpicos da Juventude se configuraram como um palco para a vivência do Olimpismo. Segundo os atletas, os valores foram praticados nos diversos contextos do evento: na Vila Olímpica, nos espaços de competição, nos Parques, dentre outros. Estas respostas sugerem que o projeto axiológico do COI para com os JOJ tem, de alguma forma, atingido seus objetivos.

Paralelamente, as respostas do outro grupo de inquiridos revelaram que os JOJ remeteram majoritariamente ao desenvolvimento desportivo, ampliando

as experiências dos jovens atletas em competições de elite e incentivando a progressão na carreira desportiva. Embora estas anunciações pareçam desarticuladas da proposta axiológica, é válido recordar que os JOJ têm um duplo alicerce, e o desporto é a condição indispensável para participação no evento, sendo, portanto, o elemento catalisador para promoção dos valores do Olimpismo. Assim, os Jogos aglutinam as nuances desportiva, educacional e cultural, que são apropriadas conforme as subjetividades dos participantes.

Ao serem questionados sobre o significado da participação nos JOJ BA 2018, os jovens atletas apresentaram três matrizes de significação: uma concernente a realização pessoal e atlética, como reflexo do sacrifício e do esforço para estarem nos Jogos; outra correlata a oportunidade de representar o país num importante evento internacional, conectada com a ideia de ser o melhor competidor do seu país na sua modalidade; e uma terceira significação relacionada a experiência no contexto olímpico com a perspectiva de participar dos Jogos Olímpicos centenários. Em síntese, esse conjunto de significados representa a complexidade e a pluralidade que circundam o desporto no contexto contemporâneo, comprovando a sua polissemia mesmo no âmbito de uma determinada manifestação, neste caso, a de alto rendimento.

Em contas finais, os jovens atletas sinalizaram que a participação em Buenos Aires 2018, de alguma maneira, os estimulou a permanecerem na carreira desportiva (olímpica). Todavia, três entrevistados expuseram alguns conflitos que permeiam essa trajetória, especialmente no que tange a dificuldade de se profissionalizar em modalidades com menos investimentos e a dedicação que o desporto de alto rendimento exige, restringindo outras vivências sociais. De fato, estes são aspectos problemáticos que envolvem a prática desportiva na juventude, em que os projetos pessoais e profissionais estão sendo concebidos e o desporto se apresenta como um universo diferente das alternativas convencionais.

Nesse panorama, as exigências de uma carreira no desporto de alto rendimento compelem os jovens atletas a abdicarem de práticas sociais comuns à sua fase de vida, renunciando momentos de convivência com amigos e familiares e, muitas vezes, a própria formação estudantil, como constatado por

uma das atletas participantes da nossa pesquisa. Notou-se que estas renúncias são neutralizadas e naturalizadas no seio desportivo, sendo, até mesmo, compreendidas como características que definem o ser atleta. Todavia, é preciso ponderar que, sustentada no Olimpismo, a formação de um atleta (olímpico) deve abranger a sua complexidade humana, de modo que o desenvolvimento harmonioso das capacidades atléticas, morais e intelectuais torna-se um imperativo.

A partir dos resultados deste trabalho, é possível notar que os Jogos Olímpicos da Juventude têm fomentado essa concepção holística de atleta através das iniciativas que promovem o desporto, a educação e a cultura, em comunhão com os ideais da filosofia Olímpica propostos por Pierre de Coubertin. Nesse compromisso, a juventude corresponde ao potencial de transformação social, vislumbrando a construção de um mundo melhor e mais pacífico, como almejado pelo Movimento Olímpico.

Em suma, intentamos contemplar uma perspectiva global do nosso objeto de estudo, circunscrita pela natureza do conhecimento e da realidade, e pela metodologia definida. Assim, investigamos também as formas e as circunstâncias em que os valores do Olimpismo foram manifestados durante os Jogos de Buenos Aires 2018.

De início, a cerimônia de abertura se destacou como um marco na história das cerimônias olímpicas, realizada no centro da cidade de Buenos Aires e aberta ao público, o evento atingiu o recorde de espectadores presentes numa abertura olímpica. Reconhecidamente, a abertura dos Jogos Olímpicos é um momento em que os valores do Olimpismo são celebrados e manifestados através de seus símbolos constitutivos. Sendo assim, atendendo a todos os aspectos protocolares, a dimensão festiva e espetacular da cerimônia captou a sensibilidade do público para prestigiar o Olimpismo, o desporto e a juventude. Ademais, durante a cerimônia de abertura, a articulação entre o universal e o local mobilizou as identidades dos indivíduos, quiçá, criando novas, a partir da vivência e do compartilhamento daquele espaço-tempo ritual.

Durante os 12 dias dos Jogos, pudemos observar *in loco* as manifestações dos valores do Olimpismo nos quatro Parques destinados as

atividades desportivas e educacionais e culturais. Vale salientar que a gratuidade do acesso aos Jogos propiciou que um elevado número de pessoas desfrutasse de uma experiência olímpica, assistindo a competições desportivas de alto nível e acessando o aparato axiológico que afigura os eventos olímpicos. Agregado a isto, o programa *La escuela va a los Juegos*, em parceria com as escolas da região de Buenos Aires, levou milhares de estudantes aos Parques, com o intuito de motivá-los para a prática desportiva, bem como apresentá-los aos valores do Olimpismo.

Nos locais dos Jogos, a manifestação dos valores foi diversificada, abrangendo desde as temáticas dos Parques até a organização dos seus espaços. Em cada Parque foi disponibilizado um conjunto de atividades artísticas, desportivas, recreativas e educacionais, integradas ao Programa de Educação e Cultura destinado ao público (*Learn and Share for all*). Dentre elas sublinhamos os *shows* musicais, os espetáculos de dança, as oficinas de arte, a iniciação desportiva, os desafios de habilidades e os jogos educativos sobre as temáticas dos Parques, sobre os valores Olímpicos e sobre as culturas dos países participantes dos JOJ BA 2018.

Algumas destas atividades foram realizadas em parceria com instituições nacionais e internacionais, tais como a Instituição Nacional contra Discriminação, Xenofobia e Racismo (INADI), o *International Fair Play Committee* e a Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), as quais viabilizaram o conhecimento dos valores do Olimpismo a partir de diferentes práticas. Contudo, não se notou uma explanação verbal sobre a dimensão axiológica abordada nas atividades.

De todo modo, verificamos que os espectadores usufruíram da gama de atividades ofertada e, além disso, puderam estabelecer relações espontâneas e amigáveis com os jovens atletas, que também aproveitavam os espaços dos Jogos. Assim, as disposições estruturais do evento estimularam a comunicação entre o público e os atletas, favorecendo o intercâmbio cultural.

No âmbito das competições, tornou-se evidente o *fair play* e o respeito entre os atletas adversários e entre os atletas e os árbitros. Os atletas se saudavam antes e após as partidas, em alguns casos até durante as disputas,

como assistido na ginástica masculina. A única exceção foi identificada em alguns jogos do futsal masculino, onde a rivalidade, em quadra e nas arquibancadas, desviou o clima amistoso e respeitoso que ambientava o evento.

Ao agrupar atletas de diferentes nacionalidades em equipes, as competições mistas, peculiares dos Jogos Olímpicos da Juventude, enfatizaram os valores da amizade, da fraternidade e da união, os quais foram reconhecidos pelos próprios jovens atletas durante as entrevistas.

Notadamente, a busca pela superação e o esforço para realizar o melhor desempenho possível representaram o valor excelência, apreciado em todos os locais de competição, nos campos, nas quadras, nas pistas e nas águas.

Nos últimos dias do evento, percebemos que os jovens atletas romperam as barreiras nacionalistas e passaram a fruir dos momentos finais em grupos diversificados, contrariando as imagens dos primeiros dias em que os atletas andavam sempre com seus colegas de delegação. Com isso, os jovens olímpicos demonstraram a possibilidade de se construir uma unidade dentro da diversidade.

Em geral, os documentos, as entrevistas e as observações revelaram que as representações e manifestações dos valores do Olimpismo no âmbito dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 foram plurais, alocadas em um *continuum* de sentidos e significados interdependentes com polaridades pessoais e institucionais, no qual se deslocavam os diversos atores envolvidos. Com efeito, os jovens atletas demonstraram compreensão acerca dos valores que compõem o Olimpismo e, para além disso, relataram que estes valores fundamentam suas atitudes e comportamentos dentro e fora do campo desportivo, adotados, portanto, como uma filosofia de vida.

Por sua vez, os JOJ BA 2018, a partir dos esforços do BAYOGOC, potencializaram os aprendizados, as vivências e manifestações dos valores humanos assentes na ideologia Olímpica, contribuindo assim para a formação dos jovens atletas enquanto sujeitos comprometidos com a humanidade. Acima de tudo, demonstrou-se que a prática desportiva, ancorada em valores, pode se configurar como uma bússola axiológica para a vida, orientando uma hierarquização de valores, tão necessária diante do atual relativismo axiológico.

Isto posto, a nossa reflexão sobre os valores do Olimpismo propiciou o conhecimento de algumas nuances que circundam as relações entre valores, desporto e jovens, particularmente no seio dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. No entanto, a capilaridade da filosofia Olímpica demanda constantemente um denso escrutínio sobre as apropriações e representações dos seus valores no contexto axiológico contemporâneo.

Nesse sentido, a nossa circunscrição contextual e metodológica pode se caracterizar como possíveis limitações deste trabalho. Ao mesmo tempo, os nossos achados podem se constituir como ponto de partida para futuras análises sobre o Olimpismo no recente evento olímpico juvenil e seus possíveis desdobramentos, emergindo investigações sobre: as percepções e assimilações do público participante; a abordagem dos valores do Olimpismo nas atividades destinadas às crianças; a melhoria do Programa de Educação e Cultura tanto para os jovens atletas quanto para o público; e, principalmente, sobre os efeitos da vivência dos Jogos Olímpicos da Juventude para a carreira desportiva e vida pessoal dos jovens atletas.

Assim, poderão ser ampliadas as bases para a produção científica, bem como para as implicações práticas, relacionadas ao Olimpismo e ao desporto, em especial praticado pelos mais jovens, e, com isso, tornar mais tangível o desenvolvimento e aperfeiçoamento da humanidade do homem.

## **Referências bibliográficas**

---



- Alabarces, P. (2009). El deporte en América Latina. *Razón y palabra*, 14(69), 1-19.
- Alves, L. P.; & Montagner, P. C. (2008). A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. *Conexões*, 6, 510-521.
- Araujo, C. R. (2016). *Os Jogos Olímpicos da Era Moderna sob o olhar do desenvolvimento sustentável: Análise centrada nas dimensões social, ambiental e económica*. Porto: C. R. Araujo. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bagni, G., Morão, K. G., Verzani, R. H., & Machado, A. A. (2018). Jovens atletas e as mídias sociais: Percepções e alterações no contexto esportivo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(40), 531-537.
- Baía, D. de A. (2017). *Euro 2016: Análise ao discurso de Fernando Santos reproduzido pela comunicação social à luz de um quadro axiológico*. Porto: D. A. Baía. Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.
- Bale, J., & Christensen, M. K. (2004). *Post-Olympism? Questioning Sport in the Twenty-first Century*. Oxford: Berg.
- Barata-Moura, J. (1997). Consciência da crise, crise de consciência. Uma consciência para a crise. In M. F. Patrício (Org.). *A Escola Cultural e os Valores* (pp. 97-140). Porto: Porto Editora.
- Barcelos, R. H. (2010). *Nova mídia, socialização e adolescência: Um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens*. Porto Alegre: R. H. Barcelos. Dissertação de Mestrado em Administração apresentada à Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barthes, R. (2009). O que é o esporte. *Revista Serrote*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3, 96-105.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Bento XVI (2010). *Luz do Mundo*. Cascais: Lucerna, Princípia Editora.

- Bracht, V. (2005). *Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução*. (3ª ed.). Ijuí: Editora Unijuí.
- Brás, J. V. (2013). Um novo firmamento ético para o homem: o olimpismo como insaciável realização humana. In P. M. Pinto (coord.). *Olímpico: Os Jogos num percurso de valores e de significados* (pp. 76-87). Porto: Edições Afrontamento.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2015). *Buenos Aires 2018 Games Foundation Plan*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2016a). *Guía Educativa Los Juegos Olímpicos en la escuela*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2016b). *Guía Educativa Recorrido de la bandera olímpica*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2016c). *Guía Educativa El respeto siempre gana*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018a). *Guía Educativa Juegos Olímpicos de la Juventud*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018b). *Guía Educativa Tour de la Antorcha*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018c). *Guía Género e Deportes*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018d). *Guía Ciudadanía y participación*. Buenos Aires: Autor.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018e). *Explanatory guide 3x3 Basketball*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018f). *Focus Day Booklet*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018g). *Standard Marks Usage Guidelines*. Buenos Aires: Author.

- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018h). *Chefs de Mission Manual*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018i). *Sustainable Events Management Protocol*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018j). *Doping Control Guide*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2018k). *Management Report: sport, social and urban legacy*. Buenos Aires: Author.
- Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee – BAYOGOC (2019). *Official Report of the Third Summer Youth Olympic Games*. Buenos Aires: Author.
- Camargo, W. X., & Kessler, C. S. (2017). Além do masculino/feminino: Gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 191-225.
- Campos, R. (2010). Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (63), 113-137.
- Cardoso, G. (2013). O Olimpismo: As bases de um pensamento universal. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, 2 (1), p. 137-151.
- Carrano, P. C. R. (2000). Juventude: as identidades são múltiplas. *Juventude, Educação e Sociedade*, 1, 52-72.
- Castells, M. (2012). *Redes de indignación y esperanza*. Madrid: Alianza Editorial.
- Castro, M. G. & Abramovay, M. (2009). *Quebrando mitos: Juventude, participação e políticas*. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA.
- Castro, S. S. S. (2006). *Valores do Desporto para Pessoas com Deficiência: Análise a partir dos discursos dos atletas e seus treinadores*. Porto: S. Castro. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.

- Chatziefstathiou, D. (2005). *The changing nature of the ideology of Olympism in the modern Olympic era*. Loughborough: D. Chatziefstathiou. Dissertação de Doutorado apresentada à Loughborough University, UK.
- Coreias do Sul e do Norte terão times unificados em três esportes nos Jogos Olímpicos de Tóquio. (2018). Consult. 24 jun 2019, disponível em [Coreias do Sul e do Norte terão times unificados em três esportes nos Jogos Olímpicos de Tóquio | olimpíadas | ge \(globo.com\)](#)
- Costa, F., & Santos, A. (2018). Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. *HOLOS*, 5, 140-150.
- Couto, A. C. P. (2006). *A Educação Física à luz do movimento da Escola Cultural: Investigação centrada no Projeto Guanabara na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil*. Porto: A. Couto. Dissertação de Doutorado em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.
- Crise. (2001). In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (p. 358). Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2 vols., 3809p.
- DaCosta, L. (2006). A Never-Ending Story: The Philosophical Controversy Over Olympism. *Journal of the Philosophy of Sport*, 33(2), 157-173.
- DaMatta, R. (2006). *A bola corre mais que os homens: Duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Daolio, J. (2004). *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados.
- Dayrell, J. (2007). A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, 28(100), 1105-1128.
- Denzin N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 10-28). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dervent, F.; & Çotuk, M. Y. (2013). Perception of Olympic Values by Turkish Athletes who participated in the First Youth Olympic Games. *International Journal of Education and Research*, 1(4), 1-8.

- Devide, F. P. (2002). História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. In: L. P. DaCosta, & M. Turini. *Coletânea de textos em Estudos Olímpicos* (pp. 705-735). Rio de Janeiro: Gama Filho.
- Doll-Tepper, G. (2014). The culture and education programme. In: D. V. Hanstad, M. Parent, & B. Houlihan (Eds.). *The Youth Olympic Games* (pp. 122-137). New York: Routledge.
- Epiphany, E. H. (2002). Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. *Revista Estudos de Psicologia*, 19, 15-22.
- Ferreira Junior, N., Rabelo, I. S., & Camilo, J. A. de O. (2019). Carreira, transição e outros dilemas da “profissão” atleta. In K. Rubio (Org.). *Do pós ao neo Olimpismo: Esporte e Movimento Olímpico no século XXI* (pp. 119-143). São Paulo: Laços.
- Ferry, L. (2010). *Aprender a viver: Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Firmino da Costa, A. (1986). A pesquisa de terreno em Sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.) *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Folle, A., Collet, C., Salles, W. N., & Nascimento, J. V. do. (2016). Transições no processo de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(2), 477-490.
- Fontana, A., & Frey, J. H. (2000). The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 645-672). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Francisco, G. S. (2012). Mulheres atletas no mundo antigo e o discurso sobre a participação feminina nos jogos olímpicos modernos. *Métis: História & cultura*, 9(18), 49-69.
- Francisco, J. C.; & Groppo, L. A. (2016). Adolescência(s) e juventude(s): Considerações a partir de uma coexistência legal. *Crítica Educativa*, 2(2), 275-294.

- Frascareli, L. S. (2008). *Interfaces entre psicologia e esporte: sobre o sentido de ser atleta*. São Paulo: L. Frascareli. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Futada, F. M. (2007). Educação Olímpica: Conceito e modelos. In K. Rubio. (Org.). *Educação Olímpica e responsabilidade social* (pp. 149-168). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Galatti, L. R., Paes, R. R., Collet, C., & Seoane, A. M. (2018). Esporte contemporâneo: Perspectivas para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência*, 22 (3), 115-127.
- Galutti, T. L. (2010). *Politicidades como devir juvenil: Um debate sobre comunicação, consumo e juventudes na pós-modernidade*. São Paulo: T. Galutti. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo apresentada à Escola Superior de Propaganda e Marketing.
- García, B. (2000). Comparative analysis of the Olympic cultural program design and management of Barcelona'92 and Sydney 2000. In *Proceedings of the 5th International Symposium for Olympic Research* (pp. 153-158). Centre for Olympic Studies. London, Ontario.
- Garcia, R. P. (2006). Olimpismo: Um apelo à transcendência humana. In E. S. Garcia & K. Lemos (Orgs). *Temas atuais XI* (pp. 141-165). Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Garcia, R. P. (2007). *Antropologia do esporte*. Rio de Janeiro: Shape.
- Garcia, R. P. (2011). Desporto com jovens: Breves considerações – uma abordagem referenciada à ética. *Treino Científico*, (4), 27-28.
- Garcia, R. P. (2015). *No labirinto do desporto: Horizontes culturais contemporâneos*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Garcia, R. P. (2017). Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 17(2), 92-107.
- Garcia, R. P. & Cunha, A. C. (2016). *Jogos Olímpicos sob o signo da utopia*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Garcia, R. P., & Lemos, K. (2011). *Temas (quase éticos) de desporto*. Casa da Educação Física.

- Garcia, R. P., & Medeiros, A. G. A. (2019). Corpo: Suporte, escultura e escultor. *Revista @mbienteeducação*, 12(1), 137-145.
- Garcia, R. P. & Monteiro, A. O. (2018a). A permanência do Agôn no desporto contemporâneo. Uma visão a partir do pensamento mitológico (Parte I). *Treino Científico*. 36, 3-5.
- Garcia, R. P. & Monteiro, A. O. (2018b). A permanência do Agôn no desporto contemporâneo. Uma visão a partir do pensamento mitológico (Parte II). *Treino Científico*. 37, 3-7.
- Gaya, A.; & Torres, L. (2004). O esporte na infância e na adolescência: alguns pontos polêmicos. In A. Gaya; A. Marques; G. Tani. (Orgs). *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades* (pp. 57-74). Porto Alegre: UFRGS.
- Gaya, A.; Marques, A.; & Tani, G. (Orgs) (2004). *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Gervilla, E. C. (1993). *Posmodernidad y educación: Valores y cultura de los jóvenes*. Madrid: Dykinson.
- Giddens, A. (1998). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta.
- Giglio, S. S. (2013). *COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos*. São Paulo: S. S. Giglio. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- Giglio, S., & Rubio, K. (2017). A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(1), 291-305.
- Graeff, B., Bretherton, P., & Piggan, J. (2016). Atividade física e jogos olímpicos: reflexões a partir de Londres 2012 e Rio 2016. *Ciência e Cultura*, 68(2), 37-43.
- Grohmann, K. (2017). COI se diz decepcionado com rejeição de Innsbruck a Jogos de Inverno, mas ainda espera boas propostas. *Reuters*. 17 out. 2017. Consult. 17 ago 2019, disponível em [COI se diz decepcionado com rejeição de Innsbruck a Jogos de Inverno, mas ainda espera boas propostas | Reuters](#)
- Grosso, L. A. (2004). Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, 13(25), 9-22.

- Grosso, L. A. (2010). Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. *Última Década*, 18(33), 11-26.
- Grosso, L. A. (2015a). Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Em Tese*, 12(1), 4-33.
- Grosso, L. A. (2015b). Teorias pós-críticas da juventude: Juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), 567-579.
- Guerra, F. (2018). *2018: o ano em que os eSports e os Jogos Olímpicos se aproximaram*. Consult. 13 jul 2019, disponível em [2018: o ano em que os eSports e os Jogos Olímpicos se aproximaram | e-sportv | Sportv \(globo.com\)](#)
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (1995). *Ethnography: Principles in practice*. London: Tavistock.
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. (Janaína Marcoantonio. Trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Hessen, J. (1980). *Filosofia dos Valores* (5ª ed.). Coimbra: Editor Sucessor.
- International Olympic Committee (IOC) (2009). *Factsheet XIII Olympic Congress – Theme 4: Olympism and Youth*. Lausanne: Author. Consult. 13 Nov 2020, disponível em: [Microsoft Word - FACTSHEET-Olympism and Youth-eng.docx \(olympic.org\)](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2011). *2018 YOG Candidature Procedure and Questionnaire*. Lausanne: Author. Consult. 8 Nov 2020, disponível em: [2018 YOG Candidature Procedure and Questionnaire \(olympic.org\)](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2014a). *Olympic Agenda 2020. Presentation at the 127th IOC Session*. Monaco: Author. Consult. 8 Out 2019, disponível em: [Olympic Agenda 2020-20-20 Recommendations-ENG.pdf](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2014b). *Factsheet: The environment and sustainable development update*. Lausanne: Author. Consult. 12 Ago 2019, disponível em [Factsheet-The-Environment-and-Sustainable-Development-January-2014.pdf \(olympic.org\)](#)

- International Olympic Committee (IOC) (2015). *Factsheet 1 of 4: The Youth Olympic Games Vision and Principles*. Lausanne: Author. Consult. 11 Ago 2019, disponível em: [Youth Olympic Games - Vision, birth and principles](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2017). *Olympic Charter*. Lausanne: Author. Consult. 10 Jun 2018, disponível em: [EN-Olympic-Charter.pdf](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2018a). *Factsheet: Olympic Values Education Programme (OVEP)*. Lausanne: Author. Consult. 10 Out 2019, disponível em [Olympic Values, Education programme](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2018b). *Gender Equality Review Project*. Lausanne: Author. Consult. 27 Fev 2020, disponível em [IOC-Gender-Equality-Report-March-2018.pdf \(olympic.org\)](#)
- International Olympic Committee (IOC) (2020). *Factsheet: Women in the Olympic Movement*. Lausanne: Author. Consult. 27 Nov 2020, disponível em <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement.pdf>.
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2001). *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Jensen, L. (2017). *E-Sports: Profissionalização e espetacularização em competições eletrônicas*. Curitiba: L. Jensen. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.
- Judge, L. W., Petersen, J., & Lydum, M. (2009). The best kept secret in sports. The 2010 Youth Olympic Games. *International Review for the Sociology of Sport*, 44(2), 173–191.
- Krieger, J. (2012). Fastest, highest, youngest? Analysing the athlete's experience of the Singapore Youth Olympic Games. *International Review for the Sociology of Sport*, 48(6), 706–719.
- Krieger, J.; & Kristiansen, E. (2016). Ideology or reality? The awareness of educational aims and activities amongst German and Norwegian participants of the first summer and winter Youth Olympic Games. *Sport in Society*, 19(10), 1503-1517.

- Kristiansen, E. (2013). Competing for culture: Young Olympians' narratives from the first Winter Youth Olympic Games. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13(1), 29-42.
- Kristiansen, E., MacIntosh, E. W., Parent, M. M., & Houlihan, B. (2017). The Youth Olympic Games: A facilitator or barrier of the high-performance sport development pathway? *European Sport Management Quarterly*, 18, 73–92.
- Kröeber, A. L. (1993). *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- Kuhn, T. S. (1998). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectivas.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (2000). Paradigmatic Controversies, Contradictions and Emerging Confluences. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 163-188). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Loland, S. (1995). Pierre de Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas. *Olympika*, IV, 49-78.
- Loland, S. (2012). A Well Balanced Life Based on 'The Joy of Effort': Olympic Hype or a Meaningful Ideal? *Sport, Ethics and Philosophy*, 6(2), 155-165.
- Longo, R. A., Tertuliano, I. W., Sena, A. B. D., Morão, K. G., Verzani, R. H., & Machado, A. A. (2017). A permanência de crianças e jovens nos esportes: Olhares para iniciação e especialização esportiva. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 15(2), 121-132.
- Lucas, L. B., & Passos, M. M. (2015). Filosofia dos valores: uma compreensão histórica epistemológica da ciência axiológica. *Conjectura: Filosofia e educação*, 20(2), 123-160.
- MacAloon, J. J. (1981). *This great symbol: Pierre de Coubertin and the origins of the modern Olympic Games*. Chicago: University of Chicago Press.
- MacAloon, J. J. (1984). *Rite, drama, festival, spectacle: Rehearsals toward a theory of cultural performance*. Philadelphia: ISHI.
- Macedo, R. S. (2010). *Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação*. Brasília: LiberLivro.
- MacIntosh, E.; Parent, M. & Culver, D. (2019). Understanding Young Athletes' Learning at the Youth Olympic Games: A Sport Development. *Journal of Sport Management Global*, 1-20.

- Marques, A. (2004). Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In A. Gaya, A. Marques, & G. Tani (Orgs). *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades* (pp. 75-96). Porto Alegre: UFRGS.
- Marques, R. F. R., Almeida, M. A. B. de, & Gutierrez, G. L. (2007). Esporte: Um fenômeno heterogêneo. Estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, 13(3), 225-244.
- Matsuura, K. (2006). Prefácio. In J. Bindé (Org.). *Para onde vão os valores?* (pp. 19-20) Lisboa: Instituto Piaget.
- Medeiros, A. G. A., Garcia, R. P., Santos, D. S. & Valente, J. A. S. (2020). Valores Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude: Um estudo de revisão de produções científicas. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*, 4, 96-112.
- Meinberg, E. (2007). Ética Olímpica: algumas características e perspectivas. In K. Rubio, A. Reppold Filho, N. Todt e R. Mesquita. *Ética e compromisso social nos estudos olímpicos* (pp. 57-74). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Melucci, A. (2004). *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Miranda, I. S. (2019). *Transição para fora do esporte: A dupla carreira de ex-atletas beneficiadas pelo programa Bolsa Atleta do Distrito Federal*. Brasília: I. Miranda. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.
- Moioli, A. (2013). *A relação das novas mídias de comunicação e o esporte: Rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol*. Rio Claro: A. Moioli. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias apresentada ao Instituto de Biociências de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista.
- Monteiro, A. O. (2007). *Desporto: Da Excelência a Virtude, um caminho de vida para crianças, jovens e adultos*. Braga: A. Monteiro. Dissertação de Doutorado em Educação Física apresentada à Universidade do Minho.
- Monteiro, A., & Garcia, R. P. (2012). O desporto no horizonte educativo da Aretê. In G. Tani, J. O. Bento, A. Gaya, C. Boschi, & R. P. Garcia (Eds.), *Celebrar*

- a lusofonia: Ensaios e estudos em desporto e educação física* (pp. 293-314). Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Monteiro, A. & Garcia, R. P. (2016). *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal.
- Monteiro, A. O., & Pereira, B. O. (2008). Desporto: Da excelência à virtude (areté) - Um caminho de vida. In B. O. Pereira, & G. S. de Carvalho, *Actividade física, saúde e lazer: Modelos de análise e intervenção* (pp. 421-429). Lisboa: LIDEL.
- Moreira, J. O., Rosário, A. B., & Santos, A. P. (2011). Juventude e adolescência: Considerações preliminares. *Psico*, 42(4), 457-464.
- Morin, E. (2006). A ética da complexidade e o problema dos valores no século XXI. In J. Bindé (Org.). *Para onde vão os valores?* (pp. 91-94) Lisboa: Instituto Piaget.
- Mota, F. M. (2020). Do intrínseco ao contexto: Estratificando valores olímpicos fundamentais. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 76-95.
- Mountjoy, M.; Rhind, D. J. A.; Tiivas, A.; & Leglise, M. (2015). Safeguarding the child athlete in sport: A review, a framework and recommendations for the IOC youth athlete development model. *Br J Sports Med*, 49, 883-886.
- Moura, W. C. de. (2011). *Axiologia e educação (física): Discursos de professores e alunos em tempos de relativismo*. Porto: W. Moura. Dissertação de Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.
- Mulhall, A. (2003). In the field: Notes on observation in qualitative research. *Journal of Advanced Nursing*. 41, 306-313.
- Müller, N. (2004). Olympic Education: University lecture on the Olympics. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB). Consult. 9 Out 2019, disponível em [Educació olímpica - UAB Digital Repository of Documents](#)
- Müller, N.; & Todt, N. (2015). *Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo: Seleção de textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Murden, A., & Cadenasso, J. (2018). *Ser jovem na era digital: Uma aproximação aos processos de construção da subjetividade*. Fundación SM e Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe).
- Naul, R., Binder, D., Rychtecky, A., & Culpan, I. (Eds.). (2017). *Olympic Education: An international review*. London: Taylor & Francis.
- Nissiotis, N. (1984). Olympism and Today's Reality. In *International Olympic Academy: Report of 24th Young Participants Session* (pp. 57-74). Olympia, Greece.
- Nista-Piccolo, V., & Nunomura, M. (2014). Os Jogos Olímpicos na perspectiva da Pedagogia do Esporte no Brasil. In: W. Moreira & J. O. Bento. *Citius, Altius, Fortius: Brasil, Esportes e Jogos Olímpicos* (pp. 171-208). Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Oliveira, A. (2019). Outras juventudes, outras temporalidades e outras formas de conduzir a vida. In: M. Paredes & L. Monteiro (Eds.) *Desde la niñez a la vejez: Luchas, resistencias y actores emergentes* (pp. 101-120). CLACSO.
- Oliveira, V. (2015). A relação entre esportistas e redes sociais: Uma análise de como os atletas utilizam o Instagram. In: A. L. Aroni & A. A. Machado (Eds.). *Novas mídias e esporte: Teoria e aplicação*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas.
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. (8ª ed.). Campinas: Pontes.
- Pais, J. M. (1996). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Pais, J. M. (2009). A Juventude como Fase de Vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*. 18(3), 371-381.
- Pais, J. M. (2014). De uma geração rasca a uma geração à rasca: Jovens em contexto de crise. In: P. Carrano & O. Fávero (Eds.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais* (pp. 71-95). Niterói: EdUFF.
- Pais, J. M. (2016). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Berlim: GD Publishing Ltd. & Co KG.

- Pais, J. M., Lacerda, M. P. C. de, & Oliveira, V. H. N. (2017). Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, (64), 301-313.
- Parry, J. (1994). The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application. *International Olympic Academy: Report of 34th Session of Young Participants* (pp. 181-197). Olympia, Greece.
- Parry, J. (2012). The Youth Olympic Games – Some Ethical Issues. *Sport, Ethics and Philosophy*, 6(2), 138-154.
- Patrício, M. F. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Patrício, M. F. (Org.) (1997). *A Escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora.
- Patton. M. Q. (2005). *Qualitative evaluation and research methods*. (4th ed.). Newbury Park: Sage Publications.
- Pereira, A. L. (2013). Para uma pesquisa no terreno em Ciências do Desporto. In I. Mesquita & A. Graça (Eds.). *Investigação Qualitativa em Desporto* (Vol. 1, pp. 97-120). Porto: Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Pereira, A. M. (2021). Desporto e a busca da condição humana. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 5, 59-78.
- Pereira, C. da S. (2010). Juventude como conceito estratégico para a publicidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 7(18), 37-54.
- Perez, C. R. (2017). *O entendimento de valores olímpicos por atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: C. Perez. Tese de Doutorado em Ciências apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- Peters, M., & Schnitzer, M. (2015). Athletes' expectations, experiences and legacies of the Winter Youth Olympic Games Innsbruck 2012. *Journal of Convention & Event Tourism*, 16(2), 116-144.
- Pimenta, M. M. (2007). *"Ser jovem" e "ser adulto": Identidades, representações e trajetórias*. São Paulo: M. Pimenta. Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- Piermattéo, A., Lo Monaco, G., Reymond, G., Eyraud, M., & Dany, L. (2020). The meaning of sport and performance among amateur and professional athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18(4), 472-484.
- Prenksy, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Preuss, H., Schütte, N., Könecke, T. & DaCosta, L. (2014). Olympic Ideals as seen by Olympic Scholars and Experts. *Mainzer Papers on Sports Economics & Management*. Working Paper nº 13.
- Prieto, J. L., Caro, L. C., Delgado, F. H., & Preciado, V. G. (2015). Efectos de un programa de juego limpio en los factores personales de la deportividad de jugadores de fútbol alevín en Cádiz. *Cultura\_Ciencia\_Deporte*, 10 (29), 113-124.
- Prost, A., & Vicent, G. (Orgs.). (1992). *História da vida privada 5: Da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Prüschenk, N.; & Kurscheidt, M. (2017). Do the Youth Olympic Games have the potential to shift perceptions of Olympism? Evidence from young people's views on Olympic values. *International Journal of Sport Management and Marketing*, 17(4/5/6), 351-380.
- Puig, N., & Heinemann, K. (1991). El deporte en la perspectiva del año 2000. *Papers: Revista de sociologia*, 38, 123-141.
- Queirós, P. M. L. (2002). *O corpo na educação física: leitura axiológica a luz de práticas e discursos*. Porto: P. Queirós. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Queirós, P. M. L. (2004). Para um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto. In A. Gaya; A. Marques; G. Tani. (Orgs). *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades* (pp. 187-198). Porto Alegre: UFRGS.
- Reale, M. (1991). Invariantes axiológicas. *Estudos Avançados*, 5(13), 131-144.
- Reis, M. (2009). *O valor educativo da competição*. Porto: M. Reis. Dissertação de Mestrado em Gestão Desportiva apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Resweber, J-P. (2002). *A Filosofia dos Valores*. Coimbra: Almedina.
- Rios, G. B. (2006). O processo de esportivização do taekwondo. *Pensar a Prática*, 8(1), 37-54.
- Rocha, H. P. A., Bartholo, T. L., Melo, L. B. S., & Soares, A. J. G. (2011). Jovens esportistas: Profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz*, 17(2), 252-263.
- Rosina, D., & Veloso, R. C. (2019). Heróis nacionais: Entre a figura do herói e a representação nacional nos Jogos Olímpicos. In K. Rubio (Org.). *Do pós ao neo Olimpismo: esporte e Movimento Olímpico no século XXI* (pp. 61-74). São Paulo: Laços.
- Rowland, J. (2017). Os jovens num mundo conectado: Mobilidades, lazeres e internet. In V. S. Ferreira, M. Costa Lobo, J. Rowland & E. Sanches (Eds.). *Geração Milénio? Um Retrato Social e Político* (pp. 79-122). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais - ICS.
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2002). Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para reflexão do esporte atual. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 16 (2), 130-143.
- Rubio, K. (2007). Sobre as origens do esporte moderno e do Olimpismo. In K. Rubio. (Org.). *Educação Olímpica e responsabilidade social* (pp. 149-168) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2019). *Do pós ao neo Olimpismo: Esporte e Movimento Olímpico no século XXI*. São Paulo: Laços.
- Salgado, J. V. V., & Mikahil, M. P. T. C. (2006). Corrida de rua: Análise do crescimento do número de provas e de praticantes. *Conexões*, 4 (1), 90-98.
- Sanmartin, M. G. (1995). *Valores sociales y deporte – La actividad física y el deporte como transmissores de valores sociales y personales*. Madrid: Gymnos, Editorial Deportiva, S.L.
- Santana, M. S. (2011). A categoria Juventude na pesquisa histórica: Notas metodológicas. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, Brasil.

- Santos, C. A. F. (2014). *Os jovens, o consumo e a identidade: Uma trilogia contemporânea? O consumo de marcas de vestuário e de calçado e a construção identitária juvenil*. Lisboa: C. A. Santos. Dissertação de Doutoramento em Sociologia apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE.
- Santos, C. P., & Fernandes, D. (2011). A socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(1), 169-203.
- Santos, D. S., & Medeiros, A. G. A. (2009). O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. *Pensar a Prática*, 12(3), 1-11.
- Santos, H. (2005). *Dos valores éticos à prática desportiva – Estudo com jovens do 3º ciclo do ensino básico*. Porto: H. Santos. Dissertação de Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.
- Santos, J. B. C. (2002). Análise qualitativa de *corpus* documental. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 5, 60-75.
- Santos, R. J. dos. (1992). *A publicidade e a representação da juventude: Um estudo sobre os mecanismos da produção publicitária*. Campinas: R. J. dos Santos. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada à Universidade Estadual de Campinas.
- Sato, A., Kamei, A., Kamihigashi, E., Dohi, M., Komatsu, Y., Akama, T., & Kawahara, T. (2012). Use of supplements by young elite Japanese athletes participating in the 2010 Youth Olympic Games in Singapore. *Clinical Journal of Sport Medicine*, 22(5), 418–423.
- Savage, J. (2009). *A criação da juventude: Como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Schnitzer, M., & Chappelet, J. L. (2014). Bidding for and financing the Youth Olympic Games. In D. V. Hanstad, M. M. Parent & B. Houlihan (Eds.). *The Youth Olympic Games* (pp. 53-74). London: Routledge.
- Schnitzer, M.; Peters, M.; Scheiber, S.; & Pocecco, E. (2014). Perception of the culture and education programme of the Youth Olympic Games by the

- participating athletes: A case study for Innsbruck 2012. *The International Journal of the History of Sport*, 31(9), 1178–1193.
- Schnitzer, M.; Walde, J.; Scheiber, S.; Nagiller, R.; & Tappeiner, G. (2018). Do the Youth Olympic Games promote Olympism? Analysing a mission (im)possible from a local youth perspective, *European Journal of Sport Science*, 18(5), 722-730.
- Schwartz, G. M. (2002). Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In M. S. Burgos, & L. M. S. M. Pinto (Org.). *Lazer e estilo de vida* (pp. 139-168). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Seippel, O. (2006). The meanings of sport: Fun, health, beauty or community. *Sport in society*, 9(1), 51-70.
- Serpa, S., & Teques, P. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Deporte*, 22(2), 533-539.
- Silva, M. L., & Rubio, K. (2003). Superação no esporte: Limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(3), 69-76.
- Singapore 2010 Youth Olympic Games Organising Committee – SYOGOC (2010). *Blazing The Trail, Singapore 2010 Youth Olympic Games Official Report*. Singapore: Author.
- Skille, E., & Houlihan, B. (2014). The contemporary context of elite youth sport: The role of national sport organisations in the UK and Norway. In D. V. Hanstad, M. Parent & B. Houlihan (Eds). *The Youth Olympic Games* (pp. 34-50). London: Routledge.
- Sousa, C. (2011). Novas linguagens e sociabilidades: Como uma juventude vê novas tecnologias. *Interacções*, 17, 170-188.
- Sousa, C. C. de; & Leão, G. M. P. (2016). Ser Jovem e Ser Aluno: Entre a escola e o Facebook. *Educação & Realidade*, 41(1), 279-302.
- Souza, A. L.; Mataruna-dos-Santos, L. J. & Tavares, O. (2019). Os Jogos Olímpicos da Juventude: Buenos Aires, Cidade Olímpica. In: K. Rubio (Org.). *Do pós ao neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI* (pp. 231-246). São Paulo: Laços.

- Sposito, M. P. (2014). Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In P. Carrano & O. Fávero (Eds.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais* (pp. 97-130). Niterói: EdUFF.
- Tavares, O. (1999). Referenciais teóricos para o conceito de Olimpismo. In O. Tavares & L. P. DaCosta (eds). *Estudos Olímpicos* (pp. 223-237). Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- Tavares, O. (2007). Valores olímpicos no século XXI. In K. Rubio, A. R. Reppold Filho, N. S. Todt & R. M. Mesquita (Orgs.). *Ética e compromisso social nos estudos olímpicos* (pp. 181-202). Porto Alegre: Editora da PUC-RS.
- Todt, N. (2009). As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de verão, sob uma perspectiva da Educação Olímpica. In A. R. Reppold Filho *et al* (Orgs.). *Olimpismo e educação olímpica no Brasil* (pp. 111-122). Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Torres, C. R. (2010). The Youth Olympic Games, their programs and Olympism. *Kinesiology, Sport Studies and Physical Education Presentations and Papers*. 3, 1-24.
- Torri, D.; & Vaz, A. F. (2006). Do centro à periferia: Sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(1), 185-200.
- Truccolo, A. B., Maduro, P. A., & Feijó, E. A. (2008). Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. *Motriz*, 14(2), 108-114.
- Valle, M. P. (2003). *Atletas de alto rendimento: Identidades em construção*. Porto Alegre: M. P. Valle. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Vaz, A. F. (2005). Teoria crítica do esporte: Origens, polêmicas, atualidade. *Esporte e Sociedade*, 1(1), 1-23.
- Verardi, C. E. L., & De Marco, A. (2008). Iniciação esportiva: A influência de pais, professores e técnicos. *Arquivos em Movimento*, 4(2), 102-123.

- Wamsley, K. B. (2004). Laying Olympism to Rest. In J. Bale & M.K. Christensen (Eds). *Post-Olympism? Questioning Sport in the Twenty-first Century* (pp. 231-242). Oxford: Berg.
- Wong, D. (2012). Expect the Unexpected? An evaluation of the Singapore 2010 Youth Olympic Games. *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, 4(2), 138-154.
- Zuin, P. B. (2011). Considerações a respeito do significado e sentido em Vygotsky e Bakthin: Encaminhamentos para o ensino da língua. *Trilhas Pedagógicas*, 1(1), 23-37.